

Hamilton Rodrigues Tabosa
Odete Máya Mesquita Sales
Cynthia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso
Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra

(ORGANIZADORES)

Construindo pontes entre o saber e a sociedade

*Histórias e
memórias
dos 60 anos
do Curso de
Biblioteconomia
da UFC*



Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Ceará
Desde 1954



Construindo
pontes entre
o **Saber** e a
Sociedade

Histórias e memórias dos 60 anos
do Curso de Biblioteconomia da UFC



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Prof.^a Diana Cristina Silva de Azevedo

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. João Guilherme Nogueira Matias

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.^a Regina Célia Monteiro de Paula

Diretor do Centro de Humanidades

Prof. Cícero Anastácio Araújo de Miranda



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA UFC

Diretor

Francisco Charles Rocha e Silva Ribeiro

Hamilton Rodrigues Tabosa
Odete Máyra Mesquita Sales
Cynthia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso
Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra
(Organizadores)

Construindo
pontes entre
o **Saber** e a
Sociedade

Histórias e memórias dos 60 anos
do Curso de Biblioteconomia da UFC



Fortaleza
2024

Construindo pontes entre o saber e a sociedade: histórias e memórias dos 60 anos do Curso de Biblioteconomia da UFC

Copyright © 2024 by Hamilton Rodrigues Tabosa, Odete Máyra Mesquita Sales, Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso, Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra (organizadores)

Todos os direitos reservados

PUBLICADO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2932, Benfica, Fortaleza – Ceará, Brasil

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Adriano Santiago

Normalização bibliográfica

Marilzete Melo Nascimento

Layout gráfico, correção de imagens, diagramação

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Editora filiada à



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

C758 Construindo pontes entre o saber e a sociedade [livro eletrônico] : histórias e memórias dos 60 anos do Curso de Biblioteconomia da UFC / Hamilton Rodrigues Tabosa, Odete Máyra Mesquita Sales, Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso e Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra. (organizadores). - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2024.
11.990 kb : il. color. ; PDF.

ISBN: 978-85-7485-530-1

1. Curso de Biblioteconomia – História. 2. Biblioteconomia/UFC – memórias.
3. Biblioteconomia/UFC – 60 anos. I. Tabosa, Hamilton Rodrigues (org.). II. Sales, Odete Máyra Mesquita (org.). III. Cardoso, Cyntia Chaves de Carvalho Gomes (org.). IV. Guerra, Maria Áurea Montenegro Albuquerque (org.). V. Título.

CDD 020

Elaborada por: Marilzete Melo Nascimento – CRB 3/1135

Apresentação

Em 2024, o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), celebra seis décadas de existência, um marco histórico que merece ser comemorado e registrado. Esta obra, resultado de um processo colaborativo e participativo, reúne narrativas e reflexões de alunos, ex-alunos, professores e servidores que, ao longo desses anos, construíram a rica trajetória do curso.

Ao longo de suas seis décadas, o Curso de Biblioteconomia da UFC acompanhou as transformações sociais, culturais e tecnológicas do país, adaptando-se às novas demandas da sociedade e contribuindo para a formação de profissionais qualificados e comprometidos com a informação e com o conhecimento. As páginas deste e-book são um testemunho dessa jornada, revelando a paixão pela leitura, a busca pela informação e o compromisso com a democratização do acesso ao conhecimento, que sempre caracterizaram o [Curso de Biblioteconomia da UFC](#).

As diversas temáticas abordadas neste livro – desde a história e a evolução do curso até as perspectivas futuras da profissão – oferecem um panorama abrangente e multifacetado do nosso curso e da própria Biblioteconomia como profissão. Através de relatos pessoais, artigos, resultados de projetos de pesquisa e experiências profissionais, os autores compartilham suas memórias, reflexões e contribuições, construindo um mosaico rico e diversificado que reflete a identidade do curso.

Este e-book é mais do que uma simples celebração de um aniversário. É um convite à reflexão sobre o passado, um registro do presente e uma projeção para o futuro. Ao resgatar histórias e memórias, buscamos valorizar o legado construído ao longo de seis décadas e inspirar as futuras gerações de bibliotecários.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram para a realização deste projeto, bem como à Coordenação do Curso de Biblioteconomia e ao Departamento de Ciências da Informação da UFC pelo apoio e incentivo. Que esta obra sirva como fonte de inspiração e conhecimento para todos aqueles que se interessam pela história e pelo futuro da Biblioteconomia.

Comissão Organizadora:

Prof. Hamilton Rodrigues Tabosa

Profa. Odete Máyra Mesquita Sales

Profa. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso

Profa. Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra

Prefácio

Na contemporaneidade, os ambientes de informação se tornaram cada vez mais críticos, reflexivos, nos quais, também, a história registra fatos que não se pode omitir do próprio contexto a que estamos vinculados. E são eles mesmos que nos remetem a rememorar as ocorrências que tal história engloba.

Comemorar 60 anos de existência, no caso do Curso de Biblioteconomia, e, igualmente, festejar 70 anos da Universidade Federal do Ceará (UFC) são, portanto, fatos a serem celebrados e acentuados; é, sobretudo, reviver a plenitude de sentimentos, de diálogos, de mudanças e de performances. De lançarmos olhares diferenciados para ações, aulas, pesquisas, lições, extensão, gestão... eventos quase inúmeros que remetem a lembranças, desafios e emoções.

O que poderá ter acontecido durante esse período, esse grandioso lapso do tempo no circuito temporal destas duas entidades? A obra ora prefaciada fala sobre isto e, de certo modo, no escopo do nosso dever cidadão de reconhecer as organizações que lidam e, como líderes, nos encaminham a resultados pessoais e sociais auspiciosos.

Quem são os responsáveis por tais informações, estórias, narrativas? Pessoas que passaram, agiram e, simultaneamente, aconteceram e hoje nos propiciaram o que verdadeiramente comemorar, na qualidade de docentes, de discentes, de gestores, de atores que transitaram e transitam neste ambiente acadêmico, neste espaço físico e mental que, a rigor e justificados, estamos homenageando.

Parabenizamos, de início, os influenciadores e fundadoras do curso, o grande reitor Martins Filho, reverberando o que já ouvimos de tantas e tantas vezes expresso – “o Reitor dos Reitores” –, sendo isto subida honra sem demérito aos demais.

Ele foi o maior mentor da criação do Curso de Biblioteconomia, quando solicitado pela presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro da Informação Científica e Tecnológica (IBICT), Lídia de Queiróz Sambaqui, quando esteve em Fortaleza, em 1963, para participar do 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação – (CBBDD), ocasião em que, por sua sugestão, nasceu, como recomendação desse evento, a criação do mencionado curso, acatada, de pronto, pelo então reitor Martins Filho.

Homenagem às bibliotecárias Conceição de Sousa (primeira bibliotecária do Ceará), e às professoras Aracy Fiuza Costa, Cleide Ancilon de Alencar Pereira e Maria Herbene Barbosa Lima Maia, já formadas pela Biblioteca Nacional e já atuantes como bibliotecárias. Logo se consolidou o corpo docente inicial do Curso, inclusive com as bibliotecárias Almery Cordeiro Lima, Lilian Pimentel Gomes, Maria Antonieta Figueiredo Bezerra, Fernandina Fernandes Lino, todas igualmente formadas pela Biblioteca Nacional.

Assim, essa força docente iniciou o currículo do Curso, em 1964, tendo completado, em fevereiro deste ano de 2024, seus 60 anos de criação e, em 2025 próximo, celebrando 60 anos de instalação.

Este fruto cheio de sementes, esta obra, assim, resultou nesta árvore frondosa de dezenove capítulos, em que se retrata, na visão dos respectivos autores, o que representou esse período agora tão decantado.

Sentimentos, expectativas, perspectivas profissionais de atuação, currículo, formação e olhares docentes e discentes, o

Curso e seus projetos, realidades e consequências, processos, procedimentos e instâncias; a realização do ser bibliotecário; empreitadas extensionistas de valor sociocientífico e cultural; competências e perfis; anseios e desafios, voluntariado, bibliotecas, laboratórios, práticas e experiências do Curso, enfim, o seu, ou ainda, o nosso relato e narrativa dele e por ele.

Àqueles que tenham interesse pela área encantadora da Biblioteconomia e por conhecer nossa história por meio dos seus registros, recomendamos a leitura. Faz-se necessário termos memória. Em narrativa de Edson Neri da Fonseca, bibliotecário muito questionador, ele chama a atenção de como ser ou não ser bibliotecário, e ele disse: “se um computador cataloga, indexa e classifica melhor que um bibliotecário, então por que diabos um bibliotecário seria necessário?” Admitamos que a abordagem faz toda a diferença. O modo, às vezes, muda quase tudo!

A partir da leitura desse maravilhoso livro, prezado leitor e leitora, em que se apresenta a informação para efeito de uma comunicação acompanhada pela tecnologia atual e que ofereça variadas formas e formatos de visualizar o que está posto em cada capítulo desse volume de informações, há a oportunidade de se integrar no sentido do Curso de Biblioteconomia.

Enfim, o fazer da Biblioteconomia cearense, em certo grau, é expresso por meio dos capítulos dessa obra que trata e ilustra o mister e a formação profissional de bibliotecários e bibliotecárias e, ainda, o papel do curso superior nessa área. Os autores, enfatizando, se debruçaram em torno de temáticas as mais diversas.

Acompanhando os temas aludidos nessa produção, acredito ser visível para os leitores – repetimos: narrativas, memórias, passagens, lembranças, acontecimentos, fatos, casualidades, impressões, situações estas juntas ao Curso de Biblioteconomia, somando a formação, competências e atuação de bibliotecários e bibliotecárias, trabalhos de extensão – diferentes olhares para o

Curso, com discursos que possam chamar a sua atenção de inúmeros momentos que dizem respeito ao prestigiado curso. Enfim, respeito e prestígio pelos justos critérios da meritocracia merecem a UFC e seu estimado Curso de Biblioteconomia!

Boa leitura!

Maria de Fátima Oliveira Costa

Professora titular do Departamento de Ciências da Informação
e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
da Universidade Federal do Ceará.

Sumário

1	Sentimentos e expectativas geradas nos estudantes de Biblioteconomia	13
2	Perspectivas sobre ingresso e atuação profissional	33
3	Perspectivas para formação do profissional da informação: o enfoque do novo currículo do Curso de Biblioteconomia da UFC no desenvolvimento de competências	55
4	Olhares discente e docente sobre o Curso de Biblioteconomia: relato de experiência	72
5	O que a Biblioteconomia me proporcionou e como me tornei um bibliotecário audiovisual	89
6	O projeto “Ler para Crer”, bibliotecas comunitárias e extensão universitária no Curso de Biblioteconomia da UFC	125
7	O laboratório de preservação, conservação e restauro de acervos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (Labpres/UFC): trajetórias em evidências	138
8	Notas sobre a trajetória do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará	152
9	Iniciação à docência no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará	173

10	Identidade visual e comunicação da Biblioteca-Laboratório nas redes sociais	191
11	Gênese do projeto de extensão Clube da Leitura	209
12	“Fora da caixa”: atividades pedagógicas e extensionistas do curso: um relato de experiência	229
13	Desafios do acesso à informação na sociedade da informação: o papel do bibliotecário	241
14	Considerações sobre a gênese do ensino de Biblioteconomia no Ceará	256
15	Competências essenciais para atuação bibliotecária: o caso da Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib)	270
16	Biblioteconomia social: relato de experiência de voluntariado	289
17	Biblioteca-Laboratório (Labib): teoria e prática na formação de bibliotecários – integrando a Biblioteconomia à extensão universitária	302
18	A extensão universitária como agente de transformação social para além dos limites da sala de aula	319
19	Curso de Biblioteconomia da UFC – memória pessoal	331

Sentimentos e expectativas geradas nos estudantes de Biblioteconomia

Iara Ferreira de Araújo

Estudante de graduação 3º semestre no curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/5178970743396133>.

Regivaldo José Silva Guedes

Estudante de graduação 3º semestre no curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/2908462966644242>.

Luiz Tadeu Feitosa

Orientador do trabalho, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/2053936680844527>.

Sonhos, caminhos e descobertas: uma biblioteconomia a revelar segredos

Em uma visão um tanto sentimental para nós, a Biblioteconomia se configurou como uma realização de sonhos, devido ao fato de que ambos passamos a vida toda vendo a universidade como algo inalcançável, principalmente por questões sociais históricas que afastam segmentos sociais menos favorecidos das universidades. Para dar conta desses nossos sonhos, alternamos neste texto o “nós”, quando falarmos das duas autorias, e o “eu”, quando a voz de cada um for identificada.

A Biblioteconomia entrou na minha vida antes mesmo de saber o que ela era; veio por meio da leitura ativa. Por gostar de ler, eu queria trabalhar com livros e assim pesquisei cursos que poderiam me proporcionar isso, o que me levou a optar por esse curso. Eu, lara, vim do interior, e o curso foi também a oportunidade de sair de lá para estudar aquilo que amo: os livros; de me formar em um curso superior, algo que eu não acreditava mais ser possível por ter visto minha família aos poucos desistindo dos estudos, por falta de universidades públicas na cidade de Iguatu, onde vivi. Porém, quando saiu o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), vi a oportunidade de mudar esse cenário, tendo conseguido uma vaga, e agora estou conhecendo o curso de que eu tinha expectativas e imaginava o que estudaria; mas tive uma surpresa muito grande quando comecei a faculdade e vi que ia muito além do que eu imaginava; e foi muito interessante perceber que tudo o que víamos em sala era bem presente na socie-

dade, com maior clareza sobre as relações entre as disciplinas estudadas e o mundo à minha volta, aspecto também notado na trajetória do coautor deste ensaio, que nos fala agora.

Para mim, Regivaldo, filho de trabalhadores, nascido e criado na periferia de Fortaleza, no bairro do Jardim Iracema, não tinha muitas expectativas sobre a faculdade, pois, desde cedo, sabia da dificuldade de se ingressar em uma universidade pública e, com uma educação básica, frequentando escolas públicas do município, estudava em meio às greves com professores que ainda tinham motivação e outros com visíveis desânimos.

Hoje entendo que não tinha como culpá-los, pois, com a desvalorização da profissão de mestre do saber nesse país, não deviam estar mesmo contentes. Com uma nota razoavelmente boa e com a ajuda da política de cotas raciais, consegui ingressar na Universidade Federal do Ceará (UFC). Tentei como primeira opção o curso de Geografia (licenciatura), para o qual não obtive nota suficiente, mas consegui ficar acima da nota de corte na minha segunda opção. Assim, aos 32 anos de idade, entrei no curso de Biblioteconomia. Estava tudo certo para entrar no segundo semestre de 2023, mas, como nada acontece de maneira comum, fui chamado para suprir vaga remanescente; então ingressei no curso ainda no primeiro semestre, com as aulas tendo começado quase um mês antes e com conteúdo para recuperar. No curso, conheci pessoas que não iria conhecer se tivesse sido diferente. Deus escreve certo por linhas tortas.

Ambos não tínhamos a figura do bibliotecário em nossa formação básica, pois muito do que nos era oferecido era uma sala de multimeios, que ficava a cargo de um professor que não era bibliotecário de formação e sem conhecimentos teóricos e técnicos para a função que, agora, conhecendo, sei que não tinham. Então, infelizmente, não sabíamos sobre o curso, o que se estudava ou o seu papel social com a sociedade.

Na sua definição mais comum, a Biblioteconomia é a área responsável pela organização, tratamento e gestão da informação, com disciplinas e técnicas para a classificação, catalogação, indexação, preservação, restauração e gestão de bibliotecas, sejam elas públicas ou particulares. O aspecto técnico dessa definição em nada depõe contra a área do conhecimento, mas um pouco distante do que realmente é a Biblioteconomia que, no seu íntimo, possui um caráter político e sociocultural, o que torna sua abrangência e ações bem mais complexa.

No princípio, o bibliotecário se dedicou à organização e preservação dos livros, quando a informação só tinha o livro como suporte físico e era de difícil acesso. Porém, com as revoluções em busca da democratização da cultura e a chegada da tecnologia, tais profissionais perceberam seu dever social com o público e, desde então, vêm lutando não só para garantir o acesso a elas, mas também assegurar que essas informações sejam legítimas, pois, com a chegada da tecnologia, os usuários passaram a ter acesso a um *boom* de informações; a sociedade passou a ter muitas informações e pouco conhecimento, sem tempo, e com dificuldades de averiguar a veracidade delas, abrindo espaço para a propagação de fake news, por exemplo. Diante desse cenário, surge a necessidade de um posicionamento dos profissionais, que têm como objeto de estudo a informação, sendo o bibliotecário, um deles.

Moro e Estabel (2011, p. 13-14) dizem que:

A biblioteca passou a acolher, além do ser humano, o ser social, que compartilha, que troca e que busca nas fontes, o conhecimento, que não está apenas registrado em livros, mas em diversos suportes em uma rede que integra pessoas e novas aprendizagens. E neste compartilhar, construir, colaborar e cooperar, encontra um espaço democrático, com recursos acessíveis, espaços de discussão e de trocas, cadeados que são abertos com a chave do acesso. Neste processo, o bi-

bibliotecário passa a ser o mediador entre a informação e o usuário, a ponte, o bibliotecário-educador.

Essa fala de Moro e Estabel (2011) reafirma a importância de o bibliotecário entender seu papel social na sociedade, e o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) vem se esforçando para garantir isso. São 60 anos de ampliação do seu raio de atuação e voltado às mais complexas marcas e fatos deliberados pelos fenômenos informacionais. Falaremos aqui das disciplinas que, ao final do nosso segundo semestre, fomos tocados por seus ensinamentos e pelo entusiasmo dos professores que as mediaram.

No rastro de dois semestres já intensos, vivenciamos o universo de disciplinas que ressaltam o lado social da profissão, como História dos Registros do Conhecimento (HRC), ministrada maravilhosamente pela Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante, que mostra o quanto os suportes mudaram e as sociedades também; o papel das bibliotecas como agente social também se adequou aos novos moldes dessa sociedade e formas de registrar, guardar e disseminar todo o seu conhecimento armazenado, não sendo só um depósito de livros como muitos pensam.

Nesse tocante, fomos apresentados a Shiyali Ramamrita Ranganathan que, à luz de suas leis, referiu-se à biblioteca como um organismo vivo e complexo em constante crescimento, dinamicidade e atualização, porquanto é um produto da cultura, com suas leis próprias e seus dinamismos no interior das culturas onde as bibliotecas estão. Nesse aspecto, o acervo de livros de uma biblioteca é dirigido às pessoas e não para ela própria.

Porém, apesar das mudanças que estudos e reflexões como o desse matemático e bibliotecário indiano renderam para o universo em expansão da Biblioteconomia, ainda nos dias de hoje, o livro continua sendo um objeto de luxo, que escancara a desigualdade social, pois ainda faltam muitas bibliotecas e democrati-

zação ao acesso dessa cultura. Ranganathan (2009), em suas leis, diz que para cada leitor há um livro para chamar de seu, e para cada livro há um leitor respectivo. Precisamos de liberdade para escolher o que vamos ler, para procurar o que nos interessa, o que nos representa. Sim, porque leitura também é identificação e é envolvida em ações complexas que vão do desejo à obrigação, da informação ao conhecimento, da cultura geral ao entretenimento, e como a sociedade vai fazer isso se nem acesso tem a esses livros? Foram muitos e oportunos os aprendizados na disciplina de HRC.

Na cadeira de Teoria e Prática da Leitura, ministrada pela professora Lidia Eugenia, refletimos também sobre isso; com foco na importância de uma mediação de leitura adequada, vimos que a melhor forma de tornar alguém um leitor é deixando que ele tenha contato com os livros, sem impor nada; desde criança. Mas isso, infelizmente, não é possível, porque faltam políticas públicas que deem a devida importância para a leitura, para projetos sociais que vão oferecer o mínimo de cultura, que ainda se constitui um “artigo de luxo”. Então nós, profissionais da informação, sabendo de tudo isso, temos um dever com a sociedade: proporcionar isso a ela, nem que seja um pouco, e continuar lutando pela informação e pela sociedade.

Como desdobramento dessas reflexões, a questão aparentemente simples, mas carregada de aspectos que merecem reflexão é: de que adianta preservar, organizar e até restaurar certas informações, se o povo, que é responsável pela criação delas, não tem o direito de ter acesso a elas? Como vamos evoluir como sociedade assim?

Portanto, a mediação cultural e informacional é necessária para incluir todas as classes sociais. Segundo Santos (2018, p. 55, *apud* UFPE, 2011), o bibliotecário deve ser “[...] agente de mediação cultural contribuindo para a redução das assimetrias entre indivíduos ou grupos e os bens simbólicos em contextos sociais específicos”, fazendo assim o povo dono da biblioteca e possuidor do conhecimento, este que irá mudar sua realidade.

Ainda no primeiro semestre tínhamos a disciplina do Prof. Dr. Wagner Chacon: Cognição, Tecnologia e Informação, em que fomos apresentados e convidados a pensar em como as tecnologias mudam nossa forma de pensar e como mudamos essa forma através dos tempos; como nossa capacidade cognitiva nos ajuda a compreender de fato as coisas.

Antigamente parávamos para ver vídeos ou paisagens; hoje, com a popularização das redes sociais associada à velocidade que a informação percorre o mundo, um vídeo de 30 segundos é absurdamente longo. Essa geração parece distante da sensibilidade de parar e pensar. É como se houvéssimos nos transformado apenas em disparadores automáticos de *likes* e vídeos, os quais não lemos ou não assistimos a tudo, como “leitores” de títulos, cujos conteúdos podem estar voltados à produção, circulação e compartilhamento de fake news, de produção massiva de informações fraudulentas, como vimos no processo eleitoral brasileiro de 2018 e 2022.

A cultura alimenta a alma, mas também alimenta a cognição, que é muito importante para sermos quem somos. Nas aulas do professor Chacon, isso ficou evidente e escancarou um problema que a sociedade atual enfrenta: o excesso de tecnologia e como isso nos afeta. Estamos cada vez mais dependentes da internet. Em Teoria e Prática da Leitura, vimos a importância do contato das crianças umas com as outras e com os livros, mas a chegada da tecnologia parece criar empecilhos para esse contato e as ações gregárias como importantes nas e para as culturas. Crianças vivem com o celular desde os primeiros meses de vida e já é possível ver os resultados disso: notícias de crianças não conseguindo desenvolver a fala, socializar-se com os outros, entre outras coisas. E isso acontece também pela falta de tempo dos pais; para muitos, tendo que trabalhar 40 horas por semana, alguns até mais, não sobra tempo para dar atenção a essas crianças, fora o fato de que grande parte delas não têm bibliotecas ou projetos o suficiente para garantir que as crianças tenham esse contato. E as poucas

que têm se localizam em lugares longe, como a Biblioteca Pública Estadual do Estado do Ceará (BECE), na nossa realidade fortalezense. Daí o levantamento de questões aparentemente simplistas, mas que guardam reflexões que precisam ser feitas: como pais cansados, depois de uma semana intensa de trabalho, vão ter disposição para passar mais de três horas dentro de ônibus para irem e voltarem desses lugares? Não vão. Assim acabam recorrendo aos celulares que tendem a limitar ações de informações e de conhecimento de tais crianças.

Para além dos saberes sociais de como lidar com esse mundo digital, é importante saber os técnicos também. As disciplinas de tecnologia da informação nos garantiram isso. Realçamos as mediações da Profa. Dra. Máyra Mesquita na disciplina Tecnologia da Informação I, fundamentais para consolidar a percepção do quanto tecnologia e informação caminham lado a lado.

Com aulas muito boas e noções básicas de sistemas de tecnologias sempre aplicadas à Biblioteconomia, garantindo que as informações fossem registradas da melhor maneira possível para facilitar a procura dos usuários, concordamos que as futuras matérias, as quais seremos apresentados nos semestres seguintes, serão importantes para a compreensão de técnicas e tecnologias na gestão de informação e conhecimento. Referimo-nos às disciplinas Recuperação da Informação, Fontes Gerais de Informação e Controle dos Registros de Conhecimento.

Em Tecnologias da Informação 2, com o Prof. Dr. Osvaldo de Sousa, aprendemos como usar os avanços tecnológicos a nosso favor, fazendo uso dos sistemas mais avançados e personalizados para biblioteca.

Essas disciplinas nos mostram que, apesar de a tecnologia não ser nossa área central, é importante termos esse embasamento sobre sistemas, metadados etc., já que agora o suporte digital é responsável por guardar muitas informações e é da nossa responsabilidade tanto no tocante à organização, circulação,

compartilhamento e recepção de informação para o progresso sociocultural, político, econômico etc., como para tentar mitigar um pouco as informações fraudulentas, as fake news, e modos afins de produção de desinformação.

Como se pode notar na presente narrativa de dois alunos recém-ingressos no sexagenário curso de Biblioteconomia da UFC, há uma relação de empatia entre nossas expectativas profissionais e de formação acadêmica com o que nos foi e será transmitido pela grade curricular do curso e das experiências docentes e de pesquisa dos seus mediadores. Aliás, vale ressaltar que as ações de ensino, de pesquisa e de extensão, mais do que apenas nos ensinar, são convites para construirmos juntos as muitas facetas do fazer bibliotecário.

No decorrer dos dois primeiros semestres, vimos como o curso de Biblioteconomia tenta trazer em suas disciplinas um apelo social da biblioteca, trazendo informações e inundando-nos de conhecimento, que nos tiram a imagem de uma biblioteca parada, em que o bibliotecário está lá somente para ser o “empresador” de livros, mas um lugar onde a sociedade pode circular e fazer cultura nela, onde as paredes parecem vivas, já que abrigam diálogos, discussões, descobertas partilhadas. Não se trata de um lugar escuro ou sombrio, como os mosteiros, mas um lugar cheio de esperança e sentimentos, pautado pelas mediações todas, que veremos ao longo deste ensaio.

Biblioteconomia no plural: saberes que se inter cruzam

A Biblioteconomia é uma ciência interdisciplinar, ou seja, permeia várias outras ciências e disciplinas com as quais dialoga, recebe e dá. Essa interdisciplinaridade contribui muito para o nosso curso e a formação que ele traçou como missão forma-

dora e profissional. É um viés investigativo que torna o curso versátil e, principalmente, uma ciência que não é só técnica, mas também social.

Segundo Silva e Feitosa (2007), interdisciplinaridade é explorar o objeto de estudo em cooperação com outras visões de modo a ampliar, com a ajuda das outras disciplinas, o estudo do objeto em questão. E no curso de Biblioteconomia da UFC já vemos isso logo de antemão; basta observar a grade curricular do primeiro semestre, que começa com Introdução à Sociologia, a qual nos foi lecionada pelo professor Dr. Marcelo Natividade, em que tivemos uma abordagem diferente, na qual discutimos de fato sobre o que acontecia ao nosso redor, de acordo com textos trazidos pelo professor, que sempre trazia experiências nossas e dele próprio para que compreendêssemos melhor. No começo, para mim, lara, foi uma surpresa, pois não esperava ver sociologia novamente fora do ensino médio. Porém, no contexto da referida grade curricular, fazia a sua relação com todas as matérias que tínhamos. É a interdisciplinaridade começando a aparecer.

O mesmo sentimento surge com Introdução à Filosofia, que foi lecionada pelo Prof. Dr. Ericsson Venâncio Coriolano, em que demos uma passeada na Filosofia Clássica e Moderna, conhecendo novamente figuras importantes e como o pensamento crítico era feito em épocas antigas, evidenciando como a manipulação das massas eram feitas no passado, fazendo correlação com o que víamos na disciplina de Cognição, Informação e Tecnologia, com o professor Chacon, que mostrava em sala como isso foi potencializado pela tecnologia, intervindo de forma drástica em nossas vidas, como ela muda nossa forma de pensar.

Essas três disciplinas formam um pequeno exemplo dessa interdisciplinaridade, que aparece logo no primeiro semestre; temos as ciências sociais e tecnológicas, lado a lado, para criar um profissional técnico, social e crítico, que pode orientar com liberdade seus usuários.

Silva e Feitosa (2007, p. 9) dizem:

Por isso, a proposta de interdisciplinaridade na Biblioteconomia não pode ser limitada simplesmente à relação entre os cursos ou áreas do conhecimento. Faz-se necessária uma proposta em que a Biblioteconomia esteja se relacionando com outros campos do conhecimento no intuito de desenvolver a área e contribuir para com a sociedade, num processo de reciprocidade, significando que outras áreas também utilizem os conhecimentos e estudos da Biblioteconomia para não se configurar a relação desta área com outros campos como uma relação de subserviência e, principalmente, que haja uma preocupação científica e humanista, a fim de atestar o real caráter interdisciplinar.

Toda essa diversidade de áreas que o curso de Biblioteconomia traz é muito benéfica para nossa formação acadêmica. Ela nos dá uma liberdade maior de entrar em outra área sem se tornar intruso, pois como nosso objeto de estudo é a informação, podemos transitar livremente entre elas todas e construir os diálogos, as trocas e as mediações teóricas e conceituais que sejam necessárias.

Tudo isso se interliga quando olhamos para a estrutura curricular, principalmente a dos dois primeiros semestres, cujo propósito é apresentar o curso de maneira que aumente a curiosidade e o interesse do aluno, diminuindo muito sua evasão, como se pôde muitas vezes ouvir de colegas de semestres posteriores aos nossos.

As disciplinas vão se costurando ao mesmo tempo que temos a impressão de que elas vão ser complementadas nos outros semestres. Os saberes sociais, tecnológicos e técnicos se inter cruzam no decorrer do curso de Biblioteconomia da UFC; analisando os títulos e ementas das disciplinas, percebemos a interligação entre esses três saberes.

Em Teorias da Informação e da Comunicação, lecionada pelo Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa, vimos o quanto nosso objeto de estudo, a informação, depende de vários fatores e chega em partes para todo o mundo; de como, em vários contextos sociais, a informação e seus fluxos são negligenciados, principalmente nas comunidades periféricas; como podem ser manipulados por interesses políticos e seus usos pelas mídias digitais.

Sabendo disso, imaginamos que, na disciplina de Cultura e Mídia, também lecionada pelo professor Tadeu, vamos nos aprofundar mais sobre a influência da mídia na cultura, criando uma cibercultura, e o uso da cultura pela mídia para manipular as grandes massas, brincando ou negligenciando suas crenças, desejos e medos e utilizando disso para nos afetar de forma direta e indiretamente, explícita ou implicitamente. Para sabermos como combater essa situação, é preciso estudar a Informação e Sociedade separadamente, como é feito no quinto semestre, visto que a informação sofre influência direta da sociedade, em que cada grupo social recebe e decodifica as informações de acordo com suas experiências culturais, educacionais e sociais, trazendo, assim, vários ruídos da mesma informação.

Na disciplina de Editoração, lecionada pela Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias, vimos como funciona a comunicação científica e o quanto essa comunicação entre os pares é fundamental para se obter resultados e também como ela é importante para dar esse retorno à sociedade a fim de que a mesma tenha arsenal cognitivo para lutar contra a desinformação que, como vimos na pandemia, matou tanto quanto a covid-19, além de nos mostrar como funciona o mundo editorial, seu fluxo e o entendimento de como funciona o mundo acadêmico para quem quer escrever e publicar.

Nesse contexto, no terceiro semestre, teremos a presença da disciplina Metodologia do Trabalho Científico, que nos levará aos bastidores dos artigos, vendo-os como são planejados etapa

por etapa, sua tipologia, estruturas, entre outros. Ademais, especificamente no quinto semestre, temos Metodologia da Pesquisa, que complementa as outras duas citadas acima, mostrando como fazer pesquisas eficazes, conhecendo os tipos de conhecimento, tipos de pesquisa, que vão melhorar a nossa capacidade de fazer todo tipo de pesquisa, capacitando-nos para a área acadêmica e editorial.

A tecnologia revolucionou o mundo. No passado, a informação era encontrada apenas nos livros da biblioteca e, nos dias de hoje, a cada segundo são produzidas milhares de informações nas mídias digitais. Com isso, o bibliotecário não se limita mais apenas à biblioteca tradicional, adaptando-se ao mundo tecnológico para continuar garantindo que as informações que chegam aos usuários sejam verdadeiras, mitigando as fake news e seus processos de desinformação e caos informacional.

Assim, pelas perspectivas do curso, como alunos iniciando o terceiro semestre e como profissionais da área, precisamos estar capacitados para guiar o usuário à fonte de informação correta. Vislumbra-se que na disciplina de Fontes Gerais da Informação, a ser ministrada pela Profa. Adriana Nóbrega da Silva, dará continuidade a esse processo de capacitação, ensinando-nos quais fontes e repositórios de informação são confiáveis; junto com a disciplina Organização e Processos em Unidade de Informação, que teremos no quinto semestre, aprenderemos a como colocá-las à disposição dos usuários nos sistemas de informação de bibliotecas físicas e digitais.

Todas essas informações precisam ser de fácil acesso, sobretudo considerando-se a grande quantidade, que requer a adoção de técnicas para otimizar o processo, tanto para o usuário quanto para o profissional. Por isso, temos a disciplina de Recuperação da Informação, que ensina quais os melhores sistemas para acessar tais informações.

Procurar e encontrar informação nunca foi tão fácil. Os avanços da rede de computadores auxiliados com as inovações tecnológicas nos proporcionaram a liberdade de ter tudo a um clique de distância. Entretanto, como é feito esse processo? Como é possível encontrar documentos sobre variados assuntos apenas com duas ou três palavras?

A Biblioteconomia também está envolvida nisso, cuidando da Indexação, que faz parte do currículo do curso. A disciplina de Representação Temática da Informação – Indexação, ofertada no quinto semestre, vai nos fazer refletir em como representar diversos assuntos em palavras-chave, de acordo com o tipo de sistemas de recuperação utilizado, e qual a linguagem adequada a se usar para cada situação específica que nos é apresentada, seja ela em uma biblioteca tradicional ou em ambiente virtual.

Porém, antes da automação, os profissionais já precisavam de um sistema que viabilizasse a organização e a classificação dos livros. Nesse contexto, há várias disciplinas que se entrelaçam à temática, mas vamos colocar aqui duas que se sobressaem e que talvez todo aluno que começa o curso escuta falar sobre elas: Linguagens Documentárias Alfanuméricas (CDD) e Linguagens Documentárias Alfanuméricas (CDU), que são os métodos de classificação para facilitar a organização e, conseqüentemente, a recuperação de todos os tipos de assunto, seguindo códigos alfanuméricos compartilhados por todo o mundo, como uma linguagem universal da organização dos livros.

Vislumbrando mercados: ementários e possibilidades de ocupação

Ao ler o nome Biblioteconomia, imaginamos a figura de uma pessoa que ficaria o resto da vida sentado atrás de um balcão, pegando caixas, organizando e emprestando livros, parada no

tempo, pois nossa visão vinha de professores ou pessoas que não tiveram formação sobre o assunto, difundindo posições equivocadas, muito mais por desinformação do que por maledicência.

Não por acaso, ao analisarmos o currículo do curso, percebemos que a Biblioteconomia é muito mais, com um papel socio-cultural indispensável em vários lugares além da biblioteca. Assim, levantamos o questionamento do porquê a Biblioteconomia é vista dessa maneira, ou muitas vezes nem vista, pois muitos nem sabem sobre sua existência.

Essa suposta invisibilidade e equívocos chegaram para nós como um mal-estar a ser debelado. Quando falamos qual curso fazemos, até mesmo para as pessoas da universidade, as pessoas nos perguntam o que se estuda no curso, em que área se pode atuar.

Isso ocorre devido à ocupação de pessoas não formadas na nossa área. Tem sido comum encontrar professores em final de carreira atuando em bibliotecas escolares; ou a indexação sendo feita apenas pelas pessoas formadas na área tecnológica. Isso faz com que surja um tipo de névoa, onde a Biblioteconomia fica escondida ou ofuscada, muitas vezes atrás desses profissionais que estão só esperando suas aposentadorias, ocupando esse cargo, no caso dos professores, fortalecendo o mito de que o bibliotecário só serve para emprestar e receber os livros, não despertando curiosidade dos alunos que frequentam a biblioteca sobre a profissão, ou nem sabendo que existe uma graduação para exercer tal papel.

Entendemos que isso pode influenciar negativamente aqueles que se interessam pelo curso e que ainda não sabem muito sobre ele. É nesse contexto que vimos o curso e toda sua estrutura curricular como uma grande surpresa ao descobrir a interdisciplinaridade da profissão.

Ficamos entusiasmados no primeiro ano de curso, pois tivemos disciplinas voltadas ao âmbito social, filosófico e cultural, em que fomos estimulados a refletir sobre o papel do bibliotecário e da biblioteca de fato na sociedade, além de quanto saber

mediar a informação/conhecimento que gera capital para transformar vidas e situações que, sem esse poder, continuaria a contribuir com a desigualdade em todos os níveis.

A biblioteca numa comunidade muda realidades e, sabendo disso, o bibliotecário deve ser um agente social ativo, pronto para servir ao usuário, de forma que a comunidade se sinta integrada à biblioteca e faça dela seu espaço cultural e de troca de conhecimento.

Isso nos pareceu mais atrativo trabalhar em bibliotecas, por mostrar o profissional como agente ativo, podendo fazer diferença nas vidas das pessoas; e vimos isso na prática, visitando bibliotecas na cadeira de Teoria e Prática da Leitura, que ressaltou a importância de ser envolvido mesmo com a biblioteca e não continuar preso apenas à parte técnica; trouxe ao nosso conhecimento pessoas envolvidas em projetos sociais nas bibliotecas comunitárias, que compartilharam conosco histórias desses momentos. Achamos interessante a iniciativa da professora de mostrar na prática, por meio de relatos e contato direto com as diversas situações, pois a teoria nos ensina muita coisa, mas só a prática consegue transmitir a sensação completa e cessar a curiosidade que criamos enquanto ouvimos a teoria.

Em paralelo com os ensinamentos sobre o nosso papel na biblioteca, aprendemos sobre ele fora dela; nas aulas de Editoração foi apresentado o fluxo editorial como bibliotecários, com uma visita produtiva à Imprensa Universitária; a restauração e conservação dos livros, com uma visita técnica no setor de restauração na Biblioteca de Ciências Humanas (BCH); a Iconografia, com uma palestra de uma bibliotecária de formação; a *Revista Científica Eletrônica*, com uma oficina no site Open Journal System (OJS) sobre como fazer e gerenciar a revista, concluindo com um trabalho final fazendo uma por conta própria. Nessa cadeira, visualizamos áreas de atuação jamais imaginadas, mostrando-nos no mercado de trabalho a interdisciplinaridade do curso.

Tendo em vista que escrevemos esse texto durante a nossa graduação até aqui cursada (segundo semestre completo e terceiro por iniciar), muitas disciplinas ainda não vimos, mas as que vimos nos despertou muita curiosidade e expectativa a respeito das demais; então compartilharemos aqui uma previsão do que nos espera, tomando por base o ementário das disciplinas a cursar.

Começaremos com Cultura e Mídia, em que esperamos ver a forma íntima que ambas estão relacionadas com a informação e como interagem com a sociedade. Afinal, a mídia, esteja ela em qualquer suporte, detém um poder de manipular e moldar a sociedade, pois dispõe do modo de passar informação, enquanto a cultura está em toda parte.

O ser humano é extremamente cultural; então estamos esperando ver como a cultura luta para sobreviver em meio a essa guerra de informação e globalização que acontece ao nosso redor, como a cibercultura que vem afetando a forma como agimos em sociedade. Acreditamos que essa cadeira vai nos fortalecer tanto como profissional quanto como ser humano, ao sabermos como funcionam esses universos culturais e midiáticos; como, a partir disso, nos tornaremos mais compreensivos ao nos depararmos com as pessoas nas suas diversidades culturais e nos diversos contextos de informação e comunicação; os mecanismos de controle destes dois campos e de manipulações socio-culturais daí vindas.

Enfim, que sofra essa manipulação, pois tudo depende da cultura em que cada um foi criado; suas crenças, seus medos e tudo isso é utilizado para fazer com que cada um acredite no que eles querem e que também vai nos orientar a como lidar com isso e tentar transmitir a informação correta e suas diversas mediações. Ademais, aguardamos ansiosamente a nossa vez de fazer o Seminário de Cultura e Mídia, em que toda a UFC é convidada a participar e que teremos nossa primeira experiência de um seminário nesse estilo.

Outra que muito esperamos é a disciplina de Práticas Socioculturais em Biblioteconomia, pois acreditamos que ela concluirá o lado social dos profissionais, auxiliando o planejamento de projetos sociais em todos os lugares da sociedade, em busca da garantia de que a informação chegou para todos da forma menos desigual possível. A disciplina Estudo de Comunidades e de Usuários da Informação irá contribuir profundamente nesses planejamentos sociais, visto que nela esperamos compreender como os bancos de dados são feitos, levando em consideração as características e as fragilidades de certas comunidades e de seus usuários. Elas também nos darão experiências com projetos sociais dentro e fora da biblioteca.

O bibliotecário também exerce um papel de gestor da biblioteca; portanto, é preciso saber lidar com essa função, e trabalhar com pessoas requer toda uma preparação. Na disciplina de Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação esperamos ter esse aprendizado e trabalhar com a liderança, de forma positiva, com os outros colaboradores da biblioteca ou em outro lugar onde iremos atuar. E complementando essa parte, na disciplina de Atuação e Ética Profissional temos a expectativa de nos ajudar a entender nosso lugar no mercado de trabalho e como praticar com boa conduta a ética no ambiente de trabalho.

Ademais, ficou evidente que todas as disciplinas do curso se complementam e são essenciais no aprendizado, pois são estruturadas de uma forma a levar o aluno a ter uma linha de aprendizado contínua, despertando sua curiosidade e seu lado social, deixando-o livre para encontrar seu lugar na Biblioteconomia, mitigando também o medo dos alunos de que a área não é mais necessária na sociedade atual, por conta das tecnologias, quando, na verdade, ela ampliou nosso mercado de trabalho se interligando com outras áreas que têm a informação como objeto de estudo, como vimos nas disciplinas.

Na era da informação, muitas profissões passaram a se interligar; a Biblioteconomia, junto com a TI, ampliou o local de trabalho do bibliotecário, que deixou de ser necessário apenas na biblioteca e se tornou essencial no mundo digital para combater o fenômeno da desinformação, tornando-se ainda mais responsável pela mediação informacional adequada, visto que a falta dessa mediação contribui para a propagação do cenário atual.

Tobias e Corrêa (2019 *apud* Moretzsohn, 2017) diz:

[...] a era da informação influencia na formação de bolhas sociais e que a articulação de ações presenciais e virtuais ajudaria a combater essa situação, sendo necessário demonstrar aos cidadãos a importância de se certificar da veracidade das informações [...].

Portanto, após uma rápida análise da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia, ficou evidente para nós, estudantes, a adaptação do curso diante da era da informação, que surgiu com a chegada da tecnologia, relacionando esse mundo novo das tecnologias com o intuito primordial da Biblioteconomia: cuidar da informação e garantir que ela seja de acesso à sociedade, evoluindo junto com o mundo e procurando formas de combater os desafios que a internet trouxe para o mundo das informações.

Sabemos que o que aqui discutimos é bastante rudimentar diante da complexidade que é a Biblioteconomia, mas a intenção é exatamente registrar pequenas, mas importantes impressões de dois alunos em seu segundo semestre concluído, de um total de oito, e de muitas leituras às quais ainda não tivemos acesso.

Fomos inclinados a escrever sobre isso – impressões, desejos, perguntas em busca de respostas e esperança de concluirmos um curso de alta qualidade – porque entendemos que a memória de um curso sexagenário também é definida pelas luzes que ele lança sobre o seu futuro e o de toda a sociedade à qual nós dois pertencemos e já estamos no processo de construção de uma

Biblioteconomia íntegra, ética e socialmente incluída para além das comemorações de um sexagenário que, certamente, será o primeiro de muitos.

Referências

MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. Bibliotecas escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. *In*: MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B.; SERAFINI, L. T.; KAUP, U. (org.). *Biblioteca escolar: presente*. Porto Alegre: Evangraf, 2011. cap. 1, p. 13-70. Disponível em: http://www.poa.ifrs.edu.br/images/Documentos/livro_curso_biblioteconomia_biblioteca_escolar_presente.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

SILVA, J. L. C.; FEITOSA, L. T. Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia Brasileira: o enfoque da interdisciplinaridade. *Biblionline*, João Pessoa, v. 3, n. 1, 11 set. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/1500>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SANTOS, W. A. de L. O bibliotecário como mediador cultural, a leitura literária e a biblioterapia no tratamento da depressão. 2018. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30717>. Acesso em: 9 dez. 2024.

TOBIAS, M. S.; CORRÊA, E. C. D. O paradigma social da Ciência da Informação: o fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 24, n. 3, p. 560 - 579, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7389427>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Perspectivas sobre ingresso e atuação profissional

Leandra Alencar Soares Lima de Passos

<?>

Mestranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFC. Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

No mestrado, é bolsista da Capes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8255064361870584>.

Tayssa Nobre Lobo

Mestranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFC. Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

No mestrado, é bolsista da Capes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1007779097469549>.

Maria de Fátima Oliveira Costa

Doutora em Ciência da Informação (Unesp). Professora do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7584115523461248>.

Introdução

Na Biblioteconomia, as discussões acerca da atuação profissional, especialmente no estado do Ceará, e as possibilidades existentes no mercado de trabalho são temas recorrentes. Isso é perceptível tanto entre os estudantes que ingressaram recentemente no curso como aqueles que estão prestes a concluir a graduação. Muitos destes enfrentam a incerteza de por onde iniciar suas carreiras após obterem o diploma.

No contexto da Biblioteconomia, em Fortaleza, entretanto, durante nossa trajetória como estudantes, percebemos, ao longo dos semestres e disciplinas, que as oportunidades de atuação para esses profissionais são vastas. Isso se deve, em grande parte, à estrutura curricular e às informações compartilhadas em palestras, oficinas e eventos relacionados à área. Os relatos de profissionais graduados destacam a diversidade e a amplitude do campo de trabalho, transcendendo os espaços convencionais, como as bibliotecas.

Do mesmo modo, no cenário atual, o papel do bibliotecário transcende a gestão dos acervos tradicionais e seus processos. Dessa forma, trata-se de um gestor também dos fluxos informacionais, independentemente do suporte e da natureza dos materiais. Cada vez mais esses profissionais demonstram um comprometimento com a inovação, adaptando-se às mudanças sob o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e das transformações sociais.

Apesar dos desafios enfrentados em sua prática como, por exemplo, na captação de recursos e na interação com os usuários, os profissionais da área têm desempenhado de maneira compe-

tente o seu papel na gestão e na mediação da informação e da leitura em bibliotecas de diferentes naturezas – escolares, universitárias, públicas, comunitárias, especializadas, entre outras. Além disso, eles têm se integrado ativamente nas mídias e redes sociais, como YouTube e Instagram, desempenhando um papel significativo na gestão de conteúdos digitais como blogs, podcasts e afins. Esse trabalho estende-se também a diversas instituições físicas, incluindo arquivos, centros de documentação, museus, centros culturais, editoras, jornais e muitos outros.

Ao buscar refletir sobre alguns aspectos relacionados à atuação dos bibliotecários, este texto propõe como ponto de partida a seguinte questão: Quais foram os motivos que influenciaram os bibliotecários formados pela UFC, de diferentes gerações, a optarem pelo curso de Biblioteconomia?

Com base nisso, estabelecemos como objetivo apresentar as motivações que levaram profissionais bibliotecários graduados em diferentes épocas a ingressarem no curso e a atuarem na área, bem como o que os inspira a exercer essa profissão. Através da formulação da expressão “Eu sou bibliotecário porque...”, convidamos esses profissionais a compartilharem suas inspirações a fim de proporcionar novas perspectivas e iniciar diálogos com aqueles que estão adentrando o mercado de trabalho, assim como os estudantes que cursam ou aspiram cursar Biblioteconomia, muitas vezes indecisos sobre os rumos que podem seguir.

No que se refere à metodologia, empregamos uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória quanto aos objetivos, alinhada a uma pesquisa bibliográfica que se debruça sobre a origem e os estereótipos associados ao bibliotecário, examinando seu papel na sociedade da informação e traçando um panorama sócio-histórico da profissão. A revisão da literatura científica abrangeu fontes como a SciELO, a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e o Google Acadêmico, além de livros e outras produções.

No que diz respeito ao instrumento de coleta de dados, desenvolvemos um questionário composto por seis perguntas na plataforma Google Forms e direcionado para dez bibliotecários formados pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em diferentes períodos. Antes de fornecerem suas respostas, os participantes manifestaram sua concordância em colaborar com a pesquisa, tanto no momento do contato prévio para solicitar a participação – por meio do envio do link de acesso nas redes sociais Instagram e WhatsApp – quanto no próprio formulário. Em relação ao retorno, as respostas foram obtidas ao longo de duas semanas do mês de fevereiro. Dessa forma, os resultados foram apresentados na seção de análise por meio de gráficos e quadros, exibindo de maneira visual os dados coletados.

Em conclusão, almejamos instigar reflexões sobre a figura e o papel do profissional na contemporaneidade, assim como sobre a perspectiva do curso de graduação em Biblioteconomia. Desejamos contribuir para que os futuros bibliotecários formados pela UFC se sintam motivados a investir na profissão, tornando-se representantes engajados e apaixonados pela área e pelas diversas oportunidades de atuação nos ambientes plurais de informação e cultura.

Diálogos sobre a representatividade bibliotecária

O bibliotecário, em sua essência, é uma figura resiliente¹. Na renovação das profissões, frente aos avanços tecnológicos e às novas exigências da contemporaneidade, a Biblioteconomia ex-

¹ Frase adaptada de trecho do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Biblioteca do Estudante, Edição de 1984, p.115). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

perimentou uma revitalização que a distanciou da imagem que, por algum tempo, a acompanhou. Ao adaptar habilidades e serviços, surgiram percepções transformadoras sobre o curso que transcenderam a virada do milênio, fortalecendo os profissionais da área e contribuindo para a ampla aceitação da profissão.

Dentro do vasto conjunto de demandas, emergem outras necessidades intrínsecas aos fatores que moldam e sustentam a formação e atuação do bibliotecário. As demandas sociais, por sua vez, desempenham um papel fundamental na construção do perfil profissional, destacando a importância de incorporar qualificações que permitam exercer a liderança. Essa proposição contrapõe-se à concepção hegemônica do estereótipo mais antigo na Biblioteconomia, que retrata o profissional como mais tecnicista e menos orientado para aspectos sociais, assumindo uma posição mais de reproduzidor do que de produtor. Esse paradigma tornou-se uma questão significativa para os próprios profissionais da área, impactando-os com maior intensidade (Almeida Júnior, 2002).

Contudo, vale destacar que tanto na Antiguidade quanto na Idade Média, o bibliotecário assumia posições diferentes do que se tem atualmente. Na Biblioteca de Alexandria, por exemplo, o bibliotecário-chefe era um humanista e um filólogo², organizava as obras, mas atuava também como tutor e educador de figuras da nobreza (Rodrigues *et al.*, 2013).

No homônimo filme *O nome da Rosa* (1986), inspirado na obra de Umberto Eco e contextualizado na Baixa Idade Média, a Igreja Católica tinha influência na sociedade e na biblioteca do monastério, influenciando a existência deste profissional e sua função. Souza e Ribeiro (2021) afirmam que dois personagens

² A origem etimológica do termo “filólogo” está associada a uma pessoa letrada, sábia e erudita (PRIBERAM, 2024). Disponível em: https://dicionario.priberam.org/Fil%C3%B3logo#google_vignette. Acesso em: 10 fev. 2024.

exercem o ofício na obra: Jorge de Burgos e Malaquias; o primeiro, como arconte; e o segundo, como o bibliotecário:

Em oposição a arconte, o termo bibliotecário pode ser compreendido como o profissional que constrói arqueologias para tratar, organizar, conservar e divulgar os objetos que armazena, montando catálogos, elaborando bibliografias e estabelecendo regras. [...] enquanto o arconte seria o governante daquele espaço, o bibliotecário seria o seu administrador (Souza; Ribeiro, 2021, p. 159).

O alto cargo que os personagens ocupavam aponta sua importância, bem como a sua preocupação com os registros do conhecimento. Ao bibliotecário foi destinada a missão de realizar os processos de organização e preservação e efetivar a disseminação de todo o conhecimento registrado (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 83-84). Cassiodoro (485-580), monge do século VI, não era exatamente tido como um bibliotecário, mas suas anotações são referência para a história da profissão. Seu grande feito está relacionado ao Vivarium, comunidade monástica com foco na tradução de obras do grego para a língua latina (Crippa, 2004).

Nos séculos XIII e XV, a atuação bibliotecária passou por mudanças através do modelo social, econômico e intelectual, com o surgimento das universidades e do primeiro catálogo unificado (Rodrigues *et al.*, 2013). As formas de se tratar o conhecimento criaram demandas da profissão ao passo que o ato de ler modificou-se pela popularização da escrita, tornando o leitor passivo em um leitor político. Por meio da leitura crítica e analítica, o bibliotecário acompanhou a busca por informações como agente político (Campello; Costa, 2018).

O Renascimento despertou o interesse em organizar coleções de livros raros em bibliotecas para aumentar o prestígio entre os pares e o meio social. Novos tipos de livros surgiram com o germinar da literatura da época, junto da preocupação com sua situ-

ação física e organização interna. Segundo Rodrigues *et al.* (2013, p. 84), os “bibliotecários foram chamados para estabelecer medidas técnicas com vistas a resolver o problema”. Assim, Santos e Rodrigues (2013, p.116) analisam que:

A necessidade de organizar, conservar e divulgar os documentos, desde o início da escrita até a época moderna, levou as bibliotecas a criarem uma série de procedimentos e métodos que, apesar de possuírem caráter eminentemente técnico, visando à resolução de problemas práticos, formaram um conjunto de técnicas e de questões envolvendo a rotina dessas técnicas que, ao longo do tempo, se constituíram na base da futura disciplina Biblioteconomia.

No Brasil, as bibliotecas no Período Colonial (1500-1822) dividiam-se entre religiosas e particulares, ambas com acesso restrito, propondo-se apenas a atender os interesses informacionais de uma classe (Silva, 2011). Este processo estabeleceu-se tanto explícita quanto implicitamente em outros pontos da história brasileira, cujo acesso à informação significava a luta contra o poder hegemônico da época. O surgimento da biblioteca pública foi um respiro resultante desse embate geracional. Brettas (2010) afirma que o conceito de “público” surgiu depois da Revolução Francesa, e as bibliotecas e arquivos, destinados apenas à preservação das obras, foram abertos à população por meio de conquista popular.

Silva (2011) aponta o Regime Militar brasileiro como um dos cenários em que a alfabetização, a cultura e a educação popular possibilitaram uma reação da população para censura e limitação provenientes de um sistema educacional voltado para manutenção da classe dominante. Contudo, a biblioteca como centro de conhecimento ainda se manteve neutra e o bibliotecário, representando-a, não exerceu a crítica e a consciência sobre a realidade social para compreender seu espaço na sociedade e ter posicionamento neste contexto sociocultural-popular.

Os anos de 1960 marcaram o início de um movimento dentro da Biblioteconomia, focado na responsabilidade social da profissão, principalmente nos Estados Unidos. Discussões antes relegadas a outras áreas foram levantadas, como a neutralidade na profissão e nos próprios sistemas de classificação – com relação a pautas LGBTQIA+³, guerras, religião etc. –, como lidar com a censura no desenvolvimento de coleções e frente aos grandes grupos editoriais (Silva, 2011).

Em paralelo, foi criado, em Fortaleza, no ano de 1964, o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Desde então, o trajeto do curso até o momento foi permeado pelos seus objetivos principais, proporcionando a participação político-social e o exercício da cidadania, o desenvolvimento de um profissional habilitado para exercer a profissão de forma humana e pragmática, a compreensão dos paradoxos que cercam a sociedade para ampliar a visão de novas práticas e a promoção da atuação humanística do indivíduo, bem como o trabalho em equipe (UFC, 2020). Nesse sentido, corroborando com o bibliotecário em sua formação, os princípios para se pensar sobre a biblioteca caminharam em conjunto.

A criação e a trajetória de uma biblioteca são previstas pelos processos socioculturais, contribuindo para a manutenção desses fatores em virtude da composição do acervo e do incentivo à leitura, podendo também provocar a ruptura da regra, visto que informação, conforme Brettas (2010), pode ser um suporte de memória, da ideologia, da identidade e da cultura de um grupo social, elementos atuantes no processo sociocultural. Essas práticas são intrínsecas ao cotidiano do bibliotecário. Campello e Costa (2018)

³ Para esta pesquisa, optamos por usar a sigla como LGBTQIA+, isto é, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais e Assexuais, sendo as demais orientações sexuais e identidades de gênero representadas pelo símbolo +, em virtude das mudanças plurais que o termo vem assumindo ao longo dos anos pela comunidade.

sustentam que a profissão se tornou mais política do que em épocas passadas, impulsionada pela luta por direitos da classe e pelo auxílio ao cidadão na busca pelos seus próprios direitos. Isso representa uma mudança de paradigmas na função, marcada pelo redescobrimto do papel social da área e do bibliotecário que a integra. Assim:

[...] é possível observar que o papel social do bibliotecário foi uma construção gradativa que acompanhou a evolução dos suportes de informação e de seus leitores. A Biblioteconomia, sendo uma profissão voltada majoritariamente para a satisfação do público ao qual se busca atender, deve acompanhar as mudanças de cenário na qual está inserida e isso envolve a participação do profissional em sua comunidade (Campello; Costa, 2018, p. 3-4).

A expansão e a necessidade de serviços no mercado de trabalho, que demandam profissionais da área, são um aspecto relevante. A informação, produto almejado pela sociedade, constitui o cerne do trabalho do bibliotecário, independentemente do suporte, proporcionando oportunidades para novas práticas e o desenvolvimento de competências adicionais para esses profissionais (Santa Anna; Calmon; Campos, 2017).

Cabe ao bibliotecário a conscientização sobre si mesmo como ser atuante na sociedade da informação através das atividades sociais, culturais e políticas que desenvolve, de forma direta ou indireta, na consolidação da cidadania e da democracia (Campello; Costa, 2018). Assis (2018) reafirma o papel mediador desse profissional no alcance, recuperação e destinação ao usuário final, utilizando diversas técnicas de tratamento da informação, contribuindo para sua democratização, ao passo que traz relevância ao ofício na sociedade.

Por mais que a classe se empenhe, persistem incertezas sobre a percepção que o público em geral possui em relação aos bibliote-

cários, e se a imagem tradicional que prevaleceu ao longo dos anos ainda perdura no imaginário popular (Rodrigues *et al.*, 2013), constituindo um desafio para os profissionais da área em suas novas abordagens. De acordo com Moscovici (2007, p. 256), a questão identitária suscita uma discussão profunda, pois “até mesmo a identidade de um indivíduo nunca é dada de uma vez por todas, pois ela depende da percepção que outras pessoas têm dele”.

O trabalho híbrido demanda do bibliotecário o entendimento de novos conceitos e tecnologias, bem como a atenção às dinâmicas de comunicação, pesquisa e gestão (Assis, 2018). Nesse sentido, Passo (2022) reitera a importância de os bibliotecários adotarem uma abordagem mais imersiva em relação à sua atuação na sociedade, sobretudo ao lidar com os recursos informacionais, que atualmente se manifestam de maneiras diversas. Isso exige uma adaptação constante em termos de métodos, técnicas e atendimento aos usuários. Afinal, este é um profissional integrado à população, servindo a públicos com interesses e necessidades variadas.

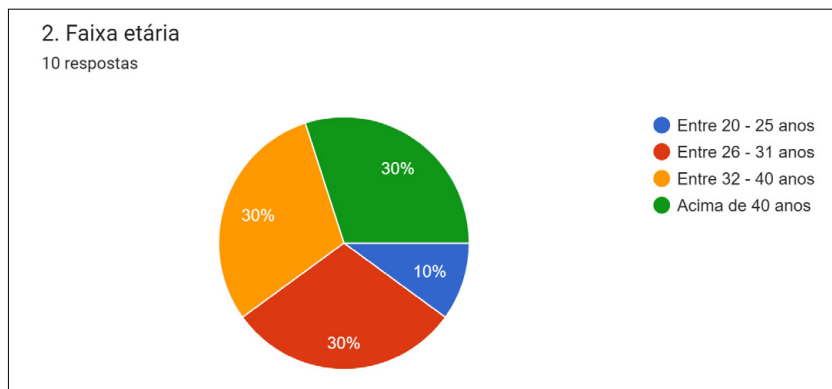
Na UFC e no cenário profissional, em Fortaleza, essa perspectiva não é diferente. Muito se discute sobre a necessidade de alterações na estrutura curricular do curso; no entanto, a prática profissional está intrinsecamente vinculada às oportunidades que existem para além do ambiente universitário. Isso permite ao bibliotecário não apenas atrair a atenção do público para a biblioteca em si, mas também explorar os diversos campos que se desenvolvem dentro da Biblioteconomia.

Portanto, foi através dessa diversidade profissional e da descrição do bibliotecário e das bibliotecas ao longo de alguns momentos da história que chegamos às análises e discussões sobre as motivações dos bibliotecários, bem como tais motivações impactam em sua permanência, atuação e destaque na área.

Análises e discussões

No que se refere às duas primeiras perguntas do questionário, o foco foi traçar um perfil dos respondentes, buscando identificar informações como identidade de gênero e faixa etária dos participantes. Desse modo, observamos uma predominância de pessoas que se declararam com identificação Feminina (N = 8, 80%), seguido de uma Masculina (10%) e uma pessoa que marcou “Prefiro não dizer” (10%). Apesar de a amostra coletada ser pequena e não representar de fato a totalidade de bibliotecários e bibliotecárias formados pela Universidade Federal do Ceará ao longo dos seus 60 anos, no contexto do corpo docente e discente isto também se reflete, com uma proporção significativamente maior de mulheres em comparação aos homens, sem considerar características como a cisgeneridade e a transgeneridade dos indivíduos. Quanto à idade dos respondentes, temos o gráfico:

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa.

Observamos que a faixa etária dos participantes teve certo equilíbrio, principalmente quando comparamos o percentual identificado entre pessoas de 26 a 31 anos, 32 a 40 anos e com

mais de 40 anos, ou seja, em cada uma delas houve uma equiparação de quantidades dentre a faixa etária, na qual apenas um grupo – entre 20 e 25 anos – apresentou menor porcentagem. Vemos, assim, uma participação maior no preenchimento do formulário de pessoas a partir dos 26 anos, mostrando existir uma parcela bem jovem que já está exercendo a profissão.

A terceira pergunta apurou o ano de conclusão de curso, tendo como resultado a maior incidência em 2022 com quatro pessoas (40%), enquanto os outros formaram-se em anos variados, como 1999, 2001, 2009, 2015, 2016 e 2023, sendo uma resposta para cada ano. Isso significa que houve uma maior participação na pesquisa dos concludentes de anos mais recentes.

Além da variação nas faixas etárias demonstradas no Gráfico 1, verificamos as diferenças entre os sujeitos nas respostas fornecidas, o que corrobora com maior diferenciação de ideias frente à escolha de palavras e opiniões sobre a atuação profissional, visto que a maioria estudou projetos pedagógicos diferentes⁴. Outro ponto que buscamos identificar na pesquisa foi relacionado às áreas de atuação, tendo como objetivo averiguar se os profissionais estão inseridos em ambientes distintos dos convencionais.

Quadro 1 – Áreas de atuação dos participantes

Part.	Respostas
P1	Editoração, periódicos científicos
P2	Biblioteca comunitária
P3	Biblioteca escolar
P4	Biblioteca especializada; Gestão documental
P5	Gerenciamento de biblioteca universitária com acervo especializado em artes

⁴ O curso de Biblioteconomia, em Fortaleza, possui, no total, sete estruturas curriculares disponíveis desde a sua fundação. A última atualização curricular vigora desde 2023.

(continuação Quadro 1)

Part.	Respostas
P6	Biblioteca pública
P7	Conservação e restauro de acervos
P8	Biblioteca escolar
P9	No momento, trabalho com jornalismo, mas já tive passagem dentro do arquivo de uma emissora de TV
P10	Editoração – Iconografia

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro acima evidencia que, apesar de o bibliotecário exercer atividades em setores diversificados, como o arquivo de uma emissora de televisão (P9), as bibliotecas ainda são amplamente reconhecidas como o principal ambiente de atuação para os profissionais da área. Contudo, nas respostas, ressaltamos a diversidade de campos nos quais o bibliotecário pode desempenhar suas funções, como editoração em periódicos científicos e iconográficos, práticas de conservação e restauração de acervos, e gerenciamento informacional em diferentes tipos de bibliotecas. O interesse por essas áreas pode surgir de diversas formas, destacando-se as experiências de estágio que, em alguns casos, podem evoluir para contratações regulares após a formatura, eventos e oficinas realizados nos espaços universitários, e a matriz curricular do curso. Esta última contempla disciplinas que abordam diversos aspectos da profissão, proporcionando aos estudantes a oportunidade de questionar e explorar diferentes possibilidades conforme suas inclinações e preferências.

Souza (2018) destaca a movimentação do bibliotecário no mercado de trabalho como uma estratégia para evitar a estagnação, assegurando e expandindo sua presença nesse universo profissional. Essas mudanças na profissão não têm o intuito de sepultar as dinâmicas do passado; ao contrário, representam uma evolução essencial. Um legado dinâmico e com forte ali-

cerce é fundamental como base, fortalecendo a diversidade de atuações no campo.

Na penúltima pergunta do questionário, solicitamos que os bibliotecários apontassem suas principais motivações para escolher a graduação em Biblioteconomia como opção profissional. Desse modo, uma parte significativa dos participantes alegou afinidade com o curso, enquanto outros relataram experiências pessoais como a relação com a família de professoras e o incentivo de uma amizade (P2 e P7), a expectativa profissional (P3), o diálogo com as demais áreas do conhecimento (P4 e P5) e tantos outros estímulos.

Além disso, algumas das respostas dadas nos remeteram aos estudos de Germano Júnior e Silva Neto (2020), ao declarar que o curso de Biblioteconomia não é a primeira opção da maioria dos estudantes que ingressam nas universidades brasileiras, sobretudo por não ser algo incentivado pelas famílias, que muitas vezes desejam que seus filhos se dediquem a outras áreas como Medicina e Direito, por exemplo. No entanto, é válido refletir sobre o assunto diante dos relatos fornecidos pelos bibliotecários, visto que, apesar de que para muitos não ser o caso de uma vontade cultivada desde a infância, como ocorreu com P1, houve uma espécie de consenso entre os profissionais ao citar que a afinidade com o curso surgiu através do interesse pelos livros, pela leitura e pela informação, temas caros ao campo e que podem gerar identificação com os estudantes no processo de escolha do curso durante a inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SISU).

Quadro 2 – Motivações para a escolha do curso

Part.	Respostas
P1	Sempre gostei da área e, no ensino médio, percebi que daria para integrar com meus conhecimentos do curso técnico em informática.
P2	O amor pela leitura; vindo de uma família de professoras, sempre vivi cercada por livros. Embora tenha sido minha segunda opção, porque na época eu queria Direito, me apaixonei pelo curso através da disciplina de História dos Registros do Conhecimento, na época ministrada pela profa. Lídia; vivenciar as experiências da disciplina me fizeram entender ainda mais a importância da leitura.
P3	Afinidade com as disciplinas e meu perfil e expectativa profissional. Gostava bastante de ler, escrever, organizar e classificar as coisas.
P4	Por ser uma área que melhor relacionava com as outras áreas do conhecimento.
P5	Afinidade com as áreas de humanidades e incentivo de pessoas próximas que já cursavam Biblioteconomia.
P6	Afinidade com o curso.
P7	Sempre gostei de estudar diversos assuntos, algo que me fez ter dificuldade em escolher um curso. Iniciei então algumas graduações (de Letras, para Química e Engenharia da Computação) e ficava trocando antes de finalizar, pois ainda não me sentia decidida do que fazer. Então uma amiga minha me indicou o curso de Biblioteconomia, pensando que daria certo comigo por se tratar de um campo multidisciplinar e que lidava bastante com leituras. Entrei para ver se gostaria e logo no primeiro semestre me apaixonei pela ideia de estudar sobre um ciclo contínuo informacional e as possibilidades de difusão dos saberes. No segundo semestre, conheci a área da conservação de acervos e terminei de decidir que queria sim continuar nessa área.
P8	Pela formação humanística, por amor aos livros, a leitura e a literatura...
P9	Gosto pela informação e pela leitura.
P10	Achei superinteressante quando descobri que era um profissional que trabalhava com informação, independentemente do suporte. Fiquei fascinada com isso, pois abre um leque enorme de possibilidades. Isso me atraiu e fez com que me identificasse com a profissão.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em continuidade à questão anterior, a última indagação foi direcionada aos participantes com o propósito de completarem a frase “Eu sou bibliotecário(a) porque...”, visando reunir motivações que permitissem compreender as razões por trás da escolha profissional. Essa seção do questionário foi especialmente elaborada para os estudantes do curso com o objetivo de estimulá-los a perseverar e a se orgulhar da graduação em Biblioteconomia, bem como de sua futura profissão. Assim, no quadro a seguir, apresentamos as respostas fornecidas.

Quadro 3 – “Eu sou bibliotecário(a) porque...”

Part.	Respostas
P1	Eu sou bibliotecária porque é meu sonho de criança.
P2	Sinto que esta profissão muda a vida das pessoas; a biblioteca sempre foi, nos meus tempos de escola, um lugar de acolhimento para uma garota tímida (eu) e hoje, atuando atrás do balcão, vejo como atua na promoção da dignidade da pessoa humana, ao passo que permite o acesso a informações variadas visando atender as necessidades de seus usuários. Já passei pelos cenários da biblioteca especializada, escolar e agora comunitária e, trabalhando com esta gama de públicos variados, vejo como a biblioteca é um espaço importante para convivência, troca e compartilhamento de saberes e incentivo ao gosto pela leitura.
P3	É uma das profissões mais significativas para a sociedade com potencial social de modificar e amparar as transformações culturais, sociais e educacionais, além de promover a disseminação e a preservação de saberes essenciais a uma sociedade por diversos suporte do conhecimento.
P4	Porque a Biblioteconomia me possibilita conhecer e atuar em outras áreas do conhecimento. Ex. se eu quiser trabalhar com direito, arquitetura, artesanato, medicina etc.
P5	A área me possibilitou e ainda possibilita experiências diversas de atuação e, com isso, me sinto em constante desafio e aprendizado. Fui surpreendida positivamente pelas oportunidades dentro da Biblioteconomia.
P6	Compreendo a importância da responsabilidade com a informação, independente do suporte ou público.
P7	Eu sou bibliotecária porque compreendo a importância e a necessidade de assegurar o acesso à informação e a proteção da cultura material e imaterial local através de iniciativas de preservação e conservação de acervos.

(continuação Quadro 3)

Part.	Respostas
P8	Tenho consciência que o meu fazer pode transformar realidades.
P9	Sou apaixonado pela gestão da informação.
P10	Amo obter novos conhecimentos e a Biblioteconomia me permite estar sempre em constante aprendizado.

Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas obtidas foram diversificadas. Enquanto P1 afirma que a profissão é um sonho desde a infância, P2 relata sua experiência de juventude por meio do acolhimento sentido no ambiente da biblioteca. Em outras respostas, podemos observar a exaltação da profissão, ressaltando o potencial de modificação social e transformações sociais e educacionais, a promoção da disseminação e representação dos saberes na resposta do P3, ligadas à cidadania e atuação política na área. Em consonância à discussão, Silva (2011) afirma que:

[...] a informação pode ser considerada a matéria-prima e o produto do processo de produção e disseminação do conhecimento. Todo conhecimento é social, pois é criação de um ser humano, histórico, fruto de determinada classe social, representante consciente ou inconsciente dos interesses provenientes da posição que ele ocupa no processo produtivo (Silva, 2011).

Os participantes 4, 5 e 10 trazem o leque de possibilidades que a Biblioteconomia oferece para atuar em diferentes áreas do conhecimento, bem como a sensação de desafio e aprendizado, o que corrobora com a ideia apresentada por Santa Anna, Calmon e Campos (2017, p. 133) ao tratar da perspectiva dos alunos do curso de Biblioteconomia, afirmando que as mudanças causadas pela sociedade “despertam a necessidade de aprimoramento por parte de todas as profissões e das instituições inseridas em um contexto altamente competitivo e instável”.

A relevância da responsabilidade profissional, tanto no que diz respeito ao acesso à informação quanto na garantia do espaço para tal, é um tema enfatizado por P6, P7 e P8. A proteção da cultura material e imaterial, assim como a preservação e conservação do acervo, também são mencionadas, juntamente com a consciência de que o bibliotecário tem o poder de transformar a realidade ao seu redor. Há um relato sobre o gosto – uma paixão – por uma área específica da Biblioteconomia, compartilhado por P9, relacionado à gestão da informação, o que reforça a ideia de que, ao longo do curso, determinados temas ganham destaque na formação futura. Almeida Júnior (2002) aborda a relação desse profissional com a realidade, ressaltando a importância de manter o sonho e a utopia. Para ele, o consenso marca o fim do conflito, sendo uma trégua em relação a algo. O papel da universidade está em evidenciar os conflitos, tornando-os transparentes e incentivando-os, uma vez que é nesse ambiente que o profissional estará imerso, além de ensinar como interferir de maneira apropriada. Dessa forma, discussões e debates devem ser uma realidade tanto dentro quanto fora desse contexto.

Considerações finais

A partir da pesquisa apresentada, concluímos que, assim como em outras profissões, as mudanças sociais e o avanço tecnológico impactaram diretamente a Biblioteconomia e seus profissionais, especialmente no contexto brasileiro. Este cenário tem demandado profissionais cada vez mais qualificados e adaptáveis a diferentes contextos. Os relatos dos bibliotecários nos levaram a refletir sobre a amplitude do mercado de trabalho para o profissional cearense, especialmente aqueles que residem em Fortaleza, e como as oportunidades de atuação são realmente promissoras para aqueles que estão indecisos sobre suas carreiras. Dessa forma, consideramos que o objetivo inicial deste estudo foi alcançado ao elucidar as motivações desses profissionais.

Um aspecto que não foi abordado pelos participantes, mas que consideramos relevante destacar, é a opção pela pós-graduação. Parte dos egressos pode aspirar seguir uma trajetória acadêmica ou aprimorar seus conhecimentos, além da possibilidade de obter um aumento salarial devido à titulação. Nesse sentido, o Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará oferece tanto a graduação em Biblioteconomia quanto o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFC) para aqueles que buscam uma qualificação profissional e acadêmica. Entretanto, é importante ressaltar que este não é o único programa disponível no estado do Ceará, pois a Universidade Federal do Cariri (UFCA) também oferece o mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB).

Além disso, esperamos que os relatos e as reflexões apresentados ao longo do texto possam contribuir não apenas para que os próprios profissionais cultivem um orgulho pela profissão, mas também para que o público em geral compreenda que a área, há muito tempo, superou seus aspectos técnicos, mesmo mantendo-se fiel aos seus princípios. É essencial direcionar o olhar tanto para o ambiente acadêmico quanto para fora dele, a fim de restabelecer a conexão que o bibliotecário mantém com a sociedade. Dessa forma, ressaltamos que a busca por informação e construção do conhecimento está intrinsecamente ligada ao contexto sociopolítico-cultural, elementos fundamentais na constituição da profissão.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. *In: VALENTIM, M. L. Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 133-148.

ASSIS, T. B. Perfil do profissional bibliotecário: atual e desejado. In: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. (org.). *Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade*. Brasília: Ipea, 2018. p. 13-31.

BRETTAS, A. P. A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 1, n. 2, p.101-118, jul./dez. 2010.

CAMPELLO, B. A.; COSTA, M. R. O papel político do bibliotecário de referência: uma análise histórica. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018. (n. esp. EREBD).

CASTRO, C. A. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre "O Nome da Rosa". *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas/SP, v. 4, p. 1-20, 2006. DOI: 10.20396/rdbci.v4i3.2026.

CRIPPA, G. Um bibliotecário em sua biblioteca: Cassiodoro e os leitores ideais na Idade Média. *Memorandum*, [Minas Gerais], v. 7, p. 47-57, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6774/4347>. Acesso em: 1º jul. 2024.

GERMANO JÚNIOR, M. M. S.; SILVA NETO, J. R. Representação da Ciência da Informação nos Animes: sua aplicação, necessidade e importância. *Folha de Rosto*, Juazeiro do Norte, v. 6, n. 1, p. 5-13, mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/394>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSO, L. A. S. L. Leitura no ciberespaço: o fenômeno das webcomics e o seu impacto para o protagonismo literário de

jovens LGBTQIA+. Orientadora: Lidia Eugênia Cavalcante. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Graduação em Biblioteconomia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

RODRIGUES, M. E. F. *et al.* A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 82-95, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/15097/9599>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SANTA ANNA, J.; CALMON, M. A. de M.; CAMPOS, S. de O. A percepção do aluno iniciante e do aluno concluinte do curso de Biblioteconomia de uma universidade a respeito do bibliotecário: enfoque na atuação profissional. *BIBLOS*, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 130-146, 2018. DOI: 10.14295/biblos.v31i2.7024.

SANTOS, A. P. L.; RODRIGUES, M. E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013.

SILVA, V. R. Biblioteconomia e Política: luta de classes, acesso à informação e cidadania. In: SEMANA DE BIBLIOTECONOMIA, 6.; BIBLIOLAB, 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP: Escola de Comunicações e Artes, 2011. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/10/biblioteconomia-e-polc3adtica-luta-de-classes-acesso-c3a0-informac3a7c3a3o-e-cidadania.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SOUZA, L. S.; RIBEIRO, H. J. C. A biblioteca como espaço de poder em *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, v. 6, n.18, p. 154-174, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/issue/view/631>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SOUZA, K. M. L. Mercado de trabalho do bibliotecário no século XXI. In: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. (org.). *Bibliotecário do*

século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília: Ipea, 2018. p. 83-98.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2022.

Perspectivas para formação do profissional da informação: o enfoque do novo currículo do Curso de Biblioteconomia da UFC no desenvolvimento de competências

Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Professora do Departamento de Ciências da Informação da UFC.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6346079652322359>.

Hamilton Rodrigues Tabosa

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.
Professor do Departamento de Ciências da Informação da UFC.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5194942555377349>.

Odete Máyra Mesquita Sales

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.
Professora do Departamento de Ciências da Informação da UFC.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6855804892704466>.

Introdução

As mudanças ocorridas na sociedade, sejam elas políticas, econômicas ou sociais, se refletem na postura e nas concepções das atividades, superando transformações até mesmo na sua área de alcance. Essas mudanças demandam o redirecionamento e a atualização dos cursos de graduação, dentre eles os de Biblioteconomia, a fim de concorrer para a formação de novos profissionais que atendam às demandas da sociedade contemporânea.

Conforme Silva (2000), o principal elemento balizador do referido redirecionamento é o Projeto Político Pedagógico (PPP), por estabelecer e dar sentido ao compromisso com a formação do cidadão e da pessoa humana para um tipo de sociedade, revelando, portanto, a intencionalidade da formação e os compromissos desse profissional com um tipo de sociedade. Tem ainda a finalidade de servir como documento norteador das ações da graduação e seus processos de formação acadêmica (UFC, 2022, p. 6).

Assim sendo, o currículo, parte constituinte do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), apresenta-se como um dos elementos compositores mais importantes dessa formação, pois é um fenômeno pedagógico, metodológico, político e histórico. Para Sacristán (2000), o currículo é uma prática na qual se estabelece o diálogo entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele e docentes que o modelam. Valentim (2000) já alertava para a necessidade de que os cursos formadores de bibliotecários atualizassem seus currículos, atentando para uma formação que possibilitasse ao profissional da informação uma inserção no mercado de trabalho mais adequada às suas reais

aptidões e competências na atualidade. Assim, com base na atualização do PPC de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), este artigo visa analisar as competências profissionais previstas para o perfil profissional dos egressos formados a partir da reforma curricular implantada no primeiro semestre de 2023. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo exploratório construído a partir de uma abordagem qualitativa, em que as análises serão feitas levando-se em consideração as unidades curriculares e as competências elencadas na literatura. Quanto aos objetivos, propõem-se: analisar as atualizações ocorridas no PPC de Biblioteconomia e identificar os alinhamentos das competências com o que apregoa a literatura. As análises ficarão por conta, especificamente, das unidades curriculares (UC) em composição com seu aspecto interdisciplinar.

Competência: origens e concepções

Nos últimos anos, o tema competência entrou na agenda das discussões acadêmicas e empresariais, associado a diferentes instâncias de compreensão. Do ponto de vista de Fragelli e Shimizu (2012), o termo competência refere-se a características individuais subjacentes à pessoa, qualidades que levam a um desempenho efetivo superior. É considerado um *input*, uma entrada, um comportamento individual que sustenta o desempenho competente. Já Perrenoud (2000) considera o termo como uma capacidade de mobilizar variados recursos cognitivos para enfrentar situações específicas. No âmbito profissional, complementa o mesmo autor, “[...] a competência profissional constrói-se em formação, mas também ao sabor da navegação diária de um profissional, de uma situação de trabalho à outra” (Perrenoud, 2000, p. 15). Parafraseando Vitorino e Piantola (2020), a análise da competência remete constantemente a uma teoria do pensamento e da ação, ambas situadas na prática como ofício e condição.

Reportamo-nos a Belluzo (2020), que mencionou que a competência vai além de um estoque de conhecimentos teóricos e empíricos detido pelo indivíduo e muito menos se acha centrada na tarefa; ela tem como “pano de fundo” os conhecimentos adquiridos que respondem à complexidade das mais variadas situações do contexto social. Tomamos como direcionamento as considerações de Belluzo (2020):

[...] os aspectos que envolvem a competência (força propulsora que nos move na execução de ações com utilização de recursos adequados que direcionam as tomadas de decisões); capacidade (conhecimento formal e informal que é adquirido pelos indivíduos durante suas experiências ao longo da vida e continuamente em constante transformação); habilidade (maneira de executar e a forma analítica e crítica de visualizar e efetuar ações presentes que resultarão em êxito futuro); e atitude (comportamento, realização da ação para obtenção dos propósitos, alcance dos objetivos e metas iniciais idealizadas e colocadas em prática pelos indivíduos) (Belluzo, 2020, p. 6).

A autora ressalta que as competências são desenvolvidas ao longo das experiências do indivíduo; neste aspecto, é um movimento contínuo e permanente decorrente em grande medida da educação formal proporcionada pelos cursos de formação.

Sobre o fenômeno de competência, especialmente sobre seu conceito (Costa, 2005), observa que é fundamental considerar o alerta de Dias Sobrinho e Ristoff no sentido de não se reduzir o desenvolvimento de competências ao treinamento de um conjunto de capacidades que realcem, essencialmente, a dimensão técnica da ação profissional. A autora supramencionada considera necessário que se amplie a compreensão do seu conceito, sob pena de não se conseguir desenvolver procedimentos e métodos adequados à sua avaliação. Para além do uso no mundo do trabalho, as competências também aparecem no discurso contem-

porâneo de vários campos do conhecimento científico, que se trate de prática profissional, da pesquisa ou da aprendizagem; neste caso, é propício considerar que é importante verificar as significações e transformações nos contextos em que as competências são utilizadas.

A competência no campo da Biblioteconomia é resultante principalmente do *ethos* da sua estrutura curricular. Aqui cabe uma observação para o termo competência no singular, pois, de acordo com Vitorino e Piantola (2020), a competência também é algo processual e, portanto, um indicativo de um movimento que se dá no interior tanto da reflexão quanto da prática educativa e profissional. Nesses termos, ela assume uma posição agregadora das variadas manifestações de competências. A informação, objeto de trabalho dos profissionais da informação, neste caso, bibliotecários, quando associada ao termo competência, pode ganhar um significado importante por ser um processo contínuo de internalização de conhecimentos.

Concorda-se que a competência se compõe de várias competências e se manifesta nas intenções do currículo de formar bibliotecários a fim de que sua atuação faça sentido para a sociedade, ou seja, que ele acione suas competências em circunstâncias que exijam ações de atendimento ao uso da informação nas mais diversas situações, seja na gestão da informação, na sua representação e na sua disseminação.

Nesse contexto, o currículo como expressão política e filosófica de uma determinada profissão necessita estar em constante movimento de vigília das necessidades da sociedade, o que comumente chamamos de “atender às necessidades do ‘mercado de trabalho’”. Foi com esse intuito que o curso de Biblioteconomia da UFC se posicionou na atualização do seu PPC.

Projeto pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UFC: a versão 2022

O primeiro currículo do curso permaneceu em vigor por quase vinte anos, até a reforma curricular, exigida pela Resolução nº 08/1982 do Conselho Federal de Educação a todos os cursos do país, que resultou na implantação do novo currículo pleno, em 1985, cuja preocupação foi estabelecer um compromisso social que respondesse aos anseios informacionais da sociedade. Dessa intencionalidade formal do curso, estudos foram elaborados a fim de concretizar mudanças e alinhar a profissão com o mercado de trabalho na época.

Ressalta-se que naquele período ocorreram vários movimentos como encontros regionais, nacionais e do Mercado Comum do Sul (Mercosul), que resultaram na formalização das diretrizes curriculares para os cursos de Biblioteconomia no país, a fim de fomentar subsídios e organicidade para a formação dos bibliotecários.

A alteração do perfil do profissional não pode estar atrelada exclusivamente à tentativa de satisfazer uma exigência de mercado. Essa postura, embora hegemônica na literatura brasileira sobre o assunto, deve ser mais bem debatida e discutida (Almeida Júnior, 2002). Argumenta, ainda, que o bibliotecário é um profissional que atua com a informação e com os processos que a envolvem, cabendo administrar e disseminar conteúdos usando avançados métodos e técnicas de difusão, independente dos suportes ou formatos que a informação se apresenta, de modo a contribuir para cidadania e autonomia de uma comunidade (Almeida Júnior, 2002).

No contexto atual, o bibliotecário assume uma posição que exige competência profissional crítica aliada às competências técnicas acrescidas a novas experiências, com atitudes, procedi-

mentos, teorias e práticas, fazendo frente aos novos avanços tecnológicos. A expectativa do perfil a ser formado é de um profissional com habilidades de pesquisa, técnicas e pedagógicas, de liderança proativa, domínio em determinadas áreas afins, compreendendo o valor da informação, e ser capaz de gerenciá-la, em nível público e privado, e reconhecer a importância política, social, econômica e cultural da informação (UFC, 2022).

Metodologia

Este ensaio é fundamentado em uma pesquisa bibliográfica e documental de modo a compreender as implicações da inserção no mercado de trabalho dos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFC. Quanto à abordagem, é de cunho qualitativo e de nível exploratório. Para a fundamentação, foi feita uma análise documental que é considerada um instrumento científico utilizado para buscar informações factuais nos documentos, de forma controlada e sistemática. O documento analisado foi o novo PPC do curso de Biblioteconomia da UFC. A análise documental consistiu prioritariamente em identificar que alterações ou inclusões foram feitas no novo PPC, a fim de identificar e relacionar as competências do profissional da informação com demandas de atuação vislumbrada na sociedade atual.

Quanto ao ensaio propriamente dito, apoiamos-nos na interdisciplinaridade como o contexto que torna viável do entendimento e síntese das competências requeridas no novo PPC de Biblioteconomia por parte dos estudantes a serem formados a partir do primeiro semestre de 2023, refletindo em um perfil peculiar de profissionais que concluirão a graduação de 2027 em diante. A interdisciplinaridade efetiva, argumenta Gomes (2001, p. 4), “é aquela que se atualiza no campo das abstrações teóricas, do estabelecimento das metodologias, mas também nas intervenções que as disciplinas promovem no social”.

Análise das competências garantidas pelo novo PPC

No âmbito das competências elencadas no PPC de 2022, é válido considerar que é na sua estrutura curricular que se originam todas as expectativas de resposta para a sociedade. Na Biblioteconomia os componentes curriculares se estruturam num percurso formativo, organizado de modo sequencial fundamentado em postulados teóricos, conceituais e metodológicos, mas também em práticas e ações de aprendizados voltadas para formar bibliotecários com determinadas competências, habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Competência é, assim, um conceito dinâmico; não se pode definir em termos absolutos; é sempre possível pretender mais competência. Um movimento em busca da competência é um processo que, uma vez iniciado, nunca termina (Vitorino; Piantola, 2020).

Seus componentes curriculares são distribuídos em oito unidades como demonstra a Figura 1. Com base nas declarações mencionadas, essas características implicam amplamente competências que o bibliotecário terá que assimilar na sua formação e, por extensão, no alcance social que advém de sua formação.

Considerando a nova organização curricular, observa-se uma postura inovadora das competências demandadas pelo mercado de trabalho ao inserir, principalmente, a Unidade Curricular Especial de Extensão, sendo esta a unidade curricular (UC) que, sobretudo, confere ao bibliotecário outras responsabilidades advindas de realidades concretas. As habilidades que norteiam a formação do bibliotecário, especialmente aqueles que se formaram na UFC, são:

- a) capacidade de diagnosticar a necessidade, planejar e implementar produtos e serviços informacionais para unidades de informação de qualquer natureza e promovê-los para seu público-alvo;

- b) formular, executar e avaliar planos, programas, projetos e políticas institucionais de acesso e uso de informação;
- c) utilizar racionalmente os recursos disponíveis e responsabilmente desenvolver e utilizar novas tecnologias e artefatos tecnológicos relacionados à sua área de competência;
- d) desenvolver atividades profissionais autônomas de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres no âmbito da Biblioteconomia;
- e) compreender e atender as necessidades sociais de informação oriundas das transformações sociotécnicas próprias da atualidade;
- f) ambientar-se e capacitar o público-alvo de sua atuação para uso das tecnologias, recursos e funcionalidades ligados ao fluxo de informação em ambientes analógicos, digitais ou híbridos;
- g) aplicar conhecimentos teóricos e técnicos de coleta, processamento, armazenamento e disseminação da informação em quaisquer tipos de mídia como suporte;
- h) atuar como pesquisador e criador de informação técnico-científica (UFC, 2022, p. 19).

O Quadro 1 representa o entendimento das convergências das disciplinas com as competências específicas do curso de Biblioteconomia da UFC. Observa-se que não acontece uma relação linear e única para as partes analisadas, isto é, uma UC não se interliga e promove apenas uma só competência.

Quadro 1 – Unidades curriculares e as disciplinas do curso de Biblioteconomia da UFC

Unidades Curriculares	Disciplinas
Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	<ul style="list-style-type: none"> ● Introdução à Filosofia ● Introdução à Sociologia ● Fundamentação Teórica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação ● Cultura e Mídia ● Teorias da Informação e da Comunicação ● Práticas Socioculturais em Biblioteconomia ● Informação e Sociedade ● História dos Registros do Conhecimento ● Teoria e Prática da Leitura ● Direito Autoral e Biblioteconomia ● Bibliotecas Escolares, Públicas e Comunitárias ● Bibliotecas Especializadas e Universitárias ● Informação, Meio Ambiente e Desenvolvimento ● Antropologia da Informação ● Fundamentos de Arquivologia
Organização e Representação do Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> ● Linguagens Documentárias Alfanuméricas – CDD ● Linguagens Documentárias Alfanuméricas – CDU ● Linguagens Documentárias Alfabéticas ● Técnicas de Arquivo ● Controle dos Registros do Conhecimento ● Representação Descritiva da Informação I ● Representação Descritiva da Informação II ● Representação Temática da Informação: Indexação ● Recuperação da Informação ● Editoração
Recursos e Serviços de Informação	<ul style="list-style-type: none"> ● Fontes Gerais de Informação ● Fontes Especializadas de Informação ● Serviços de Informação ● Formação e Desenvolvimento de Acervos ● Conservação Preventiva de Acervos Documentais
Gestão de Unidades de Informação	<ul style="list-style-type: none"> ● Gestão de Unidades de Informação ● Planejamento de Unidades de Informação ● Organização e Processos em Unidades de Informação ● Atuação e Ética Profissional ● Marketing em Unidades de Informação ● Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação ● Empreendedorismo em Serviços de Informação ● Gestão da Informação e do Conhecimento

(continuação Quadro 1)

Unidades Curriculares	Disciplinas
Tecnologias da Informação	<ul style="list-style-type: none">● Cognição, Informação e Tecnologia● Tecnologia da Informação II● Arquitetura da Informação● Planejamento de Infraestrutura Tecnológica para Unidades de Informação● Informação e Tecnocultura● Tecnologia da Informação I● Análise de Sistemas Aplicada a Serviços de Informação● Teoria e Prática para Modelagem de Repositórios Digitais● Fundamentos da Ciência de Dados e Suas Aplicações a Dados Bibliométricos e Bibliográficos
	<ul style="list-style-type: none">● Metodologia do Trabalho Científico● Pesquisa Qualitativa em Biblioteconomia e Ciência da Informação● Metodologia da Pesquisa● Fundamentos de Estatística● Introdução à Pesquisa Documentária● Normalização● Estudo de Comunidades e de Usuários da Informação● Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I● Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
Estágio	<ul style="list-style-type: none">● Estágio
Unidade Curricular Especial de Extensão	<ul style="list-style-type: none">● Extensão

Fonte: UFC (2022).

Considerando a nova organização curricular, observa-se uma postura inovadora das competências demandadas pelo mercado de trabalho ao inserir, principalmente, a Unidade Curricular Especial de Extensão, sendo esta a UC que, em grande medida, confere ao bibliotecário outras responsabilidades advindas de realidades concretas. No que tange às competências que norteiam a formação do bibliotecário, especificamente, formado na UFC, temos:

Quadro 2 – Relação conceitual entre unidades curriculares e as competências específicas requeridas no currículo

Unidades Curriculares	Competências
Fundamentação Teórica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	Visa desenvolver familiaridade com um raciocínio conceitual que permita aos alunos apreenderem e lidarem rigorosamente com teorias gerais e específicas, inclusive acionando-as quando do processo de interpretação da realidade social e profissional.
Organização e Representação do Conhecimento	Objetiva capacitar o aluno para os processos intelectuais e técnicos que dão suporte à representação da informação, por meio de linguagens documentárias, e à organização da informação, de modo a viabilizar sua recuperação em ambientes informacionais tradicionais e digitais.
Recursos e Serviços de Informação	Objetiva capacitar o aluno no conhecimento e avaliação de produtos, recursos e/ou serviços de informação existentes, bem como para o diagnóstico de necessidades de melhoria ou de criação e implementação de novos produtos, recursos ou serviços de informação em diferentes contextos informacionais e organizacionais.
Gestão de Unidades de Informação	Objetiva capacitar o estudante de Biblioteconomia para exercer a gestão de diferentes tipos de unidades de informação, a partir de teorias e princípios norteadores da Administração.
Tecnologias da Informação	Objetiva capacitar o futuro bibliotecário para o planejamento, implementação e avaliação do uso de tecnologias da informação e da comunicação em unidades de informação.
Pesquisa	Objetiva capacitar o estudante para a realização de pesquisas com base nos métodos e técnicas de pesquisa científica.
Estágio	Visa organizar e mediar a relação do estudante de Biblioteconomia com as empresas conveniadas com a UFC, encaminhando-os para os campos de estágio e mantendo diálogo com os orientadores técnicos.
Unidade Curricular Especial de Extensão	Visa proporcionar e orientar os estudantes quanto à integralização da carga horária extensionista não inserida nas disciplinas do curso, devendo ser integralizadas independentemente.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em UFC (2022).

A Unidade Curricular Especial de Extensão foi a que recebeu a maior alteração na nova organização curricular, que tenta oferecer aos alunos a oportunidade de fazer a extensão e

assim completar o tripé acadêmico do ensino, pesquisa e extensão. Outra alteração que não está contemplada em nenhuma UC, mas deve ser mencionada, é a possibilidade de o aluno fazer o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) no formato de artigo; antes era só monografia.

Diante do exposto, torna-se desafiador e, ao mesmo tempo, de suma importância compreender as relações que envolvem as UCs e sua correlação com as competências requeridas no Curso. Conhecer esse tipo de relação é relevante para o desenvolvimento e aplicação de atividades interdisciplinares. Acerca de interdisciplinaridade, Santos Neto, Santos e Valentim (2017) argumentam que, o movimento interdisciplinar requer negociações, esforços e desconstruções. A interdisciplinaridade é resultante da adoção de ações que visam aproximar os saberes e as práticas. Para Pombo (2004), a interdisciplinaridade surge tanto para diluir as fronteiras entre disciplinas, quanto para explorar a transversalidade entre os diferentes conhecimentos e, nesse contexto, seguiremos os passos da interdisciplinaridade para a manutenção de um diálogo.

O curso de Biblioteconomia é, por natureza, interdisciplinar, pautado basicamente nas áreas de tecnologia, ciências sociais e comunicação. Ao longo do curso, a interdisciplinaridade é estimulada por meio dos componentes curriculares e atividades complementares, de modo a permitir a participação efetiva dos discentes em ambientes multidisciplinares similares aos que serão encontrados no mercado de trabalho, como o que acontece na maioria dos componentes curriculares que promovem o trabalho em equipe (UFC, 2022).

Adiantamos, todavia, que as aproximações aqui dispostas são frutos de uma reflexão conceitual e que, portanto, não se furta a outras reflexões. Reconhecer as partes que integram o todo – Unidades Curriculares e as competências e habilidades requeridas no Curso – apresenta-se como uma etapa importante para a formação do bibliotecário.

Observa-se que o alinhamento dos objetivos do Curso com as UCs possibilita notavelmente um alinhamento com o mercado de trabalho; observa-se também que, no nosso olhar, três UCs tiveram mais de uma competência contempladas – Unidade de Organização e Representação do Conhecimento e de Gestão de Unidades de Informação e Tecnologias da Informação – demonstrando que tais UCs são as que mais representam os pilares do mercado. A UC de estágio se configura como a junção de todas as demais.

Considerando que o intuito norteador foi responder quais competências profissionais estão previstas na nova configuração da formação do bibliotecário do curso de Biblioteconomia da UFC, podemos inferir que o bibliotecário formado a partir do PPC implantado em 2023 terá as competências centradas em quatro dimensões principais: 1) a gestão e suas possibilidades; 2) as tecnologias e suas aplicações, 3) a representação do conhecimento e suas possibilidades; e 4) os usuários com suas necessidades informacionais, estes subjacentes a todas as UCs.

Sobre competências e sua relação centrada no ensino, Rios (2006) argumenta que o ensino competente é de boa qualidade, sendo assim, a função docente se apresenta como conectora das dimensões técnica, política, ética e estética da atividade do profissional da informação. A competência só faz sentido quando se reflete criticamente sobre os interesses que orientam a prática, as intenções que a movem e o destino que terão as ações, no contexto amplo da sociedade.

Considerações finais

Vimos que a Biblioteconomia é uma área do conhecimento com currículo generalista e plural decorrente da diversidade de prática informacional e do diálogo interdisciplinar reconhecida pela sua práxis. Por conta dessa pluralidade na formação, ocorre,

também, uma pluralidade de possibilidades de atuação profissional e o desenvolvimento de suas competências. Vimos, ainda, que as competências mais requeridas nessa análise se voltam para a gestão e sua extensão, as tecnologias e as representações do conhecimento.

A inserção da interdisciplinaridade em quaisquer currículos é uma busca por religar os saberes e as diferentes áreas de conhecimentos, a fim de superar o pensar fragmentado e, assim, instigar também o aprofundamento para a construção do saber, dada a sua característica integradora, uma vez que é necessário desenvolver práticas que promovam o entendimento mútuo entre os saberes das áreas envolvidas, pois nada pode ser explicado por meio da ordenação ou disposição das partes, mas sim por meio das relações que elas mantêm entre si e com o todo.

Sob essa perspectiva, a Biblioteconomia, que é uma área interdisciplinar por excelência, deve ter um currículo que aponte para uma atuação baseada nas mesmas bases, permitindo ações que sejam relevantes para a sociedade e se estendendo além do mercado de trabalho.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002.

BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação: das origens às tendências. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-28, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57045/32506>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COSTA, T. A. A noção de competência enquanto princípio de organização curricular. *Revista Brasileira de Educação*, Minas Gerais, n. 29, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>

rbedu/a/DzH3VMkvXTVv6FCR7TLjPzG/?format=pdf&lang=pt.
Acesso em: 15 jun. 2023.

FRAGELLI, T. B. O.; SHIMIZU, H. E. Competências profissionais em Saúde Pública: conceitos, origens, abordagens e aplicações. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, jul./ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5p9QR8v46yTxgjyLNYcdRzS/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delimitador de seu núcleo principal. *DataGramaZero*, v. 2, n. 4, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5176>. Acesso em: 23 jun. 2023.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

POMBO, O. *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

RIOS, T. A. *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS NETO, J. A.; SANTOS, J. C.; TELES, P. S.; VALENTIM, M. L. P. Interdisciplinaridade no contexto da ciência da informação: correntes e questionamentos. *Em Questão*, v. 23, n. 1, p. 9-35, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.9-35>. Acesso em: 25 fev. 2024.

SILVA, A. C. B. *Projeto Pedagógico: instrumento de gestão e mudança*. Belém: Unama, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). Coordenação do Curso de Biblioteconomia. *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*. Fortaleza, 2022.

VALENTIM, M. L. P. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. p. 7-30.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. *Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação*. Florianópolis: UFSC, 2020.

Olhares discente e docente sobre o Curso de Biblioteconomia: relato de experiência

Tayssa Nobre Lobo

Mestranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFC.
Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

No mestrado, é bolsista da Capes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1007779097469549>.

Maria de Fátima Oliveira Costa

Doutora em Ciência da Informação (Unesp). Professora do Departamento
de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7584115523461248>.



pensamento sobre o futuro faz parte da formação do ser humano, influencia o nosso autoconhecimento, a percepção de nossas necessidades e fomenta a reflexão sobre o papel que desempenhamos na sociedade. O crescimento nos permite inúmeras possibilidades que se abrem como um leque e fecham-se, ao passo em que devemos realizar escolhas inevitáveis em detrimento de outras. Neste viés, o processo do conhecimento torna-se um caminho de descobertas, trocas e que nos leva à tomada de decisões importantes, desde a vivência no ensino fundamental ao ensino superior numa passagem que vai da leitura da palavra até à leitura da “palavra mundo”, ou seja, do próprio mundo, nos dizeres de Paulo Freire.

Tais interlocuções, diante da efemeridade da vida, formam não apenas o profissional moldado na teoria, mas também esculpe as nossas práticas sociais, principalmente quando nós nos reconhecemos ou somos reconhecidos por meio da profissão. A vivência de uma graduação ao longo dos anos contribui para o desenvolvimento da afeição pelo curso e pelas áreas por ele abraçadas, sobretudo quando relacionadas às motivações de ingresso e permanência. Para tal, este caminho a ser percorrido pelo aluno, vivenciado como sua própria jornada do herói, é proveniente também de leituras, reflexões e experiências.

As relações sociais que permeiam o cosmo acadêmico e que auxiliam na construção de uma identidade profissional são frutos de um conjunto de atividades, hábitos, jeitos, signos e fazeres próprios da cultura de um ambiente repleto de memória, alimentada pela história de quem por ali passou. Para Martini e Morigi (2022), a memória assemelha-se a uma arca que resguarda todo um com-

pilado de informações valiosas e que, por vezes, pode corroborar com a construção identitária do sujeito e, não obstante, do seu “eu” de formação acadêmica. Desse modo, independentemente da forma do ingresso em um curso de ensino superior, é inegável que novas maneiras de se pensar e de ser acabam nos guiando para aquilo que, inicialmente, acendeu o brilho em nossos olhos em algum momento.

Portanto, quando falamos sobre aprender na universidade, nos referimos também a questionamentos, desafios, memória, cultura, história, intercâmbios, leituras, vivências, dentre tantos outros elementos que formam a identidade do sujeito, especialmente no âmbito em que nos dispomos a estudar. Em nosso caso, a Biblioteconomia surgiu nesse processo de autoconhecimento e na tão sonhada busca por responder a indagação de quem gostaríamos de nos tornar ao crescer.

Nesse sentido, falar sobre a vivência em uma graduação e, não obstante o que foi feito a partir dela, pode ser uma forma também de homenagear a área e quem fez e faz parte dessa história. O curso de Biblioteconomia, instalado como graduação, em Fortaleza, em 1965, vinculado ao Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (CH-UFC), completou 60 anos em 2024, tendo sido reconhecido em 1972. Inicialmente, foi ao lado do caminhar da institucionalização da profissão que o representante da área, o bibliotecário, teve sua prática oficialmente reconhecida como um domínio em nível acadêmico.

A princípio, a formação deste profissional esteve voltada para procedimentos técnicos, a exemplo das disciplinas de Catalogação, Classificação, Bibliografia, em que havia um peso bem evidente nessas disciplinas técnicas, sendo assim bem chamado de curso eminentemente tecnicista. Essa realidade deu-se, com efeito, durante, aproximadamente, 20 anos, até a reforma curricular seguinte, iniciada em 1985, até sua implantação, a partir de 1988, e, ainda, com várias alterações na década de 1990 e em ou-

tros períodos subsequentes, o que trouxe à tona a preocupação e o compromisso com a abordagem social.

O reconhecimento do bibliotecário como um agente social se faz evidente, não obstante a partir da identificação deste profissional também com os processos de criação, organização, disseminação, implementação da informação e a atuação como mediador na aquisição do conhecimento. Assim, o entendimento do bibliotecário a partir do perfil almejado no projeto pedagógico do curso foi essencial para que outros olhares fossem instaurados sobre esse campo de estudo.

Sob transformações contínuas, o caminhar da Biblioteconomia superou paradigmas antes persistentes e passou a criar metodologias para a hereditariedade dos saberes seculares que permeiam a área; mudanças estas que foram segmentadas pela necessidade moderna e fomentadas pelo sentimento dos profissionais. Evidenciou-se mais claramente o entendimento sobre o bibliotecário quanto ao perfil perseguido no projeto pedagógico do curso, focando, outrossim, a ampliação de sua função de mediador da informação. É por essa via que trazemos as palavras de Jupiasu (2006), nas quais afirma que a temporalidade das coisas não é durável, se não estiver sob a profunda e apaixonada adesão de alguns na procura de inovar, tornando-se catalisadores para núcleos de inovação.

A partir desta primeira reforma, outras seis mudanças na estrutura curricular do curso trouxeram outros aspectos sobre a Biblioteconomia, o bibliotecário e o mundo ao seu redor. Com os novos rumos da sociedade, os paradigmas da ciência, os desafios, a missão do curso para os bacharéis em formação no tocante ao ensino, pesquisa e extensão foi renovada. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (2020), hoje, há maior transdisciplinaridade no ensino, colocando a Biblioteconomia sob as Ciências Sociais Aplicadas e sob os segmentos da Ciência da Informação (CI). Cabe salientar o fato de que a última alteração curricular proposta vem

trabalhando e acompanhando as mudanças que dizem respeito aos mais atuais interesses da sociedade.

Atualmente, a Biblioteconomia forma profissionais de cunho liberal que trabalham tanto no âmbito privado quanto público, possibilitando a atuação em diversas áreas do conhecimento e em diferentes ambientes de informação: editoração, organização e processamento da informação, pesquisa com usuários, gestão da informação e do conhecimento, marketing, gestão de bibliotecas etc. A vanguarda do curso está na adaptabilidade do conhecimento para o mundo atual, colocando o bibliotecário como um profissional do presente, atuante, portanto, na contemporaneidade, afastando-se dos estereótipos datados.

Nesse quesito, urge ressaltar os desafios lançados para que haja adaptabilidade dentro deste percurso, visto que, desde o início do século, há uma contradição quanto às problemáticas globais e interplanetárias, o conhecimento fragmentado e depositado em compartimentos estanques (Jupiassu, 2006). Em um curso em que a informação é matéria-prima, independentemente de seu suporte, a revitalização dos saberes torna-se indispensável.

Seja da forma secular ou da forma moderna de atuação, o bibliotecário se dispõe ao outro como um agente de mudança; por vezes pode gerar agitações ou apaziguar discussões; e desde outrora ansiava tornar-se mediador entre seu usuário e o universo de informações existentes. Este foi o profissional que eu conheci ao ingressar na Biblioteconomia e é quem eu descrevo a vocês com o intuito de não apenas compartilhar vivências no âmbito acadêmico, mas no sentido de conhecer o que há por detrás dos representantes dessa área: o curso que embasou os seus, os nossos conhecimentos.

Assim, a entrada na universidade, o desenvolvimento das práticas na área de atuação, os saberes apreendidos e a formação da identidade fizeram parte do meu processo acadêmico. Destarte, este relato tem o intuito de compartilhar a visão das autoras sobre

as lembranças e relatos tidos durante o percurso trilhado. Portanto, temos como questão norteadora deste relato: **quais foram as vivências que marcaram a jornada acadêmica no curso de Biblioteconomia, considerando igualmente o discurso e a praxe concretizada?**

Consideramos que o despertar do aluno dentro do curso de graduação ocorre de diferentes formas e, hoje, como atual discente da Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFC) na mesma universidade, que abraçou minha jornada na época de estudante de graduação em Biblioteconomia, tal processo pairou sobre a de estudante, em primeiro momento, na apresentação do curso feita pelos docentes e, logo depois, na iniciação acadêmica, que permitiu aprofundar os conhecimentos teóricos no cotidiano da profissão. Sendo assim, temos como objetivo geral apresentar as vivências tidas ao longo do curso de Biblioteconomia sob a ótica discente e docente.

Para isso, a escolha do Relato de Experiência (RE) deu-se por sua importância em elaborar e divulgar o conhecimento científico por meio de outro viés, principalmente com o intuito de promover os escritos acadêmicos. Ao considerarmos o RE, concordamos com Mussi, Flores e Almeida (2021), ao afirmar que se trata de uma expressão escrita de vivências. Sendo assim, os autores o caracterizam como um tipo “[...] de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção”. Além disso, o pensamento crítico, o embasamento científico e a reflexão a ser obtida também são elementos constituintes de um RE.

Diante dessa proximidade vivenciada do sexagésimo aniversário do curso e de suas mudanças ao longo do percurso acadêmico, científico e social, gostaríamos de apresentar este RE como forma de contribuir para a visão dos pares sobre o olhar de uma aluna graduada no curso e que se encontra na pós-graduação

de uma área correlata e como se torna sensível que o reconhecimento da profissão do bibliotecário também está associado ao papel do curso em nossas vidas.

Biblioteconomia: aspectos curriculares e reflexões

Por muito tempo, a busca por se encontrar sob a ótica do trabalho e do que gostaria de exercer na sociedade foi precedida de dúvidas e demasiadas reflexões. O encontro com a existência do curso de Biblioteconomia deu-se após o término do ensino médio, o qual finalizei com indagações profundas sobre a possibilidade de reconhecimento em áreas diversas. Como consequência, a escolha do curso ocorreu como uma surpresa.

Acostumada a ver a figura do bibliotecário como algo tão simbólico e distante da realidade, principalmente no reconhecimento da profissão para além da biblioteca, os estereótipos guiaram a minha curiosidade a respeito do que se estudava para ser tal profissional. Sob a ótica de Paiva *et al.* (2017), a ideia que se tem ainda provém desse senso comum relacionado à falácia de que a Biblioteconomia forma higienizadores e arrumadores de livros e nada mais, demonstrando o desconhecimento quase que total sobre o profissional e sua real atuação.

Foi a partir dessa desconstrução inicial e de ver as portas da UFC abertas, que houve o esclarecimento de dúvidas obtidas sobre o curso e acerca da profissão. Como Martini e Morigi (2022) trazem à tona, as relações sociais fazem parte da nossa vida desde muito cedo e, juntamente com as experiências que temos ao longo dessa caminhada, a aquisição de conhecimento delas forma nossos pensamentos.

Sejam valores morais ou éticos, saberes ou comportamentos, todos são incorporados na nossa forma de ver o mundo

e é através da educação que compartilhamos as regras básicas de convivência social e adquirimos e carregamos memórias guardadas em nossa própria arca. Sendo assim, a percepção tida sobre o curso foi traduzida por uma vivência obtida por meio de leituras e convivências.

A partir de 2018, ao ingressar como discente, acompanhamos as mudanças propostas do currículo e, assim, logo no primeiro semestre, foi perceptível as características do curso por meio de algumas disciplinas introdutórias, tais como: História dos Registros do Conhecimento, Informática Aplicada à Biblioteconomia, bem como outros os aspectos introdutórios da Biblioteconomia tocarem-me ao criar uma semente sobre a história da profissão desde os primórdios dos primeiros registros da humanidade. Destacamos que a vivência tida se baseou na Estrutura Curricular que entrou em vigor em 2016.2, tendo como carga horária total 3.200h, de acordo com o PPC de Biblioteconomia (UFC, 2020).

O primeiro semestre foi marcado por discussões introdutórias acerca da atuação do bibliotecário, não obstante sua visão em relação ao mundo e a visualização da sociedade frente à pessoa profissional. Santa Anna (2014) denota, ao analisar a história, o quanto a evolução do bibliotecário foi percebida como uma metamorfose entre o que seria um zelador de informações para um disseminador, mediando o acesso ao conhecimento para diversos públicos.

O segundo período, marcado pela fundamentação teórica do curso e da CI e disciplinas que adentraram também a prática leitora e o papel do bibliotecário como mediador, também se demonstrou de suma importância para circundar melhor os alicerces da profissão. Em complemento, os conhecimentos sobre o uso da tecnologia como ferramenta aliada para o bibliotecário também foram inseridos de modo a tratar sobre o fazer da profissão nos tempos atuais que também requerem o fator tecnológico. Nesse sentido, o envolvimento profundo da teoria tanto sanou quanto

alimentou questionamentos internos sobre novas formas de exercer o ofício de bibliotecário na sociedade.

Sabemos que a informação, principalmente com a ascensão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) também é um desafio para lidar com os processos que envolvem sua salvaguarda, organização e disseminação. É inegável que “[...] o poder das novas tecnologias desencadeia a construção de novos artefatos, oferecendo novas condições de interação do homem com o mundo”, como afirma Santa Anna (2014). Essa perspectiva não exclui fazeres práticos que envolvem os suportes físicos, pois a complementação dos conhecimentos frente às necessidades do ser humano criam possibilidades inúmeras para se tratar da tecnologia.

Morin (2003) utiliza o desafio da globalidade como um desafio de complexidade, visto que os componentes que constituem todo um organismo/sistema são, de certa forma, inseparáveis, coexistindo em um tecido interdependente, interativos e que se retroalimentam, ora o todo pelas partes, ora as partes em detrimento do todo. Tais desafios nos levam à busca constante por atualização e aperfeiçoamento no intento de tratar das tessituras que envolvem o universo do conhecimento. O bibliotecário, como mediador, mas também como produtor e agente social, faz parte desse processo e se utiliza das ferramentas e estratégias desenvolvidas para atuar sobre essa complexidade. Assim:

O que se quer enfatizar é a formação de um profissional com domínio no manuseio da tecnologia sem deixar de lado a competência humana, em saber ver a diversidade da sociedade, procurando tornar as ambiências de informação em espaços criativos, atrativos, inovadores e cultural para uso de todos os cidadãos (UFC, 2020, p. 17).

No decorrer da formação, foram concretizadas ações relevantes de cunho técnico e social à nossa formação. Dentre eles, a visitação de unidades de informação para concretização de traba-

lhos, evidenciando a práxis na realidade, a motivação dos docentes para a realização de trabalhos voluntários em bibliotecas comunitárias, bem como o incentivo em conhecer os profissionais da área por meio de entrevistas e eventos.

Alguns temas que citamos aqui são: linguagens documentárias, fontes de informação, catalogação, base de dados, recuperação da informação, estudos de usuários, dentre outros temas que perpassam a estrutura curricular do curso. Todos eles essenciais para que pudéssemos alcançar reflexões de acordo com os parâmetros que embasam, por exemplo, o serviço de referência, pois “cabe a ele interagir de maneira mais próxima com o público e desenvolver serviços e produtos que respondam satisfatoriamente às necessidades informacionais da comunidade de usuários” (Santos; Silva, 2021, p. 2).

Dentre os eventos realizados semestralmente durante o curso, temos o Seminário de Informação, idealizado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira Costa, os Seminários de Cultura e Mídia, proporcionado pelo Prof. Dr. Tadeu Feitosa, assim como o Seminário sobre Representação Temática da Informação, realizado pela Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto. Esses eventos ocorrem semestralmente no curso e, com o auxílio e elaboração dos discentes, tornaram-se marcos na história da Biblioteconomia na UFC.

As abordagens interdisciplinares apontadas foram formuladas e trabalhadas de acordo com os normativos da profissão com o fito de levar ao discente as práticas do bibliotecário presentes nos normativos regulamentadores. Temos o Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, que caracteriza as práticas do bibliotecário por meio de:

- I – Demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais ou municipais;
- II – Padronização dos serviços técnicos de biblioteconomia;

- III – inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas;
- IV – Publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;
- V – Planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de biblioteca;
- VI – Organização de congressos, seminários, concursos e exposições nacionais e estrangeiras, relativas à biblioteconomia e à documentação ou representação oficiais em tais certames (Brasil, 1965, art. 9).

Nesse sentido, percebe-se que a estrutura curricular, sob a perspectiva da teoria e prática, utilizando-se dos conhecimentos de base da profissão, também se atenta para a discussão sobre os novos paradigmas dentro da Biblioteconomia e de áreas correlatas como a CI. Esta formação, já com atualização seguinte, que entrou em vigor em 2023, caminha juntamente com as necessidades da sociedade, mais especificamente do usuário de informação.

Portanto, a organização curricular atual trabalha com oito unidades de acordo com o PPC de Biblioteconomia (UFC, 2020), são elas: Fundamentação Teórica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Organização e Representação do Conhecimento; Recursos e Serviços de Informação; Gestão de Unidades de Informação; Tecnologias da Informação; Pesquisa; Estágio e Unidade Curricular Especial de Extensão. Todas unidas entre si como um sistema, intercambiando componentes e auxiliando nos saberes de cada uma.

Nesse sentido, Silva e Alauzo (2019) reafirmam a crença no processo de ensino e aprendizagem na universidade como forma de mudança para a preparação dos futuros bibliotecários, de maneira ativa e empoderada cognitivamente, a fim de intervir na realidade em que estão inseridos. Estas transformações perpassam

por um conjunto de práticas apresentadas aos discentes e que se torna um diferencial na formação.

Em uma dessas oportunidades destacamos a vivência obtida na Divisão de Preservação de Acervo (DPRA) da Biblioteca Central do Campus do Pici (BCCP) e o estágio supervisionado no Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará, atividades em que apontamos aqui os cuidados relativos a obras raras e a atuação em organização de arquivos, respectivamente. Os saberes adquiridos também pela ação dos docentes auxiliam na independência do discente para realização de trabalhos; destacamos aqui a ação voluntária de contação de histórias e pintura corporal na Biblioteca Josélia Almeida, no Instituto dos Cegos do Ceará, que foi promovida como atividade para uma disciplina e tornou-se um fazer recorrente, mesmo após sua conclusão. Assim, tais experiências se entrelaçaram aos aprendizados em sala de aula e, por conseguinte, também promoveram reflexões para o ingresso em uma pós-graduação na área.

No conjunto de experiências obtidas ao longo do curso para além das leituras e pesquisas realizadas – também de grande impacto na formação e desenvolvimento do discente – estão as práticas relacionadas às disciplinas. O apoio a atividades fora dos muros da universidade também foi de grande valia para o envolvimento com fato social da profissão. Destes, podemos destacar ações de contação de história para grupos vulnerabilizados, ações de voluntariado em bibliotecas comunitárias, bem como a participação em bolsas de iniciação acadêmica e o estágio supervisionado.

O olhar docente

A própria formação dos docentes exige também um olhar sobre o educando, pois o professor também irá visualizar, durante toda a jornada, o cidadão que o aluno deseja ser para a sociedade (Mashiba; Gasparin, 2015). Os autores ainda trazem a educação como forma de emancipação, utilizando-se da imaginação e da

experiência a fim de transpor o pensamento formal. Essa educação pode tratar o educando como um ser que irá conseguir orientar-se no mundo, tornando-se um profissional adaptável, resiliente e resistente.

Enquanto docente de disciplinas deste curso, responsável pela formação profissional do bibliotecário, posso ressaltar os inúmeros instantes vividos com nossos estudantes na graduação e na pós-graduação. Conforme Silva e Alauzo (2019), a redução de incertezas e a permissão da autonomia do fator cognitivo é essencial, a saber que:

[...] os processos pedagógicos, os valores culturais e as diretrizes institucionais da universidade e seus educadores afetam e interferem na construção de práticas que podem empoderar o aluno. Isso se dá a partir do estímulo de sua capacidade criativa, desenvolvimento de suas potencialidades e, sobretudo, um direcionamento de sua consciência para um posicionamento crítico que deve se refletir na sua postura e carreira profissionais (Silva; Alauzo, 2019, p. 2).

Há pontos que merecem ser apresentados aqui; por exemplo, sendo docente dessa turma já referenciada, com a presença da discente com quem compartilho essa breve história, as aulas, as práticas, os debates, os seminários, os depoimentos firmes e construtivos sempre nos chamaram mais atenção.

Assim, destaco, *verbi gratia*, que, ainda no sexto semestre, a disciplina de Estudo de Comunidade e de Usuários e, em especial, com o seu Seminário de Informação, constituído como projeto de extensão pertencente a tal disciplina, e já na 46ª edição, e por essa turma estar apresentando com excelente esmero, e pelos projetos de pesquisas ali apresentados e debatidos, em amplo auditório, ao público interno e externo, são oportunidades de todos realizar de fato uma pesquisa, apresentando seus resultados de forma deveras estimulante e vívida.

Então, vejamos o quanto de significativo se tornou esse tipo de evento, visto que o seminário é um método de ensino-aprendizagem coletivo e que investiga uma problemática de pesquisa, analisando um tema de forma crítica e, como Gil *et al.* (2012) afirma, é por meio desse diálogo que se busca socializar com o espectador, promovendo questionamentos e estimulando o conhecimento cooperativamente.

Silva e Alauzo (2019) trazem o processo formativo como resultado de várias prerrogativas, como a existência de espaços legitimados e reconhecidos, práticas educativas por meio da legislação existente, bem como docentes capacitados e, não obstante, os próprios discentes. Desse modo, tornaram-se perceptíveis o avanço e o crescimento de alguns alunos com tal atividade, pois, com aqueles que se dedicam a tal prática, tem acontecido o que sempre é esperado por docentes quanto ao desempenho acadêmico: a qualidade nos trabalhos, a percepção aguçada, o aumento das leituras sugeridas, a frequência em sala de aula, além das escolhas livres desses alunos por melhor performance na perspectiva profissional.

Quanto à disciplina de Atuação e Ética Profissional, já com estudantes mais desenvolvidos, por ser a última disciplina ofertada, no oitavo semestre, é notório o desempenho, ratifico aqui, daqueles que se dedicam a leituras, a participação em todas as atividades previstas. O mais encantador é termos alunos aprovados, ainda antes de suas formaturas, neste lindo curso de Biblioteconomia e já no mestrado (PPGCI); isso é de um significado indescritível para sabermos que é possível atingir e concretizar sonhos quando há dedicação, confiança e projeto de vida para o alcance das metas traçadas por docentes e discentes.

Nesse momento, compartilhando com a aluna do mestrado, uma das aprovadas ainda no último semestre da graduação, nos enche de orgulho o seu empenho, pois, hoje, na qualidade de orientanda e orientadora, assumo este pequeno relato

para registrar momentos inesquecíveis de satisfação vivenciados nesse curso.

Hoje sendo minha orientanda, com experiência de estágio de docência já concluída, com artigos em andamento a serem publicados e, em breve, apresentando seu projeto para qualificação, incluindo, graças ao convênio entre UFC e uma universidade europeia, a prevista breve visita à Alemanha, sendo relevante revelar tais fatos, visibilizam-se as possibilidades que o PPGCI pode propiciar aos seus alunos, após a graduação, em prol de alcançar, com êxito, os objetivos traçados e os sonhos de fato realizáveis.

Afinal, nesse simples relato, queremos disseminar a história do curso, em epígrafe, em função de divulgar de fato o que ele vem cumprindo em termos de responsabilidade social, compromisso, atualização, mostrando o desempenho que a sociedade requer e merece. Vem a lembrança de Edson Nery da Fonseca, professor titular da Universidade de Brasília, quando trabalha o texto “Receita de Bibliotecário” parafraseando “Receita de Mulher”, de Vinicius de Moraes, lembrando aos bibliotecários o seguinte: “os bibliotecários mais ignorantes que me perdoem, mas cultura é fundamental” e continua dizendo que o bibliotecário deve ter conhecimentos gerais e simpatia pessoal por uma das ciências, das letras e das artes.

Considerações finais

Observamos, assim, que o fazer e o ser estão atrelados à jornada acadêmica por meio das experiências obtidas desde o início. A vivência alinha-se à prática e a predisposição do curso em caminhar lado a lado com os paradigmas da área promove sempre novas perspectivas de se olhar para a Biblioteconomia. Dessa forma, as metodologias utilizadas durante a trajetória no curso se demonstraram impactantes para a continuidade na área.

Nesse sentido, podemos dizer que nosso objetivo geral foi cumprido, ao passo que buscamos trazer não apenas uma narrativa própria com base em um relato de experiência, mas também traçar nossos apontamentos sobre a importância do curso na vida do discente e do docente. Finalizando, vale explicitar que ser bibliotecário é informar de maneira acessível, comunicar de maneira clara e eficaz, dialogar sempre e construir o pensamento crítico, flexível e contemporâneo.

Referências

- BRASIL. Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, v. 6, p. 169, 19 ago. 1965.
- FONSECA, E. N. da. Receita de bibliotecário. *Cadernos de Biblioteconomia*, n. 1, p. 3-10, jul. 1973.
- GIL, E. S.; GARCIA, E. Y. A.; LINO, F. M. A.; GIL, J. L. V. Estratégias de ensino e motivação de estudantes no ensino superior. *Vita et Sanitas*, Trindade/GO, n. 6, jan./dez. 2012.
- JAPIASSU, H. O espírito interdisciplinar. *Cadernos EBAPE.BR*, v. IV, n. 3, p. 1-9, out. 2006.
- MARTINI, P.; MORIGI, V. J. Cultura, memória, instituição e habitus na formação da identidade profissional. *IRIS – Revista de Informação, Memória e Tecnologia*, v. 8, 2022.
- MASHIBA, G. C. X.; GASPARIN, J. L. Reificação da consciência x pensamento crítico: por uma formação docente emancipatória. *Imagens da Educação*, v. 5, n. 2, p. 17-24, 2015.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PAIVA, A. H. V. *et al.* Biblioteconomia: aspectos da formação bibliotecária no contexto brasileiro. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2017.

SANTA ANNA, J. O futuro do profissional bibliotecário: desmistificando previsões exageradas. *Biblionline*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-16, 2014.

SANTA ANNA, J.; DIAS, C. C.; MACULAN, B. C. M. S. Elementos que fundamentam o serviço de referência a partir das leis da biblioteconomia. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. esp. 2021.

SANTOS, I. L.; SILVA, J. L. C. O Serviço de Referência no contexto das bibliotecas universitárias federais do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, p. 1-27, 2021.

SILVA, K. P.; ALAUZO, J. L. C. Empoderamento no processo formativo da Biblioteconomia: utopia tecnicista ou realidade possível? *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*, Fortaleza, 2020.


O que a Biblioteconomia me proporcionou e como me tornei um bibliotecário audiovisual

Francisco Edvander Pires Santos



Bibliotecário da Universidade Federal do Ceará desde 2014.
Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFC em 2018.
Gestor da Biblioteca de Ciências Humanas da UFC, de 2020 a 2023.
Vice-Coordenador do projeto de extensão Plurissaberes, de 2020 a 2023.
Podcaster e *Streamer* no projeto Cocriando, a partir de 2023.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1867794550261960>.

Considerações iniciais

 ano era 2007. Pré-vestibular e, com ele, as muitas indecisões sobre qual curso escolher na Universidade Federal do Ceará (UFC). Era a época do auge das *lan houses*, e meu primeiro emprego foi em uma delas. Ansioso e indeciso, passava horas pesquisando o que cursar e quais as possibilidades de mercado de trabalho para algumas graduações na UFC. Já tinha ouvido falar em Biblioteconomia no ensino médio, entre os anos de 2003 e 2005, mas a imagem repassada sobre o curso era sempre a do profissional que “auxiliaria a professora da sala de multimeios”, que “estudaria para pedir aos outros que façam silêncio”, que “passaria o dia todo lendo livros e sem fazer nada”, que “estudaria para limpar e guardar livros na estante” ou que “iria catalogar os ácaros e os tipos de poeira”. Essas foram algumas das definições que ouvi na escola.

Desde muito antes desse período, as áreas do jornalismo e do entretenimento televisivo já tinham o meu respeito, admiração e interesse. Mas qual profissão escolher que não fosse a de jornalista, publicitário, editor, roteirista ou ator, visto que eu não tinha aptidão para nenhuma delas? Então, decidi: “Vou pesquisar aqui na internet uma profissão que me permita, um dia, auxiliar esses profissionais de alguma forma”. Foi aí que me deparei com a Biblioteconomia e fiz do audiovisual a minha meta de atuação profissional. Além disso, também consegui vislumbrar o caminho dos concursos públicos, para os quais já havia muitos editais abertos naquela época.

O primeiro contato foi ler a Wikipédia: as Cinco Leis de Ranganathan, os códigos de classificação, os aspectos gerenciais da Biblioteconomia, dentre outras descobertas que fiz, sendo uma delas os acervos de televisão. Pronto. Eu já sabia o que cursar e por qual caminho seguir: trabalhar com documentos audiovisuais. Mas até chegar lá, o viés social da Biblioteconomia também me atraiu, mais especificamente a extensão universitária, e o seu significado foi ficando mais claro para mim quando optei por fazer o pré-vestibular justamente no Curso XII de Maio, onde eu tinha como professores alguns vizinhos que estudavam na UFC.

Ingressei no curso de Biblioteconomia no início de 2008. A aula de abertura do semestre letivo foi no auditório do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará (ADUFC), e uma das falas que mais me marcou foi a da professora Virgínia Bentes Pinto, que nos apresentou, em poucas palavras, o significado do tripé ensino, pesquisa e extensão. Assim, seguiram-se os dias e as aulas até chegarmos em 2008.2.

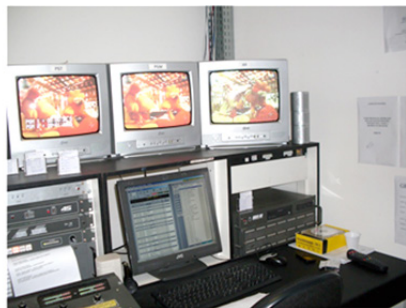
Do zapear à bolsa de extensão

Zapeando pelos canais de TV, dois programas locais chamaram a minha atenção: *Porto Mucuripe* e *Viva Fortaleza*, ambos exibidos pela TV O Povo, canal 48, na época emissora afiliada à TV Cultura, no Ceará. Aliás, zapear era o que eu mais gostava de fazer quando eu tinha o controle remoto em mãos, e a programação local, de algum modo, já me atraía numa perspectiva de futura atuação profissional. Decidi, então, realizar uma visita à TV O Povo tão logo eu tivesse oportunidade, o que se concretizou, em equipe, na disciplina de Editoração, conforme o relato a seguir:

A visita do nosso grupo foi feita na sede da TV O Povo, situada na Rua José Avelino, nº 515, Dragão do Mar, no dia 29 de outubro de 2008, com o objetivo de conhecer a edição de vídeo

da emissora. No entanto, tivemos a oportunidade de conhecer outros tipos de edições costumeiramente usadas na emissora de televisão. Nossa visita ocorreu no horário da tarde, permitindo acompanhar um pouco do processo de edição que estava ocorrendo com um dos programas da emissora. Naquele momento, estava sendo gravado o programa por inteiro, sem os devidos “cortes”, com as constantes correções, tanto por parte do apresentador quanto por parte da produção. Somente após a conclusão dessa gravação, é que é realizada a edição, retirando eventuais erros, como, por exemplo, entonações de voz, posição de câmera ou cenário, ajustes de áudio e erros de texto (no caso, tratava-se de um breve programa de leitura de textos de autores famosos). A edição é realizada no Switcher, uma sala separada do estúdio de gravação do programa. Desta sala, acompanhamos a gravação de todos os ângulos, pois havia vários monitores, cada um correspondendo a uma posição da câmera, além de uma mesa onde era possível ajustar *closes*, som e comunicar-se com o apresentador e com os cinegrafistas. Depois, fomos para uma sala chamada Master, de onde era possível acompanhar a programação da emissora nacional e fazer inserções de propagandas e de programas locais. Geralmente, duas pessoas se revezam no trabalho dessa sala, ficando cada uma seis horas por dia [...].

Imagens 1 e 2 – Switcher e Master da TV O Povo



Fonte: Registro do autor, 29 out. 2008.

O objetivo da atividade era apresentar, em sala de aula, locais que trabalhassem com edição. Foi aí que ocorreu a minha primeira visita à TV O Povo. Mal sabia eu que, um dia, atuaria nesse fluxo de produção audiovisual. E mais: faria do Arquivo de Imagens um setor estratégico naquela emissora no sentido de monitorar a programação local e nacional, visando instituir diretrizes e políticas de gestão para arquivamento, além de gerenciar a prestação de contas das gravações que eram comercializadas mediante a venda de cópias dos programas em DVD.

Antes de continuar o relato, preciso voltar brevemente à minha infância para talvez comprovar que um dia eu me tornaria mesmo um bibliotecário audiovisual. Sabe como? Assistindo a telenovelas, filmes, séries e shows até o final, o que inclui assistir a todos os créditos apresentados na tela com aquelas letrinhas subindo, às vezes devagar, às vezes rapidamente.

Não satisfeito em apenas assistir a elas, eu fazia questão de anotar, em várias folhas de papel A4, o nome e a função de cada pessoa ali representada e, sem saber o que era roteirizar, eu já rabiscava uma possível continuação daquelas histórias ou eventos. Esse era um dos meus passatempos, principalmente nas minhas férias escolares. Isso quando eu não inventava de gravar em uma fita VHS trechos de filmes e shows que passavam na TV, fazendo uma edição “nada a ver”. O videocassete que lutasse, com o entra e sai de fitas nele.

Já na adolescência, mexer e comprar DVDs nas lojas e video-locadoras era um dos meus *hobbies*, tanto que eu perdia a noção do tempo ao passear entre as várias opções de DVDs disponíveis para venda nas Lojas Americanas e para aluguel na Aza Vídeo. Esse costume me acompanhou até o final da minha graduação, em 2011, período em que séries como CSI, Dr. House, Glee e Revenge estavam no auge. Continuando o relato de 2008:

[...] Em seguida, após conhecermos os dois estúdios em que se gravam os programas e o local onde se depositam partes de estúdios antigos, conhecemos uma das Ilhas de Edição da emissora. Nessa ilha, uma pequena sala, as matérias dos programas são devidamente editadas; isso ocorre porque a imagem e o som que vemos e ouvimos na televisão são gravados separadamente na rua; a união dos dois elementos, portanto, é feita nesse ambiente. A edição ocorre também no setor de Arte, onde são produzidas as chamadas “vinhetas” da emissora, as quais são realizadas por dois profissionais, sendo produzida uma vinheta após seis meses de reuniões entre os responsáveis pela arte e pelo programa interessado. Além disso, esse setor também é responsável por confeccionar cenários, passando pelo mesmo processo de reuniões, feitas com muita antecedência, onde são apresentados os projetos da arte e discutidas as devidas correções. Para finalizar, conhecemos o setor de Arquivo, onde são guardadas matérias antigas, como entrevistas ou programas. Esse setor fica a cargo da bibliotecária Haylley Brito, que se utiliza de um computador para organizar o arquivo. Apesar de estar pouco tempo no ar e de situar-se em um local modesto, a TV O Povo demonstra organização na divisão de seus setores, em especial nos responsáveis pela edição.

Imagens 3 e 4 – Ilha de Edição e Arquivo de Imagens da TV O Povo



Fonte: Registro do autor, 29 out. 2008. Na foto: André Silvestre, editor de imagem, e Haylley Brito, bibliotecária responsável pela implantação do Arquivo de Imagens da TV O Povo.

Ainda em 2008, muitas foram as atividades e discussões em sala de aula durante a disciplina de Teoria e Prática da Leitura, ministrada pela professora Fátima Maria Alencar Araripe. Como último trabalho valendo nota, a professora solicitou à turma a composição de um portfólio, no qual deveriam constar as nossas experiências leitoras desde a educação básica até aquele momento da graduação. E foi justamente a partir da devolutiva ao meu portfólio que teve início a minha atuação como bolsista de extensão na UFC, quando a professora Fátima me disse em seu gabinete: “Eu quero você para ser meu bolsista...”

Da bolsa de extensão à gestão de um arquivo de TV

No decorrer da graduação, tive a oportunidade de explorar um pouco a minha afinidade na edição de vídeos, utilizando os recursos disponíveis no Windows Movie Maker. Lembro-me de seminários que apresentei, em equipe, vídeos editados a partir de gravações roteirizadas com base no conteúdo ministrado em sala de aula. Foi assim com os trabalhos das seguintes disciplinas: Editoração, Teoria e Prática da Leitura, Cultura e Mídia, Fontes Gerais de Informação e Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação.

Contudo, foi como bolsista do projeto de extensão Clube da Leitura, coordenado pela professora Fátima Maria Alencar Araripe, que tive a autonomia na produção de vídeos, os quais complementavam a divulgação dos círculos de leitura e as publicações do blog do projeto. Dessa forma, no dia 6 de abril de 2009, criei o canal Edbiblio, no YouTube, onde disponibilizei não apenas o conteúdo proveniente do Clube da Leitura, mas também os vídeos que eu editava como *hobby*. Passaram-se os anos e, no mês de julho de 2023, alterei o nome do canal para Cocriando, tendo em vista uma nova proposta de atuação profissional.

O ano de 2009 iniciou-se com as primeiras reuniões de planejamento e a mim foi confiada toda a participação no conceito das atividades. Como prioridades, criamos o e-mail e o blog do projeto e acionamos a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, visando à criação de uma identidade visual para o Clube da Leitura.

Imagem 5 – Primeira reunião de planejamento e identidade visual do Clube da Leitura



Fonte: Registro da professora Fátima Maria Alencar Araripe, coordenadora do projeto de extensão Clube da Leitura, 11 mar. 2009. Concepção da marca: Rayana Vasconcelos, bolsista da Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, em 2009.

No início do ano de 2010, graças ao contato com os bolsistas Diego Normandi e Rayana Vasconcelos, consegui outra oportunidade de bolsa, dessa vez na Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC. Minha missão era organizar o acervo de periódicos impressos e eletrônicos da revista *Universidade Pública*, sob a coordenação e edição do jornalista Paulo Mamede. Ali eu tive a certeza de que gerenciar o fluxo de produção editorial na área da Comunicação era, de fato, um dos nichos de mercado de trabalho para o bibliotecário.

Ainda em 2010, matriculei-me em uma das disciplinas de Estágio Supervisionado que, na época, eram divididas em três semestres letivos, conforme as seguintes propostas que constavam nas ementas: atendimento, processo técnico e gestão. Como um

dos locais para a escolha da minha turma, havia o Grupo de Comunicação O Povo, e foi lá onde eu cumpri cada uma dessas três disciplinas.

Iniciei, então, o estágio curricular na Biblioteca José Raymundo Costa, a qual era vinculada ao banco de dados do jornal *O Povo*, sob a orientação pedagógica da saudosa professora Ivone Bastos Bomfim Andrade. Minhas orientadoras técnicas foram duas bibliotecárias que em muito contribuíram para a formação do meu perfil profissional: Maria Teresa Lima Ayres e Ana Kelly Pereira da Silva, esta substituindo a bibliotecária Adelly Maciel, com quem trabalhei durante o primeiro mês de estágio.

Fundada no ano de 1992 e reinaugurada no dia 12 de fevereiro de 2007, a biblioteca do jornal *O Povo* possuía um caráter institucional, ou seja, seu acesso era restrito às pessoas colaboradoras da empresa. Era, portanto, uma biblioteca especializada, com fascículos de importantes revistas nacionais e internacionais, com um acervo raro de obras de referência, livros de todas as áreas do conhecimento e uma coleção fantástica de DVDs, ordenados segundo a Classificação Decimal Universal (CDU). Foi a partir dessa ordenação, inclusive, que comecei a questionar pontos para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois observei que nem sempre a notação da CDU e da tabela PHA permitia que DVDs de um mesmo gênero de produção audiovisual fossem reunidos em uma mesma prateleira, assim como dificultava a sinalização por assuntos nas estantes.

Atuei no processo de realocação do acervo, devido à aquisição de novas estantes para o local, o que me proporcionou conhecer toda a biblioteca e me familiarizar com a CDU. Houve, ainda, a necessidade de participar de treinamentos para o uso do software WINISIS e para o cadastramento da coleção de CDs e DVDs, além do atendimento às demandas de pesquisa, cadastro de usuários, organização dos expositores e auxílio na elaboração de relatórios de atividades.



Imagem 6 – Organização dos expositores da Biblioteca do jornal O Povo

Fonte: Registro (de surpresa) de Antonio Lúcio dos Santos, coordenador de pesquisas do banco de dados do jornal O Povo, abr. 2010.

O setor Banco de Dados gerenciava todo o acervo jornalístico produzido pela equipe editorial do jornal *O Povo*: redatores, produtores, fotógrafos, dentre outros profissionais. Eram indexados, minuciosamente, textos e imagens fotográficas, sob critérios específicos que, certamente, fariam brilhar os olhos de qualquer estudante de Biblioteconomia⁵. No entanto, para os vídeos produzidos pela TV O Povo, inaugurada no ano de 2007 como emissora afiliada à TV Cultura no Ceará, ainda não existiam critérios sólidos de descrição do conteúdo, isto é, de decupagem, e a crescente massa documental foi um dos motivos para a então presidente do Grupo, Luciana Dummar, solicitar a colaboração do Banco

⁵ Apresentação dos trabalhos do Banco de Dados em reportagem sobre os 80 anos do jornal *O Povo*, exibida no programa *Viva Fortaleza*, no dia 9 de janeiro de 2008: <https://www.youtube.com/watch?v=VPPjIKj6VkQ>. Acesso em: 23 dez. 2023.

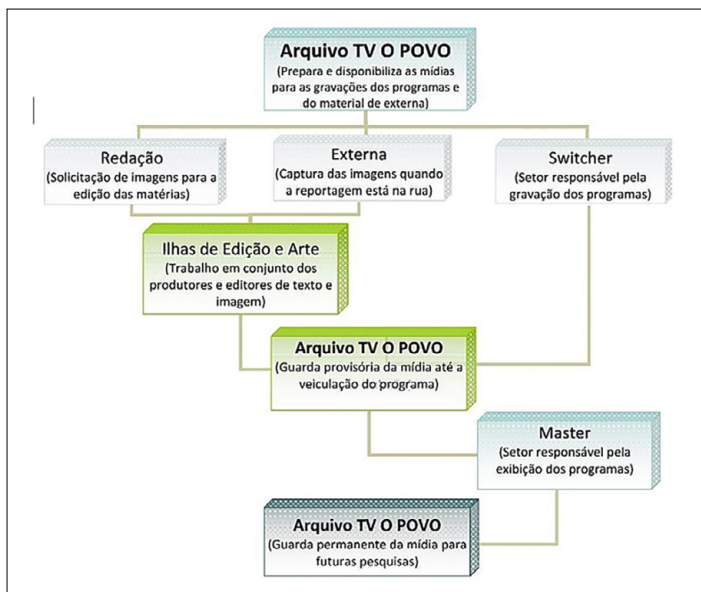
de Dados na gestão do acervo audiovisual. Aproveitei essa oportunidade para demonstrar meus talentos na edição de vídeos e, assim, ser convidado a participar da seleção para estagiário na TV.

Retomando minhas edições de vídeos, preciso confessar que a apresentadora Angélica teve uma participação indireta para que eu concretizasse o meu objetivo profissional: atuar no arquivo de imagens de uma emissora de TV. Nessa época, a Rede Globo exibia diariamente o *Vídeo Game*. O programa era exibido à tarde e teve a participação de um estudante de Biblioteconomia, que chegou a ganhar a competição. Aproveitei o ensejo e editei um vídeo que reunia a participação desse estudante e as possibilidades de atuação da nossa área.

O resultado foi uma surpreendente e expressiva quantidade de visualizações no canal Edbiblio, incluindo o acesso das minhas orientadoras técnicas, que logo notaram a minha afinidade para a produção audiovisual e me deram a chance de concorrer a uma vaga de estágio remunerado na TV O Povo. Em virtude das políticas de direitos autorais do YouTube, o conteúdo que editei foi removido do canal, em 2011, e, infelizmente, o arquivo em MP4 também se perdeu, juntamente com um HD externo defeituoso.

Assim estagiei na TV O Povo nos anos de 2010 e 2011. Tive autonomia para elaborar documentos normativos que ficaram de legado para o Arquivo de Imagens da TV e que foram reaproveitados pela equipe do Banco de Dados no intuito de se padronizarem os procedimentos para a descrição do conteúdo audiovisual e alimentação do sistema de recuperação de informação que possibilitava a busca por programas, VTs e gravações em seu formato bruto. Como exemplo, contribuí com o desenvolvimento da Política de Indexação, partindo da proposta de uma cadeia documentária que situava o Arquivo como setor estratégico na TV O Povo:

Imagem 7 – Cadeia documentária para o Arquivo de Imagens da TV O Povo



Fonte: Política de Indexação do banco de dados do jornal O Povo (Ayres; Silva; Santos, 2011).

Preciso mencionar que uma versão prévia dessa cadeia documentária foi apresentada na disciplina de Representação Temática da Informação – Indexação, ministrada pela professora Virgínia Bentes Pinto. A versão definitiva só foi entregue no final de 2011, pois a Política de Indexação exigiu uma análise minuciosa das configurações e possibilidades de busca do sistema WINISIS, bem como a descrição da rotina de trabalho em indexação e decupagem no Arquivo de Imagens. Nesse sentido, deparei-me com o gerenciamento de três sistemas de recuperação de informação: Telenews, Media Manager e WINISIS.

O Telenews era o sistema utilizado pelas equipes da redação, produção e edição, no qual constavam as pautas, roteiros e espelhos de cada programa. Com acesso compartilhado em rede,

todos os profissionais da emissora, incluindo o pessoal do Arquivo, visualizavam as alterações em tempo real, ou seja, o texto que geraria a produção audiovisual.

O Media Manager, por sua vez, era o sistema utilizado para a catalogação, empréstimo e devolução de mídias, com registro da produção da TV entre os anos de 2007 e 2009, período em que a bibliotecária Haylley Brito coordenava as atividades no setor. Com sua saída da emissora, por motivo de saúde, que coincidiu com a cada vez mais crescente massa documental na instituição, coube à presidente do Grupo, Luciana Dummar, solicitar a colaboração do Banco de Dados do jornal *O Povo* para a gestão do Arquivo de Imagens da TV.

Nesse contexto, o Grupo de Comunicação O Povo contratou os serviços de Célia Mesquita, profissional que se especializou na instalação do software WINISIS. Para mim, foi um privilégio participar desses momentos de consultoria, pois pude constatar, na prática, mais um mercado de atuação para o bibliotecário. Dessa forma, mesmo antes da Política de Indexação, o primeiro desafio voltou-se para consolidar, em 2010, a elaboração do Manual de Entrada de Dados no Sistema WINISIS da TV O Povo. Cada metadado foi personalizado e atendia às necessidades de catalogação, indexação e decupagem do conteúdo audiovisual, bem como de cadastro de usuários, empréstimo, reserva e devolução de mídias.

O diferencial das atividades no WINISIS foi justamente realizar a decupagem das imagens que, de outubro de 2010 a setembro de 2011, eram decupados apenas os telejornais arquivados em DVD, mas que me deram subsídios suficientes para elaborar a Política de Indexação.

Em setembro de 2011, considero que o setor deu um salto importante de qualidade em suas atividades, com a chegada de um equipamento há muito tempo almejado pela equipe: o chamado VTR, da marca JVC, que me permitiu, enfim, indexar e decupar a maioria dos programas da TV O Povo, arquivados em fitas

MiniDV, e, conseqüentemente, concluir a Política de Indexação no mês de dezembro daquele ano.

Imagens 8 e 9 – Equipamentos VTR, DVD Player e DVD Recorder no arquivo de imagens



Fonte: Registro do autor, 5 set. 2011.

Entre outubro de 2010 e setembro de 2011, quando o setor passou por um processo de reorganização e ainda não contava com o VTR, equipamento necessário para assistir aos programas arquivados em fitas MiniDV, o material era cadastrado no WINISIS apenas com informações básicas, como a retransmissão da matéria, o nome dos entrevistados e algumas palavras-chave extraídas do Telenews.

Imagem 10 – Interface de apresentação do resultado de busca no sistema WINISIS

PN_003/2012		O POVO NOTÍCIAS	
Data de Exibição:	O POVO NOTÍCIAS		
Localização da Matriz:	22/06/2012	Duração da Matriz:	02:10
Número do Programa:	PN_FGM56	Repórter:	Diego Marques
Entrevistado:	GREVE SEXTA		
Local:	Alencar Lima (COBRADOR) Centro		
Descrição de Imagens:	Passagem do repórter: Ônibus parados com pneus furados; Cruzamento da Avenida do Imperador com Meton de Alencar; Vista panorâmica da Avenida do Imperador; Veículos e motos parados em semáforo na Avenida Meton de Alencar; Ônibus parados na Avenida do Imperador; Mecânicos de reboque trocam pneus de ônibus; Tráfego de veículos na Avenida do Imperador		
Síntese:	COBERTURA DO TERCEIRO DIA DE GREVE DOS MOTORISTAS E COBRADORES DE ÔNIBUS DE FORTALEZA.		
Vocabulário Controlado:	GREVE *** PARALISAÇÃO *** REIVINDICAÇÃO *** MOTORISTA *** ÔNIBUS *** COBRADOR DE ÔNIBUS *** PNEU *** ÔNIBUS INTERMUNICIPAL *** TRÂNSITO *** VEÍCULO *** MOTOCICLETA *** MOTOCICLISTA *** CENTRO /Bairro/ *** FORTALEZA/CE/		
Descritor:	MOTOQUEIRO *** IMPERADOR /Avenida/ *** METON DE ALENCAR /Avenida/		

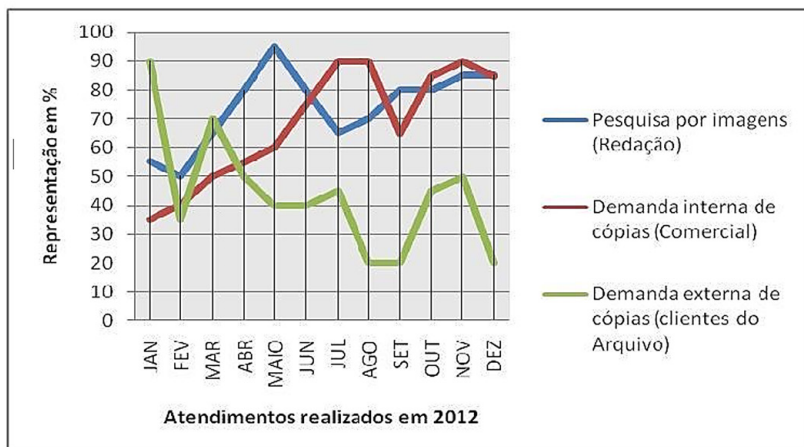
Fonte: Captura de tela do sistema WINISIS, 22 jun. 2012. Destaque em vermelho: Decupagem e indexação de uma reportagem da TV O Povo.

Portanto, durante esse período, não havia decupagem de todos os programas. Em 2012, consolidei, enfim, a decupagem como atividade primordial no Arquivo de Imagens da TV.

No período de transição de pessoal no Arquivo de Imagens, o sistema Media Manager nos salvava em muitas ocasiões, principalmente nas buscas pelos programas exibidos em 2007 e 2008, haja vista que nele foram lançadas as bases da catalogação das mídias de arquivamento. Outro grande auxílio era contar com a excelente memória dos produtores de programas da casa, dentre os quais destaco Aislan Nogueira, Cinthia Medeiros e Lucas Diniz, cujos *insights* em muito me ajudaram a nortear as estratégias de busca nos sistemas e a chegar junto da Redação.

Além das atribuições de representação da informação, estava sob a minha responsabilidade preparar cada mídia para a gravação dos programas, o que incluem as fitas MiniDV, que eram reaproveitadas pelas equipes de externa (repórteres e cinegrafistas), as fitas MiniDV virgens preparadas para as gravações em estúdio, e aquelas separadas para a captação de programas e telejornais ao vivo. Além das fitas, eu ainda preparava os DVDs para as gravações de *backup* dos telejornais da TV Cultura e das cópias de programas para clientes externos, fossem eles entrevistados, apresentadores ou telespectadores que demandavam esse serviço, e para os setores de Operações Comerciais e Projetos Especiais, cujas gravações eram destinadas à prestação de contas dos clientes e patrocinadores. Desse modo, o Arquivo de Imagens atendia a várias demandas de informação, as quais reuni em um gráfico no Relatório de Atividades de 2012:

Imagem 11 – Gráfico com as demandas de atendimento do Arquivo de Imagens da TV O Povo



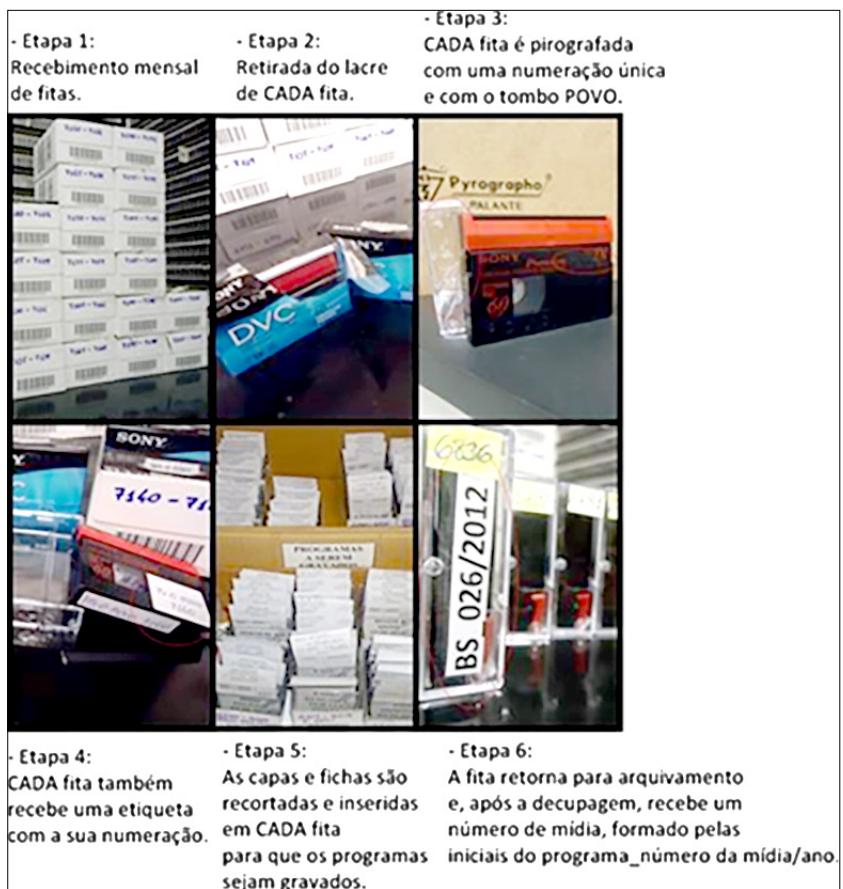
Fonte: Relatório de Atividades (Santos, 2012).

Uma gênese do mapeamento das necessidades de informação do público atendido pelo Arquivo deu-se no ano de 2010, na disciplina de Estudo de Comunidades e Usuários, ministrada pela professora Maria de Fátima Oliveira Costa. Na ocasião do Seminário de Informação, apresentei um diagnóstico da situação de atendimento do setor ainda como estagiário, o que me possibilitou comparar com os resultados alcançados em 2012. Além disso, foi a partir do estudo de usuários que definimos o novo horário de funcionamento do Arquivo e traçamos o planejamento estratégico para os dois anos subsequentes.

Na composição do Relatório de Atividades, contemplei, ainda, as etapas de preparação das mídias para gravação e arquivamento. Na graduação, em 2011, duas disciplinas foram cruciais para que eu pudesse mapear e gerenciar os insumos do Arquivo e propor projetos de intervenção: Planejamento de Unidades de Informação, ministrada pelo bibliotecário Jefferson Leite Oliveira Ferreira, e Serviços de Informação, ministrada pela professora Gabriela Belmont de Farias. Consegui, então, documentar as

etapas de preparação das fitas MiniDV e pensar em novas possibilidades de arquivamento que poderiam ser implementadas em médio prazo.

Imagem 12 – Etapas do percurso da mídia para gravação e arquivamento na TV O Povo



Fonte: Relatório de Atividades (Santos, 2012).

Finalizada a preparação das MiniDV, diariamente eu me dedicava a duas funções: recolher as fitas com os programas gravados e veiculados no setor Master e entregar no setor *Switcher* as

fitas para a gravação dos programas ao vivo ou agendados para transmissão posterior. Nesse caso, era justamente no Arquivo que esses programas permaneciam até a sua exibição, em uma guarda temporária da mídia, o que me proporcionava ter acesso e contribuir para a organização e melhoria da grade de programação da TV e até mesmo decupar o programa antes de ir ao ar.

Por outro lado, na Redação e nas Ilhas de Edição, eu tinha a responsabilidade de verificar se havia fitas MiniDV em quantidade suficiente para suprir as demandas de gravação de externa e de edição de VTs, além de dar feedback à equipe sobre alguma ligação telefônica recebida no Arquivo acerca de elogios e críticas de telespectadores ou quanto à solicitação de cópias de programas, estas comercializadas em DVD.

Imagens 13 e 14 – Em trânsito pela TV com as fitas MiniDV virgens para a gravação dos programas



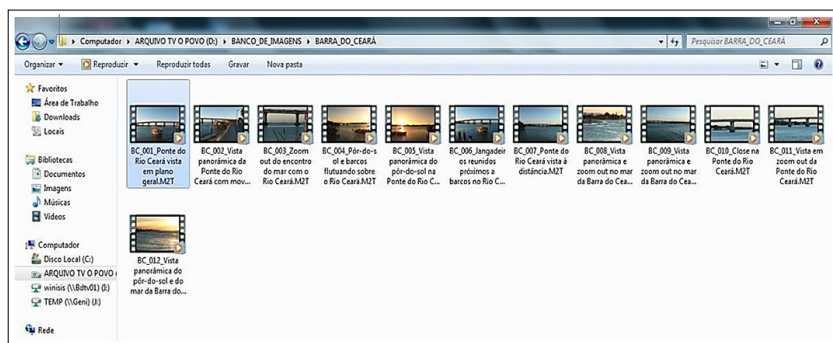
Fonte: Registro de Karine Ferreira, fotógrafa e assistente de arquivo, 28 jan. 2011.

Entre 2010 e 2012, iniciava-se o arquivamento em *storage*, cuja relação custo-benefício agradava a muitos gestores. Contudo, surgiu um embate de ideias: o arquivamento em rede garantiria a segurança dos acervos audiovisuais a ponto de não mais arquivarmos em uma mídia física? Tendo em vista essa ponderação, caberia a cada gestor e profissional da informação decidir pela forma de arquivamento mais adequada à realidade de sua emissora de TV. E de nada adiantaria uma migração de suportes, a exemplo do

que ocorre em fitas ou DVDs para HDs, sem um método consistente de trabalho voltado para o tratamento técnico do conteúdo audiovisual. Vivenciar essa realidade me possibilitou abordar os mais diferentes tipos de mídias de arquivamento em consultorias, eventos e videoaulas.⁶

Assim, tive a oportunidade de acesso aos arquivos de imagens brutas compartilhadas em rede, as quais estavam organizadas em pastas e à disposição dos editores da TV. Procedi com alguns testes de descrição desses vídeos no intuito de planejar estratégias de organização e aplicar uma tabela de temporalidade para esse arquivo corrente. Em fase de testes, preenchi os metadados e atribuí uma pequena descrição a alguns dos arquivos salvos no formato e extensão MP4. Mal imaginava que um dia eu traçaria critérios e diretrizes de gestão para repositórios audiovisuais.

Imagem 15 – Testes de arquivamento e descrição de arquivos compartilhados em rede



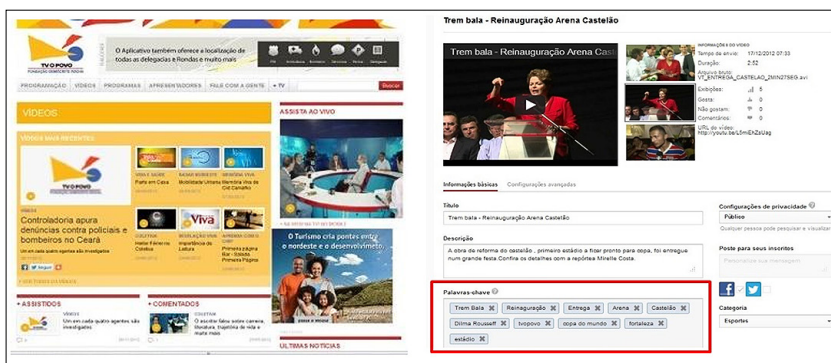
Fonte: Captura de tela da pasta banco de imagens, 21 maio 2012.

Nesse mesmo período, duas profissionais passaram a desempenhar as suas atividades no Arquivo: Marcela Costa e Suely Feitosa. Era chegado o momento de planejar a estruturação do

⁶ Conteúdo exclusivo gravado para a plataforma Hotmart, 4 jan. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/YAP5JXCDS9w>. Acesso em: 26 dez. 2023.

site da TV e a alimentação do conteúdo em um canal do YouTube. É nada mais natural e estratégico do que capturar as imagens no setor de Arquivo da emissora, por meio do software Adobe Premiere Pro. Participei desse momento e pude contribuir com a categorização dos assuntos e atribuição de palavras-chave, o que também me ajudava a retroalimentar o sistema WINISIS.

Imagens 16 e 17 – Testes de categorização no site e atribuição de palavras-chave no YouTube

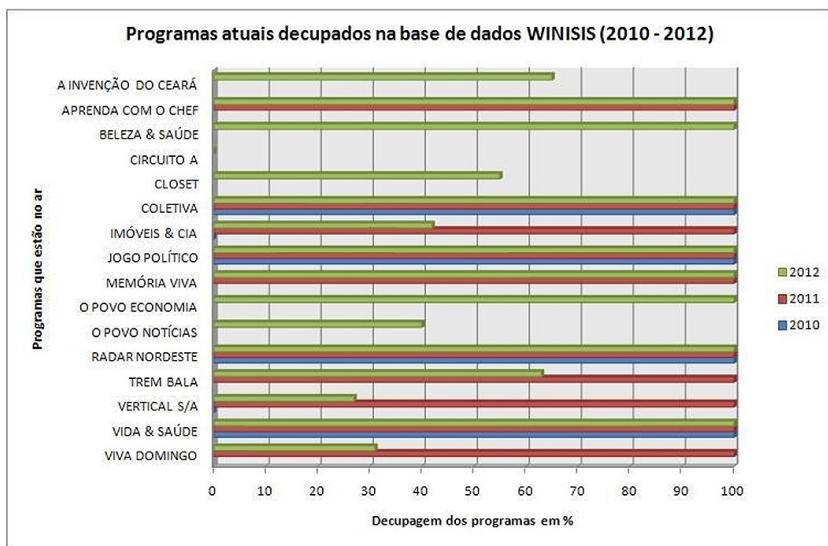


Fonte: Capturas de tela, dez. 2012.

Ainda como parte do Relatório de Atividades, consegui documentar o inventário de todos os programas da TV O Povo. Desta feita, apresentei em gráficos uma estimativa, em porcentagem, dos programas cadastrados e decupados no sistema WINISIS, levando em consideração as produções que integravam a grade de programação até o final de 2012, (Imagem 18).

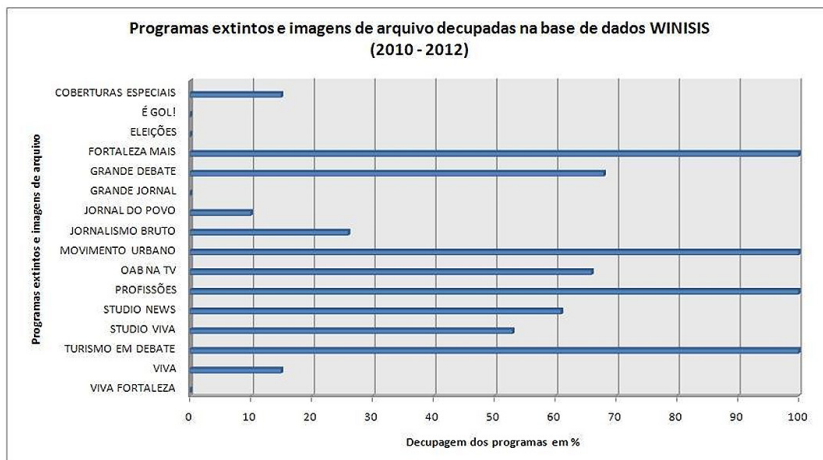
Além deste, compus mais um gráfico no qual apresentei, em porcentagem, alguns dos programas extintos e algumas imagens de arquivo (material bruto) que foram decupadas no sistema WINISIS, (Imagem 19).

Imagem 18 – Gráfico com os programas decupados entre 2010 e 2012



Fonte: Relatório de Atividades (Santos, 2012).

Imagem 19 – Gráfico com a decupagem dos programas extintos e das imagens de arquivo



Fonte: Relatório de Atividades (Santos, 2012).

Com base nessas experiências, desenvolvi meu TCC de Graduação em Biblioteconomia, intitulado “A Classificação Facetada de Ranganathan aplicada aos arquivos de TV”, sob a orientação da professora Virgínia Bentes Pinto, no qual propus uma metodologia de ordenação para os acervos televisivos, tendo em vista os assuntos gerais, as mídias de arquivamento, a organização física e as datas de exibição dos programas e das reportagens. Graduei-me em dezembro de 2011 e, em janeiro de 2012, fui contratado como bibliotecário gestor do Arquivo de Imagens da TV O Povo, onde permaneci até o dia 15 de março de 2013.

Imagem 20 – Despedida da equipe da Redação da TV O Povo



Fonte: Registro da bibliotecária Kathwry Morais, 15 mar. 2013. Na foto: Jaqueline Amorim, Selma Vidal, Marcos Tardin, Narjara Rocha, Marina Alcântara, Halisson Ferreira, Eudes Brasil, Emanuel Bruno Nogueira, Cinthia Medeiros, Rosa Sampaio e Leticia Lopes.

O ano de 2012 foi bem intenso para mim, pois, além das demandas de trabalho, priorizei também a educação continuada. Investi em cursos livres, iniciei um curso de especialização *lato sensu* na modalidade a distância e me dediquei aos estudos para aprovação em concurso público.

Por meio da Informação Audiovisual, empresa administrada pelo bibliotecário Ronni Oliveira, dediquei-me a três cursos livres: Construção de Vocabulário Controlado para Imagens Fotográficas: Criação, Estruturação e Implementação, no período de 11 de fevereiro a 2 de junho de 2012; Imagens em Movimento: Princípios de Gestão da Informação Fílmica e Televisiva, de 21 de junho a 10 de julho de 2012; e Fundamentos da Gestão da Informação e Documentação Audiovisuais, entre os dias 6 e 25 de maio de 2013.

Participar desses cursos livres e aperfeiçoar a Política de Indexação do Arquivo de Imagens da TV O Povo me deram os subsídios necessários para compor o TCC de Especialização em Gestão de Documentos e Informações, intitulado Documentos e Informações Audiovisuais: a Teoria Arquivística e as Técnicas da Biblioteconomia Aplicadas à Organização de Arquivos de TV. Nessa publicação, com orientação do professor Alexandre Pistoia Saydelles, ampliei a discussão iniciada na graduação, listei as principais mídias de arquivamento audiovisual, debati a substituição do suporte físico pelo digital e apresentei uma conceituação para a decupagem de imagens, uma das atividades técnicas adotadas nos ambientes de arquivos de TV. Por fim, propus métodos e critérios para a decupagem e indexação das imagens em movimento, com base nas teorias arquivísticas e biblioteconômicas e na prática do mercado de trabalho.

No final do ano de 2014, visitei a equipe do Banco de Dados e constatei que um dos projetos mais almejados pelos gestores havia se concretizado: a junção de todos os veículos do Grupo de Comunicação O Povo (Jornal, Rádio e TV) em uma única sede, localizada na Avenida Aguanambi. Deixo aqui a menção a três profissionais com quem não me encontrei nessa visita, mas que foram igualmente generosos comigo na TV: Amanda Xavier, Benízia Menezes e Marcos Tardin.

Imagens 21 e 22 – Visita ao banco de dados do jornal O Povo



Fonte: Registro da bibliotecária Kathwry Morais, 4 dez. 2014. Na foto: Bibliotecárias Ana Kelly Pereira da Silva e Maria Teresa Lima Ayres, gestoras do banco de dados do jornal O Povo; e Suely Feitosa, operadora de Master da TV O Povo.

Do arquivo de TV ao *live streaming* acadêmico no YouTube

O motivo da minha saída da TV O Povo foi a aprovação, em concurso público, para o cargo de bibliotecário/documentalista na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde fui designado para administrar a Biblioteca do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC). Lá pude colocar em prática todo o aprendizado gerencial, principalmente quanto às tomadas de decisão, pois gerenciar pessoas e infraestrutura foi o grande desafio naquela instituição. Assim, permaneci na UFCG de abril de 2013 a janeiro de 2014 e passei a atuar, pela primeira vez, com as demandas de uma biblioteca universitária em sua amplitude.

Foi nessa época que concluí o meu curso de especialização *lato sensu* e me dediquei a estudar novamente para concurso pú-

blico, dessa vez aproveitando a oportunidade do edital de vagas abertas para a UFC. Lembro-me de que o dia da divulgação do resultado do concurso, em 25 de outubro de 2013, foi um dos dias mais importantes para mim, haja vista que disso dependia o meu retorno para Fortaleza, o que se concretizou no dia 10 de janeiro de 2014.

Imagens 23 e 24 – Despedida da equipe da UFCG e cerimônia de posse na UFC



Fonte: Registro de Virgínia Farias, 19 dez. 2013; e UFC Informa, 10 jan. 2014. Na foto: Verônica Trajano, Salma Cavalcanti, Gilka Gonzaga, Rosilda Pessoa e Analúcia Costa; e professor Jesualdo Pereira Farias, reitor da Universidade Federal do Ceará de 2008 a 2015.

Atuei na Biblioteca do Curso de Física (BCF) de janeiro de 2014 a agosto de 2016. Gradativamente, consegui me inserir naquela comunidade ao planejar treinamentos e defender o uso do LaTeX, um editor de textos de alta complexidade desenvolvido em uma linguagem de programação criada por Leslie Lamport. Além disso, atender ao público e indexar as publicações me possibilitaram esboçar um tesouro para a área de Física, relembrando o conteúdo ministrado em sala de aula durante a disciplina de Linguagens Documentárias Alfabéticas, ministrada pela professora Maria de Fátima Silva Fontenele.

No entanto, foi de agosto de 2016 a dezembro de 2019 que iniciei a produção audiovisual em biblioteca universitária, ao atuar na Seção de Atendimento ao Usuário da Biblioteca de Ciências Humanas (BCH). Contribuí para a criação de um canal no YouTube, a fim de armazenar o conteúdo gravado e editado para

os treinamentos on-line. Foi nesse período que eu pude levar para o audiovisual uma nova perspectiva sobre a normalização de trabalhos acadêmicos e o uso do gerenciador de referências Mendeley, cujas videoaulas impactaram, sobremaneira, a rotina de atividades do setor.

Entre os anos de 2017 e 2018, abriu-se uma outra grande oportunidade: o mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Nessa época, aprofundar-me em todas as publicações do professor Jorge Caldera-Serrano me trouxe um novo olhar sobre as possibilidades de arquivamento do conteúdo audiovisual, dessa vez em repositórios audiovisuais. O resultado dessa árdua caminhada foi a defesa da dissertação intitulada “Gestão de Acervos Audiovisuais em Repositórios”, publicada com as imensas contribuições da minha orientadora, do meu coorientador e dos membros da minha banca examinadora, sendo, respectivamente, os docentes: Maria Giovanna Guedes Farias, Luiz Tadeu Feitosa, Gabriela Belmont de Farias e Fernando César Lima Leite.

Imagem 25 – Defesa da dissertação de mestrado no PPGCI/UFC

Fonte: Registro da professora Maria Giovanna Guedes Farias, 18 dez. 2018.



Dentre as conquistas oriundas da minha dissertação, tornar-me um podcaster foi, sem dúvidas, uma das mais emblemáticas. No decorrer da aplicação da pesquisa, deparei-me com o podcast, uma mídia em crescimento exponencial no Brasil. A curiosidade em saber os meandros de sua produção e as suas potencialidades de uso me conduziu em um caminho que resultou no lançamento do BCHcast, em agosto de 2019.

Surpreendentemente, um dos primeiros episódios publicados alcançou quase três mil downloads e reproduções e confesso que eu não entendia que fenômeno era aquele que estava por vir em uma biblioteca universitária, que ultrapassava a produção de videoaulas e até mesmo a minha proposta de repositório audiovisual.

A resposta a essa minha inquietação veio a partir do mês de fevereiro de 2020, quando assumi a gestão da BCH, e do mês seguinte, quando houve o decreto de pandemia. Do mesmo modo, acredito que nem Geige Vandentop e Dan Briggs⁷ imaginavam a dimensão do alcance que a plataforma StreamYard, lançada em 2018, teria nos anos subsequentes. E foi graças a esse recurso que eu pude afirmar para a equipe do setor de atendimento da BCH: “Iremos para o YouTube...” Assim, no mês de abril de 2020, o canal da BCH no YouTube e o BCHcast se tornaram Plurissaberes.



Imagem 26 – Identidade visual do projeto de extensão Plurissaberes

Fonte: Marca criada pela designer Hellen Joyce Vieira dos Santos, a partir do nome atribuído pela bibliotecária Juliana Soares Lima, 2019.

⁷ Um pouco sobre eles, disponível em: <https://streamyard.com/resources/about>. Acesso em: 26 dez. 2023.

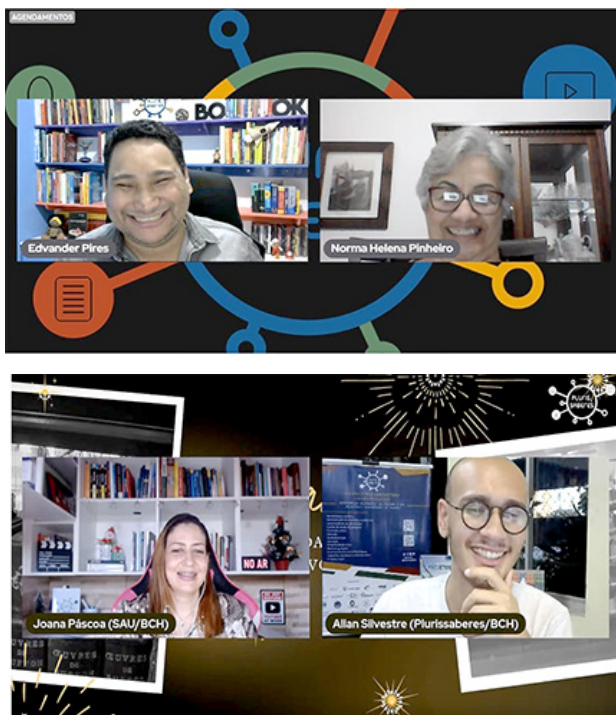
Em todo esse percurso, prototipei, na BCH, vários espaços para gravação e edição de vídeos e para reuniões e apresentações on-line no ápice da pandemia. Consolidamos, ainda, as funções de direção técnica e supervisão de *live streaming*, exercidas, além de mim, por bolsistas de extensão e de iniciação acadêmica, pelas turmas de Estágio Supervisionado em Biblioteconomia e por pessoas voluntárias que compartilhavam comigo toda a rotina do pré e pós-*live*, além do gerenciamento, em tempo real, da transmissão, ao vivo, no StreamYard. Nessa minha atuação, destaco a confiança e o apoio incondicional de três discentes sem os quais o sucesso do projeto não teria sido possível: Ariádila Matos Mesquita, Luan dos Santos Mendes Costa e Luiz Allan Silvestre de Oliveira.

Entre os anos de 2021 e 2022, fiz parte da turma do curso de especialização em Gestão Universitária (Guni). Para o TCC, com orientação do professor Diego de Queiroz Machado, minha principal intenção era aliar a teoria da Gestão de Projetos às práticas do *live streaming* acadêmico.

A aplicação da pesquisa só foi possível com a realização do I Seminário de Projetos da BCH, de 13 a 17 de dezembro de 2021, evento que idealizei como estratégia para as comemorações em alusão aos 60 anos do início da formação do acervo da BCH e aos 25 anos de inauguração do atual prédio da biblioteca¹⁰. Foi na etapa de planejamento desse evento que conheci Norma Helena Pinheiro de Almeida, bibliotecária responsável por grandes conquistas para o Sistema de Bibliotecas da UFC, na década de 90 e no início dos anos 2000.

¹⁰ *Playlist* no YouTube disponível em: <https://bit.ly/playlist-niver-bch>. Acesso em: 26 dez. 2023.

Imagens 28 e 29 – Registros de *live streaming* para o canal Plurissaberes no YouTube



Fonte: Captura de tela na plataforma StreamYard, nos dias 12 e 16 dez. 2021. Na foto: Norma Helena Pinheiro de Almeida, bibliotecária e diretora do Sistema de Bibliotecas da UFC, de 1995 a 2003; Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes, bibliotecária e coordenadora do projeto de extensão Plurissaberes, de 2021 a 2023; e Luiz Allan Silvestre de Oliveira, bolsista do projeto, em 2021, e voluntário, em 2022.

Projeto coordenado pela bibliotecária Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes, o Plurissaberes, necessitava passar por uma nova transição, para a qual estive sensível justamente a partir da apresentação do meu TCC de especialização, em novembro de 2022. Na época, senti que precisávamos de um termo que definisse tudo o que produzimos na gestão de projetos. Foi então que, ainda em 2021, deparei-me com o termo *Cocriação*, cujo sig-

nificado varia de acordo com as áreas do conhecimento. Em Administração e Marketing, por exemplo, o termo foi introduzido por Venkat Ramaswamy e trabalhado no Brasil por Alexandre Luzzi Las Casas.

Ousadamente, apropriei-me do termo Cocriação Audiovisual, que traduz os resultados apresentados no nosso *live streaming* acadêmico, de 2020 a 2023. Acredito que uma das minhas entregas mais significativas à frente da BCH foi justamente um laboratório audiovisual, planejado desde quando assumi a gestão da biblioteca, o qual recebeu o nome de Espaço de Cocriação Audiovisual¹¹. Na etapa de planejamento do ambiente, foi primordial o apoio que recebi do time de servidores terceirizados da BCH: Elizia Izabel Mesquita Barroso, Ivone Dias Sobral, Marcos Antônio Costa de Souza, Marcos Breno Ferreira, Maria Milla Vieira de Sousa, Osvaldo Rodrigues de Freitas, Renato Ivo Freitas Monteiro e Vinicius Castro de Oliveira (imagens 30 e 31).

Em um ambiente climatizado, com ornamentação concebida em cores e formatos que remetem aos jogos de montar da marca Lego, a infraestrutura física e tecnológica do Espaço de Cocriação Audiovisual foi inaugurada no dia 10 de março de 2023, com os seguintes equipamentos: *webcam*, microfones de mesa e de lapela, braços articulados, *pop filter*, espuma para microfone, cabos de extensão com entrada USB, *ring light*, *chroma key*, *data-show*, apresentador de slides com *laser point*, quadro branco, tripé para banner, suportes para gravação em celular, caixas de som, fones de ouvido, ilhas de produção com computadores Windows, mesas para gravação no formato *mesacast*, cadeiras para uma plateia de até 25 pessoas, software Audacity, instalado para edição de áudio, plataforma StreamYard para gravação no YouTube,

¹¹ Notícia da inauguração no *site* da Pró-Reitoria de Extensão da UFC, disponível em: <https://prex.ufc.br/pt/bch-plurissaberes-mar2023>. Acesso em: 26 dez. 2023.

agenda compartilhada no software Evernote e estantes com acervo de CDs e DVDs.

Imagens 30 e 31 – Espaço de Cocriação Audiovisual na Biblioteca de Ciências Humanas da UFC



Fonte: Registro do autor, 19 maio e 31 ago. 2023. Ornamentação do espaço: Francisco Claudenio dos Santos Delfino (pedagogo e sócio-proprietário do Ateliê Asas às Infâncias). Na foto: Bibliotecária Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes, em edição de vídeo, professora Cristina Maria da Silva e o bolsista David Pereira Alcântara, após *live* de lançamento de livro.

Muitos foram os eventos realizados de 2020 a 2023, totalizando mais de 400 *lives*. E cada uma teve a sua importância para o crescimento do canal Plurissaberes e para a consolidação das parcerias de trabalho. Ao todo, em dezembro de 2023, o canal ultra-

passou a marca de 6 mil inscritos e de 175 mil visualizações no YouTube. O podcast alcançou mais de 12 mil downloads e reproduções. O êxito do projeto se deve à cocriação com docentes, discentes e técnico-administrativos em educação que confiaram na equipe e na infraestrutura física e tecnológica da BCH.

Perspectivas futuras

O ano agora é 2024. Vislumbro para os próximos quatro anos uma aproximação maior com a extensão universitária. Acredito que virão novos parceiros de cocriação, pois a produção audiovisual colaborativa, o que inclui o podcast, está além de um espaço físico exclusivo para gravações. Da mesma forma, os repositórios audiovisuais estão muito além das paredes e estantes de uma biblioteca. É com base nessa proposta que surge o projeto Cocriando, que talvez represente um pouco da minha personalidade nômade, “alma cigana”, como já me disseram uma vez.

Imagem 32 – Identidade visual do projeto Cocriando



Fonte: Concepção da designer Hellen Joyce Vieira dos Santos, entregue no dia 19 jul. 2023. Marca registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), 26 dez. 2023.

Sabe toda a prototipação que resultou no Espaço de Cocriação Audiovisual? Pois é. Agora essa infraestrutura tecnológica e de mediação da informação será itinerante, e os acervos audiovisuais serão criados e gerenciados em vários locais, por vá-

rias mãos e de variadas formas. Aprofundar-me-ei na oralidade e nas narrativas de diversas pessoas, a exemplo de registrar lançamentos de livros, projetos e *storytelling*. Agora como vai ser isso, eu ainda não sei. Da mesma forma que eu não sabia como eu chegaria até aqui. Pode dar muito certo, mas também pode dar muito errado. A despeito de todas essas inquietações, de um simples costume de zapear, tornei-me um bibliotecário audiovisual (e podcaster), aptidão proporcionada pela Biblioteconomia.

Encerro este capítulo com as palavras de Nina Sayers, bailarina interpretada pela atriz Natalie Portman, em sua última cena no filme *Cisne Negro*, que sempre vinha à minha mente ao término de grandes e desafiadores eventos que dirigi e supervisionei no *live streaming*: “Foi perfeito!” E minha eterna gratidão a todas as pessoas que me abriram portas e que estiveram comigo até aqui.

Referências

AYRES, M. T. L.; SILVA, A. K. P.; SANTOS, F. E. P. *Política de Indexação do banco de dados do jornal e da TV O Povo*. Fortaleza: Grupo de Comunicação O Povo, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Marcas: seção V. *Revista da Propriedade Industrial*, n. 2764, p. 1094-1095, 26 dez. 2023. Disponível em: <http://revistas.inpi.gov.br/rpi>. Acesso em: 30 dez. 2023.

LAS CASAS, A. L. *Cocriação de valor: conectando a empresa com os consumidores através das redes sociais e ferramentas colaborativas*. São Paulo: Atlas, 2014.

RAMASWAMY, V.; OZCAN, K. *O paradigma da cocriação*. Tradução: Maria Lucia de Oliveira. São Paulo: Atlas, 2016.

SANTOS, F. E. P. *A classificação facetada de Ranganathan aplicada aos arquivos de TV*. Orientação: Virgínia Bentes Pinto. 2011. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29326>. Acesso em: 15 out. 2023.

SANTOS, F. E. P. *Documentos e informações audiovisuais: a teoria arquivística e as técnicas da Biblioteconomia aplicadas à organização de arquivos de TV*. Orientação: Alexandre Pistóia Saydelles. 2013. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Gestão de Documentos e Informações: Teoria e Prática Arquivística, AVM Faculdade Integrada, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63696>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SANTOS, F. E. P. *Documentos e informações audiovisuais: a teoria arquivística e as técnicas da Biblioteconomia aplicadas à organização de arquivos de TV*. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 14, n. 5, artigo 8, out. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17523>. Acesso em: 27 out. 2023.

SANTOS, F. E. P. *Gestão de acervos audiovisuais em repositórios*. Orientação: Maria Giovanna Guedes Farias. Coorientação: Luiz Tadeu Feitosa. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39305>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SANTOS, F. E. P. *Gestão de projetos em biblioteca universitária: o live streaming como estratégia para a apresentação de portfólios e entregáveis*. Orientação: Diego de Queiroz Machado. 2022. 24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Especialização em Gestão Universitária, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SANTOS, F. E. P. *Relatório de Atividades do Arquivo de Imagens da TV O Povo*. Fortaleza: Grupo de Comunicação O Povo, 2012.

ZAPEAR. *In*: PRIBERAM Dicionário. Lisboa: Priberam Informática, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/zapear>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Sites

<https://www.youtube.com/watch?v=VPPjIKj6VkQ>. Acesso em: 23 dez. 2023.

<https://youtu.be/yAP5JXCDS9w>. Acesso em: 26 dez. 2023.

<https://youtube.com/live/q7i4Bfz32Ek>. Acesso em: 26 dez. 2023.

<https://bit.ly/playlist-niver-bch>. Acesso em: 26 dez. 2023.

<https://prex.ufc.br/pt/bch-plurissaberes-mar2023>. Acesso em: 26 dez. 2023.

O projeto “Ler para Crer”, bibliotecas comunitárias e extensão universitária no Curso de Biblioteconomia da UFC*

Lidia Eugenia Cavalcante

Doutora em Educação (UFC). Professora do Departamento de
Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8811165871130066>

* Este texto é uma adaptação do que foi publicado no livro:
Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes, que
apresenta todo o percurso e metodologias do projeto “Ler para Crer”.

Introdução

Este texto objetiva contar um pouco sobre a trajetória do projeto “‘Ler para Crer’: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios cearenses”, criado em 2009, como ação extensionista do curso de Biblioteconomia e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

O projeto teve como objetivos: desenvolver metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios do Ceará, mediante movimento colaborativo e de gestão participativa das pessoas em suas comunidades, com o apoio da UFC e do poder público municipal; dar subsídio para a formação profissional dos estudantes do curso de Biblioteconomia, de modo a fortalecer o papel sociocultural do futuro bibliotecário junto à sociedade, ampliando as relações entre ensino, pesquisa e extensão; capacitar os moradores de cada município atendido para se tornarem mediadores de leitura, compreendendo o papel que a biblioteca comunitária deve exercer em relação à democratização do conhecimento e à formação cidadã dos indivíduos e do grupo no qual está inserido; e contribuir para a sustentabilidade das comunidades onde estão inseridas as bibliotecas, apoiando iniciativas voltadas para o desenvolvimento local, mediante o acesso à informação.

O projeto foi submetido ao edital do Proext 2008, do Ministério da Educação (MEC) e Ministério da Cultura (MinC), tendo sido aprovado. Assim, com recursos do governo federal, as ações do “Ler para Crer” começaram a se efetivar no ano de 2009, por meio do contato

inicial com três municípios – Aquiraz, Itaitinga e Redenção – que atenderam prontamente a nossa solicitação e embarcaram conosco nessa aventura de implantar bibliotecas comunitárias no Ceará mediante proposta metodológica extensionista do curso de Biblioteconomia da UFC. Todo o trabalho desenvolvido no projeto partiu de metodologias geradoras de dinâmicas para a realização das ações, mediante competências que se constituíram de modo reflexivo, articulado, político e técnico para o desenvolvimento local e sociocultural na Universidade.

Contando uma história: as ações político-culturais desenvolvidas

O “Ler para Crer” foi se desenvolvendo em etapas, de modo que tudo fosse bem planejado e participativo: seleção dos municípios a serem atendidos; contato com as secretarias de cultura e educação dos municípios; reunião, na UFC, para explicar a metodologia e os objetivos do projeto à equipe de trabalho constituída por docentes e discentes; elaboração do calendário dos encontros e oficinas; treinamento para os responsáveis pelas bibliotecas, implantação, inauguração e acompanhamento; e realização de encontros colaborativos entre os municípios envolvidos para a elaboração do planejamento estratégico das bibliotecas implantadas.

Para a realização dessas atividades foram constituídas equipes de trabalho que, durante os anos de 2009 e 2010, desenvolveram metodologias para a implantação das bibliotecas comunitárias, tendo como ação inicial a realização de encontros de sensibilização nos municípios. As equipes foram constituídas por professores e estudantes da UFC e representantes dos três municípios envolvidos.

Os encontros do “Ler para Crer” tinham como objetivo sensibilizar os moradores de cada localidade para a importância da

implantação de uma biblioteca em suas comunidades, deixando claro para eles o significado desse espaço e da necessidade do envolvimento de todos na efetivação de um projeto que ensinava o acesso e a democratização da informação, bem como da leitura e da formação de leitores. Cada encontro teria a duração de dois dias, iniciando com um grande cortejo pela cidade, convidando todos os moradores a se juntarem a nós.

Datas da realização do I Encontro de Sensibilização do Projeto Ler para Crer nos municípios e número de pessoas que participaram:

MUNICÍPIO	DATA DOS ENCONTROS	NÚMERO DE PARTICIPANTES
Aquiraz	14 e 15 março 2009	185
Redenção	18 e 19 março 2009	255
Itaitinga	28 e 29 março 2009	224

Foto 1 – Cortejo “Ler para Crer” (Encontro em Itaitinga/CE)



Fonte: Arquivo “Ler para Crer”.

Os encontros tiveram uma formatação básica, mediante a qual foram elaboradas metodologias que tivessem a imagem da

cultura local, de sua memória, histórias de vida e necessidades de cada comunidade. Nesse período, também foi aplicado um questionário para identificação do perfil dos moradores de cada município. Esse estudo de comunidade foi produzido mediante preenchimento de formulários pelos participantes dos encontros, levando-se em consideração: idade, instrução, gênero, formação profissional, entre outros dados.

Nossa ideia de transformação pelo direito à informação e à leitura está ancorada na inquietação e na vitalidade que todos os participantes do “Ler para Crer” demonstravam, levando à realização de uma ação amorosamente planejada, buscando ver cada pessoa como um ser importante e pleno no estabelecimento da autonomia daquilo que pensamos ser uma biblioteca comunitária e da sua inserção na comunidade. Seria, podemos dizer, um encontro amoroso, como aquele do qual Paulo Freire fala: “[...] o encontro amoroso dos homens [e mulheres] que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 2011, p. 43).

Formatação básica dos encontros

Primeiro dia de atividades, o cortejo saiu da praça municipal, com a participação das autoridades locais, equipe UFC, comunidade e grupos de cultura: bandas de música, grupos folclóricos, teatro, coral, crianças, idosos, entre outros. Objetivo: dar visibilidade para a comunidade e evidenciar o potencial cultural do município, bem como a sua relação com um projeto de biblioteca comunitária, de informação e de leitura. Em seguida, abertura com apresentação artístico-cultural, palavras dos parceiros e dos colaboradores (UFC e Município), e palestra intitulada: “Leitura, Biblioteca e Comunidade”, apresentando o projeto “Ler para Crer” e discutindo a importância da biblioteca comunitária para o movimento cultural do município.

Um dos momentos de maior integração se efetivava durante o almoço, ofertado pelas prefeituras e com a presença de todos. Na parte da tarde eram realizadas as oficinas de formação para os membros da comunidade, ministradas pelos docentes do curso de Biblioteconomia, com a participação de estudantes bolsistas e voluntários do projeto. Cada oficina, realizada por um membro da equipe UFC, tinha as características e objetivos, conforme delineado na sequência.

1. LEITURA E DINAMIZAÇÃO DE ACERVOS: trabalhar com os participantes o conceito de “acervo” pessoal e coletivo, com o intuito de gerar a compreensão dos tipos de coleções a serem constituídas, com base na riqueza documental de cada comunidade: fotografias, imagens diversas, histórias de vida, músicas etc.
2. LEITURA, COMUNICAÇÃO E CULTURA: identificar, juntamente com os participantes, a riqueza cultural de suas localidades, observando nas suas falas as identidades culturais, sotaques e dicções culturais, além de traçar metodologias para a realização de uma dinâmica de comunicação dos valores e potenciais existentes nas pessoas que lá habitam.
3. LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: trabalhar a oralidade – potencial identificado em todas as comunidades participantes – com o intuito de constituir coletivamente as histórias de vida, aspectos da memória, poesias, canções e outros valores despertados durante a oficina.
4. LEITURA E PESQUISA: identificar, juntamente com os participantes, o perfil dos usuários das comunidades, para conhecer o interesse de informação e de leitura a ser desenvolvido na biblioteca comunitária. Conceituar fonte de informação, apresentando ao grupo as diversas fontes que podem constituir um acervo.

5. ELABORAÇÃO DE PROJETOS: elaborar projetos de leitura, a partir das concepções de objetivos, justificativas, metodologias e identificação de necessidades, com o intuito de colaborar com a formatação de iniciativas, planejamento e busca de recursos de financiamentos.
6. LEITURA, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: levando-se em consideração o fato de que cada município trabalhado possui rico potencial ambiental, essa oficina busca identificar as riquezas e as belezas dos lugares: praias, serras, rios, lagos, pessoas etc. Tem como propósito discutir a temática preservação e respeito ao ambiente, por meio da educação e da informação.
7. LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E BRINQUEDOTECA: essa oficina direciona-se para o público infantojuvenil, tendo como objetivo incentivá-los para colaborar com o projeto de biblioteca comunitária de suas localidades. Também visou à formação de leitores por meio das histórias contadas e lidas e da produção de brinquedos com material reciclável e reutilizável.

No segundo dia de atividades, além da continuidade das oficinas, também foram realizados grupos de trabalho organizados por distritos/bairros. Cada grupo propôs estratégias e ações para a implantação de bibliotecas comunitárias em suas respectivas comunidades. Os resultados foram apresentados em uma plenária ao término do Encontro. Essas conclusões desempenharam um papel importante para orientar a segunda fase do projeto “Ler para Crer”, na efetiva implantação das bibliotecas.

Durante o Encontro, cada município se mobilizou como cidade que lê e que tem riqueza cultural própria. Várias atividades foram desenvolvidas nas praças e em outros lugares públicos: rodas de leitura, contação de história, cantorias, brincadeiras, teatro, capoeira etc.

A implantação das bibliotecas comunitárias

Após a realização dos encontros, as comunidades, de forma colaborativa, se manifestavam sobre o interesse em implantar bibliotecas em suas localidades, discutindo possibilidades de espaços, formação dos acervos, marcando reuniões entre os moradores e constituindo grupos de trabalho.

A organização dos acervos e a realização das atividades para a efetiva implantação das bibliotecas ocorreram por meio de mutirões. Semanalmente, agendava-se uma visita da equipe da UFC para cada uma das bibliotecas. O comitê local, responsável pela biblioteca na comunidade, com o apoio das secretarias de cultura e educação, responsabilizava-se pela infraestrutura e logística, como almoço, lanche, transporte etc. para o grupo de trabalho.

A equipe da UFC organizava-se em duplas para o desenvolvimento das atividades: contação de história com as crianças e realização de oficina de brinquedos, tratamento técnico dos livros, inscrição de usuários etc. Todas essas atividades se desenvolveram devidamente acompanhadas pelas pessoas que dariam continuidade ao trabalho, visando capacitá-las para a gestão participativa na própria comunidade.

Uma das iniciativas mais impactantes do projeto consistiu em fomentar a interação entre os moradores, objetivando que compreendessem a importância da biblioteca na comunidade e conscientizando-os de que a biblioteca pertence a todos. Alinhados a essa mentalidade, os moradores se mobilizaram para realizar a pintura da biblioteca, cuidar da limpeza, estabelecer horários de funcionamento e promover atividades culturais, entre outras ações.

Para formar os acervos das bibliotecas são realizadas campanhas de doação de livros, com a participação ativa da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, que, inicialmente, doou mil e quinhentos livros destinados a serem distribuídos entre as biblio-

tecas. Além disso, por meio de recursos do ProExt 2008 destinados à aquisição de livros, foram compradas obras solicitadas pelo público jovem, incluindo livros considerados best sellers e disponíveis em livrarias que, em geral, não fazem parte do material de doação. Essa iniciativa resultou em um maior interesse por parte da juventude em relação à biblioteca comunitária.

Foto 2 – Trabalho em mutirão: UFC e Comunidade de Patacas (Aquiraz/CE)



Fonte: Arquivo do projeto "Ler para Crer".

O ápice desse trabalho comunitário foi a inauguração festiva das bibliotecas. Nos três municípios onde o projeto "Ler para Crer" foi implementado, um total de nove bibliotecas foi inaugurado por meio de iniciativas locais, com expressiva participação da comunidade e apresentações culturais protagonizadas pelos artistas locais.

A Biblioteca Comunitária Laura Barros, em Carapió (Itaitinga), teve sua inauguração no dia 13 de novembro de 2009. A celebração foi marcada por uma festividade encantadora realizada em frente à biblioteca, com a participação de aproximadamente 200

moradores, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos. O evento contou com a presença de professores, bolsistas e alunos da UFC, representantes da Associação de Moradores, assim como membros da Prefeitura e da Secretaria de Cultura de Itaitinga. É relevante ressaltar que essa biblioteca permanece ativa e dinâmica, promovendo atividades como contação de histórias, eventos culturais, colônia de férias, entre outros.

Elisa Machado (2009, p. 6) se refere da seguinte forma às bibliotecas comunitárias:

Objetivamente, essas bibliotecas devem criar mecanismos para colaborar no desenvolvimento da sua comunidade, potencializando os próprios talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva.

Foto 3 – Inauguração da Biblioteca Laura Barros, em Carapió (Itaitinga/CE)



Fonte: Arquivo "Ler para Crer".

Um dos princípios fundamentais com os quais trabalhamos baseia-se nas ideias de Paulo Freire (2011), que destaca a impor-

tância da autonomia em toda prática educativa. Através desse trabalho, observamos o fortalecimento dos laços entre as comunidades e as bibliotecas por meio da promoção de práticas de leitura e processos interativos. Além disso, houve a formação de parcerias entre as comunidades e instituições, facilitando o apoio às iniciativas comunitárias. Em especial, destacamos a compreensão da importância e do impacto que a leitura e a informação têm nas mudanças necessárias que a sociedade demanda e espera.

Uma ação de grande relevância foi a realização dos encontros estaduais de bibliotecas comunitárias, promovidos pelo Departamento de Ciências da Informação da UFC. Esses encontros tinham como objetivo promover a troca de experiências sociais e culturais entre as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias, enfocando a cidadania e o desenvolvimento local. O primeiro Encontro de Bibliotecas Comunitárias do projeto foi concebido como uma iniciativa pautada em conceitos de inovação social, inclusão e mediação da informação para o desenvolvimento local, com o suporte da autogestão das bibliotecas comunitárias, acompanhada pelos docentes do curso de Biblioteconomia da UFC.

Para a sua realização, contou-se com a ação colaborativa de professores e alunos do curso de Biblioteconomia, em parceria com as comunidades envolvidas, alimentada por pesquisa de caráter multidisciplinar no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. Isso demonstra que a presença da Universidade, em suas vertentes técnica, sociocultural e pedagógica, contribui no que tange ao desenvolvimento de metodologias ativas para o aprimoramento das ações, principalmente no que concerne à elaboração e implementação de projetos de cidadania e movimentos sociais mediados pela informação, a médio e longo prazo, a serem executados pelas comunidades.

Prêmio Vivaleitura 2010

O projeto “Ler para Crer” foi agraciado, em 2010, com o prêmio VIVALEITURA. O referido prêmio é uma ação de mobilização para a educação e a cultura no Brasil e integrante do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em parceria com a Câmara Brasileira do Livro, a Academia Brasileira de Letras e os Ministérios da Educação (MEC) e da Cultura (MinC). Esta premiação foi instituída em 2006 pelo MEC, pelo MinC e pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), patrocinado e executado pela Fundação Santillana.

Pode-se afirmar que a conquista e o reconhecimento nacional pelo prêmio VIVALEITURA foram o resultado de amplo trabalho coletivo, participativo e dinâmico, razão por que se tem muito a comemorar. A trajetória desse “fazer humano” se aprimora a cada dia e as experiências são portas e janelas para que outros municípios se integrem ao exercício da transformação pela leitura, pelo direito de acesso à informação e pelo reconhecimento de que as bibliotecas são os espaços por excelência desse encontro entre a humanidade e o conhecimento.

Considerações finais

Nélida Piñon (2006), em entrevista, assinala que “o estímulo à leitura, de certo modo, deve estar associado ao estímulo da vida”. Ao concordar com a escritora, compreende-se que a vida acontece nas ações cotidianas da família, da escola, das comunidades, dos grupos sociais, entre amigos e nas bibliotecas. Por conseguinte, a leitura deve ser apresentada de modo prazeroso e encantador, para que possa estar também associada ao lado bom de ser e estar vivendo em comunidade, de fazer parte do movimento da história construída diariamente. E é isso que nos move como educadores, ao compreender que leitura e informação são direitos humanos.

Vale salientar, ainda, que a ação extensionista universitária, especificamente nesse caso, cumpriu o seu papel. Ou seja, levar a universidade para aqueles que dela esperam colher os frutos, a sociedade. Dessa forma, é possível aliar ensino, pesquisa e extensão, pela participação dos estudantes universitários, levando às comunidades os conhecimentos teóricos apreendidos em sala de aula de forma efetiva e afetiva.

Ter acesso à informação e ao desenvolvimento de competências para o uso dessa informação constituem fatores determinantes para o desenvolvimento local e o crescimento de comunidades. Portanto, a reconfiguração do pensamento social, na perspectiva da condição humana, pela educação, para a sustentabilidade, se dá mediante os usos sociais e econômicos da informação. Nesse sentido, o entendimento da informação como fator determinante para o desenvolvimento social deve ter como foco a realidade de uma determinada comunidade e os seus interesses e necessidades.

Referências

CAVALCANTE, L. E.; ARARIPE, F. M. A. (org.). *Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MACHADO, E. C. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: UFPB, 2009.

PIÑON, N. *La seducción de la memoria: ensaios inéditos no Brasil*. México: [s.l.], 2006.

O laboratório de preservação, conservação e restauro de acervos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (Labpres/UFC): trajetórias em evidências

Wesley Nazareno Queiróz

Aluno do curso de Biblioteconomia da UFC, bolsista Pibic/UFC.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/1653529019226803>

Naline Li-t'ai Montenegro Guerra

Aluna do curso de Biblioteconomia, bolsista Funcap.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/2428725996627234>


Alexandre Castro de Oliveira

Aluno do curso de Biblioteconomia, bolsista Pibic/Funcap.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/3265435830876772>

Lidia Eugenia Cavalcante Lima

Doutora em Educação. Professora titular do Departamento de Ciências da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFC. Coordenadora do Laboratório de Preservação, Conservação e Restauro de Acervos (Labpres/UFC).
Lates: <http://lattes.cnpq.br/8811165871130066>

Introdução

 presente texto tem como objetivo apresentar a trajetória, o papel e as ações desenvolvidas pelo Laboratório de Preservação, Conservação e Restauro de Acervos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (Labpres/UFC). Destacamos o trabalho realizado pelos bolsistas em diversas modalidades de bolsas, as atividades formativas, como cursos e oficinas oferecidos aos alunos de Biblioteconomia, e as práticas de conservação e restauro aplicadas às coleções custodiadas na Biblioteca-Laboratório (Labib).

Além disso, enfatizamos a relevância da pesquisa acadêmica no campo da documentação, materialidade e memória, ressaltando sua importância para a preservação do conhecimento e estudos futuros. Esse conjunto de iniciativas contribui significativamente para o fortalecimento e aprimoramento do patrimônio cultural e acadêmico da instituição, em especial do curso de Biblioteconomia, bem como a formação de competências dos futuros bibliotecários.

O Labpres desempenha um papel estratégico como ambiente de formação acadêmica, estreitamente vinculado ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, especialmente no que diz respeito às iniciativas voltadas para a preservação do patrimônio documental institucional. Em meio às celebrações dos 60 anos do curso de Biblioteconomia da UFC, esse espaço se destaca como um catalisador para desenvolver e aprofundar o conhecimento, contribuindo significativamente para a valorização e o resguardo do legado documentário.

O Labpres e a trajetória trilhada

A concepção e implementação do Labpres surgem a partir dos incentivos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), estabelecido em 2007, pelo governo federal. O Reuni, conforme delineado pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, tinha como meta criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e dos recursos humanos existentes nas universidades federais por todo o país.

Assim, alinhado às metas de aprimoramento, reestruturação e elevação da qualidade do ensino superior no Brasil, o ano de 2010 marcou um avanço significativo para o curso de Biblioteconomia e o Departamento de Ciências da Informação da UFC, com a inauguração do Bloco Didático Ícaro de Sousa, situado na Área II do Centro de Humanidades. Nesse contexto, o laboratório de preservação se destaca, planejado naquele mesmo ano, com a missão de ser um espaço dedicado à formação acadêmica dos estudantes de Biblioteconomia. Nessa fase, evidenciamos o papel articulador da professora Virginia Bentes Pinto, que coordenou o projeto, o planejamento e a implantação do referido laboratório.

Inicialmente denominado Laboratório de Restauração e Conservação de Documentos (Larecod), em 2011 teve sua designação modificada para Laboratório de Preservação e Conservação de Acervos (Lapcod). Já em 2024, após aprovação nas instâncias superiores da UFC, o espaço recebeu oficialmente o nome de Laboratório de Preservação, Conservação e Restauo de Acervos Professor Pedro Alberto de Oliveira (Labpres), em homenagem ao docente dos cursos de Biblioteconomia e História, que faleceu em 2021. Essa mudança de nome reflete o reconhecimento e a valorização do legado deixado pelo referido professor ao curso de Biblioteconomia, bem como os objetivos do laboratório.

O Labpres teve como sua primeira coordenadora a professora Lidia Eugenia Cavalcante, que ocupou a função até 2014. Em seguida, foi assumido pela professora Juliana Buse de Oliveira, após retornar de seu doutorado em Portugal, com foco de pesquisa justamente na área de conhecimento do laboratório. É importante destacar, também, a significativa contribuição da servidora técnica Magnólia de Carvalho Serrão, cuja competência e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento das atividades do laboratório.

Como marco inicial, ressalta-se a realização da disciplina Introdução à Conservação de Acervos Documentais e a oferta de cursos como Conservação e Encadernação, que ocorreram em 2014. No ano seguinte, merecem destaque os cursos abordando técnicas como costura japonesa, marmorização, preservação e restauração de acervos, oferecidos aos estudantes. Além disso, um projeto de restauração foi conduzido em colaboração com os cursos de Direito e História, sob a coordenação da então responsável pelo laboratório, a professora Juliana Buse. Essas iniciativas demonstram o comprometimento do Labpres com a formação acadêmica e a realização de projetos em parceria com outros setores da universidade.

Em 2022, após dois anos fechado devido à pandemia de covid-19, o Labpres passou a ser novamente coordenado pela professora Lidia Cavalcante e, em 2023, iniciaram-se novos projetos de ensino-aprendizagem e pesquisa no laboratório, contando especialmente com a colaboração de bolsistas Pibic, PAIP e Funcap (Figura 1) a seguir.

A existência de um laboratório de preservação e conservação de documentos no curso de Biblioteconomia desempenha um papel fundamental não apenas no contexto do ensino-aprendizagem dos futuros bibliotecários, mas também como um campo de pesquisa científica. O laboratório é essencial, considerando ser uma área de estudos e práticas em constante expansão nas insti-

tuições acadêmicas, culturais, governamentais, públicas e privadas. A importância desse espaço reside na vitalidade do patrimônio documental, demandando cuidados específicos para garantir a manutenção, proteção e longevidade de documentos históricos, bibliográficos, arquivísticos e outros materiais de significativo valor cultural, científico e social.

Figura 1 – Equipe Labpres



Fonte: Acervo do Labpres, 2023.

O Labpres contribui diretamente para a conservação do patrimônio cultural da UFC, assegurando que documentos históricos e materiais especiais sejam protegidos contra danos, deterioração e perda. Além disso, facilita a disseminação do conhecimento acerca da preservação, compreendida como um conjunto de ações administrativas que estabelecem políticas de preservação e da conservação referentes ao conjunto de medidas e procedimentos direcionados à proteção física dos acervos, como retrata Cobra (2003).

Vale ressaltar que a escassez de profissionais com expertise para conduzir práticas específicas neste campo, no Ceará, é uma realidade, o que evidencia a importância das formações promovidas pelo laboratório. Essas atividades desempenham um papel estratégico ao desenvolver competências, abordando tanto conteúdo teórico quanto prático nas ações relacionadas à preservação e conservação. Além disso, ao preservar documentos, o laboratório contribui para garantir que as gerações presentes e futuras tenham acesso a informações documentais para pesquisas, estudos acadêmicos e produção cultural e histórica.

A memória institucional, sua representação, preservação e acesso, especialmente em uma instituição acadêmica, devem se constituir como estratégia prioritária tanto na salvaguarda quanto na disseminação do conhecimento e de sua trajetória no tempo, seja no contexto social, político, cultural ou científico. Como defendem Parrela e Nascimento (2019), a memória institucional, diferentemente da memória organizacional, não quer simplesmente organizar processos, procedimentos ou tarefas, e sim, evidenciar seu papel na sociedade.

Contribuição do laboratório para a formação dos alunos do Curso de Biblioteconomia

Durante todo o ano de 2023, o Labpres ofertou diversos cursos para os alunos de Biblioteconomia, objetivando integrar os estudantes da graduação e fazer com que eles conhecessem na prática as atividades desenvolvidas nesse espaço de aprendizagem e o seu potencial. Vale ressaltar que a maioria dessas atividades tem como facilitadores os bolsistas, devidamente treinados, inclusive através da participação em cursos ofertados pela Biblioteca Pública Estadual do Ceará (Bece).

Dentre as atividades ofertadas pelo Labpres, em 2023, destacam-se:

– Oficina de Marmorização: atividade prática que envolve a criação de padrões coloridos em superfícies de papel. Ao todo, foram conduzidas três oficinas, cada uma com uma carga horária de três horas. O principal objetivo dessa ação é capacitar os participantes na arte da marmorização, incentivando não apenas o uso do laboratório, mas também despertando o interesse na área de conservação, preservação e restauro de documentos bibliográficos. Essa abordagem visa não apenas transmitir conhecimento prático, mas também cultivar um ambiente que estimule a expressão individual e o desenvolvimento de habilidades manuais.

Figura 2 – Oficinas de Marmorização



Fonte: Acervo do Labpres, 2023.

– Oficina de Higienização e Confeção de Caixas de Acondicionamento: tem como objetivo propiciar aos alunos participantes o conhecimento na prática da importância da higienização correta de documentos e obras em geral, abordando técnicas específicas e material adequado para esse fim. Além disso, ensina a confecção de caixas de acondicionamento que garantem maior durabilidade e integridade dos acervos.

Figura 3 – Oficinas de Higieneização e caixas de acondicionamento



Fonte: Acervo do Labpres, 2023.

Ao término de cada atividade, conduzimos uma sondagem junto aos participantes, por meio de questionários, com o intuito de identificar pontos positivos e desafios, além de avaliar a relevância dessas formações para os estudantes de Biblioteconomia e futuros profissionais e colher sugestões. A maioria dos respondentes destaca a importância dessas atividades na formação bibliotecária, ressaltando a qualidade dos cursos oferecidos e reconhecendo a relevância do laboratório no desenvolvimento de práticas profissionais. Esse reconhecimento estende-se à compreensão aprimorada dos cuidados necessários para a preservação de acervos em geral.

As atividades desenvolvidas no laboratório receberam amplo incentivo, gerando outras demandas, sendo as mais sugeridas aquelas relacionadas à encadernação e às práticas de conservação e restauro. Essas solicitações reforçam a necessidade de oferecer oportunidades contínuas de aprendizado prático, atendendo às expectativas e interesses dos participantes, ao

mesmo tempo em que contribuem para a formação dos futuros profissionais da área.

Destacamos, também, as contribuições do Labpres em outras ações e instâncias, ressaltando-se, em 2023, a participação na III Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, realizada pelo Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc), oferecendo a oficina de Marmorização para o público externo, e participação também no 46º Seminário de Informação, coordenado pela professora Maria de Fátima Oliveira Costa, do Departamento de Ciências da Informação.

Higienização, conservação e restauro de acervos

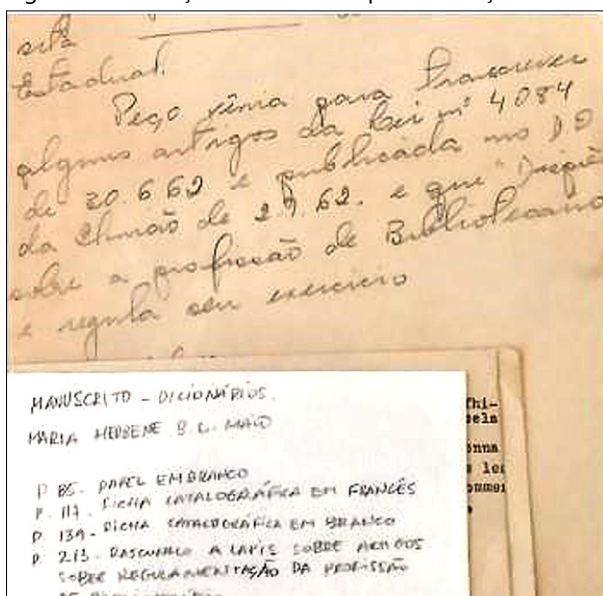
Em trabalho colaborativo com a Biblioteca-Laboratório do curso de Biblioteconomia (Labib), o Labpres desempenha intervenções nas coleções especiais mantidas nesse ambiente. Mais precisamente, focalizamos nossa atenção nas coleções pessoais da professora Maria da Conceição Sousa (1911-1991), fundadora do curso de Biblioteconomia, e do professor J. C. Alencar Araripe (1921-2010), um dos idealizadores do curso de Jornalismo, ambos na UFC. Com o intuito de preservar a memória institucional no que concerne à materialidade desses documentos e o conhecimento neles registrados, o Labpres desempenha um papel essencial no processo de preservação e conservação desses acervos, mediante avaliação diagnóstica, higienização e pequenos restauros das obras.

Durante a execução do diagnóstico, são avaliadas primariamente as informações contidas nos livros, tais como assinaturas, dedicatórias, documentos encontrados nas páginas e o estado geral dos materiais, incluindo danos, se existentes, e os possíveis procedimentos a serem realizados. Todos os livros passam por esse processo, visto que ele possibilita a identificação de danos e

deteriorações dos materiais, facilitando o planejamento das intervenções. Além disso, o processo de diagnóstico visa à análise de informações históricas contidas nas obras.

Dentre elas, encontram-se exemplares autografados por personalidades cearenses, algumas dedicadas à Conceição de Sousa. Também há clipagens elaboradas pela própria bibliotecária sobre diversos temas, as quais precisam ser investigadas quanto ao seu contexto histórico, cultural e social, bem como à motivação para que esse material tenha recebido destaque por parte dela. Dentre os materiais, destaca-se também anotações nas quais Conceição escreve sobre artigos relacionados à regulamentação da profissão de bibliotecário, como apresentado na figura a seguir:

Figura 4 – Anotações manuscritas por Conceição Sousa¹²



Fonte: Acervo Maria da Conceição Sousa, (Labib, 2024).

¹² "Peço vênia para transcrever alguns artigos da Lei no 4.084, de 30.6.62, e publicada no D.O da União de 2.7.62. e que "Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício". (Transcrição).

Após a avaliação, todas as obras, independentemente do estado em que se encontram, passam por um processo de higienização. Inicialmente, os materiais encontrados dentro dos livros são removidos e armazenados em pastas separadas. Cada pasta conta com uma etiqueta de identificação, contendo breve resumo do conteúdo do objeto, o livro em que estava e a numeração da página, uma vez que o conteúdo pode estar relacionado à página específica em que foi encontrado. Concluída essa etapa, inicia-se o processo de higienização, no qual as sujidades são removidas página por página, utilizando trinchas. Para facilitar essa tarefa, o Labpres dispõe de uma mesa de higienização que garante a limpeza segura dos materiais, por meio da sucção de resíduos, como poeira e outras partículas.

Em certos casos, uma higienização simples é suficiente como intervenção. Contudo, algumas obras apresentam um estado mais delicado de degradação, demandando procedimentos como higienização com pó de borracha, remoção de grampos e até mesmo uma nova encadernação, quando esta não tem condições de ser recuperada. Destacamos que uma das principais preocupações desse trabalho é realizar a intervenção mínima necessária, visando preservar ao máximo as características originais da obra e, assim, manter sua integridade histórica e material. Para garantir uma proteção mais efetiva, essas obras são posteriormente acondicionadas em caixas confeccionadas com papel neutro, projetadas para armazenar e proteger contra danos diversos, como desgaste, poeira, umidade, luz solar direta, entre outros.

O Labpres e a pesquisa científica

O campo de estudos sobre materialidade e preservação da memória documental institucional tem se tornado cada vez mais promissor no âmbito das pesquisas científicas. Nesse contexto, Labpres e Labib se unem em um trabalho colaborativo na reali-

zação de duas pesquisas científicas. A primeira, intitulada “Documento, memória e informação: o acervo de Maria da Conceição Sousa e a história da Biblioteconomia no Ceará”, foi aprovada e financiada na Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 – UNIVERSAL, e a segunda, sob o título “Memória institucional e patrimônio documental: caminhos trilhados para o ensino superior no Ceará através das coleções pessoais”, financiada pelo Edital nº 7/2023 Funcap Pró-Humanidades. Ambas as pesquisas contam com o trabalho de uma equipe composta por professores doutores do Departamento de Ciências da Informação, doutorandos, mes-trandos, bibliotecários e bolsistas do curso de Biblioteconomia para a sua execução.

Destacamos que o estudo é conduzido pelas professoras Lidia Eugenia Cavalcante, Maria Aurea Albuquerque Montenegro Guerra e Odete Máyra Mesquita Sales, a partir de três eixos teórico-metodológicos: 1. História, memória institucional e patrimônio documental; 2. Representação da informação; e 3. Gestão da informação. Tem, portanto, o intuito de ampliar o leque de possibilidades no que concerne à pesquisa científica nesse campo, especialmente nos contextos histórico, social e cultural, relacionados à temática abordada na Ciência da Informação.

Considerações finais

Esta breve apresentação sobre a trajetória do Labpres, desde sua fundação, em 2010, até os dias atuais, especialmente no ano em que celebramos os 60 anos do curso de Biblioteconomia da UFC, tem como propósito delinear os caminhos percorridos até o momento e apontar algumas direções que almejamos seguir. Compreendemos a significativa importância deste espaço como ambiente de ensino-aprendizagem, práticas e pesquisa científica.

No contexto do ensino-aprendizagem, ao utilizar o Labpres para capacitar as habilidades e competências práticas dos estu-

dantes de graduação, estamos, de fato, construindo uma base para os futuros profissionais que têm afinidade com este campo de estudo. Essa abordagem não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também prepara os alunos para enfrentar os desafios práticos que encontrarão em suas carreiras.

No que diz respeito à preservação e salvaguarda da memória, nosso objetivo é contribuir ativamente para os estudos, políticas e práticas relacionados à valorização do conhecimento registrado. Buscamos assegurar que coleções especiais e/ou raras não se percam ao longo do tempo, mas, pelo contrário, sirvam como fontes valiosas para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Adicionalmente, reconhecemos a amplitude e interdisciplinaridade desse campo de pesquisa, que demanda a implementação de ações inovadoras e tecnológicas. Isso inclui a digitalização das obras e a criação de catálogos digitais, tornando-as acessíveis ao público enquanto são protegidas. Em outras palavras, estamos redefinindo o conceito de preservação não apenas em relação ao antigo, mas também ao novo, explorando novas ferramentas que ampliam o tempo útil da documentação e facilitam o acesso a ela. Esse enfoque reflete a abertura do Labpres para a inovação e a busca constante por práticas que promovam a preservação documental no cenário contemporâneo.

Referências

COBRA, M. J. T. Conservação. In: *Pequeno dicionário de conservação e restauração de livros e documentos*. 2. ed. Brasília: Cobra Pages, 2003.

GIRÃO, R.; SOUSA, M. da C. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imp. Oficial do Ceará, 1987.

PARRELA, I. D.; NASCIMENTO, A. Memória institucional e arquivologia: uma discussão teórico-metodológica. *Perspectivas*

em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 24, n. esp., p. 176-188, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/198815>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Notas sobre a trajetória do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará

Jefferson Veras Nunes

Professor Associado do Departamento de Ciências da Informação da
Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0644851336615059>

Introdução

A história do ensino de Biblioteconomia no Brasil remonta ao surgimento de dois cursos pioneiros na área, tendo sido o primeiro criado pela Biblioteca Nacional (BN), em 1911, e o segundo surgido em 1929, por iniciativa do Mackenzie College (hoje, Universidade Mackenzie). Ambos lançaram as bases da formação em Biblioteconomia, apresentando, porém, propostas pedagógicas diferentes. Enquanto o primeiro oferecia uma formação de cunho humanístico, o segundo se destacou por enfatizar um ensino de natureza tecnicista (Castro, 2000).

Os anos seguintes foram caracterizados pela descentralização do ensino, já que outros cursos surgiram e órgãos importantes foram fundados, como o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) – atualmente denominado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) –, assim como a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Instituições (Febab), acarretando a organização de eventos de envergadura nacional, como o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD).

Contudo, foi somente na segunda metade do século XX que a formação atingiu o estatuto de nível superior, com a regulamentação da profissão em 1962. É justamente nesse contexto que surge, em Fortaleza, o curso da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1964. Assim, com o intuito de prestar uma singela homenagem ao seu sexagésimo aniversário, este texto explora parte da trajetória do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal

do Ceará, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa e cunho exploratório.

Para tanto, foram consultados livros, artigos de periódicos, dissertações, teses e anais de eventos, além de documentos oficiais disponibilizados pela Biblioteca Nacional, Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), IBICT, CBBB e Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin) – instituição originada a partir da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD). Ademais, foram consultadas leis e portarias do Ministério da Educação, bem como notícias de interesse à presente pesquisa, e o arquivo do curso de Biblioteconomia e da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Ceará.

Breve panorama sobre o ensino de biblioteconomia no Brasil

O primeiro curso formal de Biblioteconomia surgiu por iniciativa da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX. A origem da Biblioteca Nacional está ligada à Biblioteca da Ajuda, em Portugal, cuja história se inicia no século XV, com a designação de Biblioteca Real. A Biblioteca da Ajuda foi parcialmente transferida para o Brasil junto à fuga da família real, devido à ameaça de invasão das tropas de Napoleão. Assim, segundo escreve Fonseca (1979, p. 25), “[...] o que era ruim para os portugueses acabou sendo um bem para nós”.

A Biblioteca Nacional surgiu em 1810, após a chegada da família real portuguesa ao Brasil; no entanto, só foi aberta ao público em 1814 devido à inadequação de suas instalações. Depois de praticamente um século, decidiu-se iniciar o primeiro curso de Biblioteconomia no país, nas dependências da BN, em 1911, com base num modelo europeu (Sá, 2013). Esse modelo é caracterizado como tendo uma matriz mais humanista e menos “tecnicista”

(Weitzel, 2010). O curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional foi o terceiro no mundo, ficando atrás apenas dos cursos da própria École Nationale des Chartes, na França, criado em 1821, e da Columbia College School of Library Economy, fundado em 1887, nos Estados Unidos (Castro, 2000).

Apesar de ter sido criado em 1911, o curso só teve início em 1915. Segundo Peregrino da Silva (1914), a BN estabeleceu o curso de Biblioteconomia para atender à necessidade de profissionais com competências para lidar com a diversidade de seu acervo, principalmente depois de sua remodelação com a inauguração da nova sede. O curso possuía a duração de um ano e era composto por quatro disciplinas: Bibliografia; Paleografia e Diplomática; Iconografia; e Numismática. As disciplinas correspondiam justamente às seções existentes na Biblioteca, sendo ministradas pelos próprios responsáveis por cada um dos setores.

Em sua primeira fase, o curso promovido pela Biblioteca Nacional teve uma duração curta, funcionando por apenas nove anos. Segundo Souza (1990, p. 34), a instituição “[...] nunca recebeu os recursos orçamentários necessários ao seu funcionamento adequado”. Depois que os quadros de funcionários foram supridos, o curso foi interrompido em 1922. Todavia, em 1931, ele foi reativado e mantido até 1944, contando com uma importante alteração em relação à duração, que passou para dois anos. As disciplinas que compunham esse segundo ciclo eram: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, no primeiro ano, enquanto, no segundo ano, os alunos cursavam História Literária (voltada à Bibliografia), Iconografia e Cartografia (Dias, 1955; Muller, 1985). Além das novas disciplinas e conteúdos, essa fase também foi marcada pela participação de egressos do próprio curso (Weitzel, 2010).

O curso da Biblioteca Nacional foi pioneiro no país, operando até o ano de 1973, quando foi incorporado pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (Fefieg). A instituição foi criada pelo Decreto-Lei nº 773, de 20 de agosto de

1969, com o propósito de integrar entidades dispersas de ensino superior que anteriormente estavam vinculadas aos Ministérios do Trabalho, do Comércio e da Indústria; da Saúde; e da Educação e Cultura (Ley; Juvêncio, 2020).

Com a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, a Fefieg passou a se chamar Universidade do Rio de Janeiro (Unirio). Após a promulgação da Lei nº 10.750, em 24 de outubro de 2003, a instituição teve seu nome alterado para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mantendo, no entanto, a mesma sigla. O curso de Biblioteconomia permanece ativo até os dias atuais.

A influência norte-americana na formação em biblioteconomia

Anos depois da criação do curso da Biblioteca Nacional, surgiu outra formação em Biblioteconomia, no Brasil, a partir do Mackenzie College, em outubro de 1929. Ao se firmar no Brasil, o Mackenzie College logo se destacou por incorporar ao seu ensino uma proposta pedagógica inovadora, caracterizada como sendo de cunho pragmático (Castro, 2000; Cysne, 1993). De acordo com Souza (2018, p. 200), a perspectiva pedagógica apoiada num “[...] modelo norte-americano se configurava como uma novidade que traria o desenvolvimento para o interior das bibliotecas. Era assim, um sinônimo da expressão ‘futuro’”.

Dessa forma, deu-se início ao segundo curso criado no Brasil, denominado Curso Elementar de Biblioteconomia, o qual ficou, inicialmente, sob a responsabilidade da bibliotecária norte-americana Dorothy Muriel Geddes Gropp. A bibliotecária veio dos EUA para trabalhar na Escola com o propósito de reorganizar o acervo da instituição e implementar novos processos nos catálogos que pudessem promover maior agilidade na localização dos livros.

O curso tinha duração de um ano e era direcionado tanto para os funcionários da própria instituição quanto para professores e demais profissionais que atuavam como bibliotecários em outras entidades de ensino (Castro, 2000; Souza, 1990). Nesse sentido, conforme Muller (1985, p. 4), as disciplinas

[...] refletiam a orientação americana, voltada para organização de bibliotecas, baseada em técnicas especialmente desenvolvidas. Incluía esse curso as disciplinas Catalogação, Classificação, Referência e Organização.

Em 1931, a bibliotecária Adelpha Figueiredo Rodrigues, então funcionária da Escola, viajou aos Estados Unidos para aprimorar seus conhecimentos na área de Biblioteconomia na Universidade de Columbia. Ao retornar ao Brasil, assumiu a direção da Biblioteca e deu continuidade ao curso iniciado por Dorothy Muriel Geddes Gropp. O curso do Mackenzie College permaneceu ativo até o ano de 1935, e seu encerramento gerou uma lacuna na formação oferecida no país, a qual logo foi preenchida pela Prefeitura Municipal de São Paulo (Castro, 2000).

Uma perspectiva pedagógica similar àquela implementada por Dorothy Muriel Geddes Gropp foi mantida no novo curso. Desse modo, iniciava-se uma nova fase no ensino de biblioteconomia no Brasil, marcada por destacar a necessidade de experiências práticas na formação. O curso estava vinculado ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, órgão criado no ano de 1936 e que passou a ser dirigido por Rubens Borba de Moraes e pela própria Adelpha Figueiredo Rodrigues (Russo, 1966). Vale mencionar que ao novo curso foi adicionada a disciplina História do Livro (Muller, 1985; Silva; Oliveira, 2019).

Embora tenha alcançado a marca de 215 alunos matriculados em 1937, o então prefeito de São Paulo, Prestes Maia, decidiu encerrar o curso em 1939 (Silva; Oliveira, 2019). Isso levou a

Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo – denominada, atualmente, Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo (FEPSp) – a incorporar o curso em 1940. Ativo até hoje, porém, denominado como Biblioteconomia e Ciência da Informação, o curso da FEPSp conta com duração de três anos, estando o seu currículo dividido em três eixos: Humanista, Acadêmico e Cultural; Técnico e Tecnológico; e Organizacional e Gerencial.

Caminhos para a formação em nível superior

Reflexo das inúmeras mudanças percebidas ao longo da primeira metade do século XX no que diz respeito à formação profissional, o Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) – órgão criado durante a ditadura de Getúlio Vargas, imbuído num esforço de reforma administrativa – publicou o Decreto-Lei nº 2.166, em maio de 1940, o qual dividiu a carreira de bibliotecário em duas, a saber: bibliotecário e bibliotecário-auxiliar (Muller, 1985).

Com a divisão da carreira de bibliotecário instituída pelo Dasp, um novo passo era dado no Brasil em direção à consolidação do ensino em Biblioteconomia e sua elevação em nível superior, inspirando, inclusive, o curso oferecido pela BN, que passou a ter dois níveis: fundamental e superior, com a presença de disciplinas de cunho prático em ambos. O escopo do curso passa a ser mais abrangente também, não estando mais voltado exclusivamente à formação de profissionais para atuarem apenas na Biblioteca Nacional, mas sim, em diferentes tipos de bibliotecas (Castro, 2000; Muller, 1985).

Até aquele momento, só havia no Brasil cursos de Biblioteconomia nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, evidenciando uma centralização na formação de profissionais, o que obrigava pessoas interessadas nos cursos a se deslocarem de suas cidades de origem para estudar. Em razão disso, os anos 1950

foram marcados, primeiro, pela ampliação de cursos de Biblioteconomia no país, e, segundo, pelo surgimento de demandas por parte dos próprios bibliotecários para serem reconhecidos como profissionais de nível superior.

Eventos e órgãos importantes surgiram nesse período, como o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (inicialmente denominado como Congresso Brasileiro de Biblioteconomia), cuja primeira edição ocorreu em Recife, em 1954; e a fundação, no mesmo ano, do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Pioneiro na América Latina, o IBBD lançou, em 1955, um curso de pós-graduação *lato sensu* na área e foi responsável, sob a coordenação de Lydia de Queiroz Sambaquy, por firmar parcerias com diferentes universidades e institutos de pesquisa brasileiros e estrangeiros, promovendo a criação de bibliotecas especializadas e escolas de Biblioteconomia, além de fomentar publicações em várias áreas do conhecimento (Castro, 2000; Martins; Cavalcante; Gurgel, 2004).

Nesse sentido, ganhava cada vez mais força o movimento em prol do reconhecimento da formação em biblioteconomia como sendo de nível superior e dos bibliotecários como profissionais liberais (Souza, 2018). Entretanto, para que esse reconhecimento pudesse ser obtido, era preciso uma lei que regulamentasse o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil. Uma primeira proposta nesse sentido foi apresentada em 1958, levando o Ministério da Educação e Cultura (MEC) a nomear uma comissão para estudar o tema e propor um currículo mínimo necessário à formação em Biblioteconomia no país (Muller, 1985).

Essa regulamentação tinha como principais objetivos: impedir o exercício da profissão sem a devida formação; organizar os conselhos de classe; e, por fim, conferir ao ensino de Biblioteconomia base legal e maior valorização do profissional perante a sociedade (Castro, 2000; Santana; Nunes, 2017). Para tanto, fazia-se necessária certa padronização no ensino, a qual contou com o

respaldo da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, fundada em 1959 durante a segunda edição do CBBB. Em colaboração com o Conselho Federal de Educação (CFE), a Febab também contribuiu para a implementação de um currículo mínimo nos cursos de Biblioteconomia (Oliveira; Carvalho; Souza, 2009).

Além disso, a reformulação do programa do curso da BN, em 1962, foi fundamental, pois serviu de referência a esse currículo mínimo a ser instituído no país, contribuindo, assim, para o processo de regulamentação da profissão. Após a aprovação do currículo mínimo pelo CFE, estabeleceu-se a exigência de três anos de duração para a obtenção do grau de bacharel. Em paralelo, a regulamentação ocorreu também em 1962, a partir da aprovação da Lei nº 4.084, de 30 de junho.

Com a regulamentação da profissão e a criação de um currículo mínimo, surgiram mais cursos de Biblioteconomia a partir da década de 1960, incluindo o curso da Universidade Federal do Ceará. Outro ponto relevante a ser destacado diz respeito à criação do Conselho Federal de Biblioteconomia, em 1966, proporcionando condições para assegurar efetividade na regulamentação da profissão. E, um ano depois, foi fundada a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação, em 1967, com o objetivo de fortalecer a formação na área e o aperfeiçoamento docente, dentre outros.

Ao término da década de 1960, já existiam dezoito cursos de Biblioteconomia em funcionamento no Brasil, sendo a maioria em universidades públicas (Souza, 1990; Oliveira; Carvalho; Souza, 2009). Nos anos 1970, outros onze cursos foram inaugurados, ocasionando também um processo de interiorização (Russo, 1966), contudo, depois de assimiladas algumas das mudanças advindas na década anterior, o currículo mínimo passou a ser debatido por diversas entidades, profissionais e pesquisadores.

Outro fato importante é que, em 1970, foi criado o primeiro curso de mestrado, pelo IBBD, denominado Ciência da Informação.

Esse acontecimento inspirou o surgimento dos primeiros periódicos científicos na área. Assim, entre 1972 e 1973, cabe destacar o lançamento da *Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG), em Belo Horizonte; *Ciência da Informação*, pelo então IBBD, no Rio de Janeiro, e a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, pela Associação de Bibliotecários do Distrito Federal e Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UNB) (Muller, 1985).

A década de 1970 foi marcada por debates em torno da necessidade de reformulação do currículo mínimo de 1962. O desejo de reformulação já encontrava eco nos cursos de Biblioteconomia, sendo objeto de discussão em eventos como o CBBB e por parte de associações, como a ABEBD. O documento que serviu como base para um novo currículo mínimo foi elaborado por iniciativa de docentes da UFMG, em 1976, sendo exposto em forma de artigo por Ferreira *et al.* (1977). As ideias apresentadas foram analisadas por várias comissões e grupos de trabalho, e submetidas, em 1980, aos cursos existentes até aquele momento no país.

Em 1981, foi elaborado um documento final com a participação da ABEBD e encaminhado ao Conselho Federal de Educação (CFE). No ano seguinte, um novo currículo mínimo foi aprovado, com a previsão de dois anos para sua implementação (Souza, 1990). A proposta ampliou a duração do curso para quatro anos e conferiu um caráter multidisciplinar à formação, “[...] abordando tanto a organização de documentos quanto o tratamento da informação, com destaque para o usuário dos serviços e unidades de informação como eixo central” (Santos, 1998).

O currículo foi organizado tomando como base três núcleos: matérias de fundamentação geral (Comunicação; Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo; e História da Cultura); matérias instrumentais (Lógica; Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa; Língua Estrangeira Moderna; e Métodos e Técnicas de Pesquisa); matérias de for-

mação profissional (Informação Aplicada à Biblioteconomia; Produção dos Registros do Conhecimento; Formação e Desenvolvimento de Coleções; Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento; Disseminação da Informação; e Administração de Bibliotecas) (Santos, 1998).

Contudo, com o tempo, foram percebidas necessidades de ajustes no currículo mínimo de 1982, considerando que, dentre outras questões, segundo Cysne (1993, p. 61), “as propostas de matérias de cunho social, educativo, tecnológico e administrativo ou organizacional não tiveram as discussões necessárias e suficientes para serem efetivamente implementadas [...]”. Mudanças que acabaram por não ser mais necessárias, pois, a partir dos anos 2000, os currículos mínimos deixaram de existir. Sinais dessa transformação despontaram, em 1995, quando a Lei nº 9.131 dá ao Conselho Nacional de Educação (CNE) um papel crucial na alteração da estrutura da educação brasileira.

Em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que concedeu às universidades a prerrogativa de estabelecer, de maneira autônoma, os currículos de seus cursos e programas de formação necessários às suas próprias demandas. Com a LDB, o Estado deixa de exercer um papel de “curador” dos conteúdos ministrados nos cursos de graduação no Brasil e passa a assumir a função de fomento de diretrizes (Teixeira Júnior, 2020).

Em 1997, a Câmara de Educação Superior (CES), vinculada ao CNE, assumiu a responsabilidade de estatuir as diretrizes. Isso marcou o fim dos currículos mínimos e o estabelecimento de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), cujo objetivo é assegurar a autonomia das Instituições de Ensino Superior (IES) para decidirem sobre os conteúdos e o período da oferta destes aos alunos. Além disso, focam numa formação abrangente entre teoria e prática, de modo a proporcionar autonomia aos estudantes, incentivando, ainda, a autoavaliação sistemática por parte das instituições (Teixeira Júnior, 2020).

As Diretrizes Curriculares Nacionais foram instituídas por meio do Parecer CNE/CES nº 492/2001, sendo a Biblioteconomia uma das primeiras áreas contempladas por elas. Diferentemente dos currículos mínimos, as Diretrizes Curriculares Nacionais oferecem orientações gerais às Instituições de Ensino Superior (IES) para organizarem seus currículos a partir de conteúdos necessários ao desenvolvimento de competências e habilidades. Por sua vez, recomendam conteúdos essenciais para manter certa simetria no currículo, concedendo aos cursos, entretanto, a possibilidade de estruturarem seus projetos pedagógicos conforme a realidade social da região onde estão inseridos (Teixeira Júnior, 2020).

O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará

Depois de discutida parte da história acerca do ensino de Biblioteconomia no Brasil e o processo pelo qual a área passou em relação aos currículos, desencadeado, em grande parte, pelo reconhecimento da profissão, passa-se, então, ao histórico do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. A Universidade do Ceará (UC), denominação anterior da instituição, foi criada em 16 de dezembro de 1954, por meio da Lei nº 2.272, sancionada pelo presidente Café Filho, sendo instalada, entretanto, em 25 de junho de 1955. Segundo Rodolfo (2015, p. 24), “no Nordeste, a Universidade do Ceará viria a ser a terceira fundada, em 1954, no Brasil, foi a sétima universidade criada sob a tutela do governo federal”.

Todavia, a história da Universidade se inicia anos antes a partir de movimentações políticas em prol de sua composição. Martins Filho (1966) assinala que, em 1944, é cogitada a ideia de criação de uma instituição desse porte no estado, a partir de um relatório encaminhado pelo médico cearense Dr. Antônio Xavier

de Oliveira ao então ministro da Educação e Saúde tratando acerca da federalização da Faculdade de Direito do Ceará. Assim, no ano de 1953, o Conselho Nacional de Educação emitiu o Parecer 263/53 favorável à criação da instituição, permitindo que Getúlio Vargas, presidente à época, encaminhasse ao Poder Legislativo um projeto de lei referente à criação da Universidade.

No seu início, a UC incorporou faculdades mais antigas presentes em Fortaleza, tais como a Faculdade de Direito, estabelecida em 1903; a Faculdade de Farmácia e Odontologia, criada em 1916; a Escola de Agronomia, fundada em 1918; Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, organizada em 1943; e a Faculdade de Medicina do Ceará, estabelecida em 1948. A gestão desses estabelecimentos, conforme Rodolfo (2015), era diversificada, abrangendo tanto o governo estadual e federal quanto a Igreja e instituições particulares formadas por associações.

O curso de Biblioteconomia foi estabelecido praticamente dez anos após a fundação da Universidade Federal do Ceará, em 17 de fevereiro de 1964, com autorização para funcionamento no primeiro semestre de 1965 por meio da Resolução nº 174, de 22 de janeiro de 1965. A sua criação foi resultado do empenho do então reitor e fundador da instituição, Prof. Antônio Martins Filho, contando com o auxílio de bibliotecárias que trabalhavam na própria universidade.

Antes disso, as bibliotecas da instituição haviam acertado uma parceria com o IBBD, a partir de 1957, visando à permuta e disponibilização de documentos e bibliografias para seus docentes e pesquisadores. Nesse sentido, Martins, Cavalcante e Gurgel (2004, n. p.) afirmam que, durante visita, em missão oficial ao Rio de Janeiro, “[...] o reitor da Universidade do Ceará manteve entendimentos com a presidente do IBBD, professora Lydia de Queiroz Sambaquy, a fim de acertar as bases do acordo a ser firmado”. Diante desse contexto e com o objetivo de aprimorar a qualificação de seu quadro profissional, tornou-se fundamental

viabilizar a ida de servidores ao Rio de Janeiro para participarem de cursos oferecidos pela BN (Cysne, 2003; Martins; Cavalcante; Gurgel, 2004).

A criação do curso de Biblioteconomia da UFC ocorreu num momento em que a formação de nível superior estava em ascensão no país, conforme visto na seção anterior. Assim, um fato importante a ser mencionado é a realização do 4º CBBB, em Fortaleza, em julho de 1963, que abordou a temática “A Educação através da Biblioteca”. Este evento desempenhou um papel crucial para impulsionar a criação do curso, sensibilizando ainda mais a reitoria para a necessidade de estabelecer o quanto antes a formação em Biblioteconomia na Universidade.

Adicionalmente, é relevante destacar a contribuição de Maria da Conceição Sousa, que foi a primeira bibliotecária do Ceará a frequentar o curso de Biblioteconomia da BN. Ela é “[...] lembrada não só pelo que representou no ensino, como também na Biblioteconomia do Ceará e nas Letras do estado” (Cysne, 1993, p. 66). É necessário mencionar ainda a significativa colaboração de Cleide Ancilon de Alencar Pereira, Pedro Alberto de Oliveira e Silva e Otacílio Colares. Os dois últimos também fizeram parte, respectivamente, dos cursos de História e Letras da Universidade Federal do Ceará.

As faculdades cuja união deu origem a então Universidade do Ceará já traziam consigo acervos ricos e diversificados. Nesse sentido, a Biblioteca Central foi inaugurada em 1958 com o propósito de concentrar todos os serviços técnicos, bem como reunir o acervo contido nas diferentes unidades acadêmicas existentes à época, na instituição, num único espaço. Contudo, a proposta de centralização não se concretizou e, em 1966, além da Biblioteca Central, a Universidade contava ainda com outras 18 bibliotecas distribuídas entre suas unidades acadêmicas, as quais, somadas, totalizavam 67.314 livros e 2.645 títulos de periódicos (Pereira, 1966; Silva *et al.*, 2021).

Apesar dos desafios enfrentados em relação ao projeto de concepção de uma biblioteca central na instituição, bibliotecárias foram convidadas pelo Prof. Antônio Martins Filho a colaborarem com a criação do curso de Biblioteconomia na UFC. Essa iniciativa foi motivada pela necessidade em suprir lacunas de profissionais existentes na própria instituição. O perfil do corpo docente indicava a incorporação de professores de outras áreas para ministrar disciplinas no curso. Além disso, os docentes não possuíam pós-graduação *stricto sensu*, como mestrado ou doutorado, o que limitava a formação oferecida à esfera profissional (Cysne, 1993).

O material didático adotado era restrito a poucos livros da área, alguns raros artigos de periódicos e ao conhecimento empírico através da atuação profissional, uma vez que a maioria dos professores também trabalhava em bibliotecas da própria Universidade (Cysne, 1993). O curso contava com 29 disciplinas, totalizando 150 créditos, com duração mínima de dois anos e meio e máxima de seis anos. O currículo estava organizado, à época, em dois ciclos: o primeiro, de natureza básica; e o segundo, profissional, tendo a primeira turma sido formada em 1967.

O curso de Biblioteconomia da UFC surgiu de forma isolada, porém, decorrido algum tempo, tornou-se parte da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, com a denominação de Biblioteconomia e Documentação, obtendo o seu reconhecimento junto ao MEC em 1972 (Pinto; Cardoso, 2019). Mais tarde, em 1975, foi criado o Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia, abrigoando os dois cursos que compunham o seu nome. Os professores que marcaram os primeiros anos do curso de Biblioteconomia foram: Maria Conceição de Sousa, Aracy Fiúza Costa, Cleide Ancilon de Alencar Pereira, Maria Herbene Barbosa Lima Maia, Zélia, Vânia Farias de Limon, Almery Cordeiro Lima, Marlene Albuquerque, Luíza Alcântara, Lilian Pimentel Gomes, Fernandina Fernandes Lino, Maria Antonieta Figueiredo Bezerra e Pedro Alberto de Oliveira e Silva (Costa, 2011).

O cenário social e político pelo qual o país passava era conturbado, uma vez que os anos 1960 ficaram conhecidos pela instalação de uma ditadura civil-militar. Entretanto, a área de Biblioteconomia não parece ter sofrido as consequências disso com a mesma intensidade de outros campos, pois vivenciava um momento de expansão nacional. O primeiro currículo pleno adotado no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, em 1965, vale frisar, estava sob a circunspeção do currículo mínimo aprovado em 1962, influenciado pela perspectiva norte-americana, tendo uma abordagem mais prática e menos teórica e reflexiva (Castro, 2000; Cysne, 1993; Muller, 1985; Souza, 1990). Em razão disso, possivelmente, os conteúdos que o compreendiam não representavam uma ameaça às aspirações do regime que havia tomado conta do país naquele momento.

Todavia, esse primeiro currículo do curso de Biblioteconomia da UFC vigorou até o ano de 1984. Sua reformulação ocorreu devido à criação de um segundo currículo mínimo, no ano de 1982, tendo sido estabelecido pelo CFE o prazo de dois anos para sua efetivação em todo o território nacional. Apesar de conter atualizações e inserção de novos conteúdos, o currículo mínimo recém-aprovado não foi recebido sem críticas pela Biblioteconomia brasileira. Contudo, em 1985 foi implementado um novo currículo pleno na UFC, o qual compreendia 190 créditos, totalizando 2.850 horas, com duração mínima de quatro anos e máxima de sete.

O ano de 1985 foi de extrema relevância para o país, pois marcou o processo de restauração da democracia. Além disso, uma mudança de paradigma estava se delineando na área, com discussões sobre a informação e o questionamento dos limites disciplinares entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, inspirados pela consolidação da pós-graduação *stricto sensu* na área. Essas questões levaram o curso de Biblioteconomia a propor novas alterações em seu currículo, implantando-as a partir do se-

gundo semestre letivo de 1988, o qual foi conservado ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000.

Os anos 2000 são caracterizados pela reflexão constante sobre o papel das tecnologias de informação na sociedade, gerando debates acerca das implicações disso na profissão. Nesse contexto, decidiu-se iniciar a criação do Departamento de Ciências da Informação (Dcinf), demanda que já vinha sendo requerida por professores do próprio curso de Biblioteconomia. Em 2005, foi implementado um quarto currículo no curso de Biblioteconomia da UFC, englobando um maior número de disciplinas relacionadas à área de gestão e às tecnologias de informação.

Essa mudança visava fortalecer as disciplinas de cunho teórico, social, organizacional e tecnológico de forma ampla. É importante destacar que, desde 2001, não há mais a necessidade de um currículo mínimo, pois o ensino superior tem sido orientado pelas DCN, cujo propósito fornece diretrizes abrangentes à formação. Isso não implica assimetria em relação a outros cursos do país, uma vez que as instituições têm autonomia para elaborar seus projetos pedagógicos conforme a realidade de suas regiões; no entanto, os conteúdos devem abranger aspectos básicos e profissionais necessários à atuação profissional.

No ano de 2021, o currículo vigente no curso de Biblioteconomia da UFC passou por outra atualização; dessa vez, em razão da creditação curricular – também conhecida como curriculização da extensão – exigida pelo CNE no âmbito da CES. Seu projeto pedagógico sofreu readequação para atribuir carga horária à extensão no âmbito das disciplinas do curso. Como resultado disso, houve a alteração de nomenclaturas, revisão das ementas e realocação de conteúdos, conferindo ao currículo, atualmente, uma carga horária total de 3.200 horas.

Considerações finais

Com o objetivo principal de abordar a trajetória do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, este texto destacou algumas mudanças pelas quais a área passou, no Brasil, procurando contextualizá-las em relação ao curso em questão. Dessa forma, foi possível perceber como diversas transformações, em âmbito nacional, influenciaram diretamente o curso de Biblioteconomia da UFC, desde a realização do 4º CBBB, em Fortaleza, o reconhecimento da profissão e sua elevação ao estatuto de nível superior, em 1962, passando pelo estabelecimento dos currículos mínimos até a oficialização das DCN e a recente creditação curricular.

Assim, evidenciou-se a contribuição oferecida por bibliotecárias da instituição, que compartilharam seu tempo entre a dedicação às bibliotecas da Universidade e a atuação como docentes no curso de Biblioteconomia. Esse desafio foi enfrentado com maestria pelo corpo docente do período, considerando as limitações relacionadas à estrutura física, aos recursos financeiros, ao material didático disponível e à necessidade de assistência por parte de professores de outras áreas.

Os resultados do trabalho iniciado há sessenta anos continuam sendo colhidos. Um fato a ser mencionado é que, na última avaliação realizada pelo MEC, em 2023, o curso recebeu do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) conceito cinco, sendo considerado de excelência no país. Dessa forma, encerra-se essa singela homenagem ao sexagésimo aniversário do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, expressando o desejo de que os próximos anos sejam marcados por projetos cada vez mais promissores, semelhantes aos que possui hoje, contribuindo para elevar a qualidade da formação e atendendo às demandas da sociedade cearense de maneira crescente, sempre com a responsabilidade que a educação requer.

Referências

- CASTRO, C. A. *História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CESARINO, M. A. da N. O ensino de Biblioteconomia: um currículo a ser mudado. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 43-59, 1973.
- COSTA, M. de F. O. 45 anos do curso de Biblioteconomia: um olhar. In: COSTA, M. de F. O. (org.). *CH/UFC 40 anos: uma memória dos cursos de graduação, das casas de cultura e do movimento estudantil*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2011. p. 39-70.
- CYSNE, F. P. *Biblioteconomia: dimensão social e educativa*. Fortaleza: EUFC, 1993.
- DIAS, A. C. *O ensino de biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro, IPASE, 1955.
- FERREIRA, M. L. A. G. et al. Currículo mínimo de biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 6, n. 1, p. 92-99, mar. 1977.
- FONSECA, E. N. da. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.
- LEY, C. da G. G.; JUVÊNCIO, C. H. O legado do curso de Biblioteconomia para a Biblioteca Nacional. *Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020.
- MARTINS, A. L.; CAVALCANTE, L. E.; GURGEL, N. M. C. Revisitando os caminhos trilhados pela Biblioteca Universitária da UFC. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., 2004, Natal. *Anais* [...] Natal: UFRN, 2004.

- MARTINS FILHO, A. *História abreviada da UFC: 1944 a 1967*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1996.
- MULLER, S. P. M. O ensino de biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 3-15, 1985.
- OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G. F.; SOUZA, G. T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 19, n. 3, 2009.
- PEREIRA, C. A. de A. As bibliotecas da Universidade Federal do Ceará. [*Boletim da Universidade Federal do Ceará*], Fortaleza, p. 92-96, mar./abr. 1966.
- PINTO, V. B.; CARDOSO, C. C. de C. G. Produção científica do Departamento de Ciências da Informação: contribuição para o cinquentenário do Centro de Humanidades da UFC. In: GONÇALVES, D. N. *Coletânea Centro de Humanidades: 50 anos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019. p. 15-29.
- RODOLFO, R. M. *A Universidade (Federal) do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia: espaços, lugares e memórias (1956-1967)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- RUSSO, L. G. M. *A biblioteconomia brasileira: 1915-1965*. Rio de Janeiro: INL, 1966.
- SÁ, I. C. de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. *Acervo*, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.
- SANT'ANNA, A. R. de. Relatório geral 1988. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 108, p. 275-316, 1988.
- SANTANA, J. A.; NUNES, J. V. Ética profissional, deontologia e sindicalismo na biblioteconomia brasileira. *RDBCI: Revista Digital*

de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 16, n. 1, p. 56-77, 2018.

SANTOS, J. P. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. *Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 3, n. 6, p. 35-47, 1998.

SILVA, M. C. P. da. A Bibliotheca Nacional em 1913. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 36, p. 664-689, 1914.

SILVA, F. F. da. *et al.* Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará. In: SIQUEIRA, G. K. *et al.* (org.). *I Seminário Museus e Coleções da UFC: reflexões contemporâneas*. Fortaleza: Mauc, 2021. p. 165-177.

SILVA, L. G.; OLIVEIRA, L. M. B. de. Presença da disciplina História do Livro nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil nos anos de 1978 e 2018. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 49-70, 2019.

SOUZA, A. N. G. de. Desenvolvimento e disseminação do ensino de Biblioteconomia no Brasil e em São Paulo: uma análise espaço-temporal. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, p. 195-219, set. 2018.

SOUZA, F. das C. de. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: EDUFSC, 1990.

TEIXEIRA JÚNIOR, P. R. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino superior: a lógica das competências em foco. *Crítica Educativa*, v. 6, n. 1, p. 1-18, 2020.

WEITZEL, S. da R. O desenvolvimento de coleções no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-220, 2010.

Iniciação à docência no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará


Ítalo Teixeira Chaves

Doutorando e mestre em Ciência da Informação pela
Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em
Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7501966808398585>

Maria Aurea Montenegro Albuquerque Guerra

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Docente do Departamento em Ciência da Informação e do
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFC.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6346079652322359>

Introdução

 ensino superior é dividido em três eixos importantes: ensino, pesquisa e extensão. Cada um deles com sua importância para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem na universidade. Severino (2007) comenta que cada um desses pilares atua de forma articulada com o outro considerando circunstâncias histórico-sociais e os desafios humanos.

No contexto da educação superior, podemos, então, pensar educação por um viés em que o conhecimento é produzido, reproduzido, conservado, sistematizado, organizado e transmitido (Severino, 2007). Isso acontece devido à articulação dos pilares ensino, pesquisa e extensão. Mesmo quando falamos do contexto educacional e formativo, percebemos um forte protagonismo do ensino .

Consideramos, neste trabalho, o ensino por uma ótica freiriana (Freire, 1967, 2013), ou seja, uma educação que tenha um caráter libertador, dialógico, problematizador e conscientizador, que possa gerar transformações nos indivíduos em favor da construção de um mundo melhor, amoroso e humano. O ensino, no contexto universitário, é fundamental para a formação de profissionais que vão atuar em sociedade.

Nesse sentido, voltamos o olhar dessa investigação para a atividade de Iniciação à Docência no âmbito do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Com a notória importância do ensino para a universidade e formação de alunos, a Iniciação à Docência se mostra como uma possibilidade para que discentes possam auxiliar professores e ter uma vivência

mais próxima com as práticas pedagógicas e didáticas envolvendo a práxis docente.

Diante desse contexto, temos como pergunta norteadora: Quais as contribuições de projetos de Iniciação à Docência no curso de Biblioteconomia para a formação discente? Buscamos, com esse estudo, compreender quais os interesses dos alunos do curso de Biblioteconomia para serem monitores de disciplinas no âmbito da Iniciação à Docência, assim como as contribuições percebidas por eles a partir das práticas desenvolvidas.

Consideramos, para tanto, a perspectiva dos alunos que atuaram como monitores em disciplinas do curso de Biblioteconomia nos últimos anos. Além disso, têm-se como referência documentos que regulamentam o Programa de Iniciação à Docência na UFC. No âmbito teórico trazemos discussões envolvendo a Iniciação à Docência e sua relação com o ensino-aprendizagem.

Iniciação à docência: perspectivas para o ensino-aprendizagem

Sob diferentes aspectos, o entendimento de que o ensino não é tarefa única e exclusiva do professor, acompanha a história da educação humana em diversos momentos. O exercício da monitoria destacou-se, historicamente, no cenário educacional brasileiro como uma atividade regulamentada na educação superior. Foi a partir da Reforma Universitária, mais especificamente com o estabelecimento da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que as normas de organização e funcionamento do ensino superior, relativas às funções de monitor, foram criadas para atender aos cursos de graduação (Brasil, 1968, p. 1).

Entretanto, essa atividade não é recente. Estudos revelaram que, desde a Antiguidade, o ato de ensinar era compartilhado entre quem ensina e o aprendiz. Nesse contexto, a figura do mo-

nitor se insere nas atividades docentes como um aprendiz que busca o embasamento necessário para compreender a práxis da profissão docente.

O processo ensino-aprendizagem é um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos. Esse processo promove o diálogo entre o conteúdo formal, que é o conteúdo curricular e os conteúdos únicos que são as vivências, histórias e individualidade, tanto do professor quanto do aluno, sujeitos do processo educativo (Bezerra, 2012). Nesse sentido, a monitoria se estabelece, pois é um instrumento de ensino que colabora na formação do aluno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da graduação, propiciando ao monitor a oportunidade de compartilhar (aprendendo e ensinando) seus conhecimentos na vivência docente. Por isso, a monitoria passa a ter responsabilidade no processo da docência universitária, assim como também na qualidade da formação profissional, contribuindo no planejamento das ações pedagógicas (Bezerra, 2012).

Essa experiência nas atividades de ensino e o contato com a docência, conforme a legislação específica, constitui-se em uma poderosa ferramenta para que o aluno descubra sua vocação para o exercício da docência; uma profissão que envolve racionalidade, emoção, compromisso social e ética.

O programa de monitoria acadêmica é um dos meios que possibilita a relação de troca de conhecimentos entre o professor-orientador, o aluno monitor e os estudantes monitorados, promovendo o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, haja vista que os monitores participam da escolha das metodologias que facilitam o desenvolvimento dos conteúdos e da elaboração de atividades a serem trabalhadas durante a disciplina monitorada (Peixoto; Jesus, 2021).

Coutinho e Martins (2023) refletem que o aluno monitor participa das aulas através do planejamento das atividades junto com o professor ministrante da disciplina monitorada e

da aplicação das avaliações, tanto teóricas quanto práticas, bem como prepara materiais didáticos de modo a promover o aprendizado do conteúdo.

O aluno monitor tem, ainda, a oportunidade de melhorar aspectos relacionados à comunicação, oralidade e relações interpessoais em razão da vivência e experiências docentes nas turmas monitoradas (Coutinho; Martins, 2023).

Durante a monitoria, o monitor busca o aprimoramento dos conteúdos e das atividades a serem desenvolvidas junto ao docente orientador e aos acadêmicos do curso, revisa conteúdos, esclarece dúvidas e se mantém atualizado acerca das atividades a serem realizadas durante o semestre letivo (Bezerra, 2012).

A monitoria, no contexto da educação superior, caracteriza-se como uma experiência pedagógica em que o aluno da graduação, na condição de monitor e sob a supervisão de um docente, interage com seus colegas para prestar assistência nas atividades de ensino.

O art. 84 da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, determina que:

Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.

A interação professor-aluno, de acordo com Libâneo (2013), é um aspecto fundamental da organização didática, que visa alcançar os objetivos do processo de ensino, tais como: transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.

Incluir essa atividade no processo de ensino demonstra uma possibilidade de ruptura com o modelo tradicional da prática pedagógica, retirando o aluno da condição de submissão e abrindo-lhe um caminho para romper com a reprodução do conhecimento, ao propiciar uma aprendizagem significativa, uma vez que ele passa a ser o sujeito ativo do processo educativo.

Monitoria no curso de Biblioteconomia da UFC

A monitoria na Universidade Federal do Ceará (UFC) se desenvolve através de diversos programas, dentre eles o Programa de Iniciação à Docência (PID). A magnitude desse programa está em sua aspiração, que visa à qualificação de futuros docentes, através de um sistema de monitoria, ao mesmo tempo em que estimula nos discentes o interesse pela vida acadêmica e pela carreira docente.

A monitoria é um serviço de apoio pedagógico oferecido aos alunos da graduação, oportunizando o desenvolvimento de habilidades técnicas e aprofundamento teórico e/ou prático dos conteúdos, bem como a superação de dificuldades em relação à matéria trabalhada em aula, proporcionando o aperfeiçoamento acadêmico.

A legislação pertinente ao programa de monitoria da UFC foi estabelecida pelo Conselho Universitário (Consuni) e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). O Consuni, da UFC, é o órgão superior deliberativo e consultivo responsável por traçar a política universitária e decidir em matéria de administração, inclusive gestão econômica e financeira.

Com base nesses aspectos, o curso de Biblioteconomia, assim como os outros cursos da UFC, contam com programas de acompanhamento para alunos com dificuldade de aprendizagem, tais como: a) Programa de Iniciação à Docência (PID), que incentiva o interesse do estudante de graduação por atividades docentes (nesse projeto, vinculados a disciplinas específicas do curso e orientados por um professor da área, alunos mais experientes ministram atividades de monitoria e acompanhamento dos alunos de uma determinada disciplina); b) Programa de Acolhimento e Programa de Iniciação à Docência (PID), que é desenvolvido em duas modalidades: monitoria remunerada e monitoria voluntária.

Na primeira opção, o monitor recebe uma bolsa auxílio para desempenhar as funções e, por isso, não deve participar de qualquer outra atividade remunerada, seja pública ou privada. Na segunda, o monitor desempenha as atividades de maneira voluntária, sem o recebimento do auxílio. A carga horária da monitoria é de 12 horas semanais e deve ser cumprida sem afetar as demais atividades acadêmicas. A duração é de dez meses, mas a monitoria pode ser renovada uma vez, por igual período, caso o bolsista seja aprovado em processo seletivo. A função de monitor não constitui cargo ou emprego, nem representa vínculo empregatício de qualquer natureza com a Universidade (Bezerra, 2012).

A Resolução nº 8 do Cepe, de 26 de abril de 2013, em seu art. 3º, preconiza que o PID tem os seguintes objetivos: a) Contribuir para o processo de formação do estudante de graduação; b) Proporcionar a participação do estudante monitor nas atividades docentes; c) Facilitar a interação entre estudantes e professores nas atividades de ensino, visando à melhoria da aprendizagem; d) Proporcionar ao monitor uma visão de conjunto da disciplina e das experiências da relação teoria e prática; e) Envolver o estudante nas atividades de ensino associadas ao planejamento e à pesquisa.

A monitoria é entendida como instrumento de qualificação da formação acadêmica que possibilita a potencialização de novas práticas e experiências pedagógicas por meio da articulação entre a teoria e a prática e a integração curricular, o que oportuniza ao discente monitor atitudes autônomas frente ao conhecimento (Bezerra, 2012).

Percurso metodológico

O percurso metodológico que norteia esta pesquisa é visto, primeiramente, quanto aos seus objetivos, de tal modo que seguimos os preceitos da pesquisa descritiva. Triviños (1987)

destaca a importância dos estudos descritivos ao afirmar que eles proporcionam ao pesquisador uma compreensão mais próxima da comunidade ou contexto investigado, permitindo a identificação de suas características, problemas e desafios. Essa compreensão inicial, adquirida por meio da pesquisa descritiva, serve como base para o subsequente desenvolvimento de novas práticas ou ações destinadas a abordar ou transformar o contexto em questão.

A partir disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no portal de periódicos da Capes, na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e no repositório institucional da UFC. Na pesquisa bibliográfica procuramos aprofundar e consolidar o conhecimento teórico a respeito das temáticas de Iniciação à Docência no ensino superior, com vistas ao benefício do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, utilizamos como buscadores os termos “iniciação à docência” e “ensino-aprendizagem” nas respectivas bases de dados.

Marconi e Lakatos (2010) elucidam que esse método de pesquisa viabiliza a aproximação do pesquisador com a literatura existente relacionada ao tema em investigação. Além disso, os autores delineiam diversas etapas fundamentais, como a seleção criteriosa de fontes de informação, a localização, a leitura crítica e a elaboração de fichamentos.

A partir da fundamentação teórica estabelecida sobre a temática estudada, foi aplicado um formulário a alguns discentes que atuaram como bolsistas de iniciação acadêmica e, conseqüentemente, atuaram como monitores em disciplinas da graduação no curso de Biblioteconomia da UFC.

A amostra de alunos selecionados para pesquisa foi por conveniência, considerando a disponibilidade de contato dos bolsistas que foram aprovados nos últimos editais do Programa de Iniciação à Docência (PID), publicados pelo Departamento de Ciência da Informação da UFC.

O formulário aplicado aos participantes consistiu em três perguntas: a) Em qual disciplina e em que ano você foi monitor? b) Qual o seu interesse inicial em participar da Iniciação à Docência? e c) Qual foi a contribuição da iniciação acadêmica para sua formação acadêmica? A partir do encaminhamento do formulário, nove estudantes participaram da pesquisa.

Motivações e contribuições da iniciação à docência na formação acadêmica dos alunos de biblioteconomia

Compuseram a amostra deste estudo discentes que atuaram como bolsistas nas disciplinas Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Gestão de Unidades de Informação e Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação, Linguagens Documentárias Alfanuméricas CDU, Fundamentos de Estatística, Editoração, Representação Descritiva I e II, Fontes Especializadas, Metodologia da Pesquisa e Geração e Uso de Base de Dados para Unidades de Informação.

Perguntamos inicialmente aos participantes qual foi o interesse em participar da Iniciação à Docência, considerando que, na universidade, existem outras possibilidades de bolsa, além de oportunidades de estágios e afins. Os resultados deste primeiro questionamento estão compilados no quadro a seguir.

Quadro 1 – Motivações para a iniciação à docência

DISCIPLINA(S)	MOTIVAÇÃO DOS DISCENTES
Gestão de Unidades de Informação; Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação	Ter a experiência de contribuir para a formação e educação de outras pessoas a partir do auxílio a docente.
Fundamentos de Estatística	Adquirir experiência na docência e pontuação para pleitear seleções de pós-graduação.

(continuação Quadro 1)

DISCIPLINA(S)	MOTIVAÇÃO DOS DISCENTES
Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação	Quando entrei na biblioteconomia um desejo antigo, de ser professora , me foi aceso novamente. Então, acredito que ter tido essa experiência foi super válido para entender um pouco a dinâmica da docência .
Linguagens Documentárias Alfanuméricas – CDU	Num primeiro momento, surgiu conforme a minha vontade de ser bolsista antes de concluir a graduação , tendo como objetivo explorar outras possibilidades de aprendizado. Além disso, como meu interesse pela docência foi aumentando após a conclusão de semestres e disciplinas, senti que era a oportunidade perfeita para dar os primeiros passos para uma futura carreira como docente , conhecendo de perto a dinâmica de sala de aula.
Editoração, Representação Descritiva I e Fontes Especializadas	Entender como funciona um pouco do trabalho do professor , me aproximar mais das atividades acadêmicas e sentir como pode ser, caso futuramente eu siga na docência.
Metodologia da pesquisa	Uma série de fatores motivaram-me a tentar monitoria, dentre elas: horas complementares , reforço no que foi aprendido na disciplina, produção científica , já que tínhamos que apresentar trabalhos durante eventos científicos da universidade, além de potencializar o lado mediador , uma vez que o monitor funciona como um elo entre discentes e professor.
Representação Descritiva II	Eu já gostava muito da disciplina e o meu projeto de pesquisa foi baseado em alguns aprendizados adquiridos nela. Também queria que a docente da bolsa PID fosse minha orientadora de TCC . Eu nunca tinha sido monitor antes e essa era uma ótima oportunidade . Então, eu aproveitei e desenvolvi minhas atividades da monitoria junto com a minha Monografia I.

(continuação Quadro 1)

DISCIPLINA(S)	MOTIVAÇÃO DOS DISCENTES
Geração e Uso de Base de Dados em Unidades de Informação	Eu havia adiantado a disciplina e, como gostei muito da cadeira, por se tratar de aulas totalmente práticas, tive bastante interesse em ser monitora.
Linguagens Documentárias Alfabéticas	Aprofundar na disciplina que faria parte da linha de pesquisa para a construção do TCC e interesse financeiro.

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados coletados, percebemos que houve motivações diversas entre os discentes para participarem dos projetos vinculados ao Programa de Iniciação à Docência do curso de Biblioteconomia. Ademais, é importante considerar a variedade de disciplinas possíveis para tal atividade, oportunizando que o discente participasse da disciplina com a qual tem mais afinidade.

Podemos resumir as principais motivações em: interesse pela prática docente, englobando desde aspectos de planejamento a práticas em sala de aula; conquista de uma oportunidade de bolsa durante a graduação; obtenção de carga horária de atividades extracurriculares; aproximação do tema de pesquisa que seria desenvolvido no trabalho de conclusão de curso; desenvolvimento de habilidades mediadoras.

Nesse contexto, o discente que atua como monitor “realiza as atividades de monitoria como o cumprimento de horários estabelecidos, a preparação de material para as aulas, quando solicitado, e o atendimento aos alunos” (Silveira; Sales, 2016, p. 132). Os autores destacam, ainda, que esse tipo de programa é importante para a formação de futuros professores, uma vez que os alunos terão um maior contato com as práticas docentes.

Destacamos a importância da presença do professor para o êxito das atividades realizadas na Iniciação à Docência, isto é, “o professor precisa ter comprometimento com o Programa e com o monitor, pois é através de uma boa orientação que ele se

sente mais seguro para cumprir o seu papel” (Silveira; Sales, 2016, p. 135).

Araújo e Costa (2021) ressaltam que a monitoria, além de tudo, pode servir como uma forma de educação continuada para os discentes. Conforme as autoras pontuam:

[...] possibilita ao monitor postura empática, proativa, criativa, dentre outras características essenciais para uma boa formação acadêmica e profissional. A performance do monitor, certamente, constitui-se como exemplo aos discentes atingidos pela monitoria, os quais demonstram interesse para esta atividade, evidenciando o desejo de ser monitor também (Araújo; Costa, 2021, p. 34).

A partir da compreensão de que existem múltiplas motivações por parte do corpo discente em participar das atividades de Iniciação à Docência, nos questionamentos, também, quais seriam as contribuições dessas experiências para a formação acadêmica dos respectivos alunos? Os resultados para a pergunta estão expostos a seguir, no Quadro 2.

Quadro 2 – Contribuições da monitoria para os discentes

CONTRIBUIÇÕES DA MONITORIA
Para além de uma maior compreensão dos conteúdos das disciplinas em que fui monitora, ter conhecimento da experiência de outras pessoas, perceber o ambiente da sala de aula com outra perspectiva e, claro, a criação e o aprimoramento das habilidades de ensino e administração.
Sem dúvidas, maior entrosamento com os discentes e a possibilidade de conhecer a realidade da sala de aula , seus desafios e possibilidades.
Ela influenciou e influencia até hoje as minhas escolhas que tomo, como por exemplo, a questão de ter ingressado no mestrado , pois ao ter tido a vivência da monitoria, entendi que eu gostava daquele universo e que era algo prazeroso pra mim, apesar da grande dificuldade de conciliar com o CLT. Mas no fim das contas, julgo que foi importante por me trazer identificação.

CONTRIBUIÇÕES DA MONITORIA
Graças à Iniciação à Docência pude descobrir minha paixão pela carreira acadêmica e pela atuação docente , algo que não considerei nos primeiros anos da graduação. A experiência na bolsa me impulsionou a tentar a seleção para o mestrado acadêmico em Ciência da Informação, e contribuiu de forma significativa para ampliar minha percepção enquanto aluna do trabalho realizado pelos professores do curso.
Pude perceber como a visão muda sobre o trabalho do professor, bem como a relação com alunos de outros semestres , considerando já ter passado pela disciplina. Fora isso, augmentou o meu desejo por seguir carreira acadêmica .
Assim como reportei no meu relatório final, a monitoria trouxe contribuições na minha construção ética e profissional, potencializou o meu senso de responsabilidade e compromisso, além de somar ao meu currículo experiência, mesmo que ínfima, na docência universitária.
Acredito que eu consegui ter uma visão mais macro de como funciona todo o processo de desenvolvimento das disciplinas. Desde a escolha da bibliografia até a correção de atividades e provas. Certamente, eu aprendi muito mais ajudando a professora com a turma do que fazendo parte da turma , já que eu tinha feito essa disciplina. Dessa forma, a iniciação acadêmica deu uma base bem mais consolidada para a elaboração do meu TCC.
Durante o período da monitoria pude relembrar temas que aprendi na disciplina e que são importantes para a carreira de Bibliotecária. Além disso, durante as aulas pude ter uma maior noção de como montar um banco de dados e resolver os possíveis problemas que possam surgir em sua montagem.
Infelizmente, nenhuma; não tive autonomia e aprendizado algum como monitor.

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim como percebido na questão anterior, o quadro demonstra uma diversidade de contribuições à vida acadêmica dos discentes a partir das ações e aprendizados durante as experiências de Iniciação à Docência. A maioria das respostas convergiu para um ponto específico, que envolve uma compreensão melhor da sala de aula e do trabalho docente, além da possibilidade de aproximação e diálogo com as turmas e da consolidação do conhecimento adquirido anteriormente cursando a disciplina.

Além disso, outro aspecto importante de se destacar foi o interesse dos discentes em seguir para o mestrado acadêmico. Esse ponto fortalece as afirmações de Araújo e Costa (2021) ao

relacionarem a Iniciação à Docência com a formação continuada. Nesta senda, frisamos que alguns dos participantes da pesquisa, que atuaram como monitores, hoje fazem parte do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFC.

Freitas (2022) comenta sobre a necessidade de atividades de monitoria estar ligada ao Projeto Pedagógico dos Curso e, ademais, o autor pontua como uma possibilidade para a monitoria as práticas envolvendo metodologias ativas, que podem auxiliar o aprendizado. Ou seja, a monitoria deve “incentivar os alunos a desenvolverem cada vez mais a sua autonomia e participação; tendo como princípio problemas e situações reais, significa o aluno como cerne do processo de ensino e aprendizagem” (Freitas, 2022, p. 6).

Enfatizamos a autonomia do monitor e dos discentes das disciplinas como um pressuposto importante para o êxito das atividades de Iniciação à Docência. Uma das respostas evidencia que a autonomia foi necessária para consolidar o conhecimento, além de acentuar a relevância das atividades práticas. Por outro lado, a falta de autonomia e o incentivo aos monitores podem resultar em uma experiência frustrante e com poucas contribuições, como explicitado pela última resposta do Quadro 2.

Fundamentamo-nos em Paulo Freire (2013) para fortalecer a importância do diálogo nas práticas docentes e em todo o processo educacional para que haja desenvolvimento crítico, aprendizagem e possibilidades de mudanças a partir da educação. Isto perpassa, pois, a autonomia dos educandos, cabendo, contudo, a posição de mediador ao professor.

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (Freire, 2013, p. 69).

Considerando o exposto, defendemos que educar, sobretudo no ensino superior, envolve problematizar e dialogar com os sujeitos envolvidos no processo educativo. Contribuir para o desenvolvimento humano, social, cultural, econômico, científico e tecnológico, a partir do ensino superior, requer conscientização crítica dos estudantes sobre o aprendizado, para que se apropriem do conhecimento e possam atuar em favor do bem comum. Assim sendo, é basilar uma atuação consciente dos docentes, enquanto mediadores da informação e do conhecimento, de tal forma que oportunize ao estudante vislumbrar possibilidades de transformação por meio da educação.

Considerações finais

A Iniciação à Docência se mostra como uma vertente fortalecedora do ensino. Por meio dela, é possível dar autonomia para alunos, tanto os que cursam a disciplina quanto os que atuam como monitores e acercar monitores das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo docente, evidenciando a atuação do professor em planejamentos, construções de aula, desenvolvimento de atividades práticas e afins.

No contexto do curso de Biblioteconomia da UFC, podemos ver que a Iniciação à Docência ocorre em disciplinas alocadas em diversas unidades curriculares, o que permite que os alunos se desenvolvam em áreas nas quais se sentem mais aptos.

Ao disponibilizar diferentes possibilidades de projetos de Iniciação à Docência, fica evidente a preocupação dos docentes em estimularem e desenvolverem competências e habilidades dos alunos no âmbito do ensino. Isso se mostra um ponto positivo, sobretudo quando consideramos que alguns dos monitores tiveram interesse em continuar seus estudos por meio do mestrado acadêmico.

Compreendemos, diante da discussão teórica e dos dados empíricos, que o objetivo foi alcançado e a pergunta de partida, respondida, evidenciando com a presente pesquisa as diferentes contribuições da Iniciação à Docência no curso de Biblioteconomia.

A temática estudada se mostrou relevante para entender como os processos pedagógicos ligados à Iniciação à Docência influenciam na formação discente. Nesse contexto, vislumbramos o desenvolvimento de novas pesquisas, no âmbito da pós-graduação, por exemplo, buscando perceber quais experiências acadêmicas contribuíram para o ingresso em um mestrado acadêmico, olhando também para atividades de pesquisa e extensão.

Referências

ARAÚJO, J. F. de; COSTA, L. F. Monitoria acadêmica na disciplina Metodologia do Trabalho Científico no curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB. *Revista Folha de Rosto*, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 2, p. 20-37, 2021.

BRASIL. *Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968*. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. 1968. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.htm>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 8 ago. 2024.

BEZERRA, J. K. A. *Monitoria de iniciação à docência no contexto da Universidade Federal do Ceará: aspectos legais e sua aplicabilidade* 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado Área de Concentração: Gestão Estratégicas para as Instituições de Ensino

Superior) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

COUTINHO, C. da C.; MARTINS, M. M. da M. O papel da monitoria no processo de crescimento profissional do monitor: relato de experiência. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2023.

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, G. L. A monitoria no processo de ensino e aprendizagem: relato de experiência no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. *REBECIN*, São Paulo, v. 9, n. esp., p. 1-17, 2022.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PEIXOTO, A. F. da C. de C.; JESUS, P. M. de. Diálogos possíveis em exposições museais: relato de experiência em monitoria. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1-13, 2021.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, E.; SALES, F. A importância do Programa de Monitoria no Ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 131-149, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Conselho Universitário. Função*. Disponível em: <https://www.ufc.br/a-universidade/administracao-da-ufc/84-conselhos-superiores#:~:text=O%20Conselho%20Universit%C3%A1rio%20da%20Universidade,%2C%20inclusive%20gest%C3%A3o%20econ%C3%B4mico%2Dfinanceira>. Acesso em: 7 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Estatuto da Universidade Federal do Ceará*. 2023. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/estatuto_ufc/estatuto_ufc.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://biblioteconomia.ufc.br/pt/documentoseformularios/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Resolução nº 04/Consuni, de 19 de junho de 1985*. Baixa normas complementares sobre seleção e admissão de monitores e dá outras providências. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1985/resolucao04_consuni_1985.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Resolução nº 08/CEPE, de 26 de abril de 2013*. Regulamenta a concessão de bolsas e auxílios financeiros para estudantes e servidores docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal do Ceará e estabelece suas normas de funcionamento. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/cepe/resolucao_cepe_2013/resolucao08_cepe_2013.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

Identidade visual e comunicação da Biblioteca-Laboratório nas redes sociais

Adrya Alexandria Tavares

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da
Universidade Federal do Ceará (DCINF/UFC). CV:
Lates: <http://lattes.cnpq.br/9298332815530578>

Victória Késsia Pinheiro Freire

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da
Universidade Federal do Ceará (DCINF/UFC). CV:
Lates: <http://lattes.cnpq.br/1937541846514440>

Introdução

Desde o período em que o homem começou a moldar ferramentas rudimentares até a era contemporânea, marcada pela complexidade da sociedade digital, a trajetória da evolução humana entrelaça-se com o avanço tecnológico. Por esse motivo, é válido afirmar que a ascensão da internet promoveu uma significativa transição na forma como interagimos, especificamente com a informação, e, a partir desse avanço, originou-se uma nova era de serviços digitais, impactando diretamente instituições tradicionais e Unidades de Informação (UI).

Nesse contexto dinâmico, as bibliotecas, que antes eram o epicentro físico do conhecimento, viram-se diante de uma metamorfose cibernética, o que ocasionou uma adaptação de seus serviços, visto que seu foco sempre foi atender às exigências de seus usuários no decorrer das mudanças sociais, econômicas e políticas.

Posto isso, a forma como a sociedade hodierna consome as informações impulsionou a evolução das mídias sociais, a exemplo do Instagram. Essa plataforma emblemática incorpora a interconexão global em que imagens e narrativas computacionais se entrelaçam. Em paralelo a isso, as universidades possuem disposição de entender e se beneficiar desse fenômeno por meio dos projetos de extensão. Por essa óptica, observou-se uma oportunidade de fortalecer e de ampliar o alcance da Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib), da Universidade Federal do Ceará (UFC), através das mídias sociais, tendo sido refletido, a princípio, pela seguinte questão: como as ferramentas do Instagram

podem ser utilizadas pelas bibliotecas para criar um canal de comunicação entre a universidade e a sociedade?

Uma das primeiras e mais importantes ações da Labib foi repensar sua representação. Percebeu-se a necessidade de uma imagem forte e coesa para representar seus ideais e atividades para o público. Com isso em mente, foi realizado um processo de criação e desenvolvimento de uma nova identidade visual, com o intuito de expressar, de forma clara e inequívoca, os valores e os objetivos do projeto. Em decorrência dessa indagação, o presente texto investiga a utilização da plataforma midiática Instagram como ferramenta para a disseminação de conteúdos acerca da biblioteconomia, atribuído a isso, a análise do processo de construção da identidade visual e do perfil do projeto nas redes sociais (@Labibufc).

O estudo aborda desde as etapas iniciais de concepção até a implementação de conteúdos na plataforma. Dessa maneira, o propósito deste artigo não é somente contribuir para a comunicação universidade-sociedade, mas também propor métodos inovadores de ensino e disseminar informações relevantes sobre a inserção dos bibliotecários na era digital.

A adoção dessa abordagem é discutida nos primeiros tópicos, em que se revela pertinente a presença das mídias sociais no contexto educacional, demandando adaptações e novas estratégias. A metodologia empregada neste estudo é de natureza qualitativa e delineamento bibliográfico, constituindo-se, portanto, de livros, artigos, teses e dissertações. Em síntese, discorre a respeito das mídias sociais como elemento educacional e do uso delas pelas bibliotecas, como forma de levar informação, notícia, história, curiosidades e ações, por meio da criação de um perfil de Instagram, compartilhando tais serviços com todo o corpo social.

As redes sociais como ambiente de aprendizagem

De maneira análoga às falas de Ranganathan (2009) em “As cinco leis da biblioteconomia”, a sociedade, assim como a biblioteca, é um organismo vivo e está em constante processo de evolução. O homem, em sua trajetória existencial, sempre buscou maneiras de transformar e de facilitar sua realidade a ponto de, ao longo da história humana, existirem diferentes contextos para os avanços por ele estimulados.

A evolução tecnológica, em específico, impactou, de maneira intensa, a vida das pessoas, sendo refletida entre as inúmeras atividades exercidas atualmente, como no jeito que trabalham, estudam, consomem, se comportam e se relacionam. A internet, assim como outras tecnologias, foi desenvolvida sob a administração militar, em um cenário de guerras. No entanto, por estar em domínio público, o processo de privatização ocorreu rapidamente. Por conseguinte, ela constituiu-se como parte dos fenômenos da Sociedade da Informação, em que o seguimento da Web acarretou a criação de um recurso capaz de fornecer informações acessíveis em todo o mundo.

Sendo assim, a conectividade que a internet proporcionou deixou de ser apenas uma relação entre computadores (Web 1.0), e passou a ser entre pessoas (Web 2.0). Sob esse viés, observa-se que a quantidade abundante de informação que circula pelas mídias e é bombardeada a todo instante exige que se esteja cada vez mais tempo on-line. Ademais, vê-se também que o uso de dispositivos conectados à internet, na rotina da população, aumentou gradativamente durante os anos. Tecnologias móveis como o celular, embora ofereçam praticidade por serem portáteis e parecerem inofensivas, conduziram toda uma geração e desencadearam uma particular relação de interação entre seus usuários.

A ideia de proximidade e de fácil acesso à informação firmou o digital como o protagonista no ciclo informacional contempo-

râneo, em que seu papel inclui processar, produzir, armazenar, consumir e divulgar as informações de um modo quase que instantâneo, haja vista a sua capacidade prática e automatizada (Melo; Santana, 2022, p. 34). As redes sociais destacam-se como uma expressão marcante dessa revolução, proporcionando um ambiente dinâmico para partilha de conhecimento e para a interação social. Marteleto (2001, p. 72) interpreta que a rede social “[...] passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Dito isso, este fenômeno não apenas influenciou a sociedade em geral, mas também desempenhou um papel significativo na redefinição do paradigma educacional vigente.

Nesse contexto, as Unidades de Informação têm explorado ativamente as mídias sociais como ferramentas poderosas para estender a educação além dos limites físicos dos seus prédios, criando um canal único para aproximar a ciência e a sociedade, por meio de projetos extensionistas, com o uso dessas redes.

Incluindo a discussão, Lévy (1999, p. 81) afirma que “[...] o termo interatividade em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”, ou seja, no debate quanto à divulgação científica, não se argumenta apenas acerca de como fazer a informação alcançar o público em massa, até porque a circulação da informação não significa que ela está sendo devidamente compreendida, mas também no processo comunicativo voltado à sua disseminação, englobando os veículos midiáticos, a mediação e como a sociedade está interagindo, pois, tal como refletido pelo autor, o receptor da informação nunca é passivo.

Nessa concepção, os recursos linguísticos usados são de suma importância, sejam eles escritos, verbais ou visuais, visto que, no final das contas, não é uma questão de somente noticiar, e sim de tornar aquela informação clara e útil para o corpo social.

No cenário educacional, as redes sociais têm desempenhado um papel ímpar ao proporcionar uma extensão natural

do ambiente de aprendizagem formal. Plataformas como Facebook, X (anteriormente denominado Twitter), Instagram e TikTok têm sido utilizadas por educadores e estudantes para criar comunidades, discussões, compartilhar recursos e experiências. Essa abordagem complementar à educação formal tem permitido aos acadêmicos estudarem conceitos de maneira mais interativa e colaborativa, bem como explorar habilidades e competências em comunicação, preparando-os para as vantagens e, de forma simultânea, para os desafios de uma sociedade cada vez mais conectada.

Panorama sobre o instagram

Segundo o Portal de Estatísticas para Dados de Mercado, o Statista, o Instagram foi a terceira rede social mais usada no Brasil, em 2023, com cerca de 113,5 milhões de usuários. Além disso, a mesma fonte afirmou, em janeiro de 2024, que a plataforma referida é a quarta mídia social mais popular em todo o mundo.

Nessa perspectiva, o Instagram é uma rede com possibilidade de acesso tanto no desktop quanto no dispositivo móvel. Essa facilidade dos recursos de comunicação pode ser utilizada como artifício para os pesquisadores e para as instituições aproximarem conteúdos científicos ou enunciativos à sociedade. Como discutido previamente, o uso das mídias é autônomo, democrático e inteiramente social, fatores que podem ser benéficos, se colocados no âmbito educacional.

De maneira complementar, os dados do Statista também revelam que, globalmente, os utilizadores do Instagram classificam a temática “informativo” como a terceira preferência, representando 41% das escolhas, vindo após as temáticas “engraçado” e “criativo”. Logo, é entendido que a sociedade constantemente procura maneiras de se manter informada e atualizada. Ou seja, apesar de o Instagram ser uma rede voltada para filtragem de interesses espe-

cíficos de seus usuários, continua sendo bastante qualificada para divulgação e para a comunicação científica, tanto pelo grande número de usuários como pelas ferramentas disponíveis.

Os recursos que o aplicativo proporciona estão relacionados à edição de fotos e vídeos e são de simples utilização. No entanto, os fatores mais interessantes a serem destacados são os instrumentos de compartilhamento e de interatividade, tal como o fato de uma única postagem poder acarretar outras milhares vinculadas ou criar tendências. Essa ideia segue a mesma lógica de compartilhar postagens em seus status (de público geral ou no *close friends*), e a utilização das *hashtags* (#).

A aplicabilidade das *hashtags* possibilita aos usuários do Instagram visualizarem conteúdos diversos por meio de uma única tag. Dentro do contexto estrutural e organizacional, as *hashtags* também podem desempenhar uma espécie de indexação, chamada folksonomia, que, segundo Eric Scheid, o termo *classificação folk* trata da “classificação por pessoas, ou social”. Dessa forma, pode-se compreender como a comunicação on-line exibe recursos flexíveis, criativos e adaptados, oferecendo aos usuários possibilidades exclusivas no ciberespaço. Alguns exemplos desses recursos incluem *hiperlinks*, caixa de perguntas, enquetes, contagens regressivas, músicas anexadas, *emojis*, entre outros, sendo todos amplamente difundidos nas redes sociais. São diversas as alternativas, dependendo do intuito do perfil na plataforma. No cenário pedagógico, as instituições podem adaptar e categorizar seus conteúdos para melhor proveito dessa mídia.

Divulgação científica e projetos de extensão nas universidades

A cultura virtual, intrinsecamente ligada à sociedade atual, confere à tecnologia um papel vital na construção de novas dinâ-

micas de socialização da informação. É sob esse panorama que os projetos de extensão encontram na utilização das mídias sociais uma via promissora para a efetivação dessas outras formas de interação e compartilhamento de conhecimento, como destacado por Freire e Araújo:

[...] na perspectiva dos canais de comunicação da informação, a internet tem dupla função: permite a ligação entre pessoas, forma livre em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo em que oferece documentos, como um serviço de informação ou uma biblioteca fariam (Freire; Araújo, 1996, p. 53).

Tal interação entre tecnologia, comunicação e socialização da informação propicia um novo paradigma na abordagem do conhecimento e na forma como este é disseminado e utilizado para a produção intelectual.

O objetivo das ações de extensão é tornar acessível à sociedade o conhecimento de domínio da universidade, por meio de uma interação transformadora, a qual é caracterizada como uma via de mão dupla, gerando impacto na sociedade e contribuindo para a construção de conhecimento nas instituições de ensino.

Interação virtual entre universidade e comunidades

É importante frisar que, após a pandemia do covid-19, as atividades nas universidades retornaram para seus formatos presenciais, assim como seus projetos, pausados no período de 2020 a 2022. Na Universidade Federal do Ceará, o curso de Biblioteconomia administra a Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib), no prédio do Departamento de Ciências da Informação (DCINF). A Labib é um lugar que já passou por algumas tentativas de reforma, mas que não havia passado por uma total renovação. À vista disso, a ideia inicial consistiu em remodelar todos os as-

pectos da biblioteca, começando pela perspectiva visual e estendendo-se até a sua presença digital.

Ante o desafio de se destacar em uma esfera virtual saturada de informações, a Labib buscou elaborar sua comunicação científica e expandir sua presença nas mídias sociais, com ênfase no Instagram. Com o intento de alcançar esse desígnio, a equipe responsável delineou uma estratégia para desenvolver um novo logotipo e uma identidade inerente ao projeto, a qual seria aplicada em documentos oficiais e em seu perfil.

Para isso, tornar-se-á como base a instrução do Manual de Orientação para Atuação em Mídias Sociais (2014), o qual destaca que o estilo visual de uma marca é elementar na comunicação de sua identidade e de seu propósito, situando e contextualizando o usuário em um ambiente on-line muitas vezes caótico. A composição dos elementos visuais deve representar graficamente a essência do perfil, seja ele do setor privado ou do público, de modo que o utilizador possa rapidamente identificar a origem da informação e compreender sua mensagem. A coesão e a integração da linguagem óptica, em todos os canais de comunicação, aumentam as chances de a marca ser reconhecível e estabelecer uma relação direta com o público-alvo, garantindo, pois, uma interlocução consistente e eficaz (SECOM, 2014). Tal presença em rede amplia seu alcance e seu impacto, tornando-a mais acessível e relevante para a comunidade em geral.

Ademais, vale frisar que uma identidade visual bem concebida confere maior credibilidade ao projeto e o torna mais perceptível pelo público. Em vista disso, a necessidade de atualização imagética surge quando a marca deixa de expressar, de maneira congruente, o cerne de sua instituição. Conforme ressaltado por Schneider (2023), o redesenho de uma marca é frequentemente chamado de *facelifting* pelos especialistas na cirurgia plástica, um paralelo que enfatiza a natureza rejuvenescedora e revitalizante desse processo. Ao aplicar essa abordagem à identidade visual de

uma marca, deve-se considerar as particularidades que simbolizam seu significado, atualizando seus códigos visuais, de forma a traduzir a proposta de valor que a marca representa. Esse processo é fulcral para garantir que a sua aparência se torne relevante e alinhada com as expectativas e demandas do público-alvo.

Desse modo, faz-se entender que uma identidade visual, como qualquer mensagem a ser propagada, ocupa um ponto central no processo comunicacional entre a organização e seus públicos de interesse, já que, de acordo com Vásquez (2007), é por meio dela que “o invisível se torna visível”, sendo possível, assim, discernir quais elementos representam verdadeiramente a instituição, tais como: o logotipo, a tipografia, as cores e as figuras.

A fim de realizar tal tarefa, os seguintes passos foram necessários: 1) Criar uma diferente identidade visual para a Labib, aplicável a documentos, produtos e serviços oferecidos; 2) Elaborar *templates* que atendessem aos conteúdos de postagem do perfil no Instagram; e 3) Correlacionar os acontecimentos dentro da Labib com os conteúdos a serem produzidos no perfil.

Identidade e comunicação visual Labib

A Biblioteca-Laboratório enfrentava uma lacuna significativa em sua comunicação visual, caracterizada pela falta de sistemas que organizassem seus materiais de comunicação. A ausência de diretrizes regulamentadoras para a linguagem visual e dispositivos gráficos utilizados acentuavam essa problemática. A única identificação disponível era uma logo, em baixíssima qualidade, utilizada em documentos impressos, uma vez que a instituição não mantinha presença nas redes sociais. Essa logo, representada por um desenho de um documento escrito com a abreviação “Labib” e uma lupa ampliando as letras “LA”, em tons de azul claro e escuro, revelava-se desequilibrada e incapaz de transmitir personalidade. Ainda, sua aplicação em diversas mídias era

inviável devido à falta de versatilidade, à ausência de variações adaptadas para diferentes contextos e à inexistência de um manual de identidade visual que estabelecesse padrões de uso.

Imagem 1 – Logotipo antigo e logotipo novo da Labib



Fonte: Adrya Alexandria Tavares, 2023.

Diante das considerações de César (2006), que destaca o logotipo como a representação da identidade da empresa, optou-se por manter a abreviação “Labib” na nova logo. A escolha se justifica pela facilidade de pronúncia e memorização, tornando-a mais acessível ao público-alvo, composto principalmente por estudantes do curso de Biblioteconomia. No entanto, visando a uma abordagem mais contemporânea, decidiu-se utilizar um monograma que, conforme proposto por Wheeler (2008), consiste em uma ou mais letras para abreviar o nome e representar a marca, oferecendo uma identidade visual mais moderna e adaptável às demandas atuais (Imagem 2).

O novo monograma adotado evoca uma série de associações visuais que transcendem a mera representação das letras que compõem sua abreviação. Ao examinar o desenho resultante, é possível identificar estantes de livros, cujo simbolismo remete ao conhecimento e aprendizado universais, assim como caixas de armazenamento, que evocam a ideia de organização e catalogação – elementos essenciais no contexto de uma biblioteca. Importante frisar que essa associação também faz alusão à pró-

pria etimologia da palavra biblioteconomia: *biblion* (livro); *théke* (caixa); *nomos* (regra). Além disso, a conexão das letras sugere dinamicidade e colaboração no ambiente acadêmico.

Imagem 2 – Logotipo novo e *pattern*



Fonte: Adrya Alexandria Tavares, 2023.

Em adição a esse conceito, foram concebidos padrões visuais, conhecidos como *patterns*, que pudessem ser usados como *backgrounds* de qualquer material para fixar a imagem no público, visto que desempenham um papel importante no aspecto de reconhecimento da marca, levando em consideração que nossos cérebros tendem a identificar padrões mais rapidamente. Desse modo, é confiado à repetição uma estratégia de *branding*, como uma forma de tornar marcas memoráveis (Imagem 3).

Através da psicodinâmica das cores, foi possível avaliar quais iriam se identificar com o projeto e com seu público. Para César (2008, p. 189), “As cores são usadas para estimular, acalmar, afirmar, negar, decidir, curar e, no caso da propaganda, vender”, o que sugere que há relações e sensações diferentes para cada influência de cor.

Imagem 3 – Aplicações práticas da logomarca



Fonte: Adrya Alexandria Tavares, 2023.

Para a paleta de cores foi proposto, desde o início, a cor roxa, já que esta exala uma sensação de fascínio e possui uma história rica em significado simbólico, tornando-se uma escolha atemporal e cativante em diversos contextos. Ao longo da história, o roxo tem sido amplamente utilizado, desde a era renascentista, na arte europeia, até nas vestimentas da realeza, destacando-se por sua associação com a espiritualidade e o misticismo em civilizações antigas. Essa cor simboliza criatividade e transformação, conferindo ao projeto Labib ligação com os valores de aprendizado e busca pelo conhecimento, inovação e evolução constante.

Então utilizaram-se cores análogas – que se caracterizam pelo sistema de cores semelhantes que se encontram vizinhas no círculo cromático, em tons claros e escuros – ao roxo principal da marca que pode ser encontrado pelo código #5A3C76, buscando criar uma combinação com contraste sutil aos demais elementos e garantir uma leitura suave.

Imagem 4 – Tipografia e paleta de cores



Fonte: Adrya Alexandria Tavares, 2023.

Para a tipografia foi escolhida a fonte Helvetica, sendo, sem dúvida, uma das fontes mais famosas e populares do mundo, adorada pelas suas linhas limpas, formas práticas e eficiência simples. A fonte tipo Sans Serif combina elegância com minimalismo ousado e é especialmente amada e apreciada pela comunidade de design.

Para o design das publicações optou-se por artes mais simples e objetivas, levando em consideração dois fatores: garantir que a informação seja absorvida sem interrupções visuais, e pôr uma questão técnica de ferramenta e habilidade de manuseio. Inicialmente, não foram definidos *templates* fixos para as publicações de eventos, notícias, datas comemorativas etc. Decidiu-se seguir dessa maneira, haja vista que cada publicação poderia pedir um tipo diferente de espaço para as informações, mas priorizando, também, alguma semelhança entre elas. Apenas o quadro de apresentação da equipe foi padronizado para manter a identidade visual. Entretanto, todas as publicações seguirão as cores e tipografias já definidas.

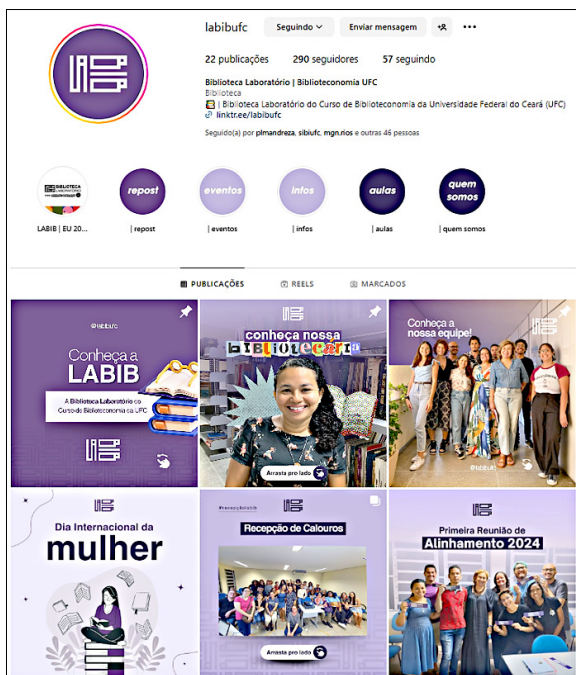


Imagem 5 – Captura de tela do perfil da Labib no Instagram

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Imagem 6 – *Template* de apresentação de um membro da equipe

Fonte: Sofia Jenifer Silveira Sampaio, 2023.



Atualmente, a identidade visual já possui alguns *templates* fixos, como repostagem nos *stories* de algumas datas comemorativas. Como elementos gráficos, serão utilizadas padronagens feitas a partir da logo da Labib e ilustrações da própria ferramenta do Canva Pro que represente a informação a ser passada e contenha a mesma paleta de cores.

Considerações finais

Conclui-se, portanto, que os resultados obtidos atingiram seus propósitos de estabelecer uma identificação visual para a Biblioteca-Laboratório. Os elementos produzidos com a união de conceito, formato e cores transmitem profissionalismo, modernidade e objetividade. Esta combinação trouxe personalidade à marca, melhorando consideravelmente sua aplicação e visibilidade para o projeto.

Ao explorar o potencial da Labib na plataforma Instagram, a biblioteca criou um canal de conteúdo e serviço, informação e comunicação, promovendo uma interação entre a universidade e a sociedade, isso sendo realizado pelos bolsistas do projeto de extensão, com orientação dos professores responsáveis.

O novo visual e a organização dos conteúdos permitem que o acesso virtual seja dinâmico, e as publicações possibilitem o acompanhamento da comunidade com as ações do projeto, difundindo seu impacto educacional e social.

Referências

ARAÚJO, W. S.; PINHO NETO, J. A. S.; FREIRE, G. H. A. O uso das mídias sociais pelas bibliotecas universitárias com foco no marketing de relacionamento. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 21, n. 47, p. 2-15,

2016. DOI: 10.5007/1518-2924.2016v21n47p2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p2>. Acesso em: 6 mar. 2024.

CÉSAR, N. *Direção de arte em propaganda*. 8. ed. São Paulo: Futura, 2006.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/940>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MELO, M. L. D.; SANTANA, S. R. Infodemia e Ciência da Informação no Brasil: perspectivas e reflexões. *Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 24-41, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198102>. Acesso em: 26 fev. 2024.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da Biblioteconomia*. Tradução de Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

SCHNEIDER, M. *Lifting para marcas*. 2023. Disponível em: <https://www.packaging.com.br/brandia/face-lifting-para-marcas>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SECOM. Secretaria de Comunicação Social Brasileira. *Manual de orientação para atuação em mídias sociais*. Brasília: Poder Executivo Federal, 2014.

STATISTA. *Most popular social networks worldwide as of january 2024, ranked by number of monthly active users*. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 26 fev. 2024.

VÁSQUEZ, R. P. Identidade de marca, gestão e comunicação. *Organicom*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 198-211, 2007.

WAL, T. V. *Folksonomy*. 2007. Disponível em: <https://www.vanderwal.net/folksonomy.html>. Acesso em: 26 fev. 2024.

WHEELER, A. *Design de identidade da marca*. Rio de Janeiro: Bookmam, 2008. Disponível em: <http://www.priberam.pt/>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Gênese do projeto de extensão Clube da Leitura

Fátima Maria Alencar Araripe

Professora aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Educação pela UFC. Coordenadora do projeto de extensão Clube da Leitura, de 2008 a 2013.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2191879330700110>

Francisco Edvander Pires Santos

Bibliotecário da Universidade Federal do Ceará desde 2014. Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFC. Bolsista do projeto de extensão Clube da Leitura, em 2009.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1867794550261960>

*“A leitura de um bom livro é um diálogo incessante:
o livro fala, e a alma responde.”*

André Maurois (1885-1967)
Romancista e ensaísta francês

Apresentação do projeto

A criação do Clube da Leitura teve a sua gênese a partir de um projeto que integrava o Programa Nacional de Leitura, desenvolvido no Ceará, de cuja coordenação participamos durante o período de cinco anos. Além deste, as atividades foram desenvolvidas no curso de especialização em Leitura e Formação do Leitor, no qual também atuei como coordenadora. Outrossim, o escopo da disciplina Teoria e Prática da Leitura, ministrada para as turmas da graduação, também contribuiu, sobremaneira, para a concretização deste projeto. Tratava-se, portanto, de uma vontade pessoal antiga e da necessidade de trabalharmos a leitura e as práticas leitoras em rodas de conversa e em suas múltiplas facetas e culturas.

A formação dos círculos de leitura visa impulsionar a leitura pelo lazer, adotada não por obrigação, mas, sim, como uma forma de compartilhar valores, saberes e experiências. De acordo com Silva (2008, p. 69),

[...] o círculo de leitura é entendido como um resgate do antigo hábito de ler coletivamente, hábito que permaneceu muito mais vivo nos setores populares, como vimos na história social europeia e nas práticas culturais populares no Brasil. Num círculo de leitura, todos os participantes leem co-

letiva e simultaneamente um mesmo texto, imagem ou vídeo, e são estimulados e provocados por um leitor-guia. O leitor-guia não tem a função de impor a sua interpretação aos demais, mas tem o papel de manter o funcionamento da atividade, evitando que se estabeleça o domínio de certos participantes ou pontos de vista. Assim, o círculo de leitura preza pela diversidade de interpretações. A atividade é um meio de vivenciar radicalmente os processos de construção de significados aos textos e, também, testemunhar o ato criativo de interpretar, feito por outras pessoas [...].

Esse tipo de prática se aplica não somente à interpretação, mas também à criação de novos textos e à atribuição de sentido que é dada por cada integrante àquilo que é lido, de uma maneira informal, dinâmica e expressiva; nada por obrigação. Fazer da leitura uma prática prazerosa e significativa torna-se, então, o principal objetivo da formação dos círculos de leitura, já que eles

[...] se revelam eficazes para estimular de novo o prazer de ler [...]. Na proposta do círculo de leitura, alcançamos um momento em que a recepção do texto não refluí a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre texto e diversos receptores, simultaneamente (Yunes, 2005, p. 37).

Foi nesse contexto que surgiu o Clube da Leitura, projeto de extensão vinculado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), que se propôs a fortalecer e consolidar cada vez mais a formação dos círculos de leitura. Foi idealizado a partir do momento em que percebemos que a formação de um grupo que discutisse seus pontos de vista acerca de diferentes leituras proporcionaria uma melhoria na condição de existir e de estar no mundo daqueles que viessem a participar dos encontros.

Colocamos em prática, pela primeira vez, como atividade complementar da disciplina Teoria e Prática da Leitura, em que

cada discente teria de ler um livro para que, em seguida, pudesse ser feita uma discussão em sala de aula. Dada a importância de tal prática no contexto de incentivo à leitura, resolvemos, então, implantá-la como projeto de extensão da UFC, com o início das atividades no ano de 2009, fazendo parte do ciclo de eventos culturais na cidade de Fortaleza.

O Clube, além de proporcionar aos discentes do curso de Biblioteconomia a possibilidade de atuarem junto ao público, visando à competência profissional, possibilitou um maior envolvimento com a comunidade. O projeto pretendia, ainda, utilizar a Biblioteca Comunitária do Benfica, projeto também do curso de Biblioteconomia para realização dos encontros e desenvolvimento de atividades.

Como objetivo geral, o Clube da Leitura almejava constituir um grupo para o desenvolvimento de multiplicadores de leitura e de práticas leitoras que incentivassem o gosto pela leitura junto à sociedade. Dos objetivos específicos, elencamos os seguintes:

- a) ampliar as relações entre o curso de Biblioteconomia da UFC e a sociedade, especificamente com a comunidade do Benfica, na qual a Universidade está inserida;
- b) formar círculos de leitura que possam discutir os problemas sociais e políticos do cotidiano;
- c) conhecer e discutir a produção literária brasileira e os autores cearenses;
- d) conhecer os diferentes estilos literários;
- e) contribuir para a formação de uma sociedade leitora atenta a seus direitos e deveres como cidadãos e cidadãs;
- f) atender às atividades da disciplina Teoria e Prática da Leitura, na época, ministrada no segundo semestre da graduação;
- g) incentivar as práticas leitoras não apenas de livros, mas também do entorno que nos cerca, com destaque para os lugares de memória da cidade de Fortaleza.

Como metodologia de trabalho definimos que a coordenação do projeto, juntamente com o corpo docente do curso de Biblioteconomia, elaboraria um calendário mensal de atividades a ser implementado junto ao público participante. Tais atividades serviam de ações para os estudantes, bem como visavam atender às necessidades do grupo. Assim, a proposta era a realização de reuniões para orientação de atividades específicas relacionadas à disciplina e realização de atividades de práticas de leitura e formação do leitor.

No que se refere à programação, semestralmente, a coordenação do projeto, juntamente com os discentes e docentes envolvidos, elaborava uma programação mensal, que atendia às necessidades de formação dos alunos, bem como garantiam o trabalho social comunitário, tais como: seminários, encontros com o autor e outras ações culturais, pedagógicas e sociais. O público-alvo era formado por discentes do curso de Biblioteconomia, pela comunidade universitária da UFC e de outras universidades, além do público externo que se juntava aos encontros numa perspectiva dialógica.

Assim, no final do ano de 2008, trabalhamos no cadastro do projeto junto à Pró-Reitoria de Extensão (PREX). Em 2009, já com o bolsista alocado no projeto, iniciamos as primeiras reuniões de planejamento. Como prioridades, criamos o e-mail, estruturamos um blog e acionamos a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, visando à criação de uma identidade visual.

Imagem 1 – Identidade visual do projeto de extensão Clube da Leitura



Fonte: Criada por Rayana Vasconcelos (2009).

A concepção da logomarca baseou-se na diversidade de leituras, com a representação do livro, do cinema, da música e da internet. Desse modo, foi com essa identidade visual que lançamos o blog do projeto, cuja primeira postagem data do dia 9 de março de 2009, com o seguinte texto de boas-vindas:

É com imenso prazer que lhe damos as boas-vindas. Este é o Clube da Leitura, projeto de extensão do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, que visa constituir grupos para o desenvolvimento de multiplicadores de leitura e de práticas leitoras, com a finalidade de incentivar o gosto por essa prática e de torná-la algo significativo e prazeroso para a sociedade como um todo. Pretendemos, em parceria, buscar uma ampla socialização da leitura, construir uma integração social mediada pelas mais variadas páginas dos mais diferentes textos que nos cercam e penetrar nesse universo de forma dinâmica e expressiva. Lembramos que o sucesso deste projeto não depende somente daqueles que estão envolvidos diretamente, mas também daqueles que virão a somar esforços conosco na busca por uma sociedade leitora...

A partir dessa postagem, o blog totalizou 72 publicações no ano de 2009, entre textos de autoria da equipe de bolsistas, de

voluntários e de discentes convidados que participaram dos encontros. Além destes, incluímos a divulgação de textos oriundos de outros blogs, com a devida acreditação, e as sugestões de vídeos e de materiais que agregassem valor à prática leitora.

Acerca das gravações e edições de vídeos para o canal no YouTube, produzimos as seguintes:

- 1) Adaptação de cenas dos filmes *O Clube de Leitura de Jane Austen e Escritores da Liberdade*, que serviram de inspiração para o projeto;
- 2) Adaptação do trailer dos filmes *Romeu & Julieta* de 1968 e 1996;
- 3) Encenação de *Romeu & Julieta*, em que os discentes Ana Luiza Freire Duarte e José Birajibe Silva interpretaram os protagonistas da história;
- 4) Homenagem a Luiz Gonzaga;
- 5) Declamação do poema *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, nas vozes de Kathwry Morais, Magna Gadelha e Vanessa Noronha;
- 6) Adaptação de trechos da telenovela *Essas Mulheres*;
- 7) Encenação das mulheres de José de Alencar, interpretadas por Bárbara Fernandes, Kathwry Morais, Magna Gadelha e Vanessa Noronha;
- 8) Dica de livro da saga *Crepúsculo*;
- 9) Adaptação de cenas da telenovela *Helena* e dos filmes *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*;
- 10) Adaptação de cenas de *A Casa das Sete Mulheres*, *Incidente em Antares* e *Olhai os Lírios do Campo*.

No YouTube, considerando o mês de fevereiro de 2024, as estatísticas de acesso a esses vídeos já alcançaram quase 120 mil visualizações, na época publicados no blog do Clube da Leitura com acesso pelo canal Edbiblio (denominado, atualmente, Canal

Cocriando), gerenciado pelo bolsista do projeto. Acerca da programação no ano de 2009, foram realizados seis encontros, divididos da seguinte forma:

Quadro 1 – Encontros do Clube da Leitura no ano de 2009

Encontro	Data	Livro / Tema	Autores(as)	Local
1º Encontro	16 abr. 2009	O Amor em Romeu & Julieta	William Shakespeare	Auditório do Departamento de História
2º Encontro	23 maio 2009	<i>Vidas Secas, O Quinze e A Triste Partida</i>	Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré	Casa José de Alencar
3º Encontro	4 jul. 2009	As Mulheres de José de Alencar	José de Alencar	Casa José de Alencar
4º Encontro	29 ago. 2009	<i>Best-sellers</i>	Internacionais	Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
5º Encontro	3 out. 2009	Obras de Machado de Assis	Machado de Assis	Casa José de Alencar
6º Encontro	29 nov. 2009	Obras de Erico Veríssimo	Erico Veríssimo	Bosque Moreira Campos (Centro de Humanidades)

Fonte: Elaboração nossa (2024).

A seguir, apresentaremos a síntese de cada encontro, realizado em 2009, pelo projeto de extensão Clube da Leitura.

ABRIL DE 2009

O primeiro encontro do Clube da Leitura ocorreu no dia 16 de abril de 2009, no auditório do Departamento de História. Dentre os presentes estavam os alunos da disciplina de Teoria e Prática da Leitura do curso de Biblioteconomia da UFC e alguns discentes do curso de Filosofia.

Inicialmente, Magna Gadelha declamou uma poesia que falava sobre o amor. Em seguida, a coordenadora do projeto discursou sobre a importância da leitura e sobre o objetivo do projeto no geral, seguida do seu bolsista, que fez algumas declarações de como se identificou com o Clube da Leitura e da importância de compartilhar o conhecimento adquirido por meio das práticas leitoras.

Imagem 2 – Registro do 1º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Também compareceu ao encontro a Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante, que foi convidada a iniciar o debate sobre o amor, tema

escolhido para a ocasião. A discussão acerca do tema percorreu várias vertentes e através de diversas analogias com outros autores e obras. William Shakespeare, o autor do mês, foi mencionado, de início, pela Profa. Maria Aparecida Montenegro, do Departamento de Filosofia da UFC. Todos os presentes deram a sua contribuição para enriquecer o debate, comparando experiências pessoais e outras da vida real com o clássico *Romeu & Julieta* (Imagem 2).

No final do encontro houve uma rápida apresentação do ato II, cena II, de *Romeu & Julieta*, protagonizada por Ana Luiza Freire Duarte e José Birajibe Silva, então discentes do 1º semestre do Curso de Biblioteconomia.

MAIO DE 2009

O 2º encontro do Clube da Leitura aconteceu no dia 23 de maio de 2009, na Casa José de Alencar. Os livros discutidos foram *Vidas Secas* e *O Quinze*, dos autores Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, respectivamente. A reunião teve início com um momento de acolhida em que todos se abraçaram como uma forma de desejar um “bom dia”. Em seguida, foi servido o café da manhã, visando a uma maior confraternização entre os presentes.

A discussão começou com uma contextualização das obras, feita pela coordenadora do projeto, seguida por uma breve explicação do motivo pelo qual foram escolhidas para aquele momento, a saber: como uma forma de homenagem aos 70 anos de *Vidas Secas*, comemorados em 2008, e pelo paralelo que podia ser feito com *O Quinze* sob diversos sentidos. Inicialmente, foram expostos pontos importantes acerca da biografia dos autores na tentativa de se fazer entender o porquê de eles terem se dedicado a escrever cada obra. No meio da reunião, uma feliz interrupção: a presença do Prof. João Arruda, então diretor da Casa José de Alencar, que saudou e desejou, com profunda alegria, boas-vindas.

Imagem 3 – Registro do 2º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

De forma descontraída, todos falavam algo significativo não apenas sobre os livros ou acerca da vida dos autores, mas também sobre a aplicação que tais obras tiveram em suas vidas, experiências pessoais que foram compartilhadas de acordo com o que estava sendo discutido. E foi exatamente isso que enriqueceu o debate, pois cada integrante do grupo conseguiu trazer uma lição para si, uma nova interpretação dada às histórias de Graciliano e de Rachel.

Também foram mencionados outros escritores no decorrer da reunião, tais como José de Alencar, Patativa do Assaré e Caio Porfírio. Alguns pontos também discutidos e que merecem destaque foram: os motivos que levaram cada autor a escrever

aquelas obras; as características apresentadas nas escritas; as situações mostradas nos livros que estavam distantes ou próximas da nossa realidade; e, principalmente, a linguagem regionalista de cada obra.

Imagem 4 – Registro do 2º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Houve, ainda, uma declamação de *A Triste Partida*, poema de Patativa do Assaré, o qual ilustra bem a dura realidade em que viviam os retirantes da seca. Magna Gadelha, Kathwry Morais e Vanessa Noronha, então discentes do curso de Biblioteconomia da UFC, dinamizaram o encontro ao narrar uma das mais belas histórias escritas por Patativa.

Ainda se aprofundando na linguagem regionalista, foram lidas algumas frases tipicamente cearenses, baseadas em palavras tiradas do *Dicionário do Ceará*, de Tarcísio García. Foi o momento mais cômico de toda a reunião... Cada integrante do grupo leu a sua, sendo que apenas uma estava premiada com o 1º volume dos

Cursos da Casa de Leitura, uma compilação com vários artigos feita pela equipe do Proler, projeto de incentivo à leitura.

Por fim, foi realizada uma dinâmica de leitura que objetivava “construir” a canção *Súplica Cearense*, composta por Gordurinha e Nelinho e cantada por Luiz Gonzaga e Fagner. O texto visava a uma analogia do que era mostrado em *Vidas Secas* e *O Quinze* com a atual realidade do Nordeste, ou seja, a oposição entre seca e enchente, duas realidades bem distintas, mas que ainda flagelam o povo sofrido da nossa região.

JULHO DE 2009

O 3º encontro do Clube da Leitura ocorreu no dia 4 de julho de 2009, novamente na Casa José de Alencar. A discussão ocorreu em torno da temática Mulher, com ênfase nos romances *Senhora*, *Diva*, *Lucíola* e *A Viúvinha*, obras do grande escritor José de Alencar. De início, houve uma confraternização entre os presentes por meio de um café da manhã, seguido da formação do círculo de leitura.

A discussão teve início com uma rápida leitura sobre a vida e obra de José de Alencar. Em seguida, discutiram-se os diferentes aspectos de cada uma das obras sugeridas, com destaque para as que traçam o perfil feminino do século XIX. Dentre esses aspectos, o amor foi a tônica do debate nas diferentes maneiras em que foi abordado nessas obras e, também, nas características das protagonistas de cada romance.

Foram levantadas questões polêmicas, dependendo do ponto de vista, inerentes a cada romance, como, por exemplo, se o amor que Aurélia, em *Senhora*, sentia por Seixas justificava todo o seu desejo de vingança no decorrer da história, ou se as atitudes de Mila, em *Diva*, realmente condiziam com seus sentimentos por Paulo, ou se seria possível alguém, com a vida que Lúcia levava, em *Lucíola*, passar por um verdadeiro processo de redenção, ou, ainda, se o reencontro entre Jorge e Carolina, em *A Viúvinha*, após

uma farsa em plena noite de núpcias, poderia mesmo resultar em um final feliz.

Imagem 5 – Obras discutidas no 3º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Várias comparações foram feitas entre essas mulheres ao discutirem fatos que levavam cada uma a agir de maneiras semelhantes e distintas ao mesmo tempo. Ao serem comparadas, observou-se o contexto de suas atitudes na época em que se desenrola a história, bem como, trazendo para aqueles dias, o modo como cada uma lidava com os golpes e com as recompensas da vida.

Outro ponto central discutido foi o fato de haver uma sutil, mas brilhante, intertextualidade dentro dessas obras. Nota-se que Alencar foi tecendo e aperfeiçoando o modo de agir de “suas mulheres” à medida que o espaço de expressão delas era cada vez mais restrito na sociedade da época.

Para dar dinâmica à discussão, Bárbara Fernandes, Kathwry Moraes, Magna Gadelha e Vanessa Noronha, então discentes do curso de Biblioteconomia da UFC, incorporaram “as mulheres de José de Alencar” numa breve encenação de como seria o encontro

entre Aurélia, Emília, Maria da Glória e Carolina. Ocorreu como uma espécie de depoimento sobre o que cada uma fizera de sua vida, expondo algumas de suas características mais marcantes e atitudes que as fizeram destaque na sociedade do século XIX.

Em seguida, em homenagem ao jovem cearense Pedro Henrique, finalista e vice-campeão do quadro Soletrando 2009, houve um campeonato de soletração entre os presentes, no qual foram soletradas palavras exclusivamente retiradas dessas quatro obras (*Senhora, Diva, Lucíola e A Viuvinha*). O objetivo principal foi o de compartilhar na discussão a linguagem rebuscada inerente às obras de José de Alencar, pois se trata de palavras aplicadas com maestria em diferentes contextos na diversidade de suas obras.

Foram sorteados, ainda, alguns títulos de José de Alencar, dentre as publicações que foram discutidas, além do livro *Alencar: O Padre Rebelde*, do professor e jornalista J. C. Alencar Araripe. Diante de tudo isso, acreditamos que o local foi bem propício para uma rica discussão a respeito dessas obras grandiosas de José de Alencar, deixando em cada participante a vontade para um futuro reencontro em torno de seus romances.

AGOSTO DE 2009

O 4º encontro do Clube da Leitura aconteceu no dia 29 de agosto de 2009, na Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Novamente o objetivo do projeto foi alcançado com sucesso: a formação dinâmica de um círculo de leitura no qual várias obras puderam ser debatidas. Dessa vez, foram discutidas obras referentes ao tema *best sellers*, com destaque para *Crepúsculo* (e sua sequência), *O Caçador de Pipas*, *O Ladrão de Raios*, *O Magnata*, *Harry Potter*, *Marley & Eu*, dentre muitas outras.

A riqueza da discussão ocorreu devido, principalmente, à grande diversidade de obras lidas e mencionadas pelos participantes. Todos puderam interagir diretamente ao longo do en-

contro, expondo as suas opiniões acerca dos livros que leram, demonstrando preferências particulares de leitura, sugerindo obras a serem lidas; enfim, defendendo seus pontos de vista a respeito da importância que a leitura tem para a nossa sociedade.

Imagem 6 – Registro do 4º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Outro ponto que deu bastante riqueza ao encontro foi a grandiosa presença de alguns integrantes do projeto Agentes de Leitura, do município de Maracanaú. O projeto seguia os mesmos objetivos do Clube: fazer do ato da leitura uma forma de lazer. Dos eventos promovidos naquele ano, este foi o que teve o maior número de participantes, alcançando a média de 60 pessoas reunidas.

OUTUBRO DE 2009

O 5º encontro do Clube da Leitura aconteceu no dia 3 de outubro de 2009, retornando à Casa José de Alencar. A discussão

teve como base as obras do grande escritor Machado de Assis. Bentinho, Capitu, Brás Cubas, Quincas Borba, Helena, dentre muitas outras personagens machadianas tomaram conta do círculo de leitura.

Todos os participantes puderam expor livremente as suas opiniões acerca das principais histórias de Machado, fazendo da leitura um meio de interação social. O encontro recebeu a ilustre presença de representantes do curso de Letras da UFC, que deram dinâmica à discussão no que se refere, principalmente, a uma análise crítica das obras de Machado de Assis.

Imagem 7 – Obras discutidas no 5º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Mais uma vez o objetivo da reunião foi alcançado: compartilhar leituras gerando novos aprendizados, novas (re)construções dos textos lidos e novos laços de amizade. Como um dos resultados satisfatórios, houve a publicação, no blog do projeto, de textos escritos por discentes do curso de Letras e, ainda, uma

breve participação, em uma de suas aulas, na finalidade de apresentar a proposta do Clube da Leitura e retribuir a generosidade das pessoas convidadas que estiveram conosco nesse encontro.

NOVEMBRO DE 2009

No dia 28 de novembro, ocorreu o 6º e último encontro de 2009 do Clube da Leitura, no Bosque Moreira Campos, localizado na Área I do Centro de Humanidades da UFC. Na oportunidade, homenageamos os exatos 34 anos de morte do grande escritor Erico Verissimo, ao realizar uma roda de leitura e discutir as principais obras, dentre elas: *Fantoches*, *Clarissa*, *Noite*, *Incidente em Antares*, *Ana Terra* e *Um Certo Capitão Rodrigo*.

Imagem 8 – Registro do 6º encontro do Clube da Leitura



Fonte: Arquivo do Projeto (2009).

Claro que não seria possível abordar em um único encontro toda a riqueza da linguagem usada por Erico em suas obras, mas

cada participante deu sua contribuição expondo aspectos que mais chamaram a atenção no livro que escolheu para debater. Nesse sentido, foi bastante discutida a capacidade do autor em criar personagens com características marcantes, que conseguem envolver o leitor em sua história e que se completam entre si diante da tamanha intertextualidade que há em sua obra como um todo.

Foram debatidos, ainda, os variados estilos literários de Verissimo, indo desde o romance tradicional, como em *Clarissa*, passando pelo enredo com pano de fundo histórico, caso de *O Tempo e o Vento*, até chegar à denúncia camuflada da ditadura militar numa sociedade altamente hipócrita e corrupta, descrita em *Incidente em Antares*.

Acreditamos que foi mais um encontro que veio somar conhecimentos acerca da riqueza que é a literatura brasileira e que cumpriu, com sucesso, o objetivo principal do nosso projeto: disseminar a prática da leitura como uma forma de lazer e fazer dela um meio de interação social.

Considerações finais

É por meio da leitura que alcançamos nossos objetivos, que nos constituímos cidadãos, que adentramos em mundos desconhecidos, que atribuímos sentido àquilo que nos cerca. Percebemos isso ao analisarmos o processo de evolução das práticas leitoras na constituição social, em que a leitura passou a significar poder, domínio, arte, ameaça, mudança, necessidade.

No ensejo do desenvolvimento das práticas leitoras, destaca-se a formação dos círculos de leitura, os quais possibilitavam uma leitura coletiva de diferentes maneiras e a troca de experiências entre os participantes. É diante das influências e contribuições que essa prática ainda traz que foram desenvolvidas as atividades do projeto de extensão Clube da Leitura, com as mesmas

características que estavam presentes na época em que surgiram os círculos de leitura.

Esperamos que nossas reflexões, que complementam outras já existentes, possam justificar a necessidade de investimentos em políticas de incentivo à leitura, além de se fazer conhecido perante a sociedade o projeto de extensão Clube da Leitura, cuja atuação deu-se entre os anos de 2008 e 2013 e cujo foco principal encontrava-se em fazer dessa prática uma forma de lazer, de integração social, compartilhada num grupo que tinha interesse em multiplicar o ideal da importância que uma sociedade leitora tem na formação de um cidadão crítico e atuante diante da realidade que o cerca.

Referências

CLUBE DA LEITURA. *Blog do Projeto*. Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://clubedaleitura.ce.blogspot.com>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ESCRITORES da Liberdade. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. [Estados Unidos]: Paramount Pictures, 2007. 1 DVD (122 min).

O CLUBE de Leitura de Jane Austen. Produção: John Calley e Robin Swicord. [Estados Unidos]: Sony Pictures, 2007. 1 DVD (105 min).

SILVA, L. A. Criar práticas leitoras: uma provocação à reflexão teórica e um desafio social. *In: PROLER. Cursos da Casa de Leitura*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, [2008?]. v. 1, p. 63-73.

YUNES, E. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. *In: PROLER. Pensar a leitura: complexidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 13-42.

“Fora da Caixa”, atividades pedagógicas e extensionistas do curso: um relato de experiência

Ruan Gomes Menezes

Graduado em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE.

Raquel Ellen Gomes Pessoa

Graduada em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE.

Introdução

A Biblioteconomia teve sua estreia no Brasil, como curso, em 1911, sendo ministrado na Biblioteca Nacional, originado a partir do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. No Ceará, o único curso presencial de Biblioteconomia reside na Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo sido criado em 17 de fevereiro de 1964 e entrado em pleno funcionamento em 1965. A graduação é vespertino-noturna e tem duração mínima de oito semestres.

Por ser um profissional multifacetado durante a graduação, o estudante tem acesso a diversos conteúdos que vão auxiliar em sua construção humanística, sociocultural, bem como conduzi-lo ao desenvolvimento de uma visão sistêmica, gerencial, técnica e processual da área de atuação, concentrando-se nas disciplinas as metodologias de ensino do curso como ferramentas primordiais para subsidiar o aprendizado.

A partir disso, o presente escrito pretende apresentar, por meio de um relato de experiências, um estudo descritivo baseado em três atividades, sendo uma de extensão e as outras duas propostas, que ocorreram nas disciplinas de História dos Registros do Conhecimento e Gestão de Recursos Humanos para Unidades de Informação, disciplinas do primeiro e sétimo semestres, respectivamente, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Em seguida, serão apresentadas as contribuições geradas através de metodologias ativas e práticas pedagógicas abordadas nessas disciplinas, evidenciando suas contribuições no aprendizado teórico-prático dos autores.

Entrada no curso

Nossa entrada no curso se deu da seguinte forma: Ellen entrou por meio do Sistema de Seleção Unificado (SISU), enquanto Ruan entrou por meio de Transferência Regular das vagas remanescentes da instituição. Ambos iniciaram os estudos no semestre 2019.2.

Imagem 1 – Imagem de trote com calouros 2019.2



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

No início da graduação, devido à euforia de recém-ingressos no ensino superior, a dedicação foi notória. As disciplinas introdutórias nos apresentaram um vasto conteúdo teórico-humanístico, moldado para potencializar nossas bases de conhecimento, objetivando enfrentar os futuros componentes específicos da Biblioteconomia.

Experiência nas atividades de campo e extensão

Atividade em campo, segundo Silva, Farias e Leite (2019, p. 32), trata-se de um “método de ensino pautado pela imersão na

realidade como um meio de descobertas”. Nosso primeiro contato com uma atividade pedagógica desse cunho foi durante a disciplina de História dos Registros do Conhecimento.

No período, a Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante dividiu a turma em grupos de até cinco pessoas, e cada grupo teve de fazer uma visita a algum espaço cultural e histórico da cidade de Fortaleza. O critério de escolha pelos locais foi por sorteio, para que cada equipe pudesse visitar um dos locais escolhidos pela professora.

Sorteamos a Casa de José de Alencar e realizamos a visita no dia 23 de outubro de 2019, com o objetivo de descobrir a historicidade do local visitado e, a partir disso, apresentar em um seminário todos os registros e descobertas percebidos na visita, trabalho este que ocorreu no dia 21 de novembro de 2019, tendo sido pontuado como segunda nota da disciplina.

Imagem 2 – Registro da visita à casa José de Alencar



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Imagem 3 – Registro da equipe após apresentação do seminário



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Essas e outras experiências realizadas no decorrer da graduação nos levou a perceber que os docentes vêm apresentando propostas inovadoras no cenário educacional das Instituições de Ensino Superior (IES), visando oferecer ambientes confortáveis de aprendizado para os discentes, além de explorar as habilidades dos alunos. Azevedo, Pacheco e Santos (2019, p. 3) reforçam essa afirmativa ao dizerem que:

Os docentes são demandados a repensar sua prática e a substituir as formas tradicionais de ensino por metodologias diferenciadas, sobretudo pelas características do discente adulto. Diante disso, percebe-se a importância da formação continuada de docentes que visem trabalhar as percepções sobre o uso de diferentes metodologias de ensino.

A segunda atividade pedagógica proposta ocorreu alguns semestres à frente, especificamente no sétimo período, com a disciplina de Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação, em que a Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias

propôs uma atividade pedagógica avaliativa que consistia na realização de uma entrevista com um bibliotecário que atuasse como gestor.

Na época, houve dificuldade em encontrar um profissional que dispusesse de tempo para atender à equipe, formada por três membros. A professora indicou a bibliotecária Bárbara Carneiro, que havia sido nossa professora substituta e que pôde atender à equipe em visita agendada.

A atividade pedagógica foi realizada no dia 24 de abril de 2023, tendo sido configurada em padrões de diferentes formatos de entrega, como vídeo, podcast, slides etc. Foi o primeiro contato com as metodologias ativas, que consistem na “identificação, possibilitando uma interação e intervenção do aluno como protagonista do processo de aprendizagem” (Azevedo; Pacheco; Santos, 2019, p. 5-6).

Optamos pela atividade em formato de vídeo, pela segurança nas habilidades dos membros em editar áudio e vídeo. As perguntas foram elaboradas por uma comissão criada com alguns discentes da turma, tendo sido todas padronizadas e estruturadas. O desafio das equipes se concentrou na interpretação das respostas dos gestores em fazer conexões com os temas estudados e, a partir disso, mostrar suas conclusões acerca da gestão de recursos humanos em uma unidade informacional.

Vale lembrar que todos os gestores, incluindo a bibliotecária Bárbara Carneiro, autorizaram a realização da entrevista, bem como a gravação de áudio e vídeo por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A gravação com a bibliotecária gerou um material bruto de 50 minutos que, após a edição, foi diminuído para 20min28s. A apresentação da produção audiovisual aconteceu no dia 3 de maio de 2023, durante a aula da disciplina.

Imagem 4 – Registro com a bibliotecária Bárbara Carneiro



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Importante pontuar a relevância que foi o uso das metodologias ativas, por parte da professora, no desenvolvimento dessa atividade, pois pudemos praticar nossa liberdade criativa na produção do trabalho, valorizando o potencial individual dos discentes componentes da equipe, o que acabou por impactar positivamente no resultado de produção da atividade pedagógica.

Atividades e experiência na extensão universitária

A extensão universitária é um dos pilares presentes no ensino superior. Segundo Coelho (2015), desde o século XIX que a extensão se soma ao ensino e à pesquisa como dimensão das Instituições de Ensino Superior, principalmente no norte global. Não há consenso ou precisão quanto ao início das atividades de

da pandemia. Como estávamos na reta final da graduação e necessitando de horas complementares, decidimos fazer parte do projeto como bolsistas voluntários.

O “Café com CI” é um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Ciências da Informação (DCINF), que teve início no dia 27 de março de 2015. O projeto tem missão colaborativa junto ao combate à evasão estudantil, através do encantamento com as ínfimas oportunidades interdisciplinares, e pelo convencimento via realização de tais diálogos em diversos projetos internos e/ou externos à comunidade. Com o retorno pós-pandemia, o projeto contou com a criação de um perfil na rede social

Instagram, como um instrumento de divulgação dos eventos realizados. Ativo desde maio de 2023, o perfil atualmente conta com 278 seguidores.

Durante o ano de 2023, o projeto participou, ao todo, de sete eventos, dentre produções e participações. Foram três palestras realizadas, participação em dois eventos – Encontros Universitários 2023, ExpoFavela 2023 – e

mais duas versões do projeto no modo “itinerante” – Instituto Confúcio, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como bolsistas voluntários, atuamos desde maio de 2023, auxiliando nas questões de gerência, de administração e de marketing. Também participamos de reuniões de planejamento em que

Imagem 6 – Logomarca do projeto



Fonte: Banco de imagens do Projeto.

eram definidos os temas, os palestrantes e os locais onde aconteceria o encontro.

Dentre as atividades, desempenhamos funções de pré-produção, não somente com a criação de publicações no perfil de Instagram do projeto, mas também com a criação do formulário de inscrição na plataforma “Even3”, no dia do evento, promovido pelo projeto; os bolsistas eram responsáveis pelo credenciamento dos inscritos, registro fotográfico e audiovisual, além da divulgação, em tempo real, dos eventos, também eram responsáveis por realizar o envio dos certificados de participação.

Imagem 7 – Equipe de bolsistas e coordenadora do projeto



Fonte: Banco de imagens do projeto.

Conclusão

A partir das experiências, práticas e metodologias ativas de aprendizado, pudemos vivenciar momentos marcantes e fundamentais em nossa jornada acadêmica. As atividades realizadas fora da universidade nos permitiram implementar a troca de co-

nhcimentos a partir do contato com profissionais já atuantes na área, bem como a divulgação e a popularização de nossa atuação como futuros bibliotecários.

Esses momentos foram de suma importância na nossa trajetória estudantil no ensino superior, além de nos acompanharem do início ao fim do curso, possibilitando e nos garantindo o encontro entre experiência e conhecimento.

Almejamos que as metodologias ativas e as atividades pedagógicas sejam muito mais frequentes na graduação, possibilitando a manutenção da liberdade criativa, bem como subsidiando o aprimoramento não só do corpo discente, como também do corpo docente do curso de Biblioteconomia da UFC.

Por fim, evidenciamos a importância não somente das atividades pedagógicas, mas também dos projetos de extensão, uma vez que há grande aprimoramento profissional e ético dos participantes ao ganharem a oportunidade de mostrar à sociedade o potencial da universidade pública e do seu fazer profissional.

Referências

AZEVEDO, S. B.; PACHECO, V. A.; SANTOS, E. A. dos. Metodologias ativas no ensino superior: percepção de docentes em uma instituição privada do Distrito Federal. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e002573, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2573>. Acesso em: 5 set. 2024.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. *Revista em Extensão*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2015. DOI: 10.14393/REE-v13n22014_art01. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 11 jan. 2024.

GADOTTI, M. Extensão universitária: para quê? *Instituto Paulo Freire*, v. 15, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://resistenciaelutablog.wordpress.com/2017/02/21/extensao-universitaria-para-que/>. Acesso em: 5 set. 2024.

JULIANA, N. *Relato de experiência: o que é, exemplos e metodologia*. 2022. Disponível em: <https://mystudybay.com.br/relato-de-experiencia/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVA, A. de S.; FARIAS, R. C. de; LEITE, C. M. C. O trabalho de campo para além de uma atividade prática nas aulas de geografia: uma metodologia de viabilização da construção do conhecimento geográfico. *Revista Tamoios*, São Gonçalo/RJ, v. 15, n. 1, p. 31-45, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.e-publi cacoes.uerj.br/tamoios/article/view/39266>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Desafios do acesso à informação na sociedade da informação: o papel do bibliotecário

Juliana de Sousa Lima

Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5457700093924670> .

Rita de Cássia Gomes

Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará.
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1207003205465344>

Introdução

Em meio à era da globalização, a sociedade da informação se torna um tema frequente tanto em discussões acadêmicas quanto no senso comum. Há um consenso de que estamos imersos em uma época impregnada de tecnologia e dispositivos técnicos para armazenar e disseminar informações. Nesse contexto, o conceito de “estar informado” emerge como uma importante categoria de análise social (Marteletto, 2003). Desde os primórdios, a informação tem movido todas as áreas do âmbito social, sendo a principal moeda de troca entre grandes empresas e indústrias e, em acordo a isto, o crescimento exacerbado da tecnologia tem gerado um verdadeiro caos informacional.

Nesse cenário, a informação tende a desempenhar um papel central e multifacetado, mostrando-se como

fundamento de qualquer estratégia de desenvolvimento individual, cultural, econômico, social, levando-se em consideração as transformações econômicas, políticas e culturais, bem como os diversos setores interessados nos processos informacionais e por eles envolvidos (Saeger *et al.*, 2017, p. 53).

As organizações, por exemplo, dependem da coleta, análise e disseminação eficaz da informação para inovar, tomar decisões estratégicas e manter a competitividade, especialmente quando é levada em consideração a facilidade com que a internet e a globalização de informações resultam em mudanças sociais, econômicas, políticas e até mesmo culturais e filosóficas (Roza, 2019).

Além disso, a informação é fundamental para o funcionamento da comunicação e da interação social. Com a evolução da Web, a possibilidade de criar e receptor conteúdo cresce exponencialmente (Luce; Estabel, 2020). As redes sociais, plataformas de mensagens instantâneas e outros meios digitais, por exemplo, proporcionam às pessoas a capacidade de se conectar e compartilhar informações instantaneamente, transcendendo fronteiras geográficas e culturais. Isso molda não apenas a forma como nos comunicamos, mas também como construímos identidades individuais e coletivas, influenciando nossas percepções, opiniões e comportamentos.

Nesse viés, o presente artigo tem o intuito de provocar uma discussão acerca dos desafios dos bibliotecários no âmbito do acesso à informação. Movida pela necessidade de distribuir informação, a sociedade se encontra em um momento único, em que a crescente onda de compartilhamentos tem gerado conflitos e se mostrado cada vez mais problemática, principalmente com a inserção das fake news e da desinformação.

Nesse panorama, o bibliotecário, antes visto como um profissional apenas associado às bibliotecas, vem ganhando espaços cada vez maiores, e até as próprias bibliotecas têm buscado aperfeiçoamento para agregar melhorias aos serviços oferecidos aos usuários; melhorias essas muitas vezes ligadas à inserção de equipamentos tecnológicos.

Os ambientes digitais ganharam seu espaço consolidado em meio à sociedade, fato esse evidenciado pela adaptação de bibliotecas e de profissões no mercado de trabalho. No entanto, ainda é uma realidade consideravelmente nova, e a discussão sobre esse assunto necessita ser expandida a cada mudança, dado que a tecnologia é atualmente o veículo de maior transitoriedade informacional e, pelo seu poder de impacto e alcance transmissível, torna o bibliotecário como profissional da informação um forte aliado à disseminação de conhecimento verídico. Sendo

assim, a temática da pesquisa gira em torno das habilidades do bibliotecário e seu caráter mediador perante as transformações sociais e tecnológicas na sociedade.

Os desafios do acesso à informação

Entende-se, neste artigo, que o direito ao acesso à informação pauta-se na capacidade de obter, receber, compartilhar e ressignificar informação, conhecimentos e conteúdos diversos. Acesso este que pode ser facilitado por meio de diversas fontes, como a internet, as bibliotecas, as instituições educacionais e os meios de comunicação. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), facilitadoras desse processo comunicativo, de acordo com Roza (2019, p. 178), “modificam radicalmente a forma como o indivíduo e a sociedade como um todo lidam com a informação, abrindo novos horizontes no que se refere ao acesso e à aquisição de conhecimento”. Assim, percebe-se que o acesso à informação se torna essencial para o desenvolvimento e para a progressão de uma sociedade, abrangendo tanto a disponibilidade de tecnologias e de infraestrutura digital, quanto a capacidade das pessoas de compreender e utilizar essas informações de maneira eficaz e crítica.

No âmbito tecnológico, o acesso à informação se refere à disponibilidade e à acessibilidade de ferramentas e recursos digitais, como a internet e dispositivos eletrônicos, que permitem a aquisição e a troca de informações de forma rápida e eficiente. Assim sendo, a inclusão digital desempenha um papel crucial, garantindo que os indivíduos tenham a oportunidade de utilizar e de se beneficiar das TDICs, reduzindo, assim, as disparidades digitais que podem perpetuar desigualdades sociais e econômicas (Martins; Presser, 2015).

Entretanto, apesar do avanço constante das TDICs, parte da população brasileira e mundial ainda sofre com a falta de infraes-

trutura digital adequada, incluindo acesso à internet e dispositivos eletrônicos acessíveis. Além disso, mesmo quando a infraestrutura digital está disponível, muitos indivíduos podem enfrentar dificuldades em utilizar, de forma eficaz, as tecnologias da informação devido à falta de habilidades digitais.

Como relembra Roza (2019), embora as TDICs beneficiem a sociedade em sua interação com a informação, também contribuem para o surgimento de diversos problemas informacionais, como a sobrecarga de informação e a falta de confiabilidade das informações produzidas e disseminadas.

O analfabetismo digital, por exemplo, é um problema que afeta muitos grupos sociais. No que diz respeito à alfabetização e ao letramento, esse acesso envolve não apenas a capacidade de ler e escrever, mas também a habilidade de compreender, analisar e avaliar criticamente as informações encontradas, como ressalta Duarte (2009), ao afirmar que “ao letramento associam-se às habilidades de interpretação, compreensão, análise e apreensão do significado”, indo para além do conceito de alfabetização como a decodificação das palavras.

Isso inclui, dentre outros aspectos, a capacidade de discernir entre fontes confiáveis e não confiáveis, identificar viés e manipulação, e contextualizar as informações dentro de um quadro mais amplo de conhecimento. O letramento digital é uma parte integrante desse processo, garantindo que as pessoas tenham as habilidades necessárias para navegar e utilizar as tecnologias digitais, a fim de obter informação e conhecimento.

Do ponto de vista político e econômico, o acesso à informação muitas vezes não é equitativo nem democrático. Isso se deve, em grande parte, à maneira como os recursos de informação são distribuídos e controlados. Nas sociedades contemporâneas, observa-se uma concentração de poder sobre a produção e a disseminação da informação, muitas vezes nas mãos de poucos grupos ou entidades poderosas.

Essa concentração de poder sobre a informação frequentemente resulta em uma valorização mercadológica sobre ela mesma. Ou seja, a informação é tratada como uma mercadoria, sujeita às leis de oferta e demanda do mercado. Isso pode levar a distorções na forma como a informação é apresentada e interpretada, muitas vezes em benefício das classes dominantes, as quais têm recurso e influência para moldar a narrativa de acordo com seus interesses (Silva *et al.*, 2022).

Essa dinâmica cria desigualdades no acesso à informação e no seu uso, pois, enquanto as classes dominantes podem se beneficiar do controle sobre a informação para manter e expandir seu poder político e econômico, os grupos marginalizados e desfavorecidos podem enfrentar barreiras e encontrar dificuldades para acessar informações que lhes permitam tomar decisões fundamentadas e participar plenamente da vida política e econômica da sociedade.

No ponto de vista social, por sua vez, o acesso à informação desempenha um papel fundamental na capacitação dos indivíduos e das comunidades para lidarem com questões relevantes que impactam suas vidas. Isso inclui temas como direitos humanos, saúde, educação e participação cívica.

O acesso a fontes confiáveis e diversas de informação é essencial para garantir uma comunicação eficaz na sociedade. Conforme destacado por Martins e Presser (2015), o direito ao acesso à informação é considerado um direito complementar ao exercício da cidadania. Em outras palavras, é um direito que todos os membros de uma sociedade devem ter para poderem participar plenamente da vida democrática e exercerem seus direitos e deveres como cidadãos. Sem acesso à informação adequada, os indivíduos podem se tornar vulneráveis à manipulação e à desinformação.

Levando essa premissa em consideração, a desinformação e a proliferação de notícias falsas representam um desafio significa-

tivo para o acesso à informação. Com o advento das mídias sociais e a facilidade de disseminação de informações de forma on-line, é cada vez mais difícil para que as pessoas consigam discernir entre fontes confiáveis e não confiáveis, abrindo espaço para a disseminação de informações falsas e, conseqüentemente, para a desinformação, em que opiniões muitas vezes se confundem com notícias, alimentadas pelo anonimato proporcionado pelas redes sociais. Além da democratização na produção de conteúdo, a velocidade e o alcance como essas informações se propagam pelas redes e mídias sociais são aspectos igualmente preocupantes (Luce; Estabel, 2020).

Nesse cenário, a seção a seguir proporcionará uma maior exploração sobre o papel do bibliotecário como crucial na promoção do acesso à informação e no combate à desigualdade informacional, atuando de forma a conectar os usuários com fontes de informação relevantes e confiáveis, bem como lutando pelo acesso equitativo à informação e pelo fortalecimento da democracia informacional.

O papel do bibliotecário na promoção do acesso à informação

É possível identificar que o perfil do bibliotecário como um todo se destaca pela abrangência na atuação de inúmeras áreas, como pesquisa, administração, planejamento, atendimento ao cliente, entre outros, e toma para si a função de desenvolver suas respectivas habilidades. Sendo assim, a profissão pede uma constante atualização de conhecimentos e, ao tratar sobre a responsabilidade do bibliotecário quanto à promoção do acesso à informação, não poderia ser diferente.

Conforme Ferreira e Araújo (2016, p. 62), “as bibliotecas atravessaram os séculos incorporando novas atribuições, novos serviços, lidando cada vez com mais suportes diversificados e, princi-

palmente, acolhendo e dialogando com usuários”. Essa mudança só foi possível com a adaptação dos bibliotecários a mecanismos tecnológicos como suporte de trabalho. Segundo lembram Andrade e Fonseca (2016, p. 128):

A influência que os avanços tecnológicos têm causado à área da gestão de informação vai além de simplesmente informatizar os centros de informação para o tratamento de seus acervos. Essa influência está, também, diretamente ligada às necessidades informacionais dos usuários, que devem ser, na realidade, o principal foco desses centros, uma vez que trabalham para servi-los.

Ao realizar uma análise mais aprofundada dessa constatação, é cabível destacar que a Biblioteconomia e a tecnologia se conectam há muito tempo. Em decorrência disso, é visível o apoio que a tecnologia oferece ao participar do processo informacional do usuário, devido a sua forte capacidade de adequação ao meio em que se estabelece. Por conseguinte, o papel do bibliotecário se aperfeiçoa ao adaptar-se à inserção dos mecanismos em seu cotidiano. Quanto a isso, Prosdócimo e Ohira (1999, p. 125) destacam que:

A sociedade globalizada do final deste século experimenta inovações tecnológicas que se apresentam com muita rapidez, exigindo dos profissionais da informação a atualização de seus conhecimentos para melhorar a qualidade e a competitividade dos serviços que prestam a seus usuários. A educação continuada, constante, variada e atualizada se apresenta como o meio adequado e necessário.

Ao fazer essa confirmação, é cabível argumentar que o profissional da informação tem a capacidade de disseminar, de maneira eficaz, através de atividades complementares, como a orientação e a assistência, que se baseiam na disponibilidade para

auxiliar o usuário a localizar e utilizar os recursos disponíveis no acervo, juntamente a catalogação de recursos, que visam à busca rápida e organizada.

Ademais, o acesso a recursos digitais e ao desenvolvimento de coleções são funções indispensáveis ao acesso à informação, tendo em vista a necessidade de se ter uma pessoa capacitada para a escolha de determinado acervo, seja ele físico ou digital. Nesse ínterim, a perspectiva do bibliotecário como contribuinte e facilitador de informação traz um caráter mediador em todo o exercício de suas funções, pois, de acordo com Almeida Júnior (2006, n. p.):

Mediação da informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

A mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional.

Ao fazer uma explanação acerca do conceito estabelecido, é passível de destaque que a mediação é uma ação realizada com o objetivo de proporcionar ao indivíduo uma ligação com a informação, ao mesmo tempo que o próprio bibliotecário se inclui no processo educativo. Esse papel do mediador garante ao público uma promoção na construção do conhecimento e, com as características fundamentais de ética e credibilidade para dispor, o profissional garante incluir facetas culturais e políticas de maneira a propiciar conhecimento e viabilizar as condições adequadas para que o cidadão tenha a capacidade de se apropriar do que lhe pertence cultural, ideológica e democraticamente. Em suma, a essência da mediação se encontra no fato de apresentar as informa-

ções de modo claro e sucinto, para que haja, antes de tudo, o entendimento do que lhe é ofertado.

Outra prática que evidencia essa participação do bibliotecário é a promoção da alfabetização (e letramento) informacional associada ao acesso a recursos digitais. De acordo com Dudziak (2003), a alfabetização informacional pode ser definida como:

[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar uma aprendizagem ao longo da vida (Dudziak, 2003, p. 28).

Em outras palavras, trazendo para enfoque a atitude do bibliotecário como mediador da informação e sua evolução com a tecnologia e seus mecanismos, ele pode incentivar os usuários a desenvolverem habilidades críticas para localizar, avaliar e usar a informação em diversas mídias e formatos. Essa alfabetização auxilia no estímulo do usuário quanto ao discernimento e senso crítico, viabilizando, dessa forma, não somente a propagação do acesso à informação, mas também a criação de conteúdo informacional no campo midiático.

É válido destacar que, na atualidade, existe a problemática de disseminação da desinformação, muitas vezes utilizada como um produto de marketing, com a finalidade de ludibriar o leitor. De acordo com Wardle e Derakhshan (2017), o termo desinformação é conceituado por “[...] informação que é falsa e deliberadamente criada para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país” (Wardle; Derakhshan, 2017, p. 20).

A problemática anteriormente citada se faz presente no cotidiano da sociedade e tem tido uma expansão crescente com o aumento do uso das tecnologias e, em decorrência disso, gera uma dificuldade cada vez maior para o bibliotecário como profissional da informação. Em concordância, Leite e Matos (2017)

afirmam que todos querem compartilhar informações e deixar seu legado sem considerar seus efeitos negativos na sociedade.

Vale ressaltar que, por ser um fenômeno recente, não há mecanismos capazes de impedir completamente a desinformação e as notícias falsas. Em vista disso, cabe ao bibliotecário, como mediador da informação auxiliar nesse processo, buscar identificar formas de levar ao usuário a informação verdadeira e comprovada.

Esse papel pode se perpetuar por meio das atividades decorrentes da profissão com o intuito de viabilizar a criação de uma sociedade informacional que busca compreender o âmbito ao qual se insere. Ao se destacar o comprometimento do bibliotecário com a disseminação da informação, faz-se possível inferir que uma pessoa que dispõe do alfabetismo informacional se torna suscetível a identificar que existe a necessidade de buscar a informação de maneira completa. Conforme Neves (2020, p. 22), “entendemos que é relevante que os bibliotecários tenham um papel ativo na educação dos usuários, visando ao desenvolvimento da autonomia na checagem dos conteúdos que consomem, principalmente nas mídias digitais”. Essa prática é uma enorme colaboradora contra a desinformação e é passível de conscientizar o coletivo acerca de suas atitudes, de modo a criar um habitat informacional coerente e confiável.

Considerações finais

Conclui-se que o papel do bibliotecário na sociedade e na comunicação é de importância ímpar, principalmente no que diz respeito à veracidade de informações e à localização delas. Na era da informação digital, o bibliotecário desempenha um papel fulcral na promoção do acesso à informação e no combate à desigualdade informacional. Como mediador entre os usuários e as fontes de informação, o bibliotecário se torna uma peça-chave no que diz respeito à veracidade e à qualidade das informações disponíveis.

Ao orientar os usuários na busca por recursos confiáveis e auxiliá-los no desenvolvimento de habilidades críticas de leitura e interpretação, o bibliotecário capacita indivíduos e comunidades a fazerem escolhas informadas e a participarem plenamente da vida democrática.

No contexto atual de proliferação de desinformação e notícias falsas, o papel do bibliotecário como um filtro confiável de informações é ainda mais crucial. Ao promover a alfabetização informacional e o letramento digital, o bibliotecário capacita os usuários a discernirem entre fontes confiáveis e não confiáveis, a avaliar criticamente o conteúdo que consomem e a evitar cair em armadilhas de desinformação. Essa função não apenas protege os usuários de serem ludibriados, mas também contribui para a saúde da democracia ao garantir que os cidadãos tenham acesso a informações precisas e fundamentadas para tomar decisões informadas.

Além de facilitar o acesso à informação, o bibliotecário também desempenha um papel importante na preservação do patrimônio cultural e histórico. Ao gerenciar coleções de documentos e materiais diversos, o bibliotecário contribui para a manutenção da memória coletiva e para a difusão do conhecimento acumulado ao longo do tempo. Isso não somente enriquece a experiência educacional e cultural das comunidades, como também fortalece a identidade e a coesão social.

Em suma, o papel do bibliotecário na sociedade moderna é multifacetado e essencial. Desde a promoção do acesso à informação até a preservação do patrimônio cultural e o combate à desinformação, o bibliotecário desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade informada, crítica e democrática. Suas habilidades e atividades contribuem para o avanço do conhecimento humano e o bem-estar das comunidades em que atuam.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. *Mediação da Informação*: alguns aspectos. 1 apresentação em PowerPoint. Marília: [Unesp], 2006. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/palestras/osvaldo.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

ANDRADE, V. B.; FONSECA, A. L. Formação continuada do bibliotecário: a importância da capacitação na área da informática para o profissional da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 21, n. 47, p. 124-144, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p124>. Acesso em: 5 set. 2024.

DUARTE, A. B. S. Inclusão digital e competência informacional: estudo de usuários da informação digital. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009. Disponível em: <https://catalogo.biblioteca.ibict.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=2902>. Acesso em: 5 set. 2024.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 1, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 5 set. 2024.

FERREIRA, E. G. A.; ARAÚJO, C. A. A. A biblioteca contemporânea a partir da concepção dos bibliotecários e professores de Biblioteconomia. *Biblionline*, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 61-78, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/29788>. Acesso em: 5 set. 2024.

LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. esp., 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>. Acesso em: 5 set. 2024.

LUCE, B.; ESTABEL, L. B. Desinformação na terceira idade: como o público idoso se relaciona com as fake news dentro das redes sociais. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, João Pessoa, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/51287/30441>. Acesso em: 5 set. 2024.

MARTELETO, R. M. Informação da sociedade na sociedade da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. esp., p. 4-7, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23443/18898>. Acesso em: 5 set. 2024.

MARTINS, C. J. B. N.; PRESSER, N. H. A promoção da cidadania por meio do acesso à informação. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 133-150, 2015. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/42226>. Acesso em: 5 set. 2024.

NEVES, B. C. Recursos que podem apoiar o bibliotecário no combate às fake news nas mídias sociais. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, v. 8, n. 2, p. 17-27, 2020.

PROSDÓCIMO, Z. P. A.; OHIRA, M. de L. B. Educação continuada do bibliotecário: revisão de literatura. *Revista ACB*, v. 4, n. 4, p. 111-128, 1999. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/338>. Acesso em: 5 set. 2024.

ROZA, R. H. Ciência da Informação, tecnologia e sociedade. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*,

João Pessoa, v. 14, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/49521>. Acesso em: 5 set. 2024.

SAEGER, M. M. de M. T.; OLIVEIRA, M. L. P. de; PINHO NETO, J. A. S. de; NEVES, D. A. de B. Organização, acesso e uso da informação: componentes essenciais ao processo de Gestão da Informação nas organizações. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 52-64, 2017. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeab/article/view/1545>. Acesso em: 5 set. 2024.

SILVA, R. C. da; SANTOS, B. R. P. dos; OTTONICAR, S. L. C.; DAMIAN, I. P. M. O protagonismo da competência em informação no contexto das fake news: dados de pesquisa, propostas e reflexões. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 15, n. 2, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36755>. Acesso em: 5 set. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

Considerações sobre a gênese de Biblioteconomia no Ceará

Lucas Rodrigues

Estudante do curso de bacharel em Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação (DCINF) da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Lates: <http://lattes.cnpq.br/0213280221585384>.

Maria Aurea Montenegro Albuquerque Guerra

Doutora em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Lates: <http://lattes.cnpq.br/6346079652322359>.

Odete Máyra Mesquita Sales

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Mestra em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPB.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/6855804892704466>.

Introdução

Tendo como cenário a Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, foi fundado o primeiro curso de Biblioteconomia no país, no ano de 1911. O acontecimento deu início a uma longa jornada pelo desenvolvimento da prática profissional da pessoa bibliotecária brasileira. Esse contexto, concentrado, a princípio, na Região Sudeste, suscitou o surgimento do interesse de outros estados da Federação em somar-se a essa nova realidade, visando, dentre outras providências, contribuir para a revitalização de um espaço basilar na constituição de uma nação em crescimento, como também qualificar profissionais de um campo, até então incipiente nas instituições brasileiras: a biblioteca e a pessoa bibliotecária.

Este trabalho tem como objetivo compreender como se deu a iniciativa e a consolidação do ensino biblioteconômico no Brasil, perpassando por momentos-chave nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, enfocando especialmente o contexto cearense, com ênfase na figura da bibliotecária Maria da Conceição Sousa (1911-1991), personalidade ímpar na efetivação da biblioteconomia cearense. Além disso, destaca a criação da Universidade do Ceará – hoje Universidade Federal do Ceará (UFC) – instituição que abarcou a fundação do Curso de Biblioteconomia na década de 1960, o primeiro da área em terras alencarinhas.

Sob este direcionamento, optando pela abordagem qualitativa, conceituada por Severino (2014), o método adotado resultou na busca por fontes documentais. O documento, entendido a partir das explanações de Paul Otlet e Suzanne Briet (Loureiro;

Loureiro, 2013), abrangeu fontes primárias, consultadas em originais e materiais bibliográficos que fazem parte do acervo Maria da Conceição Sousa, custodiado na Biblioteca-Laboratório do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (Labib), e publicações de referências oriundas da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE) e Academia Cearense de Letras (ACL), além de informações institucionais obtidas no Memorial da UFC.

O ensino de Biblioteconomia no Brasil: fases e consolidações

Entre os pesquisadores que se debruçam sobre a história do ensino da Biblioteconomia no Brasil, é consoante destacar o trabalho do bibliotecário pernambucano Edson Nery da Fonseca (1921-2014), que atribuiu ao período de 1879 a 1962 uma conjuntura de três fases (Weitzel, 2010): a primeira, de 1879 a 1929, marca o protagonismo da Biblioteca Nacional e a influência francesa da *École de Chartes*, além da estruturação do Curso de Biblioteconomia na década de 1910; a segunda, de 1929 a 1962, denota uma influência do modelo tecnicista norte-americano pelo curso do Instituto Mackenzie no estado de São Paulo; e, por último, a terceira, de 1962 em diante, tendo a aprovação pelo Conselho Federal de Educação do primeiro currículo mínimo para o ensino superior de Biblioteconomia (Santos, 1998).

Importa perpassar pelos acontecimentos que tecem essas fases, alçando o entendimento de como ocorreram os processos de promoção do ensino biblioteconômico no país e observando como, a partir da posição de destaque do eixo Rio – São Paulo, houve a inspiração em capilarizar as escolas de formação bibliotecária para outras regiões do país.

Assim, a primeira fase se inicia no ano de 1879, quando ocorre a admissão do historiador cearense Capistrano de Abreu

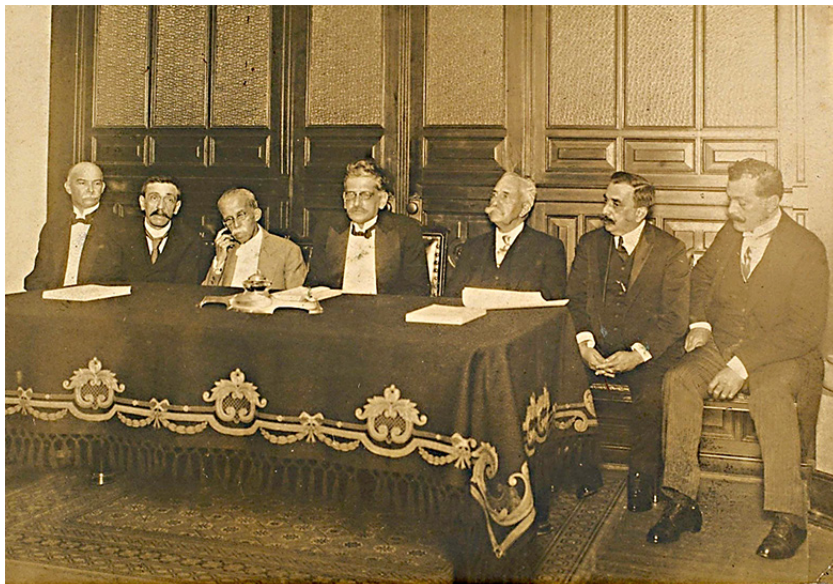
no cargo de bibliotecário por meio do primeiro concurso promovido na Biblioteca Nacional, em 1º de julho de 1879, na gestão do diretor Ramiz Galvão. O cargo necessitava de um alto nível de erudição, sendo uma das atribuições referentes à prática da pesquisa bibliográfica em materiais de referência. Apesar disso, a formação do cargo só seria devidamente constituída trinta e dois anos depois (Weitzel, 2010).

Como ponto culminante, ocorre a fundação do curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional (BN), em decorrência do decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, na gestão de Manuel Cícero Peregrino da Silva (Russo, 1966). Contudo, um empecilho dificultou que sua implementação fosse efetivada, por decorrência da ausência e desistência de candidatos nos anos de 1912 a 1914. Apesar desse cenário, houve a formação da primeira turma, em 1915, conforme destaca Weitzel (2010, p. 128), ao afirmar que “[...] passados mais de três anos após a reforma [administrativa da instituição], o curso recebeu 21 inscritos e, posteriormente, mais seis, totalizando 27, dos quais 12 eram funcionários da Casa. Dessa vez, não houve desistência” (Foto 1).

Em 1918, na gestão do diretor interino Basílio de Magalhães (1874-1957), ocorreu o interesse por parte dos professores em aumentar a duração do curso, que até o presente momento era de um ano letivo. Apesar disso, a iniciativa não foi imediatamente concretizada (Weitzel, 2010). Já em 1921, pela ausência de candidatos, o curso não ocorreu, vindo a funcionar apenas no ano seguinte, após uma nova reforma.

[...] apenas quatro inscritos [em 1922], dos quais dois concluíram. O Decreto 15.679, de 6 de setembro de 1922, transformou o curso em um novo “Curso Técnico”, com estrutura destinada a formar profissionais capacitados para atuar tanto na Biblioteca Nacional quanto no Arquivo Nacional e no recém-criado Museu Histórico Nacional (Weitzel, 2010, p. 129).

Foto 1 – Mesa que presidiu a solenidade da inauguração do curso de Biblioteconomia, na Biblioteca Nacional, em 10 de abril de 1915



Fonte: Biblioteca Nacional Digital; Acervo Iconográfico.

No entanto, o curso não ocorreu durante o restante da década de 1920 em decorrência de diversos impedimentos, desde a demanda elevada pelo número de candidatos, no ano de 1923, como também um provável desentendimento por parte dos bibliotecários da BN na adoção do novo projeto de “Curso Técnico”. Sua reativação ocorreu em 1931, por meio do Decreto 20.673, de 17 de novembro, estabelecendo o aumento do período letivo para dois anos e algumas mudanças curriculares, em decorrência do surgimento do curso de Museus, no Museu Histórico Nacional (MHN), no mesmo período (Weitzel, 2010, p. 130) (Foto 2).

Na fase seguinte (1929-1962), Simone da Rocha Weitzel (2010, p. 130) destaca o protagonista do estado de São Paulo em decorrência da abertura de novos cursos de Biblioteconomia, mantidos através do Instituto Mackenzie (hoje Universidade

Mackenzie), em 1929, e pela Prefeitura de São Paulo, no final da década de 1930; ambos seguindo a orientação norte-americana de ensino pragmático e tecnicista. Essa característica acarretou divergências com a direção que o ensino da área estava sendo realizado no Rio de Janeiro:

A convivência de cursos tão diferentes marcou a dicotomia no eixo Rio-São Paulo em função das duas correntes vigentes no país: a formação da Biblioteca Nacional, mais conservadora, e a de São Paulo, mais moderna (Weitzel, 2010, p. 130).

Foto 2 – Edifícios Horace Manley Lane, George Alexander e John Theron Mackenzie, 1926



Fonte: Centro Histórico e Cultural Mackenzie.

Ainda assim, a orientação tomada pelas escolas de São Paulo fortaleceu a consolidação do campo, sendo então abarcado pelo curso intensivo para bibliotecários, promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), fundado em 1938, pelo governo de Getúlio Vargas, na capital federal.

Resultante dessa adoção, que então vinha sendo bem-sucedida, o coordenador dos cursos da Biblioteca Nacional, Josué Montello, promoveu uma nova reforma que instituiu a mesma orientação, tendo sido proposta pela bibliotecária Heloisa Cabral da Rocha Werneck (Weitzel, 2010, p. 131), o que encerra o período humanista, de influência da *École de Chartes*, no ensino de Biblioteconomia pela instituição.

A terceira e última fase destacada por Weitzel começa no ano de 1962. Em decorrência da diversidade de disciplinas ministradas pelos cursos sob essas diferentes influências de ensino sendo adotadas, a Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários (Febab), fundada em 26 de julho de 1959, propõe ao Conselho Federal de Educação que normatize os currículos mínimos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil (Santos, 1998). Por fim, ocorreu a resolução da problemática, em 16 de novembro do mesmo ano, com a publicação do Parecer nº 326/62, em que se consolida a promoção de dez matérias basilares no período letivo de três anos.

Maria da Conceição Sousa e o labor bibliotecário cearense

O estado do Ceará detém um histórico discreto de contribuições à prática bibliotecária no seu primeiro momento, sendo possível relevar este fato a partir do surgimento da Bibliotheca Provincial do Ceará, hoje Biblioteca Pública Estadual do Ceará. Sendo a mais antiga biblioteca do território cearense, sua origem, segundo Edson Moura (1963), iniciou-se no ano de 1848, com a primeira tentativa documentada em constituir uma instituição deste gênero na então província do Brasil monárquico, governado pelo imperador Dom Pedro II. Contudo, apenas no dia 25 de março de 1867 seria inaugurada a Bibliotheca, ficando a título de biblio-

tecário público o servidor José de Barcelos da Silva Sobrinho, natural de Baturité, que permaneceu no cargo até 1869 (Studart, 1913, p. 98). A princípio, o local do seu funcionamento é estabelecido na praça Marquês de Herval, onde permaneceria até o ano de 1873. Desse ponto, muitos endereços sediaram a Biblioteca Pública durante as décadas seguintes.

No século XX, este cenário modesto sofreria alterações em decorrência do levante de uma personalidade ímpar, formatando o que seria o capítulo inicial da história da Biblioteconomia no Ceará: Maria da Conceição Sousa, ou, simplesmente, Conceição de Sousa.



Foto 3 – Maria da Conceição Sousa, c. 1984

Fonte: Instituto do Ceará.

Sua história começa em 21 de setembro de 1911, na capital cearense, Fortaleza, sendo filha do oficial da polícia Cândido Procópio de Sousa e da professora Maria Luísa da Silva. Coursou o

primário e diplomou-se também como professora pela Escola Normal, em 11 de fevereiro de 1933, tendo ocupado diversas funções no Departamento de Educação do Estado (posteriormente Secretaria de Educação) e se dedicado ao ensino até 1939 (Montenegro, 1991).

Em 1945, a convite de Antônio Martins Filho (1904-2002), Conceição viajou ao Rio de Janeiro na missão de ingressar no curso de Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional (Macedo, 1962). A motivação desse pedido é incerta, sendo provável que o futuro reitor da Universidade do Ceará tivesse o interesse de que a bibliotecária recém-formada pudesse exercer profissionalmente seus conhecimentos na instituição, como haveria de fazer, mas apenas no final da década de 50 (UFC, 1959). Enquanto isso não ocorreu, Conceição de Sousa retorna à terra natal e inicia seus trabalhos na biblioteca do Instituto do Ceará.

Nessa época, Conceição conhece os intelectuais cearenses que frequentavam a casa do Barão de Studart, e contribui, particularmente, com o professor Dolor Barreira, durante a escrita de sua obra mais importante: *História da Literatura Cearense, em cinco tomos*¹³. Seu trabalho consistiu na realização de pesquisas em arquivos e periódicos nos acervos públicos e particulares, a fim de que fosse apresentada e analisada nos tomos da publicação histórica.

A biblioteca do Instituto tornou-se organizada durante sua presença, devendo à “pioneira dos arquivos”, como era Conceição designada pelo sócio da Casa Sobreira Filho.

Fundação da Universidade do Ceará

Em 1953, foi emitido pelo Conselho Nacional de Educação o Parecer nº 263, favorável à criação da Universidade do Ceará (UC),

¹³ O quinto tomo é inédito, tendo sido sua publicação planejada, mas interrompida em decorrência do falecimento de Dolor Barreira, em 1967.

como resultado de aproximadamente uma década de mobilizações realizadas por intelectuais e estudantes cearenses, capitaneada pela figura de Antônio Martins Filho e sendo eleito como primeiro reitor (Martins Filho, 1997).

No ano seguinte, em 1954, o então presidente da República, Café Filho, sancionou a Lei nº 2.373, marcando definitivamente a certeza de que o estado do Ceará receberia uma universidade.

Esse cenário levantou a garantia para que houvesse o aprimoramento do ensino superior na região, sendo ainda possível apresentar novas escolas de formação a uma nova geração de profissionais interessados em trabalhar nos campos de atuação emergentes no país, como no caso da classe bibliotecária.

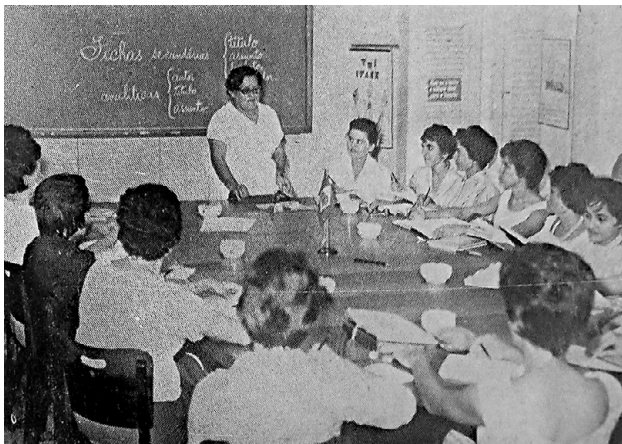
Essa realidade levaria exatos dez anos para ser concretizada. Sob a gestão de Martins Filho, o reitorado demonstra interesse pela formação de profissionais bibliotecários, assim como no desenvolvimento das bibliotecas na instituição. O futuro seria promissor.

Precedentes históricos do Curso de Biblioteconomia no Ceará

A participação da bibliotecária Conceição de Sousa entre os processos antecedentes à constituição do curso de Biblioteconomia pela Universidade do Ceará demonstra sua profunda relevância, mediante uma série de eventos que destacamos na presente pesquisa.

Com a consolidação do ensino superior cearense pela UC, Conceição de Sousa é acolhida pela instituição, no ano de 1959, como a primeira diretora da Biblioteca Central, destacando-se pelo seu trabalho na implantação e uso das linguagens documentárias e fichas catalográficas. Tendo sido nomeada pela Portaria nº 268, de 31 de julho de 1959, a gerência de Conceição perduraria até o ano de 1969 (UFC, 1959).

Foto 4 – Maria da Conceição Sousa, ao fundo, no curso de Introdução à Biblioteconomia, 1961



Fonte: Boletim da UFC.

Outra ocasião importante fez parte das festividades da Semana da Biblioteca, em 1961, promovido na Biblioteca Central da universidade, tendo sido realizada uma exposição e um curso de Iniciação à Biblioteconomia, sendo este último lecionado por Conceição de Sousa (UFC, 1961).

Em 1963, foi realizado o IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, entre os dias 7 e 14 de julho, sediado na Universidade do Ceará. O evento trouxe a participação de personalidades da Biblioteconomia no Brasil, como Edson Nery da Fonseca e Lydia de Queiroz Sambaquy, fundadora e primeira presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (UFC, 1963). Paralelo aos eventos do congresso, outro acontecimento importante destaca-se entre os antecedentes, que é a fundação da Associação de Bibliotecários Cearenses (ABC), sendo este o trabalho de Conceição de Sousa como sócia e fundadora, a 16 de julho de 1954 (Girão; Sousa, 1987). A Associação, que mantém suas ati-

vidades até hoje, detém um importante histórico de apoio à classe bibliotecária cearense.

Resultante dessa série de acontecimentos enunciados, houve, por fim, o interesse de constituir o curso de Biblioteconomia na Universidade do Ceará. No mês de fevereiro de 1964, através da deliberação do Conselho Universitário, foi instituído que este funcionaria na Biblioteca Central com a duração de três anos, a partir de 1965 (UFC, 1964). Sendo estruturado nos moldes da Escola de Biblioteconomia e Documentação, no Rio de Janeiro, o curso da UC tem por justificativa inicial servir como uma ajuda na diminuição de despesas pelo envio de bolsistas ao Sudeste, a fim de se especializarem na área.

Considerações finais

A pesquisa para este trabalho denota um importante histórico de consolidação da Biblioteconomia cearense através dos esforços de seus profissionais. Para além do trabalho destacável de Conceição de Sousa, citamos também outras mulheres, como Cleide Ancilon de Alencar Pereira, Aracy Fiuza Costa, Maria Hilzanir Cals de Abreu, Maria Herbene Barbosa Lima Maia, Almerly Cordeiro Lima, Lilian Pimentel Gomes, entre muitas outras que trabalharam para construir a base sólida que sustentaria gerações de bibliotecários formados pelo curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará.

Referências

GIRÃO, R.; SOUSA, M. da C. *Dicionário da literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE. *Centro Histórico e Cultural Mackenzie*. Disponível em: <https://memoria.mackenzie.br/instituto-presbiteriano-mackenzie/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LOUREIRO, M. L. de N. M.; LOUREIRO, J. M. M. *Documento e musealização: entretecendo conceitos*. MIDAS [Online], v. 1, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/78>. Acesso em: 8 dez. 2024.

MACEDO, N. D. de. Formação integral do Bibliotecário-Documentalista brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 1963, Ceará. Anais [...]. Ceará, Universidade do Ceará, 1963.

MARTINS FILHO, A. *História abreviada da UFC*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

MESA que presidiu a solenidade da inauguração do curso de Biblioteconomia, na Biblioteca Nacional, em 10 de abril de 1915. Rio de Janeiro, [s.n.], 1915. 1 Foto, gelatina, pb, 11,3 x 15,7. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon275217/icon275217.jpg. Acesso em: 2 jul. 2024.

MONTENEGRO, P. P. Discurso de posse. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano 105, p. 247-258, 1991.

MOURA, E. Subsídios para a história da Biblioteca Pública do Ceará. Notas e transcrições. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 77, ano 77, p. 329-332, 1963.

RUSSO, L. G. M. *A biblioteconomia brasileira: 1915-1965*. Rio de Janeiro: INL, 1966. 357p. (Coleção B2 – Biblioteconomia).

SANTOS, J. P. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 3, n. 6, p. 35-47, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/17>. Acesso em: 2 jul. 2024.

STUDART, G. B. de. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense: Joaquim – Otto*. Fortaleza: Typo-Lithographia a Vapor, 1913. v. 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Boletim da UFC*, n. 18. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Boletim da UFC*, n. 29. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Boletim da UFC*, n. 43. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Boletim da UFC*, n. 43. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1964.

WEITZEL, S. da R. Desenvolvimento de coleções do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-221, 2010.

Competências essenciais para atuação bibliotecária: o caso da Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Lalib)

Cristiane Alves Silva

Bibliotecária. Mestranda em Biblioteconomia.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1727456932813756>

Weslayne Nunes de Sales

Bibliotecária. Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior.
Doutora em Ciência da Informação.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8104023610419070>

Vitor Carvalho Rodrigues

Graduando em Biblioteconomia.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1943451083419587>

Introdução

Na literatura científica, é possível encontrar uma classificação das bibliotecas que considera as variáveis: função, acervo e público-alvo. Nessa perspectiva, as bibliotecas são categorizadas em tipos distintos, incluindo bibliotecas nacionais (sejam fixas ou ambulantes), públicas, escolares, universitárias (acadêmicas ou científicas) e especializadas (Lubisco, 2020).

Para o Conselho Federal de Biblioteconomia (2021), a função da biblioteca universitária é “atender a comunidade universitária em estudos e pesquisas, tanto a alunos como professores”.

A Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib), do Departamento de Ciências da Informação (DCinf) da Universidade Federal do Ceará (UFC), pode ser categorizada como uma biblioteca universitária, pois tem o objetivo de atender aos alunos do curso de Biblioteconomia tanto em suas necessidades informacionais quanto na possibilidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula.

Compreende-se que, apesar de algumas bibliotecas receberem a mesma classificação, elas abrigam distinções entre si, sendo necessário que o profissional bibliotecário desenvolva diferentes habilidades, a fim de atender às especificidades de cada biblioteca.

Neste capítulo, faz-se uma apresentação das competências que a literatura científica considera fundamentais para a atuação do bibliotecário e discute-se quais delas são mais desejáveis aos profissionais que atuam em bibliotecas similares à Biblioteca-Laboratório.

Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bonfim Andrade (Labib)

A Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bonfim Andrade foi idealizada no ano de 2007 e inaugurada no ano de 2010, tendo como objetivo fornecer um espaço de estágio para os discentes, além de atender à comunidade do Benfica por meio de eventos culturais, sociais e acesso à leitura.

Surge também com a proposta de ser um espaço laboratorial, abrangendo todas as atividades provenientes do fazer profissional, buscando a excelência dos alunos do Curso de Biblioteconomia.

Inicialmente, recebeu o nome “Prof. Antônio Martins Filho” como uma forma de homenagear o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC) (Cavalcante; Costa; Souza; Teixeira, 2019).

Após alguns anos, o Departamento de Ciências da Informação necessitava de um prédio novo; a infraestrutura existente não contemplava todas as demandas advindas das atividades diversas oriundas do ensino, pesquisa e extensão. Havia também o crescente desejo dos docentes de que fosse implementada uma nova modalidade de gestão no curso de Biblioteconomia, um modelo mais inovador que trouxesse mais dinamismo ao curso e que, entre outras coisas, aprofundasse o uso da biblioteca-laboratório através de ações concentradas em seu espaço (Cavalcante; Costa; Souza; Teixeira, 2019).

A importância da biblioteca justifica-se, entre outros fatores, pela oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula. Isso proporciona uma vivência real no ambiente profissional, preparando os alunos para os desafios que enfrentarão em suas carreiras.

Destaca-se ainda que a biblioteca possibilita o desenvolvimento de habilidades técnicas, uma vez que a interação direta com as operações cotidianas proporciona aos estudantes a oportuni-

dade de aprimorar competências fundamentais, tais como catalogação, classificação, indexação, gestão de coleções e uso de sistemas de automação. Essa imersão prática fortalece a base técnica dos alunos, preparando-os de maneira efetiva para os desafios encontrados na prática profissional da Biblioteconomia (Sales, 2004).

Além disso, o ambiente favorece a interação com usuários reais, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de atendimento ao público, referência e aprimoramento da comunicação interpessoal. Há ainda a possibilidade de realizar pesquisas, experimentar novas abordagens e contribuir para o desenvolvimento da Labib, bem como inovar no campo da Biblioteconomia. Essa experiência prática estimula o pensamento crítico e a busca por soluções criativas (Fernandes, 2023).

A Biblioteca-Laboratório, Labib, foi idealizada para ser um espaço informativo e agregador alinhado à todas as atividades do Curso de Biblioteconomia da UFC, atuando ativamente nos eventos, compromissos culturais e oferecendo suporte pedagógico.

Para isso a Labib trabalha sob duas frentes: como biblioteca e como laboratório.

Como biblioteca

A Biblioteca-Laboratório Labib esteve fechada, durante muitos anos, não servindo a esse propósito inicial. Embora sua formação não seja recente, por questões diversas não recebeu a atenção e o tratamento devido. Por se tratar de um projeto de extensão, a Biblioteca-Laboratório não está vinculada ao SiBi-Sistema de Bibliotecas da UFC, pois, ainda que este atue como colaborador, a Labib adota normas e regulamentos próprios. O acervo é, atualmente, formado apenas por doações, abrangendo assuntos diversos que vão desde temas específicos como Biblioteconomia, Ciência da Informação, até Literatura, Administração, História, Psicologia, Sociologia etc. Essas obras passarão

ainda por processamento técnico e pretende-se que, em breve, o acesso fique disponível ao público-alvo, ou seja, aos alunos do curso de Biblioteconomia.

O acervo tem aproximadamente 1.417 exemplares entre livros, periódicos etc. Dentre estes, destacamos duas coleções especiais, que estão recebendo particular atenção:

- Coleção Bibliotecária Maria Conceição de Sousa: temos um especial apreço por esta coleção, pois se trata da coleção particular de livros e manuscritos da fundadora do curso de Biblioteconomia na UFC, a bibliotecária e bibliófila Maria da Conceição de Sousa.
- Coleção Jornalista José Caminha Alencar Araripe: nome em homenagem ao fundador do curso de Comunicação Social da UFC, pai da bibliotecária e professora Fátima Alencar Araripe.

Como laboratório

O enfoque principal da Biblioteca-Laboratório Labib é fornecer suporte pedagógico, a fim de apoiar os estudantes a desenvolverem todas as habilidades de que necessitarão ao longo de seu fazer profissional. Dessa forma, busca-se a integração com o plano pedagógico do curso, utilizando a Biblioteca como laboratório de práticas, capacitando os alunos nos diversos processos, desde planejamento e gestão, à catalogação, indexação, desenvolvimento do acervo, entre outros.

A Biblioteca-Laboratório também pode servir como um ponto de interação entre os estudantes e profissionais bibliotecários estabelecidos. Essa interação proporciona *networking*, mentoria e *insights* valiosos sobre a realidade da profissão. Destaca-se também a oportunidade de desenvolver resiliência, habilidades de resolução de problemas e uma compreensão mais profunda dos aspectos práticos da profissão.

Além disso, a biblioteca pode ser um ambiente propício para discutir e aplicar princípios éticos da Biblioteconomia, na prática, o que auxilia os estudantes a compreenderem a importância da ética profissional e sua aplicação em situações cotidianas.

Competências essenciais para atuação bibliotecária

Para o ser humano, é fundamental, desde a infância, ter habilidades para processar e gerir a informação. O termo “competência” está relacionado à capacidade de resolver tarefas assertivamente, sejam elas simples ou complexas, e, para atingir tais objetivos, o indivíduo deve ter conhecimentos ou experiências prévias. Alguns conhecimentos são natos, outros podem ser adquiridos, ou seja, habilidades podem ser desenvolvidas informalmente na troca de experiências entre colegas bibliotecários ou na interação entre bibliotecários e usuários, e ainda habilidades podem ser desenvolvidas por meio do ensino formal (Coelho, 2011).

Em um cenário de constantes mudanças sociais, marcado pelos avanços dos meios de informação e comunicação, exige-se do bibliotecário uma formação e atuação cada vez mais crítica e reflexiva. Isso significa ir além de suas funções ligadas à biblioteca tradicional, repensando sua atuação e participação na sociedade (Miranda; Alcará, 2019).

É desejável que o profissional bibliotecário desenvolva algumas competências e habilidades que permitam a melhor execução de suas atividades profissionais, destacando-se, entre elas, a gestão de coleções, habilidade tecnológica, atendimento ao usuário, competências interpessoais, colaboração interdisciplinar, gestão da informação e busca por atualização contínua.

Competências relacionadas à gestão de coleções justificam-se, entre outras razões, porque o bibliotecário deve conseguir

identificar fontes de qualidade e manter a atualização constante da coleção. Por sua vez, a utilização e o gerenciamento de sistemas de informação e tecnologias relacionadas, como sistemas de automação de bibliotecas, bases de dados digitais e recursos on-line, exigem do profissional bibliotecário habilidades tecnológicas (Ribeiro; Ferreira, 2018).

A *expertise* com atendimento ao usuário e competências interpessoais são importantes por contribuírem para o trabalho colaborativo e eficaz em equipe, além de ser uma importante característica ao lidar com situações de conflito que auxiliam na resolução de problemas de maneira construtiva (Santos, 2023).

No que diz respeito à colaboração interdisciplinar, é sabido que a interação eficaz com profissionais de outras áreas é fundamental. Colaborando com especialistas do setor, pesquisadores e outros profissionais, o bibliotecário contribuirá para o desenvolvimento de iniciativas conjuntas, promovendo o intercâmbio de conhecimento (Benkendorf; Momm; Silva, 2018).

A competência em gestão da informação é fundamental para o bibliotecário, pois é o cerne de sua atuação profissional. Essa competência abrange várias habilidades e conhecimentos essenciais, como organização de informações, catalogação, classificação, recuperação da informação, gestão de base de dados e sistemas de informação, gestão de projetos de informação e outros.

Destaca-se, ainda, que é fundamental que o bibliotecário atue de forma ética na gestão da informação, respeitando a privacidade dos usuários, garantindo o acesso igualitário à informação e respeitando os direitos autorais (Vitorino; Piantola, 2020).

Ressalta-se que essas competências não são estáticas, mas sim habilidades em constante evolução, que podem ser aprimoradas por meio da interação com os pares e os próprios usuários das bibliotecas, além da busca por atualização profissional. O bibliotecário, ao desenvolver essas competências, contribui não apenas para o desenvolvimento da área, mas também para a dis-

seminação do conhecimento e a promoção da competência informacional na sociedade.

Cabe destacar que, dependendo do tipo de biblioteca na qual se trabalha, pode ser necessário desenvolver outras habilidades além das que foram comentadas aqui. Nesse sentido, destaca-se, a seguir, as competências pedagógicas que podem favorecer a atuação do bibliotecário que desempenha atividades em bibliotecas semelhantes à Labib.

Competências essenciais para atuação na Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib)

A experiência profissional mostra que trabalhar no Labib exige que o bibliotecário transcenda seu papel profissional tradicional, adentrando no cenário dinâmico educacional.

Evidentemente, habilidades pedagógicas tornam-se uma ferramenta de grande relevância para os bibliotecários inseridos neste contexto, em que necessitam não apenas desenvolver um trabalho técnico, mas também lidar com a complexidade do ambiente educacional, exigindo, portanto, habilidades pedagógicas sólidas, capazes de engajar alunos, estimular a curiosidade e promover o desenvolvimento intelectual. Destaca-se, nesse tópico, algumas competências pedagógicas que se mostram imprescindíveis para atuação em bibliotecas-laboratórios.

É desejável que o bibliotecário compreenda os variados estilos de aprendizagem presentes em seu público. “Todos os indivíduos possuem um estilo próprio para aprender fatos novos. E a grande diversidade desses estilos de aprendizagem exige instrumentos pontuais para identificá-los” (Schmitt; Domingues, 2016, p. 362).

A adaptação de abordagens de ensino que respeitem as diferentes formas como os alunos assimilam informações é essen-

cial para garantir uma educação inclusiva e eficaz. Portanto, destaca-se a compreensão dos estilos de aprendizagem como uma característica pedagógica importante para o bibliotecário que atua em bibliotecas-laboratórios semelhantes à Labib.

A capacidade de facilitação do diálogo e do debate também são características pedagógicas importantes, pois o debate é essencial para a construção ativa do conhecimento.

[...] a educação não implica apenas um serviço a ser prestado e nem uma mercadoria qualquer a ser vendida, mas um direito humano inalienável, inseparável da natureza biopsicossocial do ser humano e, portanto, não redutível a aspectos burocráticos e tecnocráticos. Assim, quanto maior o número de educadores ou de pessoas implicadas e capacidades e em condições de discutir as questões curriculares, melhor será para todos nós, no sentido de promover os diálogos e as transformações educacionais necessárias (Moraes, 2010, p. 2).

O trecho menciona a necessidade de que os profissionais se envolvam nas discussões educacionais. Compreende-se que, ao desenvolver habilidade de facilitação do diálogo e do debate, o bibliotecário se torna capaz de conduzir discussões construtivas, promovendo a troca de ideias e a reflexão crítica entre os alunos. Nesse sentido, o bibliotecário deve criar um ambiente propício para a discussão de questões educacionais, facilitando o acesso a diferentes perspectivas e promovendo a reflexão crítica.

A *expertise* em realizar avaliações formativas e dar feedbacks construtivos também é algo muito importante, pois ao empregar avaliações formativas, o bibliotecário pode auxiliar no desenvolvimento dos estudantes, identificando áreas de aprimoramento e contribuindo para a promoção de um aprendizado mais efetivo.

[...] o feedback potencializa nos estudantes maior conscientização dos seus pontos fortes, assim como a identificação

dos seus pontos mais fracos, podendo orientá-los para a realização de ações que diminuam as suas dificuldades e os aproximem dos objetivos a serem alcançados, contribuindo para o desenvolvimento de competências e o aumento da motivação e da autoconfiança (Alves, 2019, p. 188).

Assim, a habilidade do bibliotecário em realizar avaliações formativas e dar um feedback construtivo não apenas complementa seu papel como facilitador do diálogo e do debate, como também pode fortalecer sua contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes, tornando-se uma competência essencial em sua atuação profissional, especialmente quando inserido em uma biblioteca como a Labib.

Deve-se considerar ainda que, em um cenário educacional cada vez mais tecnológico, é desejável que o bibliotecário desenvolva habilidades para integrar ferramentas digitais e recursos on-line em suas práticas pedagógicas. A familiaridade e a capacidade de explorar inovações tecnológicas ampliam as possibilidades de engajamento e a interação no ambiente de aprendizado (Coelho, 2008).

Por fim, destaca-se a empatia como uma característica fundamental no exercício de atividades pedagógicas que precisam ser desenvolvidas dentro de uma biblioteca-laboratório. O bibliotecário deve compreender as necessidades individuais dos alunos, demonstrando sensibilidade para criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor.

Valdrich e Cândido (2018) comentam que novos estudos de comportamentos de usuários, também conhecidos como abordagem da percepção do usuário, representam uma mudança significativa na forma como os estudos de comportamento dos usuários são conduzidos e se caracterizam por considerar o usuário como um ser construtivo e ativo, orientado situacionalmente, cujas experiências devem ser visualizadas holisticamente. Além disso, essa abordagem foca nos aspectos cognitivos envol-

vidos, analisando sistematicamente a individualidade das pessoas e aplicando uma orientação qualitativa mais acentuada.

Nessa perspectiva, o usuário é visto como o componente central dos sistemas de informação, tornando fundamental o conhecimento preciso sobre suas necessidades de busca e uso da informação. A comunicação direta com o usuário é considerada essencial como uma forma de compreender suas necessidades de informação, o grau de empenho no acesso à informação e a definição do uso desta pelo próprio usuário (Valdrich; Cândido, 2018).

Essa abordagem posiciona a informação como algo produzido pelo ser humano, reconhecendo o usuário como um agente ativo na construção do conhecimento. Ela visa compreender como os indivíduos percebem as informações, investigando dimensões passíveis de consciência e identificando como a informação é utilizada (Valdrich; Cândido, 2018).

Compreende-se que a empatia é fundamental para aplicar essa abordagem de maneira eficaz. Ao se colocar no lugar do usuário, o bibliotecário pode desenvolver uma compreensão mais profunda de suas necessidades, experiências e perspectivas, possibilitando a adaptação de seus serviços e recursos para atender melhor às demandas dos usuários e promover um ambiente de acolhimento e respeito. Ao adotar uma abordagem empática, o bibliotecário demonstra sensibilidade às necessidades e preocupações dos usuários, promovendo, assim, um ambiente de confiança e colaboração.

Ao cultivar habilidades pedagógicas, o bibliotecário não apenas cumpre seu papel tradicional de mediador da informação, mas também pode se tornar um agente ativo na promoção do aprendizado significativo. Com uma abordagem pedagógica sólida, esses profissionais podem contribuir para a formação de indivíduos críticos, capazes de explorar e aplicar o conhecimento de maneira autônoma e reflexiva.

Desafios e possibilidades para atuação na Labib

Considerando os 60 anos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e a temática abordada neste artigo, é necessário refletir sobre os desafios enfrentados pelo bibliotecário que atua na Labib, especialmente no que diz respeito às competências pedagógicas.

O curso de Biblioteconomia é ofertado na modalidade bacharelado e, pelas próprias características de uma formação superior, nessa modalidade se destaca a pouca ênfase dada à formação pedagógica. Tal característica pode representar um desafio para os bibliotecários, considerando, principalmente, a importância crescente da educação em informação e da competência informacional.

Destaca-se também que, enquanto a formação em bacharelado geralmente enfatiza aspectos teóricos e práticos da Biblioteconomia, a atuação pedagógica requer habilidades específicas de planejamento, execução e avaliação de atividades de ensino.

Encoraja-se que tais desafios sejam superados buscando constantemente atualização e adaptação às demandas do ambiente educacional. É desejável que o bibliotecário esteja preparado para utilizar metodologias de ensino inovadoras, que estimulem o interesse e a participação dos alunos. Além disso, é fundamental desenvolver habilidades de comunicação eficazes, a fim de transmitir o conhecimento de forma clara e acessível.

O curso de Biblioteconomia da UFC possui carga horária de 3.200 horas distribuídas em oito grandes áreas:

- a) Fundamentação teórica da biblioteconomia e da ciência da informação;
- b) Organização e representação do conhecimento;
- c) Recursos e serviços de informação;

- d) Gestão de unidades de informação;
- e) Tecnologias da informação;
- f) Pesquisa;
- g) Estágio; e
- h) Unidade curricular especial de extensão.

Esses componentes curriculares se subdividem em cerca de 68 disciplinas, entre obrigatórias e optativas, em que boa parte é voltada para aspectos técnicos da prática biblioteconômica (UFC, 2020). Considerando essa realidade, é recomendável que estudantes e profissionais que desejam uma formação mais voltada para aspectos pedagógicos busquem estudos complementares, como cursar disciplinas em outros cursos ou em programas de pós-graduação.

É importante ressaltar que não se trata de complementar o curso de Biblioteconomia, pois não é um curso incompleto, mas, sim, buscar conhecimentos além do tradicional, especialmente para aqueles que têm interesse em uma formação mais focada no ensino.

É importante ressaltar que a formação complementar em educação pode incluir disciplinas ou cursos que abordam metodologias de ensino, psicologia da aprendizagem, tecnologias educacionais e gestão educacional. Esses conhecimentos podem capacitar o bibliotecário a desenvolver estratégias pedagógicas inovadoras e eficazes, alinhadas às necessidades e às características dos alunos.

Além disso, a formação complementar em educação pode proporcionar ao bibliotecário uma visão mais ampla e crítica sobre o papel da educação na sociedade, contribuindo para sua atuação como agente transformador e promotor do acesso à informação e ao conhecimento.

Outro desafio é a integração da prática pedagógica com as demais atividades da Labib. O bibliotecário precisa conciliar suas

responsabilidades de ensino com a gestão do acervo, a organização de eventos e outras demandas da biblioteca-laboratório. Para isso, é essencial ter habilidades de gestão do tempo e organização.

Também é desejável que o bibliotecário se mantenha atualizado com as tendências e metodologias educacionais, a fim de proporcionar uma experiência de aprendizagem de qualidade aos estudantes.

A parceria entre o corpo docente de Biblioteconomia e o bibliotecário da Labib também se mostra fundamental para o enriquecimento do ensino e aprendizagem na área. O corpo docente, por sua formação acadêmica e experiência profissional, traz um conhecimento teórico aprofundado e atualizado sobre a Biblioteconomia, enquanto o profissional bibliotecário, com sua atuação prática no campo, oferece uma perspectiva real e aplicada das teorias e conceitos estudados em sala de aula.

Essa parceria possibilita uma integração entre teoria e prática, proporcionando aos estudantes uma visão mais completa e contextualizada da profissão. O bibliotecário da Labib pode contribuir para o planejamento e o desenvolvimento de atividades práticas, como visitas técnicas, estágios supervisionados e projetos de extensão, que complementam o aprendizado teórico dos alunos.

A colaboração entre o corpo docente e o bibliotecário da Labib pode resultar em uma maior integração entre a pesquisa acadêmica e as demandas do mercado de trabalho, favorecendo a produção de conhecimento relevante e aplicável à prática biblioteconômica. O estímulo à inovação e ao desenvolvimento de novas abordagens e metodologias de ensino também pode ser um ganho, considerando a parceria entre os bibliotecários – exercendo suas funções técnicas – e docentes da área de Biblioteconomia.

Para superar esses desafios, é importante que o bibliotecário busque formação complementar em Educação, participando de cursos, workshops e demais eventos na área. Além disso, é fundamental que haja apoio institucional para a capacitação e o de-

envolvimento profissional do bibliotecário que atua na Labib, garantindo, assim, uma atuação mais eficaz e qualificada no campo da educação em Biblioteconomia.

Considerações finais

Diante da análise realizada, fica claro que a atuação do bibliotecário na Biblioteca-Laboratório Ivone Bastos Bomfim Andrade (Labib), da Universidade Federal do Ceará (UFC), demanda não apenas competências técnicas, mas também habilidades pedagógicas.

Como espaço laboratorial, a Labib proporciona aos alunos do curso de Biblioteconomia uma vivência prática no ambiente profissional, exigindo do bibliotecário o desenvolvimento de competências específicas para atender às demandas desse contexto.

A formação de bacharelado em Biblioteconomia, embora essencial, pode representar um desafio para o bibliotecário que precisa exercer atividades pedagógicas, pois essa formação não costuma abranger esses aspectos. Diante disso, torna-se fundamental que o bibliotecário busque formação complementar em educação, participando de cursos, workshops e demais eventos na área, além de explorar estudos complementares, como cursar disciplinas em outros cursos ou em programas de pós-graduação.

A parceria entre o corpo docente de Biblioteconomia e o bibliotecário da Labib também se mostra crucial, pois permite a integração entre teoria e prática, proporcionando aos estudantes uma visão mais completa e contextualizada da profissão. Essa parceria também pode resultar em uma maior integração entre a pesquisa acadêmica e as demandas do mercado de trabalho, favorecendo a produção de conhecimento relevante e aplicável à prática biblioteconômica.

Para superar os desafios enfrentados na Labib, é essencial que o bibliotecário desenvolva habilidades de gestão do tempo e

de organização, mantenha-se atualizado com as tendências e metodologias educacionais e cultive a empatia, demonstrando sensibilidade para criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor.

Ao desenvolver essas competências, o bibliotecário não apenas cumpre seu papel tradicional de facilitador do acesso à informação, como também se torna um agente ativo na promoção do aprendizado significativo, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

Referências

ALVES, M. P. Avaliação no Ensino Superior: o feedback para promover as aprendizagens. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AVALIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR, 9., 2019, Braga. Anais [...].* Braga: Universidade do Minho, 2019. p. 187-195.

BENKENDORF, S. K. J.; MOMM, C. F.; SILVA, F. C. G. da. *Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Indaial: UNIASSELVI, 2018. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=35640>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CAVALCANTE, L. E.; COSTA, M. de F. O.; SOUZA, O. de; TEIXEIRA, I. Diretrizes da Biblioteca-Laboratório – Labib. *In: Regulamentos e diretrizes de uso dos laboratórios*. Disponível em: <https://dcinf.ufc.br/pt/laboratorios/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

COELHO, M. M. *Competência informacional no ambiente de trabalho: percepção do bibliotecário e órgão público*. 2008. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

COELHO, M. M. *Competência informacional no ambiente de trabalho: percepção do bibliotecário de órgão público*.

Information literacy in the workplace: perception of the public librarian. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 170-196, mar. 2011. DOI: 10.18617/liinc.v7i1.408. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3294>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. *Tipos de Bibliotecas*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://cfb.org.br/tipos-de-biblioteca/>. Acesso em: 26 dez. 2024.

FERNANDES, J. C. P. *A atuação bibliotecária e o uso das mídias sociais: uma análise das habilidades, desafios e perspectivas*. 2023. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/72599/3/2023_dis_jcpfernandes.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

GALEANO FLÓREZ, M. C. La biblioteca de la escuela interamericana de bibliotecología: 37 años de servicio. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 45-64, 2017. DOI: 10.17533/udea.rib.329800. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/RIB/article/view/329800>. Acesso em: 8 fev. 2024.

LUBISCO, N. M. L. *Tipologia de bibliotecas segundo as variáveis: função, acervo e público*. Salvador: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23819/5/Tipologia%20N%c3%addia.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MIRANDA, A. M. M.; ALCARÁ, A. R. A competência em informação nos currículos de Biblioteconomia do sul do Brasil. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 24, n. 55, p. 1-23, 2019. DOI: 10.5007/1518-2924.2019.e58479. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019.e58479>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MORAES, M. C. Complexidade e currículo: por uma nova relação. *Polis Revista Latinoamericana*, [s. l.], v. 25, p. 1-21, 2010.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/573>.
Acesso em: 9 fev. 2024.

RIBEIRO, A. C. M.; FERREIRA, P. C. G. (org.). *Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade*. Brasília: Ipea, 2018. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8298/3/Bibliotecario_do_seculo_XXI_pensando.pdf.
Acesso em: 17 jan. 2024.

SALES, F. *A participação do bibliotecário no despertar do senso crítico do aluno: uma investigação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis*. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87370/205686.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SANTOS, V. R. P. dos. *Competências necessárias ao profissional de biblioteconomia para atuar como gestor da informação e do conhecimento*. 2023. 178 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Informática e Gestão do Conhecimento) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2023. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/3244>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SCHMITT, C. da S.; DOMINGUES, M. J. C. de S. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 361-385, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/CgyjHL3TRXbgwRdWphLbcks/?format=pdf>. Acesso em: 4 fev. 2024.

VALDRICH, T.; CÂNDIDO, A. C. Mapa de empatia como proposta de instrumento em estudos de usuários: aplicação realizada na Biblioteca Pública de Santa Catarina. *Revista ACB*, v. 23, n. 1, p. 107-124, 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1420>. Acesso em: 9 dez. 2024.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. *Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação*. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212553/E-book%20Compet%c3%aancia%20em%20informa%c3%a7%c3%a3o%2031ago20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*. Fortaleza, 2020. Disponível em: https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657457. Acesso em: 20 fev. 2024.

Biblioteconomia social: relato de experiência de voluntariado

Francisca Liliana Martins de Sousa

Mestrado em Ciência da Informação – Universidade Federal do Ceará. Bibliotecária da Universidade Federal do Ceará.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1822750297865516>

Maria Giovanna Guedes Farias

Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Federal da Bahia.
Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383299470190507>

Maria Josélia de Oliveira

Graduação em Biblioteconomia – Universidade Federal do Ceará.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2768444204179642>

Introdução

Apresentamos relato de experiência de uma atividade no escopo da disciplina Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação, ministrada no sétimo semestre do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trata-se de um voluntariado, o qual foi realizado visando colocar em prática as competências dos discentes do curso em prol da sociedade, ou seja, com foco na Biblioteconomia social e integrativa, que abrange os preceitos universais de permitir a produção, a preservação, a circulação e o acesso à informação de qualidade para todos os públicos, sejam eles considerados usuários ou não.

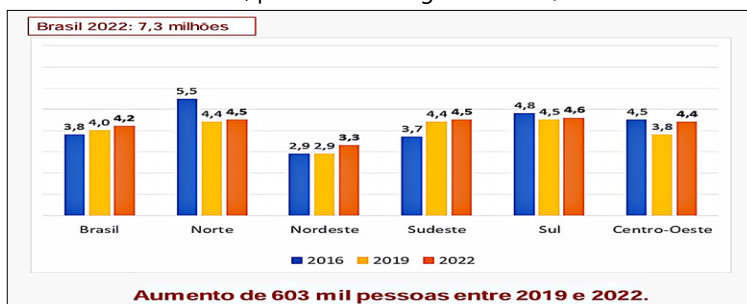
No atual cenário mundial, com diversas problemáticas envolvendo pandemias e guerras, ações voluntárias têm crescido e se mostrado como fundamental na nossa sociedade. Conforme Calderón *et al.* (2011), o voluntariado se constitui em uma ação que favorece o desenvolvimento do ser humano, podendo contribuir para melhorar a autoestima de quem a realiza, assim como de quem recebe, e ainda promover impacto em aspectos cognitivos de quem se envolve com essa atividade.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, publicada em 2022 pela Diretoria de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é considerado trabalho voluntário atuar em/com: congregação religiosa, sindicato, condomínio, partido político, escola, hospital, asilo; associação de moradores, associação esportiva, ONG, grupo de apoio ou outra organização; moradores de uma comunidade ou localidade (limpando, dando aulas, participando de mutirão, organi-

zando festas ou eventos); conservação do meio ambiente ou de proteção de animais; pessoas que não eram parentes e não moravam no domicílio, realizando tarefas domésticas ou de cuidados; pessoas que não eram parentes e não moravam no domicílio, realizando serviços profissionais (eletricista, advogado, professor etc.)

Conforme observamos nos dados da pesquisa do IBGE, houve aumento de pessoas que fizeram voluntariado entre 2019 e 2022, com destaque para a Região Norte, bem como para as mulheres, pois são elas que mais desempenham o voluntariado, principalmente na faixa etária a partir dos 50 anos de idade (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1 – Taxa de realização de trabalho voluntário das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por Grandes Regiões – 2016/2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2016/2022.

Gráfico 2 – Taxa de realização de voluntariado segundo características selecionadas (%): sexo e idade



Fonte IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2016/2022.

No que concerne ao grau de instrução, a pesquisa do IBGE aponta que, quem mais realiza voluntariado, é quem tem o ensino superior completo. Os locais mais procurados para a realização do voluntariado foram: escolas, asilos, hospitais, congregações religiosas, sindicatos, partidos políticos e condomínios, conforme gráficos a seguir.

Gráfico 3 – Taxa de realização de voluntariado segundo características selecionadas: nível de instrução



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2016/2022.

Gráfico 4 – Taxa de realização de voluntariado segundo o local do trabalho: local - 2019/2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2016/2022.

A mesma pesquisa revelou que, de 2019 a 2022, ocorreu um significativo aumento no percentual de trabalho voluntário realizado individualmente.

Conforme observado nos gráficos, houve o aumento do trabalho voluntário, que pode ter diversas motivações. Segundo Nicoloso *et al.* (2022), quem pratica o voluntariado o faz porque acredita que esse trabalho transforma a sociedade, ou para ter satisfação pessoal com o que se está realizando, motivando-se, ainda, pelo desejo de ser útil, de se sentir bem, de ser reconhecido, de pertencer a um grupo, de desenvolver competências, de ter a possibilidade de mostrar em uma entrevista de trabalho que faz algo diferenciado.

Nesse relato, focamo-nos em uma biblioteconomia social, voltada para as pessoas, bem como para as ações e processos que as favoreçam, que não romantize o trabalho do bibliotecário, saltando do livro para a ação.

Diante das complexas relações sociais que se entrelaçam num fluxo contínuo de convergência e divergência imprevisíveis entre si, cidadãos formados somente com competências técnicas já não atendem às expectativas de mercado e, no caso do bibliotecário, é fundamental o desenvolvimento de competências comportamentais, considerando as demandas sociais que se apresentam como futuro próximo.

No decorrer da vida acadêmica, somos instigados constantemente à reflexão crítica sobre a sociedade na qual estamos inseridos e sobre o profissional que almejamos ser. Cientes de que a razão maior da profissão não é o acervo, mas as pessoas, e ratificando as palavras de Knapik (2012), é preciso ter flexibilidade e maturidade para o relacionamento com grupos e ideias divergentes e complexas, próprias das relações humanas.

Atrelar teorias às vivências práticas foi a principal justificativa para essa atividade, além da ânsia de transpor os muros acadêmicos e assumir o papel de agente transformador numa socie-

dade interligada pela sinergia entre os atores de um mesmo filme “a vida como ela é”, no caso específico, entre atrizes que atuam em cenários diferentes, num mesmo tempo, mas com necessidades similares de ouvir e de se sentirem ouvidas, partilharem e compartilhar experiências de vida, sonhos e possibilidades.

Dessa forma, com o desejo de aplicar teorias de alteridade e sororidade, três estudantes de Biblioteconomia vislumbraram a possibilidade de desenvolver seus papéis sociais e aprendizado, em uma ação cultural junto a mulheres lactantes e gestantes em privação de liberdade no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa.

Como defende Tortorette (2010), “avaliar problemas e enxergar maneiras de colaborar, pensando apenas em amenizar uma situação, sem esperar ser remunerado, são tão importantes nas ações sociais quanto nas organizações”. Assim, podemos considerar que a contribuição é mútua, tendo em vista que, além dos benefícios mensuráveis e imediatos, há o enriquecimento da carreira que está em formação.

Relato de experiência do voluntariado

A primeira ação durante a atividade de voluntariado no escopo da disciplina Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação foi definir o público-alvo para, então, dar prosseguimento ao planejamento necessário. Em meio a conversas e possibilidades apresentadas, surgiu a ideia de realizar a ação com as gestantes e lactantes em privação de liberdade no Instituto Penal. A motivação para a escolha desse público surgiu do interesse de uma discente da disciplina em realizar pesquisa no local e por ser um ambiente pouco vislumbrado pela Biblioteconomia em suas ações.

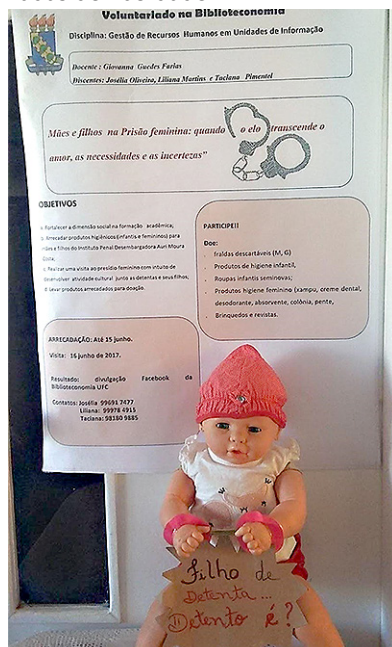
Iniciamos um primeiro contato com a responsável por coordenar os projetos desenvolvidos na unidade prisional em 2017, em que obtivemos algumas informações preliminares sobre o

local e constatamos que seria necessário enviar um ofício para formalização do voluntariado. Passamos a discutir quais atividades poderiam ser mediadas no local, considerando as suas especificidades e como seria realizada a divulgação, pois a intenção era levar produtos de higiene pessoal para as crianças e para as mães. Além disso, no decorrer do planejamento, definimos que seria interessante promover, por meio desse voluntariado, um dia diferente da realidade cotidiana dessas pessoas, com um lanche e a realização de uma dinâmica, considerando os aspectos do local e a condição física das mulheres, visto que elas estariam cuidando dos bebês ou estavam grávidas.

Quanto à arrecadação dos produtos de higiene, elaboramos um cartaz que foi fixado na cantina do curso de Comunicação, com o auxílio de uma boneca simbolizando os(as) filhos(as) das mulheres privadas de liberdade, visto que foi considerado um lugar estratégico para a divulgação. Realizamos também o compartilhamento nas redes sociais, além da divulgação oral no curso de Biblioteconomia e com amigos e familiares (Foto 1).

O voluntariado foi agendado e iniciou-se o momento de organizar os itens arrecadados. Como na unidade prisional, o quantitativo de grávidas ou lactantes pode variar de um dia para o outro, devido à entrada ou saída das mulheres do local. Foi-nos informado de que seriam doze pessoas no total.

Foto 1 – Boneca simbolizando os(as) filhos(as) das mulheres privadas de liberdade



Fonte: Líliana Martins, 2017.

Na organização dos itens recebidos, foram realizadas a divisão e distribuição de kits de higiene pessoal. Devido ao ambiente, todo material foi colocado em sacos plásticos transparentes. Além dos itens de higiene pessoal, foram doadas roupas infantis, peças íntimas para as mulheres e alguns brinquedos.

Ao chegar ao local, seguindo os protocolos, todo o material doado foi vistoriado, desde os itens doados ao lanche, que também haviam sido acondicionados em embalagem transparente.

Foto 2 – Materiais arrecadados para distribuição



Fonte: Líliliana Martins, 2017.

Após a vistoria dos itens, nós, as integrantes do voluntariado, também fomos submetidas à revista eletrônica, realizada por uma agente penitenciária, e, posteriormente, fomos conduzidas ao local da ação. Apresentamo-nos e fomos recepcionadas de forma positiva pelas mulheres, que nos mostraram o ambiente e contaram um pouco do cotidiano no local.

Usamos um pátio para organizar as atividades, distribuir os kits e fazer o lanche. No momento da atividade, para o qual le-

vamos recortes de revistas com diversas imagens, em que cada uma devia escolher uma imagem e explicar o que levou a tal escolha, sentimos um receio por parte das participantes, tendo sido necessário que uma integrante do voluntariado pudesse dar o primeiro passo, incentivando, assim, a participação das mulheres na dinâmica.

Foto 3 – Momento de partilha



Fonte: Líliliana Martins (2017).

Foi um momento de partilha enriquecedor, em que foi possível uma maior integração entre as participantes. Percebemos que, mesmo estando no mesmo ambiente, muitas não costumam contar suas vivências para as outras, nem mesmo o local onde residiam antes de adentrar a unidade prisional. É como se cada uma se fechasse em seu próprio mundo.

Nessa atividade, entendemos o quanto uma ação como essa pode contribuir para amenizar o processo vivenciado por essas pessoas, fazendo com que se sintam parte da sociedade, pois a

falta do convívio com quem não está privado de liberdade provoca um sentimento de abandono. Gestantes e lactantes demonstraram o quanto gostam quando alguém desenvolve alguma atividade no local, mesmo que seja apenas para uma conversa.

Por meio de atividades como essa, a Biblioteconomia possibilita ampliar os horizontes de sua atuação, desvendando-se para uma realidade muitas vezes negligenciada tanto pelo poder público como pela sociedade civil. Além disso, quebrar paradigmas é uma forma de contribuir, tanto para as possibilidades de ação de novos discentes, quanto para aproximar potenciais usuários do universo da leitura, instigando a vontade e a viabilidade de ocupar a mente com outros projetos dentro de ambiente tão limitado de horizontes.

Caminho percorrido após o voluntariado

A experiência vivenciada com as gestantes e lactantes em privação de liberdade foi um primeiro passo para a realização de pesquisa na unidade prisional. Um ano depois da atividade, Liliana Martins, uma das integrantes do voluntariado, estava de volta ao local; só que agora na ala maior do presídio feminino para desenvolver sua pesquisa de conclusão de curso.

Foram três visitas ao espaço, com aplicação da técnica de pesquisa sociopoética para obtenção de dados sobre a percepção do grupo selecionado, a fim de participar da pesquisa sobre a leitura e a biblioteca prisional. O voluntariado propiciou um conhecimento mais aprofundado sobre as especificidades do local, o que facilitou a atuação para a pesquisa de monografia intitulada “Biblioteca Prisional no Instituto Penal Auri Moura Costa: cenário e possibilidades”. O trabalho recebeu duas honrarias: o prêmio Aracy Fiuza, do Curso de Biblioteconomia, e a premiação como melhor trabalho de conclusão de curso nacional pela Associação de Bibliotecários e Cientistas da Informação (Abecin).

Após a graduação, Liliana Martins deu prosseguimento à pesquisa no mestrado em Ciência da Informação. A ideia era retornar ao mesmo local do voluntariado e construir com/para as mulheres gestantes e lactantes ações de mediação da informação. No entanto, com a pandemia, o projeto teve que ser alterado, visto que a coleta de dados não era possível de ser realizada, diante das restrições de acesso ao local e, principalmente, por se tratar de um público ainda mais vulnerável à covid.

Em meio à impossibilidade de realizar a coleta de dados, a pesquisa foi modificada quanto aos participantes. Mudou-se a rota, mas a abordagem da temática foi mantida, com a análise das ações mediadas por bibliotecários para pessoas em privação de liberdade em diversas regiões do Brasil.

O voluntariado proporcionou à pesquisadora Liliana ainda mais vontade de desenvolver ações voltadas para as pessoas em privação de liberdade. Por isso, ela atua como membro da Comissão Brasileira de Bibliotecas Prisionais (CBBP) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (Febab). Durante a pandemia, houve a entrega de kits de higiene pessoal e álcool em gel para as gestantes e lactantes do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, por meio do programa emergencial de fomento, lançado pela Febab e executado pelos integrantes da CBBP.

Conclusão

O voluntariado na disciplina Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação, do curso de Biblioteconomia, assim como qualquer outra atividade voluntária, propicia sempre um intenso aprendizado, desde o planejamento até a sua execução, e exige que coloquemos em prática conhecimentos teóricos obtidos no decorrer da graduação. Desse modo,

é possível concluir que esse tipo de experiência promove um crescimento pessoal e profissional.

Compreendemos que, no âmbito da Biblioteconomia, o voluntariado possibilita a realização de ações em ambientes – que muitas vezes podem ser relegadas pelos profissionais da área – e evidencia que é possível desenvolver ações em prol da inclusão nos mais variados espaços.

Pelos relatos das gestantes e lactantes em privação de liberdade percebemos como esse tipo de atividade faz falta para elas e como gostariam que fosse algo constante naquele ambiente, pois possibilita um contato com a sociedade externa para além das visitas de familiares. Concluimos que o voluntariado promove benefícios tanto para quem recebe como para quem realiza, o que evidencia a relevância de que esse tipo de ação esteja integrado às atividades das disciplinas nos currículos dos cursos de graduação.

Referências

CALDERÓN, P. A. L.; RODRIGUES, D. J.; GOMES, E. de A.; ANDRADE, G. da S.; SILVEIRA, L. dos S. A importância do voluntariado para exercitar a responsabilidade social nas empresas. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8., 2011, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: AEDB, 2011. p. 1-16.

DUDZIAK, E. A. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 88-98, 2007. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396>. Acesso em: 5 mar. 2024.

KNAPIK, J. *Gestão de pessoas e talentos*. 3. ed. Curitiba: Ibpex Dialógica, 2012. E-book. Disponível em: <https://anyflip.com/cmyx/pmly>. Acesso em: 29 fev. 2024.

NICOLOSO, T.; SANTOS, L. G. dos; ROSA, A. C. da; SOUZA, V. B. de. Voluntariado: a percepção das pessoas que doam seu tempo em prol da coletividade. *NAU Social*, [s. l.], v. 13, n. 25, p. 1112-1128, out. 2022. DOI: 10.9771/ns.v13i25.47201. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/47201>. Acesso em: 5 mar. 2024.

TORTORETTE, M. A força do voluntariado no mercado de trabalho. *Blogandeiro*, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://blogandeiro.wordpress.com/2010/07/11/a-forca-do-voluntariado-no-mercado-de-trabalho-maiara-tortorette/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

Biblioteca-Laboratório (Labib): teoria e prática na formação de bibliotecários – integrando a Biblioteconomia à extensão universitária

Lívia Tavares de Souza

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da Universidade
Federal do Ceará (DCINF/UFC).

Lates: <http://lattes.cnpq.br/9354265781756886>

Luis Allan Silvestre de Oliveira

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da Universidade
Federal do Ceará (DCINF/UFC).

Lates: <http://lattes.cnpq.br/911343071654641>

Francilania Lima de Sousa

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da Universidade
Federal do Ceará (DCINF/UFC).

Lates: <http://lattes.cnpq.br/0077003765892806>

Pedro Ivo Vieira Mota

Discente do curso de bacharel em Biblioteconomia do
Departamento de Ciências da Informação da Universidade
Federal do Ceará (DCINF/UFC).

Lates: <http://lattes.cnpq.br/4945248116809069>

Introdução

A extensão visa não apenas oferecer serviços e conhecimentos à comunidade, mas também proporcionar benefícios definidos e incompreensíveis para ambas as partes. Isso pode incluir o acesso a recursos acadêmicos, serviços de saúde, educação continuada, entre outros, para a comunidade, enquanto os estudantes e professores universitários podem ganhar experiência prática, ampliar sua percepção da realidade social e contribuir para a solução de problemas locais. Segundo Rodrigues (2013, p. 142), “A extensão universitária possui papel importante no que se diz respeito às contribuições que pode trazer frente à sociedade [...]”.

A importância da extensão universitária na sociedade e para a universidade é ressaltada pelo seu papel essencial ao oferecer contribuições significativas para a comunidade. Por meio de projetos e programas, a universidade pode impactar positivamente a sociedade, abordando questões sociais, promovendo o acesso ao conhecimento e colaborando para o desenvolvimento local. A extensão universitária é uma ferramenta importante para conectar a academia com as necessidades e demandas da sociedade.

Nas bibliotecas-laboratório, os alunos podem aprender realizando e colocando em prática o que aprendem em sala de aula. Com isso, os alunos têm a oportunidade de trabalhar em projetos reais, lidar com os desafios do dia a dia da biblioteca e testar diversas abordagens metodológicas. Esses lugares ajudam os estudantes a conectarem teoria e prática, preparando-os para o mercado de trabalho, enquanto estimulam a criatividade e a inovação.

Na Biblioteconomia, a extensão universitária é algo importante e bastante incentivado pelos docentes do curso, visto como um meio de formação integral dos estudantes, indo além da mera transmissão de conhecimento técnico e acadêmico.

Segundo o Manual de Regulamentação da Curricularização da Extensão no Curso de Biblioteconomia (UFC, 2023):

Como se vê, a Extensão Universitária possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes [...].

A extensão não apenas proporciona aos estudantes a oportunidade de aplicar na prática o que aprendem em sala de aula, mas também de engajá-los em atividades que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A universidade e o curso de Biblioteconomia não devem apenas se preocupar com a capacitação técnica dos alunos, mas também com o desenvolvimento de valores éticos, responsabilidade social e consciência crítica. É através da extensão que os estudantes têm a oportunidade de se envolverem em projetos que abordam questões sociais relevantes.

Na Universidade Federal do Ceará, a Coordenação em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão, é encarregada de organizar e gerir as atividades de extensão promovidas pela instituição, segundo Viana *et al.* (2023, p. 28):

Em meio a esses desafios, no ano de 2017, a UFC lançou a Resolução nº 28/Cepe dispondo sobre a curricularização da extensão nos cursos de graduação da UFC. O documento estabelece as modalidades de curricularização (como parte de componente curricular, em ações de extensão a serem creditadas em uma Unidade Curricular Especial de Extensão ou de forma combinada entre as duas modalidades).

Com isso, podemos notar a necessidade de integrar a extensão nos currículos dos cursos da Universidade Federal do Ceará. Assim, haverá uma base sólida para comprovar a relevância da extensão universitária dentro do ambiente acadêmico. A inclusão da extensão no currículo acadêmico dos cursos fortalece o compromisso da universidade com a comunidade, possibilitando a realização de projetos e atividades que atendam às necessidades locais e promovam o desenvolvimento dos alunos.

Nesse entendimento, objetivamos, com este capítulo, relatar as experiências vivenciadas pelos bolsistas da Labib, bem como as contribuições e os aprendizados do projeto para o processo formativo dos bolsistas e estudantes do curso.

A Biblioteca-Laboratório do Curso de Biblioteconomia da UFC: percurso da extensão

A extensão universitária na área da Biblioteconomia ocupa um papel fundamental na promoção do acesso à informação e na qualificação de comunidades para fazerem uso efetivo das bibliotecas e dos recursos disponíveis. Alguns pontos importantes para se destacar nos serviços que podem ser oferecidos por uma comunidade em uma biblioteca-laboratório são: promoção do acesso à informação, capacitação e treinamento, desenvolvimento de projetos comunitários, divulgação científica e cultural, e parcerias e colaborações. Esses serviços são importantes para aproximar e assim mostrar o que pode ser realizado dentro da biblioteca, e os alunos envolvidos desenvolvem as atividades com os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Com diz Cavalcante (2012):

[...] o papel do bibliotecário, relativo às práticas sociais, torna-se mais amplo e necessita ser aprimorado ainda na formação

profissional universitária, o que pode ocorrer através de ações extensionistas, que o levam a pensar e agir sobre o seu compromisso profissional com a sociedade.

Portanto, os projetos das bibliotecas-laboratório de extensão são de extrema importância para que os alunos de Biblioteconomia desenvolvam suas aptidões sociais por meio das práticas que serão realizadas dentro desses espaços. Eles se tornarão ambientes seguros de aprendizado, nos quais os alunos se sentirão seguros para colocar em prática todo o conhecimento teórico adquirido.

Para os estudantes de Biblioteconomia, a extensão vai além das atividades complementares propostas pelo Plano Pedagógico do Curso (UFC, 2020, p. 14). “[...] quanto às ações de extensão, o curso de Biblioteconomia tem atuado ativamente, apoiando ou mesmo executando projetos e/ou programas com reconhecido impacto social”, em que os conhecimentos teórico-práticos adquiridos em sala de aula são aplicados na sociedade, fazendo com que os estudantes compreendam a importância política, social e cultural de sua futura atuação profissional.

Desse modo, podemos ver a extensão como um espaço de aprendizado prático que conecta o aluno com a realidade, ampliando sua visão sobre o papel e o impacto da Biblioteconomia na comunidade e na sociedade em geral.

No Manual de Regulamentação da Curricularização da Extensão no Curso de Biblioteconomia cita a extensão como algo indispensável para os alunos:

Para o estudante de Biblioteconomia, a extensão universitária é, além das atividades complementares, o local onde, por excelência, dá-se o transbordo do conhecimento teórico-prático adquirido em sala de aula, para a sociedade, de modo que o estudante perceba a supra importância política, social e cultural da sua futura atuação profissional (UFC, 2023).

Sendo assim, pode-se ver a extensão na Biblioteconomia como algo de importância relevante para o desenvolvimento educacional e profissional dos alunos que estão envolvidos nos projetos de extensão do curso. Com isso, a forma como esses alunos podem se envolver com as ações é diversa, afetando parâmetros relacionados à comunicação, cultura, educação, tecnologia e produção.

A extensão universitária na área da Biblioteconomia desempenha um papel essencial na democratização do acesso à informação, na promoção da cultura e na capacitação de comunidades para lidar, de forma eficaz, com os recursos informacionais disponíveis.

A Biblioteca-Laboratório

Ivone Bastos Bomfim Andrade

A Biblioteca-Laboratório (Labib) teve seu início no ano de 2007 e foi inaugurada em 2010 com a construção do novo edifício para o Departamento de Ciências da Informação (DCINF). Seu propósito era servir como um espaço laboratorial para todas as atividades profissionais do curso de Biblioteconomia e para outras demandas voltadas à formação do bibliotecário. No início, foi nomeada em homenagem ao Prof. Antônio Martins Filho, o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trata-se de um Projeto de Extensão de Ensino e Aprendizagem da UFC, coordenado por professores do Departamento de Ciências da Informação da instituição e uma bibliotecária, além de contar com o auxílio de bolsistas voluntários.

Por meio de um acervo composto mediante doações de outras bibliotecas e coleções pessoais, como a de J. C. Alencar Araripe e de Conceição de Souza, bem como o foco nas práticas extensionistas, o Labib visa contribuir na formação dos bolsistas e alunos da graduação. O projeto tem por objetivo dinamizar, por meio da

gestão, tratamento e organização do acervo bibliográfico, de forma automatizada, dentro dos padrões biblioteconômicos, contribuindo com o ensino-aprendizagem dos alunos do curso de Biblioteconomia. Além disso, funciona como um ambiente de estágio obrigatório e favorece um espaço de sociabilidade cultural à comunidade do Benfica por meio de oficinas.

Apesar de suas obras ainda não estarem disponíveis para empréstimos, em virtude do processo de catalogação, a biblioteca é utilizada também como espaço onde se ministram aulas, seminários, palestras e atividades que demandam o uso de computadores, desde que haja agendamento prévio.

Visto que, em decorrência das atividades proporcionadas pelo curso, os discentes utilizam a Biblioteca-Laboratório, eles passam a conhecer o projeto de extensão e a observar as tarefas dos bolsistas em seus horários de prestação de serviços, desenvolvendo interesse pelo espaço Labib, seja em relação à sua utilidade ou à participação ativa na biblioteca.

O principal objetivo da Labib é atender às demandas das práticas dos alunos do curso de Biblioteconomia, servir como ambiente de estágio e prestar serviços à comunidade do Benfica por meio de atividades culturais e sociais, bem como facilitar o acesso à leitura e a oferta de cursos e palestras. Em um novo local no DCINF, a Biblioteca-Laboratório teve que incorporar várias atividades do ensino, pesquisa e extensão, além de se adaptar a uma nova forma de gestão.

Após a sua abertura, em 2010, a Biblioteca-Laboratório passou por algumas mudanças em seu espaço inicial, localizado no DCINF. Durante todo esse período, não houve um trabalho constante dentro desse espaço, o que fez com que ele se tornasse apenas um espaço dentro do departamento e não fosse devidamente utilizado pelos alunos do curso. O acervo do Labib é constituído principalmente de doações de bibliotecas comunitárias próximas à universidade e de professores do curso. Grande

parte do seu acervo se constitui de livros de biblioteconomia, ciência da informação, literatura brasileira, literatura estrangeira e literatura cearense.

Em anos anteriores, houve algumas ações e projetos para revitalizar e reorganizar o espaço da Labib, porém nada muito efetivo e, somente em 2023, um projeto foi implementado e bolsistas foram selecionados pela Pró-Reitoria de Extensão (PREX) para atuar na organização, revitalização e restauração do espaço da biblioteca. Foram realizadas etapas de inventário, seleção de livros para descarte, doação e restauração, mudança no layout da biblioteca, desenvolvimento de políticas de aquisição, estudo de implementação de software de gerenciamento e catalogação. Além disso, a solicitação da primeira bibliotecária para atuar exclusivamente dentro da Labib foi um passo muito importante para o desenvolvimento organizacional e a elaboração de atividades dentro do espaço.

Com as novas etapas sendo realizadas no Labib, um dos pontos importantes foi a renomeação da biblioteca para homenagear uma docente do curso de Biblioteconomia da UFC, a professora Ivone Bastos Bomfim Andrade, escolhida para ser homenageada pelo legado que deixou. Ela foi uma professora que se destacou no curso, formando-se em Biblioteconomia e Documentação, na década de 1970. Em 1985, ingressou como docente, dedicando-se, principalmente, às áreas de gestão e planejamento de unidades de informação.

Ao longo de sua carreira, a professora Ivone Bastos assumiu a coordenação do curso de Biblioteconomia em várias ocasiões, demonstrando comprometimento e liderança. Sua contribuição para o desenvolvimento da área foi significativa, influenciando positivamente alunos e colegas. Ivone encerrou seu ciclo acadêmico ao se aposentar em 2012, deixando um legado importante para a formação e a prática profissional em Biblioteconomia.

Com o andamento do projeto e o empenho dos bolsistas, o Labib se tornou um espaço de extrema importância para o desenvolvimento social e profissional dos alunos. Foi nesse espaço que os alunos colocaram em prática tudo o que aprenderam durante as aulas. O Labib serviu como local para oficinas, seminários e palestras, como sala de aula para professores do curso e como ambiente técnico, com a utilização de computadores para a realização de atividades e extensão das disciplinas.

Atividades desenvolvidas pelos bolsistas da Biblioteca-Laboratório do Curso de Biblioteconomia

Durante a pandemia da covid-19, o Labib permaneceu fechado, o que atrasou as atividades realizadas e sua abertura para empréstimo de materiais e circulação dos estudantes. As atividades extensionistas apenas voltaram a funcionar no início de 2023, com o processo de seleção, higienização e separação dos documentos para o levantamento do inventário da biblioteca, que foram as primeiras tarefas executadas pelos bolsistas sob a orientação das professoras e da bibliotecária.

O processo do inventário, denominado **Fase 1**, teve sua execução dividida em três etapas:

1. Registro: deu-se a partir da organização do acervo geral em uma planilha, contendo todas as informações necessárias para a recuperação dos títulos e a separação das coleções.
2. Descarte: necessário para que a biblioteca pudesse obter espaço para livros atuais e voltados para a área da biblioteca. O descarte foi realizado em obras que não tinham possibilidade de restauração, livros de áreas muito diver-

gentes que não atenderiam ao público-alvo da Labib e em publicações que possuíam grande quantidade de exemplares. No total, 80 caixas foram separadas para descarte.

3. Restauro: a etapa final foi realizada em parceria com o Laboratório de Preservação, Conservação e Restauração (Labpres) do curso de Biblioteconomia da UFC. Ela se constituiu na higienização do acervo, identificação de materialidade dos documentos e tratamento.

Alguns livros presentes no acervo da biblioteca estavam contaminados. Dessa forma, para realizar os procedimentos necessários, foram utilizados equipamentos de proteção individual (EPI), como luvas, máscaras e batas hospitalares, para evitar a contaminação dos bolsistas durante os trabalhos.

Após a finalização da primeira etapa, foi iniciada a **Fase 2** do projeto, cujo objetivo está pautado no processo de catalogação e indexação do acervo. Inicialmente, foi utilizado o Biblivre, software livre e gratuito de gerenciamento de bibliotecas e acervos.

Um dos critérios para participação no projeto para os bolsistas selecionados por essa fase de seleção é, obrigatoriamente, estarem cursando do 4º semestre em diante, momento em que as disciplinas de Representação Descritiva de Informação I e Representação Temática de Informação, essenciais para o processo de catalogação e indexação, são ofertadas.

A coordenação do projeto, visando à sistematização do acervo, criou um manual de catalogação para padronizar e guiar o modelo de catalogação da biblioteca no qual os bolsistas estavam encarregados de fazer a leitura técnica dos livros e realizar o cadastro deles no Biblivre, facilitando, assim, a recuperação das obras anteriormente cadastradas apenas na planilha de Excel do acervo.

Em dezembro de 2023, o Labib estudou e instalou o software Koha, que é um programa gratuito de gerenciamento de bibliotecas, em seu sistema, utilizando o MARC 21 para fazer o inter-

câmbio de softwares. Segundo Oliveira (2021), “[...] é considerada a ferramenta mais produtiva entre os softwares livres; ele atende (*sic*) a demanda de vários critérios técnicos considerados importantes. [...]”. Devido aos seus critérios técnicos, que atendem às demandas da biblioteca, foi o software escolhido para gerenciar o acervo da biblioteca.

O desenvolvimento das fichas catalográficas em um software de catalogação é um dos mais benéficos para a formação dos bolsistas, visto que proporciona a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos obtidos nas disciplinas teóricas de representação descritiva que, muitas vezes, ficam somente na teoria, assim enriquecendo sua atuação como futuro profissional da área.

O marketing da biblioteca também é uma atividade extensionista. Os bolsistas responsáveis por esse departamento ficam encarregados de administrar as redes sociais, a criação de conteúdo e a divulgação de todas as postagens referentes ao Labib. O Instagram é a rede social mais utilizada como veículo de comunicação da biblioteca com os alunos do curso, sendo utilizado para a divulgação dos projetos, eventos, oficinas e compartilhamento de informações sobre o funcionamento, o corpo de trabalho e as atividades realizadas por ela.

Apesar de as atividades serem desenvolvidas sob a coordenação do projeto, é concedida autonomia e liberdade criativa para os bolsistas. Nas reuniões de planejamento, todas as ideias e sugestões dos bolsistas, sob o ponto de vista do aluno e futuro bibliotecário, são ouvidas, respeitadas e analisadas para a tomada de decisões em conjunto.

A contribuição do projeto para os discentes

A história do livro e da biblioteca evidencia um dos maiores estereótipos enfrentados pelo curso de Biblioteconomia: a crença

de que as bibliotecas são apenas depósitos de livros e os bibliotecários guardiões das obras armazenadas. Em outras palavras, espaços pouco convidativos.

No cenário atual, embora ainda haja muito a visibilizar, as bibliotecas reconhecem o seu papel social, buscando vir de encontro com as necessidades da população através de atividades dinâmicas, inovadoras e educacionais, como é o caso da mediação de leitura, organização de eventos e de minicursos.

O vocábulo biblioteca define tanto a coleção de obras como o local em que elas estão abrigadas. As bibliotecas evoluíram com o passar do tempo, entretanto um aspecto comum a todos os tipos é a sua função de **suporte à educação e transmissão de conhecimentos** (Azevedo, 2019, p. 62, grifo nosso).

Diante dessa perspectiva, através dos serviços oferecidos, o Labib se torna um local de apoio aos estudantes do curso de Biblioteconomia, visto que:

- a) fornece um acervo especializado aos graduandos;
- b) possibilita o uso de seus computadores para realização de pesquisas e trabalhos referentes ao curso;
- c) concede o seu espaço para que os professores ministrem aulas;
- d) proporciona aos estudantes do curso uma visão prática de suas futuras funções como bibliotecários;
- e) realiza minicursos em apoio à educação continuada e formação complementar.

Antes mesmo da reabertura do projeto, em 2023, os discentes já tinham algumas aulas na biblioteca referentes à disciplina de Teoria e Prática da Leitura, devido à necessidade de práticas de oficinas de leitura, contação de histórias, biblioterapia e utilização de recursos como imagens, filmes e sons e a disciplina optativa de Técnicas de Arquivos.

Em 2023.2, os estudantes do quarto semestre tiveram acesso ao Labib por meio das disciplinas de Representação Temática da Informação e Fontes Especializadas de Informação, em que, respectivamente:

1. foram apresentados o MARC 21 e o funcionamento do processo de Indexação no Biblivre;
2. foram realizadas pesquisas nos repositórios das seguintes instituições: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Por serem conceitos fundamentais da área da biblioteconomia, a prática dessas disciplinas possibilitou uma vivência direta dos graduandos em suas áreas de atuação, especialmente no que diz respeito à organização e fontes seguras de informação.

Tratando-se de experiência individual, ou seja, sem intermédio de aulas, o contato direto com os bolsistas possibilitou uma visão prática da Representação Descritiva de Informação no Biblivre. Nesse processo, são preenchidas as áreas de descrição bibliográfica e pontos de acesso no software, diferenciando das atividades em sala de aula em que a catalogação é feita manualmente.

Durante o período de abertura, o Labib serviu como local para diversas aulas, palestras com convidados internos e externos, oficinas e como local de apoio para pesquisa, fazendo com que a biblioteca fosse essencial para os docentes e discentes do Curso de Biblioteconomia durante essa etapa.

Imagem 1 – Palestra com a bibliotecária da Biblioteca Estadual do Estado do Ceará



Fonte: Acervo do Labib (2023).

Palestra realizada pelas bibliotecárias Isabela Correia e Camila Rabelo, da Biblioteca Estadual do Ceará, na disciplina de Organização e Processos de Unidades de Informação, para a turma do 5º semestre do curso, ministrada pela professora Aurea Montenegro.

Imagem 2 – Aula de Empreendedorismo em Serviços de Informação



Fonte: Acervo do Labib (2023).

Aula da disciplina de Empreendedorismo em Serviços de Informação, ministrada pela professora Isaura Sombra, em que a utilização do espaço foi essencial para o desenvolvimento da atividade de pesquisa de mercado em base de dados.

Imagem 3 – Oficina de Biblioterapia



Fonte: Acervo do Labib (2023).

A oficina de Biblioterapia, ministrada pela professora Laiana Sousa, está para a turma do 2º semestre da disciplina de Teoria e Prática de Leitura. Neste encontro, os alunos foram introduzidos ao conceito de Biblioterapia, explorando como a leitura pode ser uma ferramenta terapêutica, discutindo técnicas e práticas para promover o bem-estar mental por meio dos livros.

Conclusão

Constata-se que o Labib desempenha papel essencial no desenvolvimento dos extensionistas na sua formação como bibliotecários de alto nível. Envolvida em uma atmosfera de interlo-

cução e cognição, é nítida a troca de experiências. A interação que ocorre entre os membros do projeto de extensão, os demais discentes, bem como os docentes, promove a ampliação da interculturalidade e das habilidades sociais tanto no âmbito interno como externo à universidade.

Com essas aptidões evidentes, o egresso possui um diferencial no seu processo formativo, além da sua bagagem intelectual adquirida nas disciplinas, o que o torna qualificado para adentrar no mercado de trabalho e participar de outras atividades acadêmicas. Dessa forma, o Labib deixa de ser apenas mais um laboratório do departamento e da universidade como um todo, e se torna uma ferramenta de mediação educativa e cultural.

Diante disso, podemos concluir que a importância do Labib no curso de Biblioteconomia da UFC, vinculado ao projeto de extensão, é de extrema relevância para o desenvolvimento profissional, social e acadêmico dos alunos. Em um ambiente seguro, eles conseguem promover e desenvolver atividades vinculadas ao curso para a comunidade e a sociedade ao redor da universidade.

Referências

AZEVEDO, A. L. de. Bibliotecas: função esperada e retrato real. *Revista ACB*, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 62-71, 2019. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1427>. Acesso em: 7 fev. 2024.

CANAFÍSTULA, L. R. P.; SOUZA, L. T. de; MOTA, P. I. V. Vivências experienciadas no Projeto de Extensão da Biblioteca-Laboratório (Labib) no curso de Biblioteconomia da UFC. *In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS*, 2023, Fortaleza. *Anais [...]*. Disponível em: <http://sysprppg.ufc.br/eu/2023/index.php/trabalhos-aceitos>. Acesso em: 6 fev. 2024.

CAVALCANTE, L. E. A importância da extensão universitária em comunidades para a formação do bibliotecário. *In: ENCUESTRO*

DE DIRECTORES Y DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 9., 8., 2012, Montevideu. *Anais [...]*. Montevideu: EUBCA, 2012.

RODRIGUES, A. L. L. *et al.* Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013.

OLIVEIRA, C. da R. *Mapeamento dos estudos sobre o Koha no Brasil*. 2021. 42 f. Monografia – Curso de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021. cap. 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). Departamento de Ciências da Informação. Edital Labib 001/2023, [s. l.], p. 1-3, abr. 2023. Disponível em: <https://dcinf.ufc.br/pt/aberta-inscricao-de-vaga-voluntaria-para-Labib/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Manual de regulamentação da curricularização da extensão no curso de Biblioteconomia*. Fortaleza: UFC, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia*. Fortaleza, 2020. Disponível em: https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657457. Acesso em: 20 fev. 2024.

VIANA, A. de O. *et al.* Curricularização da Extensão na UFC: o futuro se constrói do agora. In: DAHER, E. de F.; MÂSIH, R. T.; VIANA, A. de O.; AMORIM, A. A.; CAVALCANTE, L. C.; SILVA, C. L. da; COUTINHO, B. D.; SILVA, L. G. da (org.). *Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará em ação 2019-2023*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2023. cap 2.

A extensão universitária como agente de transformação social para além dos limites da sala de aula

Laiana Ferreira de Sousa

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1912827014287639>

Lidia Eugenia Cavalcante

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8811165871130066>

Introdução

Este capítulo convida você a mergulhar nas experiências vividas ao longo de três projetos de extensão vinculados ao curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará, a saber: “Projeto Ler para Crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias”, “Projeto Grupo Convite de Contadores de Histórias” e “Pausa Literária”. É relevante ressaltar que serão compartilhadas perspectivas valiosas das autoras, tanto na qualidade de aluna bolsista, quanto na posição de idealizadora e coordenadora dos projetos.

É válido destacar que, ao longo dessas seis décadas, o curso de Biblioteconomia tem se destacado e trilhado, por meio de ações extensionistas, um caminho marcado pelo compromisso socioeducacional com a comunidade, bem como com a formação e preparação profissional dos alunos. A implementação desses projetos não se resume a um exercício acadêmico; trata-se de uma celebração do papel ativo e humanizado que a universidade desempenha na sociedade. Afinal, a atividade extensionista constitui um dos três pilares nos quais o ensino superior brasileiro é fundamentado. Cada estratégia delineada, cada experiência compartilhada reflete não apenas a busca por conhecimento, mas também a compreensão de que a verdadeira educação é aquela que transcende os limites da sala de aula.

Nesse sentido, o capítulo explora os objetivos fundamentais dessas iniciativas, destacando a importância da implementação prática na formação acadêmica, em consonância com o propósito da extensão universitária. Além disso, serão abordados os deta-

lhes da implementação, delineando os objetivos, as estratégias, as experiências vividas, o impacto direto nas comunidades envolvidas, bem como o desenvolvimento de habilidades profissionais entre os participantes.

Inicialmente, em 2005, o “Grupo Convite” surge como pioneiro, sob a idealização da professora doutora Lidia Eugenia Cavalcante e a colaboração da professora doutora Laiana Ferreira de Sousa. Ao longo de sua jornada, o projeto teve como propósito fomentar o apreço pela literatura por meio da oralidade, estimulando a imaginação e contribuindo para a formação de leitores. As narrativas eram compartilhadas em diversos cenários, desde a universidade até escolas, centros culturais e bibliotecas.

Anos depois, em 2009, inicia-se o Projeto “Ler para Crer”, com a intenção de estabelecer ambientes propícios à leitura em comunidades carentes. Essa iniciativa concretiza-se através da implementação de bibliotecas comunitárias, promovendo, assim, o acesso democrático ao conhecimento. Dez bibliotecas foram implantadas nos municípios de Aquiraz, Itaitinga e Redenção, alargando o impacto dessas ações para além dos limites da universidade. Além disso, em 2010, o projeto recebeu o prêmio Viva Leitura, destacando-se entre 1.829 projetos inscritos em todo o país. Trata-se do maior prêmio entregue no Brasil para iniciativas de incentivo à leitura.

Mais recentemente, em 2020, o “Pausa Literária” entra em cena como uma iniciativa de extensão do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, em colaboração com o Departamento de Ciência da Informação. Por meio de uma biblioteca livre, o projeto visa facilitar o acesso à literatura e normalizar a presença de textos literários no ambiente universitário.

Ao adentrarmos nas comemorações dos 60 anos de existência do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, este capítulo convida os leitores a explorar os objetivos fun-

damentais desses projetos, conhecer as estratégias cuidadosamente delineadas, compartilhar experiências vividas e compreender o impacto direto que essas ações extensionistas exerceram sobre as comunidades envolvidas e na vida acadêmica e profissional dos participantes da execução dos projetos.

Projeto Ler para Crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias

O projeto “Ler para Crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias” foi uma iniciativa derivada do programa de extensão “Biblioteca-laboratório e Comunitária do Benfica”, vinculado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela professora Lidia Eugenia Cavalcante. Sua atuação se estendeu a municípios cearenses, promovendo a implementação de bibliotecas comunitárias, com o propósito de cultivar o gosto pela leitura e democratizar o acesso à informação.

O projeto tinha como propósito incentivar a população com a ideia fundamental de que é essencial “ler para crer”, e que, na formação de cada cidadão, bem como de um povo, a leitura é de máxima importância. Nesse sentido, seu principal objetivo era o desenvolvimento de metodologias para a implementação de bibliotecas comunitárias, o que era alcançado por meio de um movimento colaborativo e de gestão participativa dos membros nas suas comunidades, contando com o apoio da universidade e do poder público municipal (Cavalcante; Feitosa, 2011).

No decorrer desse processo, o projeto realizava oficinas, proporcionando à comunidade conhecimentos sobre o conceito e a gestão adequada de bibliotecas comunitárias, bem como estratégias para elaboração de projetos de fomento à leitura e práticas de mediação literária. Essas oficinas auxiliaram os moradores

desde a escolha do local da biblioteca comunitária, até a organização do espaço e do acervo, promovendo a participação ativa dos membros locais.

Após a implementação, os bolsistas do curso desempenhavam um papel crucial ao visitar regularmente os espaços, oferecendo orientações no processamento técnico e promovendo ações que estimulassem o gosto pela leitura, consolidando, assim, a integração efetiva entre a universidade e as comunidades envolvidas. Depois, a responsabilidade pela manutenção e atividade constante da biblioteca era transferida para a própria comunidade.

Figura 1 – Equipe do projeto atuando na higienização e representação das obras



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2024).

Vale destacar que espaços assim não apenas proporcionaram acesso facilitado à leitura e conhecimento, mas também se tornaram centros de integração social. As bibliotecas se transformaram em locais de encontro, troca de experiências e polos centrais para realização de festividades comunitárias e das secretarias

municipais. Além disso, a autonomia conferida à comunidade na gestão e manutenção das bibliotecas fortaleceu o senso de responsabilidade local e contribuiu para o desenvolvimento desses espaços até os dias atuais.

Ademais, a interação direta com os moradores durante as oficinas e o processo de implementação das bibliotecas enriqueceu a formação dos estudantes, desenvolvendo suas habilidades de comunicação, gestão de projetos e sensibilidade para as demandas sociais. Sem dúvida, essa abordagem prática e cooperativa contribuiu significativamente para a formação de profissionais mais conscientes e comprometidos com a promoção do acesso à informação e à cultura.

Projeto Grupo Convite de Contadores de Histórias

Figura 2 – Segunda formação do Grupo Convite de Contadores de Histórias



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2024).

O Projeto Grupo Convite de Contadores de Histórias foi uma iniciativa do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará, criado pela professora doutora Lidia

Eugenia Cavalcante, em 2004. O projeto visava formar contadores de histórias para atuar em prol do incentivo e da promoção da leitura em diferentes espaços socializadores dessa prática.

Durante toda a sua trajetória, o projeto buscou incentivar o gosto pela literatura de modo lúdico, estimulando a imaginação das pessoas e visando à formação de leitores, atingindo não só os participantes das ações, mas também os alunos envolvidos nas práticas.

No âmbito do projeto, os alunos tinham a oportunidade de construir seus repertórios de narrativas, ensaiar para os espetáculos, refinando a expressão facial e corporal, sob a orientação da coordenadora e vice-coordenadora do projeto. À medida que o interesse pela área crescia, eles praticavam a contação de histórias fora dos muros da universidade, ampliando ainda mais suas habilidades. Com o tempo, os integrantes do grupo aprimoravam suas competências e assumiam o papel de facilitadores, compartilhando seu conhecimento por meio da realização de oficinas.

Em uma pesquisa de mestrado que visava avaliar a influência da formação leitora de bibliotecários contadores de histórias, conduzida por uma das autoras deste capítulo, emergiu uma percepção significativa na fala dos participantes do grupo em relação à importância do Grupo Convite em sua jornada acadêmica. Um dos membros destacou que a participação no grupo não apenas proporcionou uma oportunidade de interação social, mas também promoveu uma compreensão mais ampla de seu papel como parte de uma construção simbólica.

Para essa participante, compartilhar histórias transcendeu a esfera técnica, tornando-se uma causa humanitária significativa. Nas palavras dela:

Eu acredito que, na minha formação, o que definiu esse lado mais pro lúdico e até mais humano, eu ousou dizer que foi realmente o próprio grupo; se fosse só as disciplinas técnicas eu não sei se teria ficado assim, até o final (Sousa, 2017).

Em concordância com o que foi citado, Soares (2008, p. 31) aponta que, “a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes”.

No caso de outra integrante, a oportunidade de explorar a contação de histórias e adquirir uma perspectiva diferenciada sobre sua formação foi um elemento crucial que a impediu de desistir do curso. Em suas palavras:

[...] eu lembro que eu queria desistir do curso, só que aí eu tinha conhecido o Grupo Convite e a professora Lidia fez uma seleção e aí lá fui eu, né. E, assim, eu coloco muito que o Grupo Convite me despertou para continuar no curso, porque eu estava me sentindo meio perdida (Sousa, 2017).

Essa perspectiva destaca um aspecto muitas vezes subestimado pelas universidades: o impacto socializador de ações extensionistas na vida dos estudantes, podendo ser um fator determinante para a continuidade desses jovens nos cursos. As palavras da egressa revelam como a experiência no grupo de contação de histórias enriqueceu sua formação técnica e foi fator preponderante para sua permanência no curso, evidenciando a importância das atividades extracurriculares na formação acadêmica e pessoal dos estudantes.

Acredita-se, portanto, que a universidade desempenha um papel crucial e ativo na “construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural” (Santos, 2004, p. 73). Isso muitas vezes representa uma maneira de compreender de forma mais clara o papel e a responsabilidade social no contexto da sociedade, conforme observamos no relato de uma ex-integrante do grupo:

[...] na verdade, para ser bem sincera, eu só consegui me identificar de verdade no curso depois que iniciei a atividade de

mediação de leitura através da contação de histórias; até então, eu não tinha me encontrado verdadeiramente dentro do curso. Isso aconteceu logo no primeiro semestre, quando meu interesse pela contação de histórias despertou. A partir desse momento, tudo começou a fazer sentido estar dentro do curso (Sousa, 2017).

Os relatos e as reflexões provenientes desta pesquisa destacam a relevância de incluir ações socializadoras da leitura nos cursos de Biblioteconomia. A participação ativa em projetos de extensão, como o Grupo Convite de Contadores de Histórias, revelou-se fundamental para a formação dos estudantes, proporcionando habilidades técnicas, mas, principalmente, despertando um entendimento mais profundo sobre o papel social do bibliotecário.

Projeto Pausa Literária

O projeto “Pausa Literária” é uma iniciativa de extensão do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, em parceria com o Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. O projeto funciona como uma biblioteca livre, facilitando o acesso aos livros de literatura e naturalizando a presença de textos literários no ambiente universitário.

Figura 3 – Carrinho do Pausa Literária



Fonte: Foto tirada pelas autoras para esta pesquisa (2024).

O “Pausa”, como carinhosamente é chamado, emerge como resultado de uma dissertação de mestrado em Ciência da Informação, concluída em 2018, na Universidade Federal do Ceará. Os achados da pesquisa revelaram que, embora a leitura sirva como fundamento para o conhecimento científico e as práticas acadêmicas, ela não é fomentada no âmbito do prazer nos espaços acadêmicos.

O estudo evidenciou um distanciamento gradual entre o leitor e a leitura, especialmente a literária, desde o ingresso no ensino superior. Conforme apontado por Colomer (2007), observa-se uma perspectiva demasiadamente técnica da leitura na sociedade, e as demandas intensas do cotidiano acadêmico contribuem para a superficialidade das leituras.

[...] Pode-se constatar que na sociedade predomina uma função profissionalizante da leitura; por exemplo, nos estudos universitários a bibliografia de cada matéria é já tão ampla que os alunos – e seus professores – praticam uma leitura rápida de capítulos, artigos, fragmentos e sínteses divulgadoras, mais do que uma leitura reflexiva de livros complexos e de obras que constituem as fontes primeiras da disciplina.

Diante desse cenário, surgiu a iniciativa extensionista do “Pausa Literária”, visando aprimorar a formação leitora e promover o prazer de ler na academia. A implementação de um “carrinho de livros”, seguindo o modelo de “biblioteca livre”, direcionou seus esforços para incentivar a leitura literária entre os alunos do curso de Biblioteconomia da UFC.

Durante o contexto pandêmico, embora o objetivo do projeto tenha permanecido o mesmo – incentivar a prática da leitura literária – houve uma ampliação do escopo ao incorporar a mediação de leitura nas redes sociais. Essa inclusão implica a redefinição das estratégias para alcançar o leitor (ou potencial leitor),

considerando que os ambientes virtuais apresentam características distintas da atuação típica de um projeto estabelecido de maneira física.

Acredita-se que a instauração de uma biblioteca livre nos ambientes acadêmicos é uma maneira eficaz de ampliar o acesso aos livros, proporcionando aos alunos uma maior imersão nas práticas de leitura para além de sua perspectiva científica e acadêmica. Além disso, a iniciativa visa fomentar a autonomia leitora, um aspecto crucial para a continuidade das práticas de leitura no âmbito frutivo.

Conclusão

Ao refletir sobre essas experiências, torna-se evidente que a integração efetiva entre a academia e a comunidade não apenas amplia horizontes educacionais, mas também fomenta uma consciência ativa e participativa no processo de construção de um futuro mais inclusivo e informado. Assim, esses três projetos, cada qual com sua trajetória única, convergem na missão comum de promover a leitura, democratizar o acesso ao conhecimento, desenvolver competências e enriquecer as comunidades envolvidas.

As experiências vividas nos projetos demonstraram que a participação em projetos de extensão enriquece a formação acadêmica, pois permite uma imersão prática na aplicação do conhecimento visto em sala de aula, além de proporcionar ganhos imensuráveis à comunidade atendida.

Por fim, este artigo, inserido no contexto das celebrações pelos 60 anos do curso de Biblioteconomia, não apenas relata experiências, mas também enfatiza o papel da extensão universitária como mediadora entre a teoria acadêmica e a prática profissional, enriquecendo a formação dos estudantes e promovendo contribuições significativas para as comunidades atendidas. Espera-se que a inspiração colhida nestas páginas se traduza em

novas energias e abordagens para projetos futuros, consolidando a compreensão de que a leitura é, sem dúvida, uma ferramenta transformadora em todos os aspectos da vida e da educação.

Referências

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 121-130, mar. 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3292/2908>. Acesso em: 23 jul. 2024.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

SOUSA, L. F. de. *Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias*. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12417/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: SANTOS, M. A. P. S. dos (org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

Curso de Biblioteconomia da UFC – memória pessoal

Maria de Fátima Oliveira Costa

Doutora em Ciência da Informação (Unesp).
Professora do Departamento de Ciências da Informação da
Universidade Federal do Ceará (UFC).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7584115523461248>

Neste momento de celebração, em que o Curso de Biblioteconomia completa 60 anos de sua criação, ocorrida em fevereiro de 1964, revisitamos e revivemos sua importante memória. O curso foi instalado em junho de 1965, tendo sido reconhecido em 1972.

Assim, empreendemos como que uma viagem para que possamos apresentar, neste volume de trabalhos ilustrados, o percurso realizado, com o fito de destacar o que ficou mais presente, o que nos chamou mais a atenção, o que nos tocou como estudante, bibliotecária e docente, enfim, como partícipe e amante da profissão e dessa história que abraçamos.

Iniciemos até mesmo antes de ingressar na Universidade Federal do Ceará (UFC), para contar uma pequena história, na ocasião do meu vestibular para ingresso no Curso de Biblioteconomia da UFC.

Por acaso, coincidência ou providência, fato é que, ao entrar na sala, para fazer a primeira prova vestibular, me deparei com a docente de nome Aracy Fiuza Costa que, naquela oportunidade, estava fiscalizando exatamente a sala em que me encontrava. Isso foi apenas o começo, pois, aprovada no citado certame, com muita vaidade, fiquei classificada em terceiro lugar e com a maior nota em matemática, e destaco isso, porquanto, inicialmente, estava propensa a fazer o curso de Economia. Quando, porém, e antes de tomar decisão definitiva quanto à escolha do curso, me encontrei com uma pessoa amiga – Liana Ferreira Lima (acredito ser este o seu sobrenome original), que me falou assim: “Amiga, estou fazendo Biblioteconomia e só me lembrei de você... é a sua cara, você vai gostar!” ... fiquei a meditar sobre tal possibilidade e, conseqüentemente, abracei a nova ideia por completo.

E, prosseguindo, ao ingressar como aluna do curso, a primeira professora da primeira disciplina que cursei foi a já citada professora Aracy; inicialmente, tomei um susto em revê-la como um excelente prenúncio, pois logo comecei a apreciar a sua capacidade, a firmeza, a eloquência, a criatividade, a altivez e, particularmente, o modo como ministrava a disciplina Classificação, hoje conhecida como Linguagem Documentária, atualmente no currículo de Biblioteconomia.

Reafirmo que cada vez mais apreciava os modos daquela docente e percebi também seu prestígio, sua força, além da posição que sempre assumia em momentos determinantes de decisão perante a universidade, pois, na época, ela era coordenadora do curso, aumentando a credibilidade dele.

Falar da professora Aracy é lembrar de inúmeros instantes em que precisei de seu apoio, por exemplo, das dúvidas em alguma disciplina, os estágios, as experiências; até no momento de formatura ela sempre tinha um olhar positivo de demonstração e confiança na minha pessoa e na profissão.

Imagina a segunda professora que conheci: a Profa. Cleide Ancilon de Alencar Pereira, muito rigorosa, sábia, crítica, de extrema seriedade; em sala de aula, não permitia nem um olhar para os lados; sua disciplina era Catalogação, eminentemente técnica, também me comunicava bem com ela e com suas sábias lições!

A terceira professora ensinava a disciplina Organização e Administração de Bibliotecas, a respeitável professora Fernandina Fernandes Lino; e que amor de pessoa, extremamente dedicada, delicada, carinhosa, dócil, de muita sabedoria, escondia muito saber por trás de sua simplicidade, e logo tivemos excelente convivência; apoiava-me em todas as minhas inquietações e me ajudou bastante, além do seu exemplo de inestimável incentivo às bibliotecas escolares e infantis. Chamava-me de Fatimazinha, a única pessoa que me tratava assim. Ainda hoje guardo e a tenho com muita atenção e carinho. Além do respeito

como uma das fundadoras do Curso, outrossim, como professora e hoje como colega e amiga.

A minha primeira candidatura à coordenação do curso, aliás, foi motivada pelo forte incentivo da referida professora Fernandina, em dizer que eu já havia completado cinco anos de magistério e que então teria eu plenas condições de assumir a coordenação do Curso. Ali foi logo me mostrando as atribuições e a função de coordenação, orientando-me na leitura do regimento e estatuto da UFC.

Outra docente por quem tenho muito apreço é a professora Maria Antonieta Figueiredo Bezerra, que lecionou a disciplina de Documentação, uma fortaleza de pessoa e de caráter; muito rigorosa, e havia muita empatia entre nós; ainda hoje tenho uma admiração, gratidão e muito respeito, porquanto sempre acreditou no meu desempenho e responsabilidade, quando me indicou para vários trabalhos, tanto de estágio, como ao cargo de bibliotecária, inclusive na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, e me incentivou posteriormente a ingressar na UFC como professora. Ser-lhe-ei grata a vida inteira sempre. Obrigada, Nieta, assim me permita no modo que ainda a trato até hoje.

Evidentemente, tive vários professores e professoras que passo a citar: Almey Cordeiro Lima, Lilian Gomes Pimentel, Vânia Farias, Pedro Alberto de Oliveria e Silva, Maria Herbene Barbosa Lima Maia, além de outros.

Ainda, enquanto estudante, fiz estágio curricular, concursada pelo Banco do Nordeste (BNB), no período de dois anos, juntamente com colegas de sala, tais como Ismênia Pinto Vilar de Queiroz e Maria Ligia Vidal Fontenele, pessoas amigas do meu coração.

Outro registro relevante, na passagem pelo BNB, foi a bibliotecária Heloísa Gondim de Oliveira e Silva, pessoa maravilhosa, com quem, de fato, aprendi muito mesmo, pois me dava oportunidades mil, além de confiar muito no meu trabalho. Após a for-

matura, me indicava para muitos empregos, com recomendações extremamente positivas; foi para mim outra fada madrinha.

Indago a mim mesma como ilustrar os inúmeros trabalhos realizados até optar, com exclusividade, pela docência, com a exigência de dedicação exclusiva à UFC, o que foi uma difícil decisão, pois o amor às bibliotecas e, em especial, à Biblioteca Pública do Estado do Ceará, e à profissão com desempenho em múltiplos ambientes, sempre foi muito forte.

A exemplo, fui responsável pela implantação do Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado do Ceará, trabalho difícil em que percorri todos os então 141 municípios cearenses, implantando ou incentivando a criação de bibliotecas públicas municipais, embora o ensino para a formação profissional falasse mais alto, razão da opção em que me encontro até hoje.

Vejo a docência como a maior e melhor escolha que fiz, sendo na UFC responsável pela formação profissional de centenas de alunos, alguns hoje atuais colegas, e com eles participando da construção de conteúdo das disciplinas.

As lembranças são muitas! O curso de Biblioteconomia sempre foi minha preferência de trabalho e, claro, a justificativa de mais de 40 anos de UFC, enriquecidos das recordações e dos melhores momentos da profissão bibliotecária; professora, e agora rememorando a plêiade de alunos que passaram pelas disciplinas que ministrei e por estas que ainda ministro.

Apenas para ilustrar com o jeito peculiar de ser de alguns alunos, quando passo do horário de aula pela minha empolgação, ou por outro motivo, em não querer deixar de concluir o pensamento que se relacionava com a temática estudada naquele dia, confirmo este julgamento mediante o respeito, o carinho e a atenção dos discentes.

E me estendo pelo elã, ultrapassando o tempo que era de outro professor. E agora mesmo lembrei de quando a professora Cleide tinha aula após a minha, ela ficava parada na porta espe-

rando que eu sáísse e, quando a via, que vexame! Difícil cronometrar o tempo, pois tinha de sair da sala às 15:40 e nem sempre acontecia; aliás, o que me ocorreu muitas vezes era ultrapassar o tempo por motivação pelo mister que abracei!

Os alunos não reclamavam, e eu até me admirava da aceitação deles. Em alguns momentos perdiam até o intervalo. Até que eu gostaria que me lembrassem do horário para terminar a aula, mas enfaticamente tal lapso sempre foi pura empolgação genuína!

Lembrando agora das diferentes classes e turmas e da personalidade de muitos alunos, daqueles que foram meus bolsistas de extensão, de pesquisa, de monitoria, de participação em grupos de pesquisa, de outros projetos, enfim, expressei meu carinho e apreço. Sintam-se contemplados com as lembranças maravilhosas desse convívio todos os que passaram por mim nesses momentos de convivências e estudos.

A UFC nos proporciona grandes oportunidades de crescimento profissional para que possamos atuar como docente, na extensão, além do ensino, pesquisa e gestão. A qualificação alcançada por meio de seleção se deu com o doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp,) e, após alguns anos, o pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). E sempre trazendo resultados de pesquisa para nossos alunos e para o curso.

Quando coordenadora do curso, pude enfrentar um dos primeiros desafios de gestão na implantação do novo currículo, sendo feito o projeto inicial na gestão da professora Fernandina, que me antecedeu na coordenação. Logo aconteceu a primeira e significativa mudança curricular, após 20 anos sem alteração, pelo que realizamos um seminário de avaliação do curso, ocorrido em dois dias fora do ambiente da UFC, momento no qual todos os professores participaram com propostas, sugestões e encaminhamentos para o enfrentamento do novo Projeto Pedagógico do Curso, quando continuaram as discussões nesse período frutífero, sendo muito proveitoso para a atualização do

currículo, em que foram promovidos contínuos debates inclusive em nível nacional.

Consultando a coletânea dos 40 anos do CH, citamos:

Ainda em 1985, foi realizado um seminário de Avaliação Curricular no Ceará, quando se deu início também, em caráter nacional, a mobilização para as mudanças que se seguiram, oportunidade esta que gerou vários encontros, quando apresentamos trabalhos sobre a temática, o que foi bastante apreciado por todos os participantes comprometidos com a ideia (Costa, 2011, p. 46).

Esclarecemos que, até meados de 2001, os cursos de Biblioteconomia e de Comunicação Social funcionavam no mesmo departamento, o qual se designava Comunicação Social e Biblioteconomia. A partir dessa data, aconteceu a criação do Departamento de Ciências da Informação, após discussões de interesse de ambos os cursos, encabeçadas por minha pessoa, no que tange à Biblioteconomia, e pelo professor Ricardo Jorge, da Comunicação Social, em que decidimos pela separação dos cursos. Considero um marco importante, pois deu mais autonomia e prestígio às partes desmembradas.

Considero um marco relevante para a Biblioteconomia e acredito também para a Comunicação, pois as tecnologias da informação e da comunicação influenciaram fortemente cada curso, inclusive para sua independência e modernização.

Vale informar e lembrar que foi gerado um projeto de Análise Crítica do Ensino da Biblioteconomia na UFC, coordenado por mim e com a participação efetiva da saudosa professora Ivone Bastos Bomfim Andrade, que nos deixou por conta do coronavírus (covid-19). Efetivou-se importante e necessária pesquisa feita pelo nosso curso.

Nesse momento, vale citar Castro (2002, p. 187), quando expressa a seguir:

A formação do profissional da informação no Brasil, restrita neste texto ao bibliotecário, é originária das primeiras décadas do século XX, cujas perspectivas e tendências têm procurado adaptar-se às transformações sociais, científicas, educacionais e tecnológicas, dentre outras, que interferem e contribuem para a constituição dos saberes e fazeres biblioteconômicos.

Assim, essa pesquisa procurou atualizar, por meio de escutas diversas, acerca do que estava acontecendo em prol das mudanças oportunamente implementadas.

Quando minhas professoras se aposentaram, a maioria delas fundadoras do curso, iniciou-se o ingresso de novos docentes.

O curso sempre teve participação em encontros dos mais diversos tipos e expressão, desde os seminários de Atualização Curricular a demais eventos, contando com nossa participação, incluindo apresentação de trabalhos inéditos.

Os marcos representativos do Curso de Biblioteconomia foram muitos e tenho certeza de que serão narrados por meus colegas neste E-book, pois contemplarão muitos fatos, muitas histórias e, na maioria, narrativas vivenciadas por aqueles que passaram por essa estrada acadêmica.

Quando o curso completou 45 anos, relatamos sobre passagens relevantes e, juntamente, comemorávamos os 40 anos do Centro de Humanidades (CH), que coincidiu com o lançamento da coletânea comemorativa dessa efeméride, expondo temas históricos dos cursos pertencentes ao nosso CH e, como tal, o nosso querido curso de Biblioteconomia.

No que se refere aos avanços da área, precisamos recordar que, no grupo de colegas do colegiado passado, em que cito as professoras Ana Maria Sá de Carvalho, Ivone Bastos Bomfim Andrade, Maria Amélia Almeida da Silva, Ruth Batista de Ponte, minhas xarás Fátima Portela Cysne, Fátima Maria Alencar Araripe e Maria de Fátima Silva Fontenele participamos de inúmeros encon-

tros em prol dos avanços da área, currículo sempre em movimento na pesquisa e na extensão com lindos e relevantes trabalhos.

Ressalto que a memória pessoal de todos nós, pelas contribuições individuais e coletivas, é constituinte essencial da grande, exuberante e prestigiosa memória institucional, de inegável reconhecimento da sociedade, ainda que por vezes tácito, implícito, distante até.

Entre colegas de hoje e de outrora, entre alunos e corpo funcional e terceirizados, quanto valor a ser reconhecido e decantado no embate diuturno para superar a mediocridade! O nosso corpo docente, *verbi gratia*, nos oferece belos e significativos exemplos de ações primorosas!

Cito aqui, por oportuna memória, a Biblioteca Comunitária José Eduardo de Oliveira, da Taquara, como exemplo de trabalho de extensão, em que participei juntamente com a profa. Ivone Bastos, com uma riqueza de ações semanais desenvolvidas naquele distrito de Caucaia; trabalho difícil, relevante e, inclusive, gerou uma produção acadêmica e até resultou em premiação no Congresso Internacional de Informação, em Havana. Nesse trabalho, havia uma preocupação de olhar para os usuários, evitando desigualdade, dificuldade, desrespeito, indiferença ou qualquer ação de discriminação em relação à informação posta a servir ao usuário, agente do contexto em pauta.

Recorrendo ao pensamento de Araújo (2018, p. 48) quando expressa que: “Ao mesmo tempo, existe um grande acesso às informações, com todo esse vasto leque de possibilidades, não nos tornamos sociedades melhores no sentido de serem mais humanas, justas e solidárias”.

Pela preservação da autêntica memória, devo registrar as mudanças significativas com respeito, sobretudo, à infraestrutura dos cursos, em especial do Centro de Humanidades e, particularmente, do curso de Biblioteconomia, em que aconteceram inúmeras reformas, além da construção do prédio Ícaro Moreira, o

qual, desde a sua construção, abriga os cursos de Biblioteconomia e de Psicologia.

Com salas de aula, auditório, laboratórios, sala de reuniões, ambientes para gestão da graduação e da pós-graduação, determinação de ambientes, criação de novos espaços, vem gerando, como consequência auspiciosa, novos horizontes para docentes e discentes, além de um clima propício aos misteres acadêmicos no que se percebem as mudanças ocorridas com aprimoramento. Isso nos leva a nos congratular com tal diferencial, que gerou impacto positivo para a formação profissional de nossos alunos e maior satisfação ambiental para todos, inclusive visitantes.

Resumindo sinopticamente, também houve reforma do auditório José Albano, ampliando e melhorando, outrossim, as condições de funcionamento das Casas de Cultura Estrangeira, da área I, com reforma também na diretoria, na secretaria e nas salas de Conselho de Centro, com requalificação também dos cursos nele instalados e em funcionamento. Nessa situação, também ficou um projeto para os espaços do curso de Letras noturno, que vinha sendo proposto, e algumas alterações em Casas de Cultura.

Emoções maravilhosas sentimos ao perceber essas melhorias e avanços realizados na nossa gestão à frente do Centro de Humanidades (CH) por dois mandatos consecutivos por eleições plenamente livres. E mais significativo se tornam tais fatos por haver contado com o apoio da comunidade desta unidade tão estimada e próspera.

O Curso de Biblioteconomia faz 60 anos e o CH, 55, sempre revivendo as ações, iniciativas que somam e dão concretude àqueles que sonham, idealizam e realizam uma universidade forte, livre, soberana, competente a serviço da sociedade.

Agora, em 2024, ratifico as comemorações do curso de Biblioteconomia com seus enfáticos 60 anos, a UFC com 70, e o CH com 55; pensando bem, é muita história que temos para contar, pois a própria UFC e, especificamente o Curso de Bibliote-

conomia, sob o risco de sermos redundantes, ganharam um espaço muito bem planejado, adequado, bem-merecido, considerando que a diretora do CH, na época, era dirigida por esta docente do Departamento de Ciências da Informação (DCINF) e que conseguiu prestigiar os cursos de Biblioteconomia e de Psicologia com merecida infraestrutura e ressaltamos que o motivo foi justo pelas carências então à época explícitas nesses cursos. Ambos eram os que tinham ambientes mais simplórios, insuficientes, ou seja, instalações precárias, o que facilitou o argumento para esta gestora conseguir esse feito junto ao reitor Ícaro Moreira, *in memoriam*.

Enumeramos, agora, mediante ementa das disciplinas, as sempre novas e maravilhosas lembranças deste curso de Biblioteconomia, que amamos.

A começar com a graduação, das disciplinas ministradas, passo a destacar a seguir.

Estudo de Comunidade e de Usuários

Antes denominada Estudo de Usuários, falar sobre essa disciplina é meu maior gosto, pelo orgulho de tê-la implementado no currículo do curso, com muita dificuldade por não existir até a década de 1980, sendo discutida em vários eventos, por exemplo, da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), hoje Associação Brasileira do Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação (ABECIN), além de encontros locais, regionais, até mesmo nacionais.

Essa disciplina motiva e prepara os alunos a colocarem o usuário da informação em foco, priorizando-o como objeto de estudo principal da área, quando se trata de necessidade, busca, interesse, comportamento, práticas em função desse sujeito, que interage e se realiza, ou não, com a informação recebida.

Ela tem passado por diversas alterações, provocando mudanças no sentido de não estereotipar o usuário como aquele que não sabe o que quer, ou colocar o serviço, o acervo acima desse sujeito; usuário que deve ser priorizado de maneira permanente pelo profissional. É encantador pensar que o bibliotecário é o profissional que sabe mediar a informação para o usuário. Essa informação deve ter o significado almejado por ele, o usuário.

Ela tem teoria, prática, vivência e até espaço de tempo para extensão. Com tal experiência já vivenciada por mais de 20 anos, cada vez mais ela se torna imprescindível para a formação do bibliotecário e deve manter esse olhar aos nossos usuários.

Nessa disciplina, foi gerado o Seminário de Informação, como projeto de extensão em seu escopo, o qual se encontra na 47ª edição, o que significa mais de 23 anos de realização em que, em um dia de evento, se apresentam os projetos de pesquisa dos alunos do sexto semestre da graduação e, posteriormente, dos alunos da pós-graduação, além das vivências efetivadas em estágios, em iniciação à pesquisa, em extensão; palestras com convidados e depoimentos de usuários que participaram das pesquisas dos alunos. Falta espaço para relatar a exuberância de tal experiência já com mais de quatro lustros e lustres.

Atuação e Ética Profissional, anteriormente denominada Seminário de Atuação Profissional

Após algumas discussões, a disciplina mudou a denominação de Seminário de Atuação Profissional, para Atuação e Ética Profissional. Ministrada no oitavo semestre, essa disciplina encanta por ser a última cursada pelos alunos antes de apresentarem o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ela tem vários momentos, o que a difere das demais, os quais podemos explicitar: leva o futuro profissional bibliotecário a se deparar com o mundo real, oferecendo-lhe embasamento crí-

tico, além das leituras e discussões de textos de cada unidade tais como: atuação e formação profissional, mercado de trabalho, educação continuada, entidades de classe, ética e ética profissional.

A disciplina oferece aos alunos novos olhares de profissionais experientes e de recém-formados também, de modo que os protagonistas possam contar suas trajetórias exitosas em palestras, as experiências diferenciadas em ambientes de informação, quer sejam físicos ou virtuais e de múltiplas espécies e naturezas várias.

Assim, com toda a satisfação de uma acadêmica, percebo-me avaliando tais disciplinas que ministro até hoje, com retorno bem positivo, com desabafos e mensagens que me enchem de satisfação e certeza de que estamos no caminho adequado.

Planejamento Bibliotecário

Planejamento Bibliotecário, inicialmente ofertada em Tópicos Especiais em Biblioteconomia como disciplina optativa e, posteriormente denominada Planejamento de Unidades de Informação, passando a obrigatória na estrutura curricular do curso.

Amei essa disciplina por conta da minha veia de gestão. Ela fez parte de minha vida acadêmica até meados de 2003, quando fui eleita diretora do CH por dois mandatos consecutivos, até 2011, pois não daria conta de tantos encargos e responsabilidades, ficando apenas com Estudos de Usuários naquele período.

Embora o professor seja dispensado de sala de aula ao assumir cargos eletivos de direção de unidade acadêmica, optei por continuar ministrando pelo menos uma disciplina, motivada pelo orgulho que sinto em exercer a profissão, considerando o ensino o melhor momento de atuação. Registro aqui que quase nenhum gestor da UFC permaneceu em sala de aula enquanto ocupou cargo de direção. E sempre continuei cumprindo tais encargos a mim destinados.

Organização e Administração de Bibliotecas

Com nova designação, passando a se chamar Gestão de Unidades de Informação, essa disciplina deixou em mim uma marca forte para a área de gestão, o que foi bem positiva a experiência e benfazejo o seu resultado.

Catálogo III

Primeira disciplina que ministrei, Catálogo III me causou alguns traumas, o que me fez sentir e ter a certeza de que eu não me lançaria nessa área, isto é, a depender de minha escolha. Não me identifiquei com o estilo, formato, temas estudados, enfim, nada se encaixou com meus interesses e percepções, nem para fazer busca de aprendizagem. O que ocorreu foi apenas o peso da obrigação na aprendizagem, sem a respectiva empolgação.

Foi tão marcante que posso citar um momento de brincadeira com os estudantes pré-formandos: fui exposta em Aula da Saudade com uma imitação dos alunos no momento da formatura. Quando falavam de Organização e Administração de Bibliotecas, ressaltavam o entusiasmo, o dinamismo, o gosto e a competência da docente, ao tempo em que solicitavam a identificação da protagonista comparativamente às aulas da Catálogo, na qual eles apresentaram uma professora mais reservada, calada, tímida; comprometida, mas um pouco tensa com a disciplina.

Só que estavam falando da mesma professora e, imaginem, ambas as disciplinas pertenciam ao mesmo semestre. Esse momento serviu muito até para reforçar o pensamento de que, ao ser aprovada a carga horária docente, faz-se necessário observar sempre, além do domínio do saber, o gosto, a empatia e outros atributos de cada docente, individualmente, em relação a cada disciplina, para evitar esses traumas, às vezes perfeitamente evitáveis com a negociação entre os pares.

Pesquisa Bibliográfica ou Introdução à Pesquisa Documental ou Elaboração do Trabalho Intelectual

Lecionei por alguns momentos, na graduação e na pós-graduação, e em outro curso. Lembranças boas, principalmente no mestrado de Letras, quando pude vivenciar tal experiência.

Introdução à Biblioteconomia

Lecionei como convidada para algumas aulas, também ministrando junto a outros colegas do curso; experiência esta, aliás, interessante, proveitosa; aconteceu para sanar algumas ausências de docentes por motivo superior. Importante registrar que é exigida do professor a experiência, algumas vivências profissionais, pois elas se tornam indispensáveis ao docente, quando é feita a lotação de professores.

Metodologia do Trabalho Científico

Considero muito relevante seus conteúdos, em que pude ter uma vivência muito boa, necessária e interessante. Entretanto, ministrei essa disciplina por poucos semestres, sendo seus resultados prósperos, formidáveis, inclusive até contando com monitoras, o que resultou positivamente também para os alunos, os quais também apresentaram trabalhos nos Encontros Universitários sobre tal vivência.

Destaco essas disciplinas como as que marcaram o meu aprendizado. A docência é o exercício do ensino, da educação, da instrução, do encontro, do debate, enfim, da transmissão e discussão do conhecimento.

Antes de finalizar, quero citar o grande Ranganathan, com suas cinco leis, as quais parece que foram escritas hoje, o que é bem pertinente. Quero, todavia, destacar apenas a terceira lei, pelo simples fato de enfatizar, em especial para nossos alunos, que, “para cada livro seu leitor”. E qual o significado dela?! Entender que o leitor, usuário, sujeito, ou outro termo que se queira utilizar, deve ficar livre, percorrer as estantes, em suas buscas, por meio do livre acesso. E, ainda, que o usuário seja o foco, o protagonista de qualquer ambiente de informação, quer seja físico ou virtual.

Sigo o raciocínio do Ranganathan (2009, p. 191), quando diz:

Assim, a influência da Terceira Lei até mesmo convenceu as autoridades responsáveis por bibliotecas quanto (*sic*) a sabedoria de aceitar a perda inevitável e o sacrifício de alguns exemplares para aumentar as oportunidades de garantir para cada livro seu leitor.

O autor explicita, ainda, que essa observação, no caso de perda grande de livros a cada ano, ou roubo, não é consequência simplesmente do sistema de livre acesso. Temos que examinar as possibilidades de utilizar tal sistema.

Para finalizar essa narrativa cheia de lindas lembranças, fico a me perguntar, ao mesmo tempo, em que se faz necessário e importante disseminar tal pequena história de um curso que está completando seus 60 anos e, fazendo parte de seu colegiado, não poderia me furtar de fazer uma viagem no tempo, em que pude ser efetiva coadjuvante dessa linda e poderosa Casa do Saber e da Educação, a primorosa instituição UFC, e o maravilhoso curso superior de Biblioteconomia, no qual se formam profissionais da mais alta qualidade, e de que tenho orgulho de ter assumido como estudante de graduação e depois como docente, com oportunidades de cumprir o original tripé acadêmico, fazendo ensino, pesquisa e extensão, além de gestão, em que ocupei cargos de coordenadora do Curso, chefe de Departamento de Comunicação

Social e Biblioteconomia e, posteriormente, do Departamento de Ciências da Informação como primeira chefe, e mais: dois mandatos na direção do prestigioso CH, nosso querido e honrado Centro de Humanidades.

Pensar, ainda, na responsabilidade e nos momentos felizes em sala de aula, o que mais amo, com alunos cheios de alguns sonhos, de diferentes expectativas, de projetos, além de outras demandas que a UFC propicia a nós da comunidade acadêmica.

O desempenho profissional de determinados alunos fez jus ao que hoje constatamos de alguns ex-alunos que também optaram pela docência, conforme exemplifico aqui: Adriana Nóbrega da Silva, Cyntia Chaves Cardoso, Hamilton Rodrigues Tabosa, Jefferson Veras Nunes, Laiana Sousa, Lidia Eugenia Cavalcante, Luís Tadeu Feitosa, Maria Áurea Montenegro Guerra, Odete Máyra Mesquita Sales, Wagner Chacon Silva, o que muito me emociona e me faz feliz, uma convivência saudável, e a certeza de que somos responsáveis por uma formação sólida, de qualidade, em prol do excelente desempenho que a sociedade merece e espera.

Ao lado desses colegas, nos acompanharam os técnicos administrativos que menciono aqui o trabalho incansável de Osmar Teixeira, Irene O. Maciel, Regina Oliveira, Emiliano Rodrigues Alves, secretariando a coordenação do curso, seguido da Rosângela, e hoje com Fábيا Nascimento na secretaria do curso e Nara Menezes Navarro Fernandes no Departamento de Ciências da Informação (DCINF).

As pessoas do nosso convívio são muitas, desde as portarias internas e externas, representadas aqui pelo Sr. Gilmar, gente de muita presteza e atenção ao prédio em que são compostas por gente de confiança, que nos oferece um trabalho de segurança, e muito mais aquela presença acolhedora, desde cedo, quando iniciamos nosso trabalho, mais a Sra. Cristina, pessoa ímpar, necessária e querida, representando o pessoal de apoio para todas nós.

Encerrando essa narrativa, externo aqui o amor por esta casa e pelos seus dirigentes reitores, colegas professores, queridos

técnicos e inesquecíveis alunos, além do pessoal de apoio – limpeza, portaria e demais segmentos –, em que a convivência foi e é sempre saudável, harmoniosa, de todos os que me acolheram com muito respeito e me valorizam em todos as situações que me fiz e me faço útil, solidária, presente; afinal, o que é e será sempre indispensável para minha pessoa.

Referências

ARAÚJO, C. A. A. *O que é Ciência da Informação*. Belo Horizonte: KMA, 2018.

CASTRO, C. A. Formação do profissional da informação: abordagem crítico-reflexiva. In: CASTRO, C. A. *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDUFMA, 2002.

COSTA, M. de F. O. 45 anos do Curso de Biblioteconomia: um olhar. In: COSTA, M. de F. O. *Coletânea CH 40 anos*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2011.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da Biblioteconomia*. Tradução de Tarcísio Zandonade. Brasília: Brique de Lemos/Livros, 2009.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Av. da Universidade, 2932 – Benfica, CEP: 60020-181
Fortaleza – Ceará – Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

Ao longo de seis décadas, foram muitos desafios e conquistas repletos de histórias e memórias daqueles que construíram e constroem o curso de Biblioteconomia da UFC. Mergulhe nesta rica narrativa que celebra 60 anos de história, inovação e paixão pela informação.

Construindo pontes entre o saber e a sociedade é um convite irresistível para todos aqueles que se interessam pela Biblioteconomia, pela formação de bibliotecários e pelo impacto das bibliotecas na sociedade. Através de relatos emocionantes, memórias inesquecíveis e análises aprofundadas, este e-book revela a trajetória de um curso que transformou vidas e moldou o futuro da informação no Ceará.

